

O que a memória apagou, o coração recorda...

A woman with long, wavy brown hair is running away from the viewer on a wooden pier. She is wearing a white, long-sleeved, knee-length dress that is flaring out as she runs. The pier is made of dark wooden planks and has wooden railings on both sides. In the background, the ocean is visible with waves breaking, and the sky is a warm, golden color, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is nostalgic and romantic.

enquanto
eu te
Esquecia

Jennie Shortridge





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



enquanto eu te Esquecia

Jennie Shortridge

Tradução
Elisa Nazarian



GERENTE EDITORIAL

Mariana Rolier

EDITORA DE

PRODUÇÃO

EDITORIAL

Rosângela de Araujo

Pinheiro Barbosa

ASSISTENTE

EDITORIAL

Carolina Rocha

Controle de

Produção

Fábio Esteves

TRADUÇÃO

Elisa Nazarian

Título original:
original: Love
memory

PREPARAÇÃO
Balão Editorial

PROJETO GRÁFICO E
DIAGRAMAÇÃO
Balão Editorial

REVISÃO
Sirlene Prignolato

CAPA
Eduardo Camargo

IMAGEM DE CAPA
Irina
Simeonova/Trevillion
Images
P[^]..

Schäffer Editorial

Copyright ©
Shortridge

Todos os direitos
edição são reservados
Editora Gente

Rua Pedro Sc
Almeida, 114

São Paulo, SP
030

Tel.: (11) 36

Site:

www.editora

E-mail:

gente@edito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shortridge, Jennie

Enquanto eu te esquecia / Jennie Shortridge ; tradução Elisa Nazarian. -- São Paulo :
Editora Gente, 2014.

Título original: Love water memory

ISBN 978-85-67028-11-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-10359

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

**Para minhas irmãs Trícia, Sheri,
e Cindy, sem as quais eu não
saberia o que é uma família.**

É tão curto o amor,
tão longo o esquecimento.
Pablo Neruda



Ela se deu conta da agitação às suas costas, mas mesmo assim pareceu mais importante continuar examinando, procurando alguma coisa acima da água, na direção das montanhas, um barco de nuvens. Uma ponte à distância, familiar. E algo mais, algo que cintilava na periferia do... Do quê? Do horizonte? Sua visão? Não, sua mente. Alguma coisa que ela estava procurando. Vozes chamando; pessoas atrás. Gaivotas guincharam do píer à direita. Logo atrás, os mastros altos de fragatas rangiam lentamente para a frente e para trás, como se sempre tivessem estado lá, só que apenas agora ela os via.

"Oi!" Uma distinta voz masculina, mais próxima. Ela tentou se virar para vê-lo, mas suas pernas pareciam sem reação. Não, estavam frias. Geladas. Mortas. Será que ela estava morta? Onde estava? Que lugar era aquele?

Baixou os olhos e viu uma água escura à altura dos joelhos. Em uma das mãos, segurava sapatos de salto alto, e trazia a tiracolo uma grande bolsa, que doía no seu pescoço. A bainha de sua saia estava molhada.

"Desculpe-me, você está bem?" A voz estava mais próxima ainda.

"Não sei", ela respondeu, virando a cabeça. Pelo menos isso ela conseguia fazer.

O homem veio da praia e entrou na água, indo na direção dela, apenas de sunga e touca preta de natação, presa sob o queixo. Ela tentou se afastar. Quem era ele? Por que estava vestido daquele jeito? Estava tão exposto... O peito, os braços, o ventre – sardento e queimado de sol, uma cicatriz branca e grossa em seu abdome – ela não queria ver. Por que ele estava tão nu ali com ela? E então percebeu um bando de gente, todos vestidos do mesmo jeito, em pé na praia, homens e mulheres, alguns com roupas molhadas, outros de maiô. Todos com aquelas toucas pretas. Todos olhando para ela.

"Não consigo sentir as pernas", ela admitiu.

"Aposto que não", ele disse. "Você está aqui há quase meia hora, e a temperatura da água não passa de 15°." Ele parou a poucos metros de distância. Parecia amigável, como se fosse o irmão de alguém, talvez. Franziu o rosto no esboço de um sorriso. "Você quer sair agora?" Olhou de um jeito que dizia que era o que deveria fazer, então ela concordou.

"Qual é o seu nome?", ele perguntou.

Ela abriu a boca para responder, mas não sabia o que dizer. Ele chegou mais perto devagarinho, com cuidado, como se fosse alguém se aproximando de um cachorro ferido ou de uma pessoa louca.

“Você mora por aqui?”, ele perguntou. “Ou veio de bonde?”

Será que ele achava que ela era louca? Quis que ele parasse de fazer perguntas. Doía por dentro tentar descobrir como responder. Agora sua cabeça pulsava, ou talvez estivesse pulsando o tempo todo.

Deixou que ele chegasse perto e a pegasse pelo braço. Tinha a mão, o braço e o corpo quentes, e ela percebeu que estava morrendo de frio, ainda que o sol iluminasse tudo à volta, criando um mundo definido e luminoso, que não conhecia.

“Quer tentar andar de volta até a praia?”, ele perguntou, girando-a com delicadeza até ela encarar a multidão na areia, uma faixa por detrás que dizia Mar Aberto de Alcatraz para Convidados. Todos estão indo nadar, ela pensou. Todos juntos.

“Ela está bem?”, alguém perguntou.

“Acho que é melhor a gente chamar socorro”, ele disse.

“Já chamei”, outro avisou.

“São só minhas pernas”, ela disse. “Elas estão tão frias! Só vou calçar meus sapatos de novo.”

“Tudo bem”, ele disse, dirigindo-a lentamente para a praia. “Vamos continuar andando.”

Ela deslizou os pés como blocos de madeira passando por lixas. Agora eles doíam. Agora tudo doía. Alguma coisa estava mudando dentro dela, tentando acelerar para fazer parte da engrenagem, mas só havia mecanismos quebrados friccionando uns contra os outros. Queria voltar e continuar olhando sobre a água, para encontrar o que tinha vindo buscar, mas o homem continuava guiando-a em direção à multidão. Atrás deles havia uma profusão de prédios, e atrás desses prédios, uma colina com mais prédios.

Ela olhou para cima e viu letras contra o céu. Ghirardelli.¹ Ah, um pouco de chocolate cairia muito bem.

Uma mulher alta, de maiô preto, saiu da água e passou um braço em torno de seus ombros, enquanto o homem continuava segurando seu braço. Estavam tão quentes!

“Você vai ficar bem”, disse a mulher, mas ela não tinha tanta certeza assim. Ouviu uma sirene e teve um calafrio.

Uma ambulância chegou gritando no píer próximo à praia. Luzes vermelhas e azuis. Um som alto e horroroso. Doía quase tanto quanto tentar responder às perguntas. Odiava sirenes, talvez mais do que qualquer outra coisa.

Algumas pessoas acorreram com toalhas, envolvendo-a nelas, levando seus sapatos e sua bolsa para longe. Pessoas uniformizadas abriram caminho na multidão, insistindo para que se deitasse na areia. É, aquilo seria bom. Estava exausta.

“Qual é o seu nome?”, eles insistiam em perguntar enquanto checavam seu coração, seu pulso, colocando uma máscara de oxigênio sobre seu rosto. “Onde está sua carteira de identidade? Que dia é hoje? Você sabe onde está? Quem é o presidente dos Estados Unidos?”

“Obama”, ela finalmente murmurou por detrás da máscara. Era a única resposta que tinha, e por mais que parecesse bom saber quem era seu presidente, estava longe de ser o bastante.

1. Marca de chocolate. (N.E.)



Acor laranja, a doçura dos morangos. O som de risadas femininas no outro quarto. Eram as enfermeiras, mas também pareciam amigas. Só uma não era gentil.

Manteiga no pão. Duchas quentes. O silêncio do sono. Essas eram coisas de que imediatamente lembrava que gostava, assim que as experimentava. Será que sempre fora assim, ou seriam novos gostos?

O calendário na parede da sala de recreação dizia ser seis de julho, mas achava isso difícil de acreditar. Pista um: o céu estava pesado e cinza do outro lado das janelas. Tinha procurado travas, trincos, querendo que entrasse um pouco de ar, um pouco de vida normal. Ali, o oxigênio era sugado por rompantes de gritarias seguidas por choros desenfreados, pela rotação agitada de mentes obsessivas, pelo respirar pesado e lento dos sedados. É claro, no entanto, que as janelas não eram do tipo que pudesse ser aberto.

Pista dois: nenhuma das revistas da mesinha de centro ia além do mês de abril, e algumas eram de anos antes. Remexeu nelas e então reparou nas etiquetas de endereço, todas diferentes e para residências particulares. Tinham sido doadas por bons samaritanos. As salas de espera dos hospitais normais com certeza não tinham de depender da bondade dos outros para ter revistas, mas aquele era um pavilhão psiquiátrico. As únicas pessoas que esperavam ali eram piradas e estavam aguardando para cair fora – motivo pelo qual ela não ia discordar das enfermeiras sobre que mês era aquele, mesmo com aquelas evidências.

Ficou revirando velhas notícias, desesperada por uma distração enquanto os outros pacientes expressavam suas várias síndromes e doenças: um que caminhava a esmo, murmurando, sem nenhum dente na boca; outro que olhava para o vazio, com a cabeça em movimentos espasmódicos; um garoto, tão jovem que ainda tinha espinhas, falando incessantemente sobre Deus e seus demônios, para ninguém em particular, e com uma perna que pulava como pistão, acompanhando uma batida que nenhum percussionista conseguiria ouvir.

Depois de três dias falando com médicos e policiais, a coisa finalmente se definira: estava sofrendo de amnésia. Não tinha absolutamente nenhuma memória autobiográfica, nem no sentido geral (nome, profissão, número do seguro social), nem no sentido pessoal

(Quem sou eu? De onde sou? O que me aconteceu?). O fato de gostar de pão com manteiga não fornecia nenhuma informação secreta sobre seu passado, bem como os banhos quentes e o sono profundo. Não eram lembranças. Eram pura e simplesmente prazeres.

As únicas parcelas remanescentes de sua memória consciente eram porções a esmo de informações inúteis. Por exemplo, como é que ela sabia que a decoração daquele cômodo vinha diretamente do início da década de 1990? O estofamento azul das cadeiras estava gasto e desbotado; as mesas de canto brancas e laminadas estavam riscadas. Deviam ter quase vinte anos, mas como é que ela sabia disso!? Ela nem mesmo sabia o próprio nome!

Lucie Walker. Foi isso que a médica tinha lhe contado naquela manhã, ao passar durante a visita. No fim das contas, um dos telefonemas lunáticos para programas de TV não foi tão lunático assim, e todos no Hospital Geral de São Francisco passaram a chamá-la de Lucie, o que era melhor do que o “senhora” e “madame” de antes. Seu noivo, um homem de Seattle, a tinha identificado por uma foto mostrada no noticiário da TV, onde o apresentador dissera: “Você pode nos ajudar a encontrar Jane Doe?²” Será que eles não podiam ter arrumado alguma coisa um pouco mais inteligente do que Jane Doe? E ela havia sido encontrada. Só precisava ser buscada.

Então agora esse homem de Seattle estava vindo lá de longe até São Francisco para buscá-la, como se fosse uma mala perdida sem etiqueta de identificação. Tinha esquecido o nome dele. Greg? Garrett? Alguma coisa com G. Ela não achava que conhecesse ninguém com um nome que começasse com G. Especialmente um noivo.

E essa era a pior parte de tudo aquilo. Ela não sabia quem ela conhecia, ou se conhecia alguém. Não sabia se alguém a amava, contava com ela, ou sentia sua falta.

Dentro de sua caixa torácica, os músculos se soltavam dos ossos, estava sendo arrombada por dedos de aço. Arfou, um som horrível e louco, e o falante compulsivo parou com a falação. O doente que murmurava soltou um grito. O que tinha espasmos na cabeça perguntou: “Você está bem?”.

Lucie afundou a cabeça nas mãos. O que estava acontecendo? Conhecia essa dor, essa coisa sendo rasgada, mas não conseguia localizar a origem. Quem ela havia perdido? Quem a havia perdido? Como é que podia não saber?

O homem-cujo-nome-começava-com-G tinha dito à psiquiatra que sentia falta dela. E ainda que não se lembrasse dele – para ser sincera, nem chegava a acreditar que ele fosse quem dizia que era –, ela ficou se perguntando se seria ele a causa das lágrimas. Ou poderiam ser seus pais? Seus irmãos? Seus filhos? Não, pensou Lucie. Por favor, não deixe que eu seja alguém que abandonou os próprios filhos. Com certeza, o homem teria dito alguma coisa para as autoridades, se isso tivesse acontecido.

Caso ela fosse uma mãe, seria uma mãe elegante. Tailleur Armani, bolsa Gucci,

escarpins Prada. O cabelo curto tinha reflexos de cores estranhas: um loiro quase branco, um tom de berinjela. O castanho puro era dela.

E a maquiagem! Dentro da bolsa volumosa e escancarada havia várias bolsas menores, a maior contendo uma quantidade de maquiagem que dava para pintar uma vedete de Las Vegas. E como é que ela sabia sobre as vedetes de Las Vegas? Será que isso fazia parte de sua história ou era um lapso da mente? Lapso da mente, lapso da mente, ela pensou, desejando que assim o fosse.

LUCIE CONHECEU A doutora Emma Gladstone (doutora Emma, era como ela chamava a si mesma, como uma personalidade da TV) no final do primeiro dia no hospital. A médica tinha se sentado na beirada de sua cama e explicado que ela tinha um distúrbio raro: fuga dissociativa. Dissociativa. Não era assim que chamavam as pessoas com múltiplas personalidades? Fuga, além de ser algum tipo de amnésia, era o estilo de uma composição musical, uma melodia tocada repetidas vezes em muitas vozes. Como é que sabia isso? Muitas vozes, múltiplas personalidades. Isso queria dizer alguma coisa? Seria uma pista ou uma informação aleatória?

“Olhe só porque acreditamos ter o diagnóstico correto”, disse a doutora Emma. “Você tem os sinais clássicos: viagem repentina e intencional sem qualquer razão, o fato de não se lembrar de detalhes de sua vida pessoal, desconhecer sua identidade.”

Ela levantou o olhar de suas anotações. A ainda-não-denominada Lucie desviou os olhos.

“Sem evidência de lesão na cabeça ou trauma físico.” A médica fez uma pausa. “Ou seja, acreditamos que isso tenha sido provocado por algum tipo de trauma emocional.”

Lucie deu de ombros. A única coisa traumatizante era não se lembrar de nada.

A doutora Emma abaixou a prancheta e suspirou. “Esse é um problema realmente sério. A maioria das pessoas que tem isso, com o tempo recupera a maior parte da memória ou toda ela. Com trabalho. Contudo, uma pequena porcentagem nunca consegue.”

“Bom, isso é um saco.” O ultraje da situação de Lucie era tão extenso que tudo que podia fazer era dizer algo tão idiota quanto isso e olhar pela janela trancada. O que mais a doutora Emma pudesse ter dito a ela naquela noite não foi registrado. Ela era transparente, um fantasma. Sem identidade. Sem passado. Sem vida.

Como todas as manhãs naquele hospital, ela tinha acordado às seis horas, com o nascer do Sol, e depois que os ruídos invadiram sua consciência – as batidas dos carrinhos de café da manhã, o coro das descargas das privadas, as vozes altas demais dos pacientes e das enfermeiras –, não conseguiu mais dormir. A doutora Emma apareceu pouco depois, com um agasalho de capuz sob seu jaleco branco (Pista três, pensou Lucie, sentindo-se obstinada quanto a toda essa história de “julho”) e grandes óculos escuros cor-

de-rosa no alto da cabeça. Com covinhas, rosada, viçosa como uma dália, provavelmente era recém-saída da faculdade.

“Você tem mesmo de trabalhar tão cedo?” perguntou Lucie ainda deitada, grogue, mal-humorada. Sentou-se e virou as pernas, de modo que ficasse sentada na beirada da cama, com o cobertor enrolado na cintura.

“Estou trabalhando há horas”, disse a doutora Emma, ao pegar o celular, apertar uma tecla e o enfiar de volta no bolso do jaleco. “Tenho ótimas notícias pra você.”

Lucie tentou engolir e respirar ao ouvir que de fato tinha uma identidade, um nome e uma casa. Sem falar que também tinha um noivo. Assentiu e esboçou um sorriso. Sabia que deveria ficar feliz com as notícias, animadíssima na verdade, mas seu coração batia fora do ritmo, uma vez, duas vezes.

“Quando é que ele vem?”

“Ele não tinha certeza sobre o voo que ia pegar, mas esperava estar aqui lá pelo meio-dia. Pode ser até que vocês consigam almoçar juntos.”

“E foi constatado que não era um trote?” ela perguntou, esperando uma ligeira brecha de incerteza por onde pudesse escapar.

“Ele mandou sua certidão de nascimento escaneada por e-mail e fotos de vocês dois juntos. Seu convite de casamento. E pediu que o DMV³ nos mandasse suas informações. Fizemos uma verificação policial de seus antecedentes, para ter certeza de que ele é quem diz ser, e bateu. Quero dizer, você poderia ter uma irmã gêmea por aí, que também está perdida, mas...”

A médica sorriu e inclinou a cabeça de lado. “O que foi?”, ela perguntou. Falava de um jeito que não era o que Lucie esperava de uma psiquiatra. Deveria ser mais formal. Deveria perguntar: “Como está se sentindo?” ou “Isso faz com que você se sinta desconfortável?” No entanto, ela só disse: “O que foi?”, e todo o terror, toda a confusão que Lucie estava reprimindo irrompeu para a superfície.

“E se eu não for quem ele pensa que sou?” Lucie ouviu a angústia em sua voz e ficou surpresa. De onde vinha aquilo? Por que estava tão emotiva? Ela era uma folha de papel em branco, mas estava agindo como uma pessoa que tivesse um passado, um presente e uma identidade. Era como se estivesse observando de fora, sentindo a dor de outra pessoa com um impacto tão visceral como se fosse nela mesma.

Contudo, era isso mesmo. Pista um.

“Depois que vocês dois tiverem tido uma chance de restabelecer contato”, disse a doutora Emma, “a gente vê como é que você se sente. Aí, vamos ter de sentar e conversar – você, eu, seu noivo – sobre os próximos passos.” Depois de um amigável aperto no ombro e um sorriso encorajador, ela saiu para continuar suas visitas.

Próximos passos. Eles acreditavam que ela iria sair; não devia ser tão louca.

Lucie suspirou, depois se levantou e foi até o pequeno banheiro. Andava evitando o

espelho desde que chegara. Era desconcertante demais ficar na frente dele e ver uma estranha olhando de volta. Contudo, agora... agora ela era realmente alguém. Precisava conhecer os detalhes escabrosos. Acendeu a luz, deu um passo à frente e agarrou a porcelana fria.

O cabelo ainda estava um espanto, mas cabelo cresce. Procurou tocar as linhas ao longo da testa. Estavam ali para sempre. Lucie ficou feliz por não ser uma pessoa que tivesse se rendido ao Botox. (Ok, ela conhecia o Botox! Aquilo tinha de ser um bom sinal.) Não era moça, não era velha. Estava em algum ponto no meio.

Seus traços eram aceitáveis, embora comuns: sobrancelhas altas e arqueadas, nariz reto e longo, sardas; boca larga, lábios generosos, mas dentes tortos – uma cerca erguida de qualquer jeito. Sacudiu a cabeça e recuou, tirando a camisola para dar uma olhada no seu corpo. Um pouco mais de sardas no peito e nos braços, seios pequenos, uma pinta perto do umbigo, uma marca castanho rosada na coxa direita, que a fez lembrar círculos de plantações. Por ora bastava. Tomou uma ducha rápida, tornou a vestir a camisola e voltou para perto da cama para tocar a campainha de chamada. A simpática enfermeira filipina da noite anterior já não estava de plantão. A enfermeira mal-humorada do turno diurno estava de volta.

“Pois não?”, ela disse da porta, como se o fato de entrar fosse admitir uma derrota. Pareceu a Lucie que a mulher estaria mais apta a dirigir caminhões.

“Preciso das minhas roupas hoje”, Lucie disse. “Esta manhã, na verdade.” Eles tinham tirado seu tailleur e sua blusa imundos, além de toda a sua roupa íntima, para lavá-los. Tudo que lhe restara eram os escarpins esfolados e a bolsa.

“Estão no seu armário.” Irritada, a enfermeira sacudiu a cabeça e virou as costas, gritando por sobre o ombro: “Estão lá desde ontem”.

“Ninguém me avisou”, retrucou Lucie, não alto o bastante para que a enfermeira ouvisse. Provavelmente, tinham sido devolvidas enquanto ela dormia. Foi até o guarda-roupa, tirou as roupas cobertas com uma capa plástica e as colocou sobre a cama.

O tailleur tinha uma estrutura diferenciada, cortada em ângulos retos. Um branco puxando para o bege, mas tinham tirado todas as manchas. Ela se despiu e colocou todas as peças de roupa que tinha despido na chegada ao hospital: a calcinha de seda cor de mármore, o modelador com sutiã acoplado. Seu corpo não tinha gordura. Não sabia muito bem por que precisava de um modelador, mas tinha de usar alguma coisa debaixo da blusa, que era fina como uma pele de cebola.

Então tentou a maquiagem, mas não foi muito longe até enfiar tudo de volta na bolsa.

E agora era quase uma da tarde; nada de noivo. Lucie respirou fundo e soltou. É, ele estava voando lá de Seattle. Não, não podia levar a culpa dos horários dos voos, da disponibilidade dos táxis e do trânsito em São Francisco. A impaciência fazia parte de sua personalidade, ou era apenas nervoso? Nervoso, decidiu. Afinal de contas, era um livro em branco. Talvez agora pudesse escolher qualquer traço de personalidade que quisesse. Pegou

outra revista e procurou relaxar. National Geographic, novembro de 2006, mais velha do que as Newsweek e as InStyle que andara folheando; a informação se dispersando com a mesma rapidez com que era apreendida. Que diferença fazia para ela saber que o Congresso tinha rejeitado a última proposta de operação ambiental, ou que os sapatos de salto grosso estavam de novo na moda, se todas essas notícias eram velhas? Será que, de qualquer maneira, ela se importava com notícias desse tipo, ela, aquela “ela”? Roupas? O que o Congresso estava querendo fazer?

O que a atraiu foi a capa do National Geographic. “Encontrado o Filho de Lucy!” era o que dizia. Novamente sentiu uma pontada de pânico, vergonha ao pensar que poderia ter deixado para trás o próprio filho, ainda que ninguém houvesse mencionado que tivesse um. Não conseguia afastar o medo de que fosse alguma espécie horrorosa de ser humano. E se esse homem de Seattle tivesse essa ideia dela? Se fosse quem dizia ser, saberia tudo a seu respeito e poderia usar isso contra ela, sem que nem mesmo soubesse se era verdade. E aí, Lucie pensou outra coisa: e se ele fosse algum tipo de perverso, ou abusivo, e ela não se lembrasse, e então...

Nossa, pensou com o coração aos saltos. Tenho de me controlar. Eles deram uma checada nele. Eles vivem fazendo esse tipo de coisa, certo? Pessoas loucas que fogem, devolvidas para membros da família? Para noivos? Ela tinha de confiar em alguém, decidiu, porque já não podia confiar em si mesma.

Lucie acomodou-se de volta para ler a história de sua xará – uma pilha de ossos que vivera há mais de três milhões de anos na Etiópia. Alguma coisa tremelicou dentro dela enquanto lia. Lembrava-se daquela história. Lembrava que o pequeno ser humano parecido com macaco tinha sido chamado “A Mãe do Homem”, tinha sido o primeiro antropoide descoberto que andava sobre dois pés, e que, naqueles tempos, na década de 1970, um surpreendente número de pessoas tinha ficado incomodado em pensar que poderia ter descendido de um africano, especialmente de um macaco.

Lucie devia ser criança quando leu a primeira vez sobre ela, talvez na escola. Teria ficado intrigada só pelo nome, sabendo que o compartilhava com a primeira mulher encontrada na terra? E agora que tinham encontrado os descendentes da pequena hominídea, Lucie sentiu uma onda inesperada de emoção. Lucy, a macaca, era de fato uma mãe; Lucie, a mulher, tinha de fato raízes, pelo menos primitivas. Ela piscou os olhos e engoliu sal das lágrimas.

Isso não era apenas uma pista. Era uma dor real por pensar na família que tinha deixado para trás.

As portas duplas no final do corredor se abriram e Lucie levantou os olhos. Um casal entrou no pavilhão parecendo nervoso com as placas de Cuidado: Risco de Fuga. Relaxou. Não era seu noivo. Pelo menos, não achava que fosse aquele homem. Ele levava uma câmera de vídeo, e a mulher, que tinha uma maleta executiva pendurada no ombro, usava um tailleur parecido com o seu. Os dois foram rapidamente até a central de atendimento

e conversaram com a enfermeira atrás do balcão, que balançou a cabeça e apontou em direção à porta. Seguiu-se uma discussão em tom baixo, e a enfermeira-chefe apareceu, juntando-se ao conflito acalorado, tudo em sotto voce. Ficaram olhando para Lucie.

“Que foi?”, ela finalmente gritou lá da sala, exasperada, e novamente o falador contumaz se calou. Dessa vez, o que dava trancos com a cabeça permaneceu quieto, como se ele também estivesse tentando adivinhar o que estava acontecendo.

Espre. Sotto voce. Como é que ela sabia isso? Era um termo musical, não?

A enfermeira saiu detrás do balcão em direção a Lucie, o homem e a mulher colados nela.

“Essas pessoas são da emissora de TV que exibiu sua foto”, ela explicou. “De algum jeito”, nessa hora ela olhou para os dois, “eles conseguiram que alguém os deixasse entrar. Eles sabem que seu noivo virá hoje e estão pedindo uma entrevista. Estamos prontos pra botá-los pra fora daqui, mas se quiser falar com eles, você pode, desde que seja fora da área do hospital. Ou pode dizer não.”

A mulher ignorou a enfermeira e se voltou para Lucie, sorrindo de maneira um tanto ansiosa, e estendeu a mão.

“Ann Howe, Jornal das Oito. E este é meu câmara.”

Lucie não cumprimentou. Será que isso não passava de uma pegadinha, como os telefonemas dos lunáticos depois do noticiário da TV? Tinha ouvido as enfermeiras conversando sobre isso; elas pareciam não perceber quanto suas vozes se espalhavam pelos corredores de ladrilhos.

Elas haviam fofocado sobre todas as coisas que Lucie teria supostamente feito durante o tempo em que passara na cidade. Pessoas tinham dito tê-la visto andando de ônibus e comendo numa lanchonete; apanhando frutas nas árvores em Russian Hill; dando dinheiro para mendigos perto do Fisherman’s Wharf.⁴ O pior, no entanto, eram os malucos que afirmavam que Lucie era o anticristo em forma de mulher, uma Cassandra yuppie, a filha de um assassino.

Será que o noivo não passava de uma brincadeira doentia, e agora iam surpreendê-la com isso para um daqueles programas cruéis de televisão? Afastou-se da mulher, tentando escapar.

A repórter parecia excitada. “Ficamos tão contentes em servir de intermediários para ajudar seu noivo a encontrar você, e nossos espectadores ficaram especialmente interessados pela sua história. O senhor Goodall já chegou? O trânsito na 101 estava um pesadelo, então nós estamos um pouco...”

A enfermeira ficou na frente da mulher com os braços levantados como que para proteger Lucie, e a porta do pavilhão tornou a se abrir.

Um homem entrou sozinho. Era alto e magro, com cabelos pretos bagunçados, pele bronzeada, maçãs do rosto altas de alguém com ascendência nativa. Parecia ter se vestido

às pressas, ou sem pensar: bermuda larga tipo cargo escorregando nos quadris, camisa branca social amassada e abotoada errado. Ignorou todo mundo e olhou apenas para Lucie, e embora ela não conhecesse seu rosto, ao vê-lo sentiu uma mudança, pela primeira vez em três dias, por dentro – um sossego, uma sensação de relaxamento. Ele a viu, realmente a viu. Andou rápido até ela.

“Filme, filme, filme”, murmurou a mulher para o câmera. “Meu Deus, você tá pegando isto? É incrível!”

A enfermeira correu para o balcão e pegou o telefone. “Segurança no onze, por favor. Segurança no onze.” Sua voz ecoou acima.

O homem de cabelos escuros estava alheio à comoção, a tudo, menos a Lucie. Seu rosto contorceu-se de emoção, suas mãos se estenderam quando ele chegou na frente dela. Ela recuou, deve ter recuado, porque ele retrocedeu e envolveu seu próprio torso com os braços, dizendo:

“Ah, Luce, ai meu Deus. Sinto... Sinto muito.”

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Extraordinário, ela pensou, e isso fez seus olhos também marejarem.

Lucie olhou no rosto dele. Viu inteligência, ternura nas linhas de expressão e vincos sutis nos cantos da boca. Sabia que queria confortá-la, mas parecia que era ele o ferido.

“Está tudo bem”, ela disse, mais para que ele parasse de chorar. “Eu sou mesmo... ela? Eu?”

“Lucie, é claro que é você.” Ele olhou para ela incrédulo. “Deus do céu. Por Deus, como é que eu posso...?”

Ela não o reconhecia de jeito nenhum, e, no entanto, havia alguma coisa que dizia que sim. “Está tudo bem”, voltou a dizer, e se dirigiu para abraçá-lo, para deixar que ele a abraçasse.

Ficaram juntos como que ligados; seus braços sabiam aonde ir, seus corpos sabiam como se mexer para acolher o outro. Ele repousou o rosto no cabelo dela. A cabeça de Lucie sabia onde se aninhar em seu pescoço macio; ela inalou e reconheceu o cheiro. Maravilhou-se com isso, que seus corpos parecessem conhecer um ao outro tão bem, mesmo que sua mente ainda estivesse tentando descobrir pistas para fazer com que tudo se encaixasse.

Dois seguranças irromperam pela porta como em uma cena de bar em um faroeste, caminhando imediatamente até o câmera e bloqueando suas lentes. A repórter argumentou. A enfermeira gritou acima dela, e o homem chorou silenciosamente no cabelo ridículo de Lucie. Ele era real. Conhecia-a. Amava-a. E era o único que podia ajudá-la a descobrir quem era.

“Shhh”, ela sussurrou, acariciando suas costas, deixando que suas mãos se movessem pelas colinas e vales de seus ombros, colunas e vértebras. Como que por instinto, as pontas dos dedos de sua mão direita se encaixaram em uma reentrância formada pelos

músculos logo acima do cós de sua bermuda. Lá fora, enquanto ela não estava olhando, o nevoeiro tinha se afastado, deixando que o sol aquecesse a cidade branca como cinza.

“Shhh”, ela tornou a dizer.

2. Jane Doe ou John Doe são nomes genéricos usados nos Estados Unidos para designar pessoas ou cadáveres de identidade desconhecida. (N.T.)
3. Department of Motor Vehicles. Nos Estados Unidos, onde não existe carteira de identidade, a carteira de motorista serve como documento de identificação. Ela é expedida pelo DMV, que também faz o registro dos veículos. (N.T.)
4. Russian Hill e Fisherman's Wharf são bairros de São Francisco, na Califórnia. (N.E.)



“Qual é o seu nome mesmo?”, ela perguntou, a voz familiar e relaxante junto a seu ouvido. Ele finalmente tinha parado de chorar, mas, com isso, recomeçou. Lucie realmente não sabia quem ele era.

“Ahn, Grady”, ele disse, pensando se deveria soltá-la dos braços e cumprimentá-la com um aperto de mão, sacudi-la pelos ombros, gritar: “Lucie, acorde! Sou eu!” No entanto, ele só disse: “Goodall, Grady Goodall”, e recuou.

Ela olhou para ele com o mesmo olhar de cinco anos antes, quando se viram pela primeira vez na feira de projetos aeroespaciais; aquele olhar curioso que as mulheres têm quando um homem fixa o olhar nelas tempo demais. E era isso que ele tinha feito naquele dia, embora nada nela chamasse muito a atenção, até que chegou mais perto e então tudo ficou realçado: o modo como a luz se irradiava através de sua pele, o verde marinho e transparente de seus olhos. Ela era mais alta do que a maioria das mulheres, magra e elegante. Desde então, não tinha pensado em outra mulher, mesmo quando as coisas ficavam difíceis. Lucie não era a pessoa mais fácil de amar, mas Grady tinha a sensação de que ele também não o fosse.

“Quantos anos eu tenho?”, ela perguntou, então, os dedos subindo até a testa. Ela era a mesma, exatamente a mesma, ainda que o cabelo não estivesse arrumado, não usasse maquiagem, as sardas à vista. Tinha emagrecido; suas roupas já não se ajustavam ao corpo, mas, mesmo assim, ela parecia ser ela mesma, só que não era.

“Seu aniversário é daqui a dois meses, quatro de setembro.” Caramba, ele pensou. Qual seria a reação dela? Nos últimos cinco anos, tinha ficado cada vez mais alucinada com a ideia de fazer quarenta anos. “Nós vamos fazer uma festona, porque, bom...”

Lucie inclinou a cabeça para ele, de um jeito que nunca tinha visto. Estava curiosa, só isso, curiosa pelo motivo de ele ter parado de falar.

“Porque você vai entrar nos quarenta”, ele continuou, “e... bom, porque é o dia do nosso casamento”. Eles tinham programado uma festa bem animada para contrabalançar o assustador aniversário, embora as coisas não tivessem funcionado. Era por isso que ela tinha fugido, pelo que ele podia imaginar – para escapar a tudo aquilo, para colocar o máximo de distância possível entre os dois. Esse era o único motivo que fazia sentido

para ele.

Lucie ergueu as sobrancelhas. “Ah”, disse apenas.

Estava surpresa, mas ele não conseguia saber se isso a deixava alegre ou brava, se achava que era uma coisa boa ou ruim. Tinha passado cinco anos tentando entender cada expressão dela, seus olhos semicerrados, o contrair dos lábios, para saber como reagir, como agradar, como amá-la melhor, e não conseguia nem mais fingir que lia seu rosto. Fuga dissociativa, era isso que ela tinha, segundo a médica ao telefone, um problema sério provocado por um trauma emocional, mas a Lucie que ele via parecia muito menos traumatizada emocionalmente do que antes.

Uma mulher e um homem estavam sendo forçados para fora do pavilhão por guardas uniformizados. Grady nunca havia estado numa ala psiquiátrica, mas tinha esperado essa espécie de coisa. A mulher gritou:

“Grady! Diga a seus amigos e sua família qual é a sensação de ter encontrado Lucie a salvo e bem!”

“O quê?” ele perguntou, olhando da repórter para Lucie, até começar a entender o que acontecia. Como descobririam que eu viria, pô? Contudo, era de se esperar. A mídia tinha se agarrado a sua história como enormes e gordos carrapatos, como os vampiros sugadores de sangue que eram.

Lucie voltou-se para a repórter: “Isto é assunto particular. Por favor, nos deixe sozinhos”. Não havia nem um traço da raiva da velha Lucie em sua voz, mas foi dito com bastante contundência. Os dois desapareceram pela porta, e Grady desejou ter sido eficiente assim com os repórteres na última semana.

As enfermeiras afastaram-se balançando a cabeça, retirando os outros pacientes da sala. Então, eles também encontraram onde se acomodar.

Finalmente, ele estava sozinho com Lucie, parecendo ser a primeira vez.

Ela caminhou até uma cadeira onde havia uma revista aberta, pegou-a e se sentou, propondo que ele fizesse o mesmo. Deveria se sentar ao lado dela? Em frente a ela? Não, seria longe demais para uma conversa particular. Escolheu a cadeira num ângulo de noventa graus.

“Tem alguma coisa interessante aí?”, ele perguntou, apontando a revista, tentando conter as pernas para que o dedo do pé não tocasse o pé dela, ou seu joelho não esbarrasse no dela. Era uma velha National Geographic, com certeza, não o tipo de revista que ela lia. Lucie adorava design, moda, assuntos intelectuais. O que ela estava fazendo com ele, não tinha ideia.

“Tem”, ela respondeu, mas não explicou. “Posso fazer umas perguntas?”

“Sim, pode, claro.” A voz dele subiu e desceu; seus dedos se contraíram e relaxaram.

Estava sentindo falta de nadar; aquela era a hora em que ele sempre nadava. Estava louco por aquele vazio azul e gelado, envolvendo-o da maneira silenciosa que o acalmava. Tanto quanto conseguia se lembrar, a água sempre fora seu elemento, uma fuga tranquila

da barulhenta família de mulheres que ele amava, mas que nunca entenderia. Na infância e na adolescência, tinha passado a maior parte de seu tempo livre nadando na piscina comunitária, e, no verão, nas águas de gelar os ossos do estreito de Puget. No ginásio, tinha feito parte da equipe de natação e fora para a Universidade de Washington com uma bolsa parcial de natação. Na última semana – quando não estava procurando Lucie, fazendo telefonemas ou pregando cartazes – afundava na raia da academia, ficando no fundo o tempo que aguentasse, voltando à tona só quando seus pulmões gritavam por ar.

“Quanto tempo fiquei desaparecida?”, ela perguntou.

Uma vida, ele poderia ter dito. Uma eternidade. “Oito dias, quase nove”, ele respondeu, como se fosse uma coisa normal. Oito dias, vinte e duas horas, e dezesseis minutos, foi o que ele não disse.

Ela levou um susto, enrubescendo. “Verdade? Mas só cheguei aqui há três dias!” Juntou as sobranceiras num gesto mais familiar: Lucie desanimada. “Isto tudo é tão...” Fechou os olhos e quando tornou a abri-los estavam cheios de lágrimas. A antiga Lucie não chorava. “Sinto muito”, ela disse, “está tudo acontecendo tão rápido, não tenho ideia de onde estive ou...” Respirou fundo: “Você sabe por que vim pra São Francisco? Por que eu estava dentro d’água?”.

Ele balançou a cabeça; se ao menos soubesse... Colocou a mão sobre o coração. “Você estava bem aqui”, ele disse, sentindo-se idiota e melodramático, mas era verdade. As palavras iam saindo antes que conseguisse recolhê-las. Era como se alguma versão interna sua tivesse acordado para acalmar aquela pessoa aparentemente gentil e triste. “Você esteve aqui comigo o tempo todo, Luce, juro.”

Ela olhou para ele da maneira que um cachorro olharia para o dono, com carinho e curiosidade, mas também com o distanciamento de outras espécies. “Isto tem sido difícil pra você”, ela disse, “meu sumiço”.

Entretanto, não difícil para ela, ele percebeu. A dor dela, agora, vinha do fato de não se reconhecer. No que dizia respeito ao relacionamento entre os dois, ela estava zerada, nenhuma mágoa, nenhum arrependimento ou dor, nem mesmo raiva. Ele estava quase com inveja.

Constrangido, tirou as fotos que tinha trazido. A médica tinha dito que poderiam ajudar Lucie a se lembrar. “Disseram que eu deveria trazer isto. Tem algumas de você comigo em um evento que nós fomos de arrecadação de fundos para o seu trabalho...”

Ela pegou as fotos e ele reparou que ela não estava usando o anel, um diamante de um quilate, tão caro que ela se ofereceu para ajudar a pagá-lo. Ela não tinha deixado de usá-lo desde que abrisse a caixinha azul no último Dia dos Namorados, mas agora parecia que tinha sumido, a não ser que o hospital o tivesse guardado no cofre.

Lucie estava olhando as fotos rápido demais. Ela tinha adorado as fotos com os dois vestidos a rigor naquela noite de gala, e agora apenas ia passando uma por uma, sem olhar de verdade.

"E aqui está você com minha família, e uma só com minha mãe, ah, é, esta é minha sobrinha..."

"Você é... Sua família é de americanos nativos? Ou..."

Ela sabia isso, ele pensou e balançou a cabeça. Ela não sabia.

"Meu pai era da tribo puyallup. Minha mãe é irlandesa. O restante de nós é vira-lata." Ele esboçou um sorriso.

Ela levantou os olhos. "Cadê a minha família?"

Ele não tinha parado para pensar nisso. É claro que ela iria perguntar. Grady respirou fundo.

"Seus pais morreram quando você tinha quinze anos." Ele tinha de contar. Ela precisava saber.

Lucie estremeceu, mas não pediu detalhes. "E os outros parentes? Devo ter alguns..."

"Uma tia. Ela criou você depois disso, mas não gosta dela, não se veem mais. Nunca a vi." Na verdade, não sabia nada sobre o passado dela. Essas eram as únicas coisas que ela tinha lhe contado sobre sua infância.

"Ah", ela disse, engolindo em seco, depois arrumando as fotos numa pilha certinha. "Preciso fazer uma pergunta mais pessoal."

Como se nenhuma dessas fosse! "Claro, manda ver", ele disse.

Ela inclinou novamente a cabeça para ele, daquela maneira inusitada. "Eu tenho alguma marca de nascença?"

Os olhos dele queimavam. "No alto da sua coxa direita. Três pontos enfileirados." Três cicatrizes, Grady sabia, rosadas e salientes, cada uma do tamanho da ponta de um cigarro. "Não é uma marca de nascença, mas você não quer falar sobre isso. Na verdade, fica furiosa quando pergunto, então desisti de tentar saber."

"Ah", ela disse, arregalando os olhos, depois repetiu o "ah", mas continuou fazendo perguntas.

Lucie não parecia tão desorientada quanto Grady se sentia falando sobre ela como se fosse outra pessoa. Era natural que quisesse saber tudo que tinha acontecido no dia de seu desaparecimento. Ele contou, da melhor maneira que pôde, omitindo pouca coisa. Não sentiu orgulho disso, mas Lucie estava de volta para ele de um jeito que sugeria um novo começo, mesmo que tudo pudesse dar errado novamente.

O DIA EM que que ela desapareceu deveria ter sido um dia feliz para eles. Lucie estava indo até o centro da cidade para sua primeira prova na Lana Tang, a estilista com quem sempre sonhara fazer seu vestido de noiva.

Agora, Grady considerava até que ponto ele deveria contar sobre a briga que tinham tido. Ele tinha sido estúpido: tinha saído para beber na noite anterior, depois do trabalho,

com uma dupla de assistentes da Boeing. Bebeu demais, chegou em casa tarde e acabou dormindo no sofá. Quando acordou, ela estava olhando para ele, brava.

“Você está querendo cair fora disso, ou o quê?” Estava se referindo ao casamento. Estava se referindo a ficar com ela. O pior de tudo é que ela tinha razão, era nisso que estava pensando. Os dois andavam brigando quase o tempo todo, com Lucie entrando em surto a cada detalhe do casamento, e ele tinha pensado seriamente se deveriam cancelar a coisa toda. Daí a bebedeira. Daí ter dormido no sofá. Contudo, ele resolveu não contar isso para ela agora, não ali, quando tinham acabado de se reencontrar e ela parecia tão frágil e cansada. Em vez disso, ele disse:

“Nós estávamos estressados com o casamento e tudo mais e tivemos uma briga antes de você ir embora.” Era uma espécie de verdade, uma minimização extrema dos fatos. Não poderia se arriscar a perdê-la de novo. Aquele tempo sozinho sem ela tinha tornado palpável seu desejo de estar com ela, para amá-la, respeitá-la e confortá-la em todas as circunstâncias. Tudo aquilo havia sido uma coisa sem sentido. A ausência não apenas tinha feito seu coração gostar ainda mais; fez com que percebesse que todas as coisas boas de sua vida tinham acontecido por causa de Lucie; nesses cinco anos com ela, ele tinha amadurecido mais do que nos trinta e sete anos anteriores a ela.

Apesar de seus defeitos, sua língua afiada e sua impaciência em relação a ele, Grady também conhecia a doce Lucie que havia por dentro, a mulher que, de algum modo, havia sido tão maltratada na infância que não conseguia nem tocar no assunto. Era essa a Lucie que sempre tinha amado e a quem queria fazer feliz, e lhe veio à mente que talvez fosse essa a Lucie que tinha aflorado da carapaça rígida da antiga Lucie. Grady sempre fora um homem honesto, extremamente honesto, mas nunca tinha recebido um passe tão livre em uma segunda chance. Não mentiria. Só seria seletivo sobre o que contar a ela, não apenas a seu favor. Nem pensar. Lucie tinha ficado insana antes de ir embora.

“Então, tivemos uma briga e você saiu cedo para o seu compromisso. Eu deveria ter feito você ficar, Luce, era isso que eu deveria ter feito, até que a gente tivesse se acertado.” Ao dizer isso, percebeu que era verdade. Era o que deveria ter feito. “Mas você saiu com tanta pressa, e eu não estava pensando. Estava furioso.”

“Em que dia foi isso?”

Ela só se preocupava com os fatos, ao que parecia, mas isso era um alívio.

“Terça-feira.”

“Estou perguntando a data.”

“28 de junho.” Grady ainda se sentia mal com essas palavras. “Terça-feira, 28 de junho.”

“Eu fui ao meu compromisso?”, Lucie perguntou. “Com a costureira?”

Grady balançou a cabeça. “A assistente dela telefonou uma hora depois para perguntar se você ainda ia. Foi aí que eu soube que alguma coisa estava errada. Puxa, você adora aquela estilista. Você passa de carro pela loja dela, no centro, só pra olhar a vitrine e ver

o que tem de novo, e aí você diminui a marcha” – ele não pôde deixar de sorrir – “e as pessoas nos outros carros ficam putas e buzina, mas a minha Luce não dá a mínima, ela só...”

“Qual é mesmo o nome da estilista?”, ela perguntou, e Grady sentiu os ombros se afundarem.

“Lana Tang.”

“Ah, certo.” Ela ficou olhando uma mancha no tapete, depois levantou os olhos. “Eu sou mesmo ligada nessas coisas todas, é? Como isto?” Ela deu uma puxada no casaco do tailleur.

Ele deu de ombros. “É. Você é chegada em coisas boas.”

“Como o que mais?”

Ele se remexeu na cadeira. Os estofados eram finos, e o assento, pequeno demais; o espaço entre ele e Lucie era muito próximo para que não se tocassem, mas manteve a perna rígida contra a estrutura da cadeira.

“Não sei. Você adora fazer compras. Sempre diz que é mais barato do que ir ao psiquiatra.” Merda. Por que ele tinha dito isso?

Ela fez uma careta, mas continuou:

“Então, o que aconteceu depois? Quando você ficou sabendo que eu não tinha ido até a butik?”

Butique. Esse era um termo que sua mãe usaria.

“Entre no meu carro e refiz o caminho que achei que você teria feito. Eu devia ter chamado a polícia na mesma hora, mas pensei que o carro pudesse ter quebrado, ou alguma coisa assim, tipo, um pneu furado.”

Ela assentiu com a cabeça.

“Faz sentido.”

Ele suspirou. Soubra que tinha sido abandonado por ela. Ficou dirigindo por ali à sua procura, deixando mensagens de texto e de voz no telefone, sabendo que era bobagem, mas não conseguia pensar em nada mais para fazer. Um homem não chama a polícia porque foi abandonado pela namorada, quando foi um completo babaca e merece cada milímetro da sua fúria. Só depois que o carro dela foi encontrado ele percebeu que alguma coisa mais séria tinha acontecido.

“E então a polícia telefonou. Seu carro estava abandonado numa zona de carga e descarga, aberto; sua carteira estava no banco de passageiro, vazia.” Sabia que ela tinha sacado seiscentos dólares para a estilista. Os cartões de crédito estavam estourados; sempre estavam, mas Grady não tocou no assunto.

Lucie levou um susto. “Fui roubada? Sequestrada? Fico pensando que alguma coisa assim deve ter acontecido, que talvez eu tenha levado uma pancada na cabeça, ou alguma outra coisa, ou...” Sua voz murchou. Os dois sabiam que ela não tinha nenhum machucado, nenhuma espécie de trauma físico. Ao que parecia, tinham feito todos os tipos de exames

e testes para checar seu cérebro, seus órgãos internos. Seu coração e sua cabeça, Grady pensou, mas não incólumes.

Ele continuou:

“Bom, no começo também foi o que pensamos que tivesse acontecido. O esquisito foi que seu carro foi encontrado perto da estação de trem, não perto da estilista.”

Embora tivesse passado pela cabeça de Grady a possibilidade de ela ter tomado um trem para algum lugar, parecia um completo absurdo. Por que pegar um trem, quando se tem um carro nas melhores condições? Não fazia sentido, mas nada do que tinha acontecido fazia. Assim, enquanto temia e esperava qualquer notícia terrível que estivesse por vir (Será que ela tinha sido sequestrada? Estaria ferida? Deus do céu... viva?), ele analisou os horários e as tabelas dos trens, para manter os piores pensamentos à distância. Tentou lembrar se alguma vez ela tinha falado sobre fazer uma viagem para algum lugar, mas eles só tinham discutido uma ida ao Havaí naquele inverno, de lua de mel. Será que ela tinha amigos em algum outro lugar, em outra cidade? Não que ele soubesse. O único parente que ela tinha era uma tia que morava perto de Everett, e Lucie nunca tinha mostrado vontade de tornar a vê-la. Na verdade, justamente o contrário.

Após cinco longos dias, a polícia finalmente conseguiu rastreá-la até Sacramento, pelos registros da Amtrak.⁵ “Tinha perguntado por que demoraram tanto”, mas não recebeu nenhuma resposta satisfatória. Embora não dissessem, ele sabia que pensavam que ela estava apenas tentando se livrar dele. O interesse no caso se esvaneceu. Não havia nenhuma outra atividade suspeita. Os cartões de crédito dela não haviam sido usados, nem por ela, nem por ninguém. Grady não os tinha cancelado, só para o caso de ela precisar, mas se mantinha atento ao uso. Nada. Sua carteira de motorista tinha sido descoberta no dia seguinte na seção de Achados e Perdidos da estação da rua King, de Seattle. Ela só tinha precisado dela para comprar a passagem, não para embarcar no trem.

Grady ligou imediatamente para o Departamento de Polícia de Sacramento para avisar que sua noiva desaparecida poderia estar lá, caso as autoridades de Seattle não os tivessem notificado. O próximo voo disponível para Sacramento era só no dia seguinte – será que ele não deveria ir dirigindo? Pegar o (Deus do céu) trem? E depois disso? Vagar pela cidade chamando “Lucie, Lucie”, como se estivesse procurando um cão perdido? Merda, ele pensou. O que eu devo fazer, porra?

Estava começando a pensar que talvez ela só tivesse ido embora para começar uma vida nova; então, fez o que sempre fazia quando a vida ficava pra lá de improvável: chamou Dory, sua irmã mais nova e mais compreensiva. Perguntou à irmã pelo telefone se ele deveria deixar Lucie em paz, ou deveria continuar procurando por ela, mas, graças a Deus, Dory disse “kakhwa pelton”, a velha frase chinook que o pai usava quando achava que os filhos estavam sendo bobos demais ou idiotas. Eles tinham conservado muito pouco da língua paterna, mas essa expressão era frequentemente ouvida nos encontros de

família.

“Claro que você tem de continuar procurando por ela”, disse Dory. “Vou para Sacramento com você. Vamos aparecer no noticiário de lá, assim as pessoas ficam sabendo que estamos atrás dela”, ela disse, embora ele soubesse que a irmã não conseguiria uma licença no trabalho. “Vamos encontrá-la, Grady, vamos sim.”

E ele reservou as passagens para o dia seguinte e imprimiu centenas de cartazes a mais para afixar em Sacramento. Exatamente duas horas antes do horário da partida, o detetive de Seattle ligou com notícias sobre uma mulher que fora encontrada na baía de São Francisco.

No início, ao ouvir isso, Grady pensou que a mulher tivesse se afogado, e teve visões sinistras de visitas a um necrotério para identificar o corpo. No entanto, é claro, a mulher só tinha entrado na água até a altura dos joelhos. Grady não acreditou que pudesse ser Lucie. Ela nunca faria isso. Não a sua Lucie, que estava sempre no controle total de... bom, de tudo. E então ele clicou no link da história do Bay News 8 e viu a foto esverdeada que a polícia tinha enviado para os jornais. Era Lucie, mas não era. Lucie: desarrumada, suja, assustada. Vendo-a daquele jeito, apavorada e sozinha, teve uma dor quase tão profunda quanto se ela tivesse se afogado. Foi preciso um dia e meio interminável para convencer as autoridades de que era seu noivo.

“Você se lembra de ter estado no trem?”, ele perguntava agora para ela.

Lucie olhou para o colo e balançou a cabeça.

Com certeza tinha tomado o ônibus de Sacramento para São Francisco. Tinha feito uma porção de coisas depois de sair de casa, e parecia quase impossível que não pudesse se lembrar de nada, mas Grady precisava acreditar.

Ela remexia as mãos, puxando as mangas do casaco. Pela primeira vez, ele reparou as unhas quebradas, a pele esfolada das palmas das mãos. Tentou imaginar o que ela havia precisado fazer para sobreviver e não conseguiu ir em frente. Tudo o que Grady sabia é que precisava levá-la para casa para preparar um banho quente do jeito que ela gostava, com sais de banho e óleo de amêndoas. Servir-lhe uma sopa. Abraçá-la e murmurar que, com ele, sempre estaria a salvo, sempre, dali por diante.

“Você pode voltar amanhã?” Ela levantou os olhos. “A gente pode conversar mais um pouco.”

Seu lábio superior tinha gotículas de suor. Ela se levantou.

“Ah.” Grady também se levantou. “Pensei que você fosse querer sair daqui. Ir pra casa.” Precisou se segurar para não pegar no braço dela e tirá-la daquele lugar, levando-a para o ar livre, longe dos outros pacientes, que eram perturbados e talvez até mesmo violentos, mas ela balançou a cabeça.

“Só preciso de um pouco de... tempo.”

“Ah”, ele disse, “tudo bem. Então amanhã. Pode ser nove ou dez da manhã?” Lucie tinha insônia, geralmente pegava no sono no final da madrugada.

“Vamos combinar às sete”, ela disse. “Não consigo dormir depois que o sol nasce. É esquisito demais.” Inclinou-se mais para perto e sussurrou: “As pessoas daqui são todas loucas”.

Ele fechou os olhos ao sentir o perfume da pele dela. Era o perfume dela, a pele dela, a voz dela, e ele se deliciou. Sob vários aspectos, ainda era a sua Lucie.

Abriu os olhos. E estava só.

5. Serviço estatal americano de transporte ferroviário. (N.T.)



Naquela tarde, as crianças gritavam e corriam pela sala mais descontroladas do que o normal. Helen percebeu que seus dias trabalhando com elas estavam contados. Já não tinha forças, nem resistência para ir atrás dos encenqueiros, ou para tirar uma criança chorosa de uma briga. Os meninos é que costumavam ser os insubordinados, mas agora as meninas também eram.

O Clube Tulalip de Meninos e Meninas dependia de voluntários, como Helen: professores e profissionais aposentados, os quais deixaram a cidade em troca das grandes árvores e da água azulada das pequenas cidades do noroeste de Washington. Helen, contudo, tinha vivido a maior parte de sua vida adulta perto da Reserva Tulalip, estabelecendo-se ali com seu falecido marido, Edward Dez Mãos, há quase quarenta anos. Depois de sofrer cinco abortos, parou de tentar, com sua irmã lhe dizendo que não era tão ruim optar por ser a tia favorita. Sem filhos para criar, Helen tirou seu diploma de professora como prêmio de consolação e durante trinta anos lecionou do jardim de infância ao segundo ano na Escola Primária de Tulalip.

Agora, fazia quinze anos que não lecionava e trabalhava meio-período como caixa no cassino para complementar a aposentadoria, mas ainda gostava de passar as tardes com as crianças de cinco a oito anos no Clube de Meninos e Meninas. Não suportava os adolescentes. Não eram as criaturas mais agradecidas; não como os pequenos, que queriam abraçar e beijar você, só por ter lido uma história, que a chamavam de “dona Helen”, com certo respeito, e ainda não conheciam o conceito de desdém.

“Ai”, murmurou Helen, sentindo a torção por dentro, no lugar que tinha fisgado e doído durante todos os anos em que ansiou ter sua menina de volta. Não devia ter feito a besteira de ligar para aquele hospital. Por que tinha até mesmo feito a tentativa, para ser novamente posta de lado? E, ainda assim, sabia que ia continuar tentando. Devia isso à sua irmã. Sangue é sangue. Para ela, era tão impossível deixar de amar sua sobrinha, quanto interromper a decadência de seu corpo decrépito, mesmo tendo sido traída pelos dois.

A velha senhora respirou fundo, tossiu com a compressão, depois bateu palmas ao ritmo do chá-chá-chá – um, dois, um-dois-três. Como num passe de mágica, as crianças

pararam e ficaram quietas, virando-se para ela com os rostos levantados, obedientes, batendo as mãos numa resposta ritmada de “estamos ou-vin-do”.

“Muito obrigada, meninos e meninas”, ela agradeceu, sorrindo por causa da obediência deles. “Agora, todos arrumem um lugar para se sentar no tapete, para a hora da história. Raelene Coy, você gostaria de ser minha ajudante de história, hoje?”

A menininha fez que sim com a cabeça. Todos os anos, parecia que havia uma menina pela qual Helen se perdia de amor materno, mas se mantinha à distância. Hoje, era a primeira vez que convidava Raelene para ser sua ajudante. Não queria que a menina se sentisse desconfortável ou diferenciada. Helen mantinha seus sentimentos escondidos, tendo aprendido a fazer isso há tempos com seu falecido marido, quando foram abandonados por Lucie. Agora, a velha senhora ficou contente só por sentir o aflorar de emoção à vista de olhos tão curiosos, rostos cheios de covinhas e afeição irrestrita.

“Então, vamos lá”, ela disse, sentando-se no banquinho à frente do grupo. “Fique aqui do meu lado para mostrar as ilustrações pra todo mundo.”

A pequena Raelene ficou ao lado dela, tão perto que Helen podia sentir o calor que irradiava do seu corpinho.

Tirou um lenço de papel de entre os seios, com a mão trêmula, e o pressionou sobre os lábios secos antes de começar a ler.



Quando, mais cedo, o táxi deixara Grady em frente ao Hospital Geral de São Francisco, ele tinha hesitado. O prédio erguia-se enorme e feio, de concreto branco severo, com pessoas do lado de fora em cadeiras de roda e muletas, em vários estados de agonia. Teve de retroceder pela passagem de veículos, até uma área gramada, tentando respirar, estendendo o olhar para além das construções antigas de tijolo à vista, mais agradáveis, que circundavam a mais nova e feia, para além das velhas grades de ferro lá em baixo, para as colinas que se erguiam à distância, a luz do sol desbotando a cidade num branco sujo. Sentiu saudade do verde de Seattle.

Levara vinte minutos para criar coragem de se virar e passar pelas portas automáticas de vidro, pelos corredores gritantemente brancos, e procurar o quadro de informações, porque tinha se esquecido de trazer as anotações que fizera em casa. Apertara o botão do elevador que levava ao andar que abrigava apenas os pacientes psiquiátricos. Sua Lucie. Tinha começado a chorar antes mesmo de vê-la.

Agora, de volta para o lado de fora, Grady não tinha ideia do que fazer, aonde ir. Atravessou novamente o jardim, descendo uma longa sequência de degraus em direção ao portão. Do outro lado, havia um bulevar sujo, saturado com o trânsito, com a barulheira diurna.

Esperava voltar para casa naquele mesmo dia, mais tarde, com Lucie. Tinha comprado passagens para eles dois no voo das 16h10 da Alaska Air. Não trouxera bagagem, escova de dente, nada. O que deveria fazer?

Nadar, pensou. Se pelo menos pudesse nadar... Encontraria um hotel com uma piscina.

Sem nenhum táxi à vista, Grady virou-se para o norte, em direção ao que parecia um promissor grupo de prédios no horizonte. Tinha de haver hotéis perto do hospital para famílias de fora da cidade. Uma caminhada ajudaria a desanuviar a mente.

O complexo médico esparramava-se à direita, construções de tijolos decorados, contrabalançadas por estacionamentos sujos e um jardimzinho ocasional. O sol batia na cabeça de Grady, que já estava com a camisa molhada de suor. Passou por um maltrapilho que urinava na rua, em plena vista do tráfego, molhando o para-lama de um carro estacionado. E tudo o que conseguia pensar era em Lucie, trancada em um lugar ao qual

não pertencia.

Só que ela não era uma prisioneira. A médica havia dito que ela poderia receber alta assim que ele chegasse. Aparentemente, os pacientes fugiam o tempo todo, de acordo com as placas de alerta. E Lucie tinha escolhido ficar.

Depois do hospital, sucediam-se fachadas de lojas detonadas, cada uma mais decadente que a anterior. Depois de mais de um quilômetro pressionado pelo sol, Grady passou sob uma barulhenta via expressa. A sombra foi um alívio, mas o estrépito era ensurdecedor. Ali, as ruas abriam-se em ângulo, e ele dirigiu-se para a rua Nove, curioso com uma pequena construção toda pintada de azul. “Bofes”,⁶ dizia a placa. Levou um tempo para entender, mas então reparou na presença de bandeiras e faixas de arco-íris nas vitrines e nos postes, a loja de roupas vintage com as vitrines mostrando manequins envoltos em couro cheios de tachas. Quase deu meia-volta, mas, um quarteirão à frente, viu: TV a Cabo de Graça, Piscina. A última letra inclinava-se abruptamente, como se pudesse cair, exatamente da maneira como ele mesmo estava se sentindo. Em vez de continuar procurando, ou tentar encontrar um táxi, caminhou para o hotel. O mais importante era ficar o mais próximo possível de Lucie.

Além do estacionamento de asfalto estourado, viu uma faixa de água. Era uma piscina pequena, mas parecia limpa. Ia servir. Mais do que servir.

Entrou na recepção para fazer o check-in e foi imediatamente massacrado pelos conflitantes cheiros de mofo e suor.

Uma massa atarracada de homem estava sentada atrás do balcão, cabelo fino emplastrado sobre um couro cabeludo baço. A porta de vidro fechou-se lentamente após a passagem de Grady, mas o homem não parou de ler o que parecia ser uma história de detetive de segunda linha. Grady limpou a garganta. O bodum ficou quase insuportável.

“Oi”, tentou Grady. “O senhor tem algum quarto livre para esta noite? Só pra uma noite?”

Sem levantar os olhos, o homem disse:

“Cartão de crédito.”

Depois, pegou o cartão de Grady, passou-o pela máquina e empurrou o cartão e o comprovante para ser assinado. Grady, então, pôde ver que ele não estava lendo uma história de detetive, mas um velho exemplar de O Estrangeiro, de Camus, um livro que Grady tentara ler na faculdade, mas achara confuso e deprimente. Mesmo assim, ainda estava dentro de uma caixa no porão, junto com seus livros de estudos. Por que ele nunca os tinha jogado fora? Balançou a cabeça. Julgara errado o recepcionista, assim como tinha errado na avaliação de Lucie. Antes de 28 de junho, ele nunca tinha imaginado que ela o pudesse deixar, primeiro, fisicamente, e agora de todas as maneiras imagináveis.

Grady assinou o recibo, empurrou-o de volta, depois pegou a chave que o recepcionista empurrou em troca. O homem não tinha levantado os olhos uma única vez. Poderia estar

alugando um quarto para quem quer que fosse, pensou Grady, e então percebeu que o propósito deveria ser esse.

O cheiro de mofo também estava presente no quarto, vindo de um aparelho de ar condicionado que cuspiu uma umidade tépida. Grady desligou-o e abriu a janela. Depois, sentou-se na cama. O barulho do trânsito balia lá fora; um avião zuniu lá em cima. O colchão proporcionou quase tanto quanto uma cama em exposição numa loja de departamentos; parecia reforçado com papelão e recheado de jornais. Grady suspirou. Não era assim que pensava que o dia fosse se desenrolar.

Saltou da cama, com a eletricidade zumbindo no seu glúteo esquerdo. “Que porr...” ele começou e então percebeu que era seu celular.

Puxou-o do bolso traseiro. Mais uma mensagem de mais uma irmã. Elas tinham deixado recados e mandado mensagens durante toda a manhã. “É ela mesmo? Ela está bem? Ela se lembra de você?” Tinham ficado muito abaladas em relação a Lucie, mas se mantiveram fortes e capazes, organizando esforços de busca e vindo a Seattle para ajudar, sempre com uma visão positiva e conversas alegres e animadoras. Ele gostaria que tivessem se mantido longe, deixando que ficasse sozinho no silêncio punitivo, para poder sentir o peso do que havia feito, mas tudo o que elas queriam é que ele estivesse sempre contente.

Ia telefonar primeiro para Dory, sua preferida. Relaxou ao som de sua voz na gravação. Poderia deixar uma mensagem, e ela a transmitiria pela cadeia Goodall, da irmã mais nova para a mais velha: de Dory para Renie, para Nan, para Izzy, para Floss, para Eunie. Eunie telefonaria para a mãe, que por sua vez, a certa altura, ligaria para ele, mas pelo menos ele poderia dispensar todas as mulheres intermediárias no processo.

“Ei, Dor”, ele disse, “é ela. Quero dizer, eu sabia que era, mas, tipo, até eu vê-la... Em todo caso, ela está bem. Bom, sem dúvida parece que tem uma amnésia, mas no todo está... bem. De um jeito esquisito. Não está estressada, nem nada disso. Dá pra imaginar a Lucie sem estar estressada? De qualquer modo, além de um pouco magra demais, está bem, sem machucados nem nada. Então, será que você poderia contar pra todo mundo? Só quero me concentrar em fazer com que ela fique pronta pra ir pra casa. Tudo bem? Eu te amo. Beijo pra todo mundo.”

Grady desligou o telefone e ficou olhando para a parede, depois checkou seu relógio. Ainda não eram nem duas e meia.

Se tivesse sabido que Lucie o faria esperar, teria trazido seu notebook para poder trabalhar, mas ele tinha desabalado o mais rápido possível para conseguir os voos e chegar a tempo no Sea-Tac, o Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma. No entanto, o que ele mais queria ter, mais do que seu computador, mais do que uma escova de dentes, era uma sunga. Levantou-se, enfiou a chave do quarto no bolso e saiu. O estacionamento estava vazio. Já havia passado da hora do check-out e ainda não era hora do check-in. Foi até a piscina e deu uma respirada: escapamento de carro e cloro. Um bando de

espreguiçadeiras enferrujadas jazia junto da outra extremidade da piscina.

Depois de ter acordado com uma garoa fria em Seattle, Grady sentia-se sufocado com o calor anormal de São Francisco. Sua pele formigava com a antecipação da água, do vazio azul. A excitação nervosa que sempre precedia uma nadada aflorou como líquido efervescente pelos seus poros. Olhou em volta e depois se despiu rapidamente, atirando fora cada sapato e jogando a camisa e a bermuda em uma cadeira. Logicamente conservou a cueca; se alguém o visse de longe, pensaria que estava usando uma bermuda de ciclista.

Com os dedos dos pés na beirada da piscina, Grady rodou o braço esquerdo, depois o direito, e em seguida os dois. Respirou fundo, sacudindo as mãos vigorosamente. Seus rituais pré-natação acalmavam-no quase tanto quanto o próprio ato de nadar. Normalmente, ajustaria sua máscara antes de mergulhar, mas é claro que ela estava em casa, em sua bolsa de ginástica, junto com o maiô. Teria de nadar às cegas.

Mais uma tomada de fôlego, e se alçou ligeiramente na ponta dos pés, depois mergulhou, focando em um veio que o levaria até a outra ponta da piscina sem uma braçada. A cueca escorregou só um pouquinho. Ajeitou-a enquanto abria caminho como um golfinho em direção ao fundo da piscina.

A inundação súbita e o som abafado levaram Grady da incerteza ao conhecimento, do desconforto à graciosidade. Entreabriu o olho direito e viu a parede de concreto. Mantendo os braços dos lados, jogou os calcanhares numa cambalhota e depois contou as braçadas até a outra extremidade da pequena piscina. Estendeu o braço direito para a frente o máximo possível, rodando de lado. Esticar e puxar, direito, depois esquerdo; depois de apenas sete braçadas tinha chegado à outra ponta. Juntou os braços ao corpo e acelerou a pernada, dando nova cambalhota, impulsionando da parede para deslizar na direção oposta, olhos fechados agora, contando as braçadas, olhando para cima só quando sabia que a parede estava próxima. Era um sexto sentido, saber exatamente onde estava a parede, quando dar cada virada.

Quando criança, desejara ser alguma espécie de menino anfíbio, não um mamífero que precisasse do oxigênio do ar. O mundo real era cheio de barulho, um excesso de irmãs, uma mãe atarefada demais na criação de sua enorme prole para prestar atenção em um menino quieto e triste. Tinha praticado continuamente prender a respiração na piscina pública, só para ser ridicularizado por outros meninos em sua belicosa vizinhança de cidade industrial.

Naquela época, Grady era constantemente provocado por razões que nunca entendeu direito, mas achava que tivessem a ver com o fato de ser índio, ou de ser calado. Muitas vezes era cutucado, incitado a lutar, mas nunca levantou um dedo, mesmo que geralmente fosse mais alto do que a maioria dos colegas, com um alcance de golpe que eles se matariam para ter. Não é que não sentisse a irritação, a raiva que provocavam. Simplesmente não tinha ideia de como lutar, como dar um soco sem parecer efeminado.

Não tinha prática, a não ser em afastar as irmãs agitadas que queriam fazer cócegas nele até que mijasse, e não podia exatamente dar um soco nelas. Como é que poderia saber lutar feito um homem de verdade sem um pai por perto para ensinar? Então, ganhara alguns olhos roxos, tivera dor nas costelas, mas não houve nenhum dano duradouro a não ser no seu ego.

Contudo, alguns momentos compensavam tudo. Nos sábados de verão, sua mãe levava Grady e as filhas até a praia de areia barrenta no Parque Estadual de Dash Point, e Grady corria para a praia, correndo e pulando no estreito de Puget, como se ele fosse os braços de alguém.

Depois do acidente, Grady podia sentir a presença do pai debaixo d'água, principalmente na água gelada do braço de mar. O barco pescheiro tinha afundado nas águas do Alasca, no mesmo oceano que fluía por todas as ilhas, ilhotas e penínsulas e ao redor delas, até aquele lugar. No entanto, o espírito guardião do pai, o salmão, nadava tanto na água salgada quanto na água doce, e Grady conseguia encontrar algum conforto até na água clorada da piscina pública.

Quando Grady era pequeno, seu pai tinha lhe contado que quando se tornasse um homem, ele também encontraria o próprio espírito guardião, mas então ele se foi e morreu apenas dois anos depois. Grady não sabia com quem mais conversar a respeito. Não podia perguntar para a mãe. Ela já tinha muitas preocupações e, além disso, o que poderia saber sobre espíritos guardiões? Ela era branca. Seu pai muitas vezes havia se referido a primos, mas não a irmãos e irmãs, e Grady finalmente percebeu que, para um índio, primo significava "amigo", ou "companheiro", exatamente como tia significava "mulher mais velha e próxima", não necessariamente parente, porque todos eram parentes. Suas famílias não conheciam fronteiras, mas Grady percebeu que não conhecia nenhuma família de fato do lado paterno, e sua própria natureza índia foi para as profundezas, junto com o pai. Entretanto, como Grady tinha essa aparência, as pessoas deduziam que ele tivesse alguma antiga ligação tribal com todos os aspectos nativos americanos. Na maior parte do tempo, porém, tinha sido criado por uma mãe devotamente católica, irlandês-americana. Para desapontamento dessa mãe, ele não encontrou o mesmo conforto que ela na igreja ou nas palavras da Bíblia.

Mesmo assim, com todas as suas dúvidas, ele reconhecia que seu espírito estava, de certo modo, alinhado com o do pai. Depois de adulto, nadava quase todos os dias na hora do almoço, podendo percorrer duas vezes a piscina de vinte e cinco metros da academia sem respirar. Lucie nunca tinha entendido a obsessão com a natação, mas, como corredora, deduziu que tivesse a ver com condições físicas ou endorfinas. Grady sentia-se culpado por nunca convidá-la a ir junto, mas a natação sempre tinha sido seu momento de estar só, completamente ele mesmo, relaxado.

A piscina do hotel provavelmente tinha dez metros, e Grady completou várias voltas antes que seus pulmões lhe implorassem para respirar. Subiu à superfície, depois entrou

num ritmo cadenciado, ida e volta. O movimento mecânico esvaziou sua mente, libertou-o do pânico que havia sentido nos últimos nove dias, todas as manhãs ao acordar, todos os momentos em que se lembrava.

Em vez disso, pensou em dinâmicas fluidas, na tensão de superfície e na resistência criada por seu torso na piscina. Com a posição correta do corpo, podia otimizar o fluxo laminar, com a água movendo-se ao seu redor com tanta suavidade quanto o vento em um aerofólio. Tudo consistia em aerodinâmica, tanto na natação quanto no design de uma aeronave. Suave, suave, sem interrupções ou irritações entre as superfícies. O truque estava em evitar turbulências, caos, imprevisibilidade. Em sua família, no trabalho, e muito especialmente com Lucie, que o desafiava mais do que tudo com suas opiniões fortes e sua necessidade de perfeição. Exatamente como diziam: siga o fluxo. Esse tinha sido o princípio básico da vida de Grady, pelo menos até o momento em que Lucie fugiu.

Havia nadado trinta e uma voltas, quando os viu, dois corpos nos degraus da parte mais rasa. Diminuiu a velocidade e deu uma guinada, esperando que pudesse sair nadando por um buraco em algum lugar no fundo da piscina. Ficou junto à borda oposta e olhou de esguelha para uma jovem morena, num uniforme de empregada, e uma menininha num maiô rosa com babados e chinelos de dedo no concreto ao lado delas.

Rapidamente, Grady voltou a enfiar a cabeça na água, mas tinha perdido a conta de suas braçadas. Não podia deixar que aquela mulher e sua filha o vissem em roupa íntima. Sua mão esticada chegou subitamente à parede, não havia espaço para um giro decente. No último momento, desistiu da virada rápida e se encolheu numa bola, para conseguir um apoio na parede para os pés, impulsionando debilmente em direção contrária. Tinha de sair dali. Precisava ser rápido. Elas estavam se divertindo tanto, provavelmente nem reparariam nele.

Grady parou no outro extremo da piscina, procurando uma escada, mas não havia. Içando-se da piscina com a ajuda dos braços, muito afoito, sentiu a cueca escorregar quando seus quadris saíram da água. Pôs-se de pé com esforço, puxou a cueca e caminhou a passos largos em volta da borda, em direção a suas roupas.

O homem da recepção chegou pisando duro, com passinhos curtos e pesados, com certeza iria acabar com Grady por nadar de roupa de baixo. Grady manteve os olhos fixos no concreto, enquanto enfiava a bermuda e pegava a camisa e os sapatos.

"Ei", o homem gritou. "Que diabos você pensa que está fazendo?"

Grady virou-se para se desculpar e então percebeu que o homem estava gritando com a empregada.

"Você não pode trazer sua filha para o trabalho, e não pode usar a porra da piscina."

"Tudo bem", disse Grady. "Eu não me importo." Sorriu para a mulher, mas ela estava ocupada enxugando a filha e consolando-a numa língua estrangeira.

"Não se meta." O homem continuou marchando até a mulher, a gordura do seu ventre balançando com a fúria de cada passo.

“Tem dó”, disse Grady. “Está tudo bem. Elas saíram da piscina. Não aconteceu nada de mal.” A garotinha encarava Grady com olhos grandes e inexpressivos. Ele percebeu que aquilo para ela não era novidade.

“Não está nada bem.” O homem tinha alcançado a mulher e agarrado seu braço, quando ela tentava fugir. “Cê tá despedida, sacou? Cai fora e leve a sua fedelha. Tem mais de uma dúzia como você lá de onde você veio.” Ele a soltou e voltou em direção à recepção.

“Nossa! Na frente da criança, não”, ralhou Grady, mas a mulher pegou a menina, que ainda o olhava fixo.

“Sinto muito”, ele disse para as duas, mas a mulher passou às pressas, sem levantar os olhos.

Não era justo. Nada nunca era justo. Grady suspirou e voltou para o quarto, batendo a porta depois de entrar.

6. Em inglês, stud, o que permite um jogo de palavras com as peças da vitrine, já que pode querer dizer tachas, mas também garanhão, machão. (N.T.)



Mimi, a simpática enfermeira filipina, estava de volta no seu turno à hora do jantar.

“Trouxe uma coisa especial para o seu último jantar”, ela avisou, cheia de energia, entrando com uma bandeja no quarto de Lucie.

Lucie estava sentada perto da janela, novamente em sua confortável camisola de hospital, olhando os prédios, os fios de telefone, um pedaço da baía à distância.

“Eles estão me pondo pra fora?” Ela sabia que poderia ter ido com Grady naquele dia, mais cedo, mas no último minuto ficou com medo. Agora, não se sentia segura em relação a nada.

Mimi riu. “Essa agora. Ouvi dizer que seu noivo é um cara realmente simpático, muito preocupado com você. E bonitão.”

Lucie concordou. Era verdade. Ele era tudo isso.

“É que foi difícil pra mim imaginar que meu nome podia mesmo ser Lucie. Lucie? Não soa bem. E Seattle? Chuva?”

A enfermeira a ignorou. “Amanhã vai ser uma aventura”, ela disse. “Você vai ter de redescobrir a sua casa, a sua vida e um homem que a ama. Certo?”

Lucie suspirou. Se pelo menos pudesse acordar como alguém diferente no dia seguinte, como a Lucie que costumava ser! A Lucie que Grady obviamente amava e tinha vindo buscar! No entanto, ele tinha sido bondoso não a apressando. Parecia paciente. Lucie pensou se era uma pessoa paciente. Ele era claramente gentil. Ela também? O que ela teria que fez com que a amasse? Se pelo menos pudesse saber isso...

Mimi retirou habilmente a tampa de aço inoxidável que cobria o prato, desprendendo um aroma de alho e carne. “Porco Adobo. Reparei que você não tem comido muito, então eu trouxe porção extra. E vegetais, um pouco de arroz. Totalmente contra as regras do hospital, então, não conte pra ninguém, ok?”

Por mais apetitoso que fosse o cheiro, Lucie disse:

“Não quero causar problemas”.

Mimi deu de ombros. “Você lembra a minha irmã. Não se preocupe, tomei cuidado pra ninguém ficar sabendo”.

Sua irmã. Lucie fechou os olhos. Não tinha família. De todas as coisas que ficara

sabendo nos últimos dias, essa era a pior.

“Você está bem?” Mimi largou a tampa, produzindo um ruído metálico, e correu para Lucie, tomando seu rosto nas mãos. “Abra os olhos”, mandou, e Lucie obedeceu.

“Estou bem.” Olhou para o rosto pequeno e bonito da enfermeira. “Só que... Você ficou sabendo que eu não tenho família?”

Mimi soltou as mãos. “Claro que tem família. Seu futuro marido veio lá de longe pra buscar você aqui. Isto é família.”

“Mas não tenho uma irmã.” Lucie sabia que estava sendo patética. “Nem pai, nem mãe. Nem ninguém. Só uma tia de quem não gosto.”

Mimi balançou a cabeça. “Ninguém gosta da família toda. Isso não quer dizer que a pessoa não seja da família.”

Lucie concordou, ela tinha razão. Levantou-se e foi até a cama.

“Como é que isso se chama mesmo?”

“Adobo. Um presente filipino para o mundo. Aproveite. Volto pra pegar a sua bandeja daqui a pouco, e é melhor que você tenha limpado o prato.” Mimi sorriu. “E se você for boazinha, pode ser que eu tenha outra surpresa.”

“Uma sobremesa?” Lucie tinha descoberto uma obsessão por açúcar, ansiando pelas balas de alcaçuz, as balas de goma de peixinhos nas máquinas de venda automática, os cookies e as bolachas recheadas. Infelizmente não tinha dinheiro, tendo de satisfazer seus desejos com os onipresentes pudins e gelatinas que acompanhavam suas refeições, a ocasional fatia de bolo amarelo, com uma cobertura doce, sem gosto.

“Melhor do que sobremesa”, respondeu Mimi ao sair. “Você vai ver.”

O porco estava mesmo delicioso. Suculento e macio, com tempero suficiente, e as bordas crocantes da grelha. Acompanhado de garfadas de arroz úmido e vegetais passados na manteiga, era a perfeita comida de aconchego. Lucie não tinha percebido quanto estava faminta; andara evitando as melancólicas comidas do hospital. Em minutos, o prato ficou vazio.

Mesmo depois de três dias de descanso, estava exausta, e seu corpo continuava dolorido, sabe-se lá do quê. Dormir no chão? Andar longas distâncias? Vai saber. Deitou sobre os travesseiros e fechou os olhos, esperando que a mágica adobo agisse nela.

Ao chegar ao pronto-socorro lá de baixo, tinha a certeza de ter sofrido um derrame ou um aneurisma. Que outro motivo teria para ficar de pé dentro d’água daquele jeito, quase chegando à hipotermia? Que outro motivo para não se lembrar de nada?

Ao se sentar na beirada de uma maca na sala de exames, uma variedade de pessoas com uniformes antissépticos apalpara sua cabeça, a parte de trás do pescoço, verificara seus olhos, o pulso, o coração. Então, levaram-na de maca para se deitar sob máquinas que a escanearam desse ângulo e daquele, infiltrando sua pele, seu crânio e seu tecido cerebral com raios invisíveis. Fizeram até mesmo um exame pélvico. Deveria ter dito a eles que seu cérebro ficava bem acima daquilo, mas ainda se sentia tão desprendida dele

naquele primeiro dia, que era como se seu corpo não lhe pertencesse. Não se importava muito com o que fizessem com ele. Relataram que ela não mostrava sinais de abuso, nem sexual nem de qualquer outro tipo, nem de moléstias sexualmente transmissíveis, nem de gravidez. Essas notícias tinham a clara intenção de confortá-la, mas isso causou um novo motivo de medo em Lucie: o que havia acontecido com seu corpo, enquanto sua mente estava vagando?

E as perguntas! Todo mundo lhe fazia perguntas a todo momento. Ela conseguia responder qualquer coisa que tivesse a ver com atualidades, história, geografia. Podia atender a todos os seus pedidos estranhos, mostrar os dentes, levantar os braços, repetir ou completar frases bobas: “Não chore sobre leite derramado”, “O rato roeu a roupa do rei de Roma”, entre outras.

Só o que ela não conseguia dizer era quem era, de onde vinha, ou como tinha ido parar na água. Tinha uma leve impressão de já ter estado em São Francisco antes, em alguma fase da vida, mas a informação parecia obscura e com acesso interditado, como se pertencesse a um passado distante. O passado de outra pessoa. No entanto, tinha andado à procura de alguma coisa – até esse ponto ela sabia. Essa informação não impressionou os médicos como algo importante.

Depois de um tempo, mudaram de tática, perguntando sobre problemas em sua vida, acontecimentos traumáticos recentes.

“Se eu não sei quem sou, como é que vou saber isso?”, ela perguntara, tão frustrada que tinha vontade de sacudir alguém para dizer: “Só me diga quem eu sou! Não me faça ficar adivinhando!”

E então eles desistiram, internaram-na no pavilhão psiquiátrico no andar acima, deram-lhe uma camisola de algodão, chinelos e uma bandeja com escova e pasta de dente, um sabonete do tamanho dos que são dados em hotel e xampu. Ela pensou: Bom, este é o pior hotel em que já fiquei na vida, sabendo que isso era para ser engraçado. O problema era que não se lembrava de ter ficado em um hotel, mas sabia que havia, em algum ponto ao longo da vida.

Quando a porta do pavilhão se fechou às suas costas, sentiu-se inexplicavelmente confortada pelo som da fechadura travando solidamente a lingueta.

UM SOM DE talher acordou Lucie de um pulo.

Mimi segurava a bandeja em um ângulo arriscado. Sussurrou:

“Me desculpe! Derrubei uma colher. Volte a dormir”.

“Não, tudo bem.” Lucie sorriu para a jovem enfermeira. “Você tinha razão, o jantar estava delicioso! Obrigada.”

Mimi assentiu. “Está preparada pra sua próxima surpresa?”

Lucie deu de ombros. Por que não? Cada coisinha que acontecia já era uma surpresa.

“Me acompanhe”, disse Mimi, num tom de mistério e molecagem.

Ainda não era tarde, apenas nove horas ou coisa assim, mas a sala de recreação estava apagada, a central das enfermeiras, vazia. Lucie seguiu Mimi pelo corredor de azulejos calçando chinelos, até o local onde preparavam a comida. Depois de colocar a bandeja dentro de uma tina, Mimi fez sinal para que Lucie a seguisse em direção às portas trancadas do pavilhão. Ela se virou e cochichou:

“Nós vamos dar uma fugida”.

Lucie não queria deixar o pavilhão. Não tinha a menor ideia de como viver fora dali. Será que aquilo era alguma espécie de teste de Mimi, para provar que ela poderia sair no dia seguinte?

“Ouça”, ela disse, “eu não quero mesmo...”

“Shh”, disse Mimi. “Eu tinha razão sobre o adobo, não tinha? Confie em mim.”

Mimi levantou seu crachá até a placa ao lado da porta, destravando a porta. Elas passaram pelos sinais de alerta sobre fugitivos lunáticos.

“Você não vai se encrencar?”

Lucie sentia-se zozza, o amplo corredor se expandia e cintilava em torno dela, enquanto seguiam por ele. Parecia o corredor mais comprido que já tinha visto. Dali ela poderia ir... para qualquer lugar. Poderia fugir. Mimi era pequena. Lucie tinha a sensação de que suas pernas compridas poderiam facilmente ultrapassar as da enfermeira. Poderia encontrar seu jeito de ser no mundo, descobrir uma nova maneira de ser e não ter de encarar o homem e o passado dos quais não mais se lembrava. Tinha de ter algumas habilidades. Sabia digitar, tinha certeza disso. Seus dedos procuravam e encontravam letras no ar; ela sentia, em vez de ver, o teclado debaixo deles. Um trabalho em escritório seria bom, e ela poderia alugar um apartamento barato em algum lugar e...

“Só vou me encrencar se você contar.” Mimi levantou o crachá em outra placa perto de outra porta. “Chegamos”, avisou. A fechadura se abriu, e a enfermeira entrou em um quarto pequeno e escuro. “Vamos, rápido.”

Lucie entrou no espaço abafado com cheiro de... o quê? Outras pessoas; cheiro de muitas outras pessoas. Depois que Mimi fechou a porta e acendeu a luz fluorescente no alto, Lucie percebeu que estavam em um grande closet. As paredes eram percorridas por longas barras em níveis mais altos e mais baixos, entulhadas de cores frenéticas de centenas de roupas: saias, blusas, ternos. Os suéteres estavam dobrados em prateleiras altas; engradados guardavam roupas íntimas, roupas de bebê. Os sapatos estavam alinhados no chão.

Mimi olhou para ela em expectativa:

“Você não gosta das roupas que vestia quando a acharam, certo?”

Lucie concordou, cruzando os braços em torno da camisola do hospital a que tanto se apegara.

“Aqui é o banco das roupas. Vamos achar uma roupa nova pra amanhã!” Mimi bateu palmas, encantada.

Lucie sentiu-se nauseada com tantos tipos diferentes de odor humano misturados numa reserva tão pequena de ar.

“Elas estão... limpas?” Lucie sabia que deveriam estar, mas as roupas assumem a vida das pessoas que as habitaram. Alguns pontos ficavam mais gastos, onde as pessoas tinham protuberâncias ou se distendiam, onde os tipos ansiosos esfregavam a ponta das mangas, ou os preguiçosos não faziam a bainha das calças. Os cheiros eram apenas parte do que ficava embebido em uma peça de roupa, por mais que fosse lavada. Lucie, sem lembranças do passado, sentiu-se mais vazia do que todos os suéteres espichados e as Levi’s desbotadas.

“Claro que estão limpas! Tudo foi lavado. Tem umas coisas boas por aqui. Só temos de dar uma procurada. Você nunca fez compras em brechó? É a mesma coisa.”

Lucie deu de ombros. Será que ela já tinha comprado em brechó?

“E as minhas roupas?”

Mimi apontou para uma fileira de tailleurs, todos abandonados, esperando ser adotados por pessoas que adorassem tailleurs.

Livrar-se daquela coisa desconfortável! Aquilo seria uma bênção. Lucie estendeu-se para abraçar a enfermeira. “Você é assim tão boazinha com todos os doentes mentais?”

Mimi deu de ombros.

“Está certo”, disse Lucie, “acho que gostaria de alguma coisa informal”.

O homem, Grady, tinha sido o exemplo perfeito do informal. Parecia confortável, como se não ligasse muito para roupas, o que agradou Lucie. E por mais que estivesse reagindo contra tudo isso, sabia que ele estava falando a verdade. Ele a conhecia. Tinha viajado tudo aquilo por causa dela. Devia amá-la.

“Informal, mas charmosa”, disse Mimi. “Você pode usar qualquer coisa. É tão alta e elegante!”

Charmosa não parecia exatamente o certo, mas Lucie estendeu as mãos para aquela confusão de cores. Puxou um cabide atrás do outro ao longo da barra, até que chegou a uma camiseta tangerina que trazia em pequenas letras de forma: s(e)ujeito. Ela também ainda trazia uma etiqueta de loja. Doada pela Igreja dos Bons Samaritanos. Nunca tinha sido usada.

Mimi apertou os olhos escuros e bonitos, balançando a cabeça, mas, para Lucie era um começo. Ela podia ser um sujeito. Por enquanto, isso bastava.



Na manhã seguinte, Grady estava logo cedo do lado de fora do Hospital Geral de São Francisco, com a cueca ainda úmida. Durante a noite, o nevoeiro tornara a baixar, frio e obscurecendo as janelas superiores do hospital, de onde Lucie poderia estar olhando no cinza amarelado, pensando se ele viria, esperando que não, ou, por algum milagre, esperando que sim. Ou talvez, ainda fosse a velha Lucie e estivesse deitada, dormindo de lado toda encolhida, com a cabeça sob o travesseiro para que não passasse luz, nem som.

Ela só estava esperando por ele às sete da manhã, mas tinha dito que acordava com o amanhecer. Ele tornou a olhar seu relógio. Eram 6h44. Tinha ignorado a ligação da mãe na noite anterior, mas ouviu o desapontamento em seu recado: "Ela nem mesmo se lembra de você?". Como se de alguma maneira ele tivesse culpa. Fechou os olhos.

Tudo estava se transformando no que ele sempre tinha esperado acontecer no final. Tinha tido a chance de alguma coisa real numa vida feliz com Lucie e tinha estragado tudo. Não queria pensar nisso.

Grady virou-se e se afastou do hospital, indo em direção ao portão azinhavre.

ELE NUNCA ENTENDERIA o que Lucie viu nele, mesmo que fosse óbvio que ela tivesse se sentido atraída desde o começo. Talvez tivesse sido puramente físico, a excitação de sua mão escura na pele pálida dela, ou o fato de ter um namorado que parecesse tão diferente de outros profissionais em Seattle. A princípio, Lucie e Grady não tinham muito em comum. Ela gostava de coisas mais finas. Ele não dava a mínima. Ela era uma pessoa cosmopolita. Ele, um caipira do interior.

Seattle tinha sempre dado uma impressão maciça e impositiva, com seus edifícios que se elevavam sobre a baía Elliott, o agressivo viaduto que separava a cidade da natureza, concreto saindo do mar aberto e do céu pesado de nuvens.

Grady tinha evitado a chamada Cidade Esmeralda durante a maior parte de sua vida, preferindo os arredores de sua cidade natal, Tacoma. Mesmo estando a menos de uma hora ao sul de Seattle, parecia estar a mundos de distância.

Tinha sido puro acaso que ele estava em Seattle no dia em que conheceu Lucie. Não estava nem mesmo procurando trabalho, tendo se acostumado a trabalhar para uma empresa de fabricação de peças de aeronaves, por mais tedioso que fosse. Contudo, Dory havia lhe mandado um e-mail com a notícia de uma feira de projetos aeroespaciais no Centro de Convenção Estadual de Washington. Ela sabia que ele sempre tinha sonhado em desenhar aviões para a Boeing. Estudava suas aeronaves comerciais desde criança e adorava ir até a fábrica fazer o tour. Em seu e-mail, Dory escreveu: “Vá atrás dos seus sonhos!”, com aquele ponto de exclamação típico dela, da maneira que ela e todas as suas irmãs o tinham animado desde que eram crianças, quando perderam o pai, e depois, quando ele tentou entrar no basquete no curso secundário e não foi aceito (mesmo com sua altura). E depois, novamente, quando ele engravidou Virginia Vountclaire no último ano do colegial, e eles foram parar no fórum e se casaram no dia seguinte à formatura.

“Parabéns, irmãozinho!”, todas exclamaram, como se fosse uma coisa boa, ainda que Virginia tivesse se mudado para o quarto de Grady, onde ficou reclusa, chorando a maior parte do tempo. Quando Virginia o abandonou antes mesmo de o bebê nascer e voltou para sua furiosa família, o entusiasmo de suas irmãs pouco declinou. “Não era pra ser”, elas cantaram. “Quando uma porta se fecha, outra se abre!” No entanto, ele nunca mais deixaria aquela porta se abrir, não para um compromisso, não para um casamento – não até Lucie. Ela era diferente. Fazia com que ele quisesse conquistar coisas que antes nunca pensava que poderia; sua autoconfiança e fé em Grady tinham-no ajudado a se sair bem em seu novo trabalho. Tinha sido tão fácil se imaginar dividindo uma vida com ela!

Ele detestava ter sempre que usar a frase “primeira mulher” em relação a alguém que ele mal conhecia, mesmo que Lucie dissesse não se incomodar em ser a segunda. Ela era pragmática assim, mas ele gostaria que ela pudesse ter sido a primeira. Pior, no entanto, havia sido viver sabendo que um menino estava crescendo em algum lugar detestando-o, deduzindo que ele não queria ser seu pai, quando a verdade era que a família Vountclaire o tinha proibido de fazer contato. Todos os cheques que tinha tentado mandar nos primeiros cinco anos tinham voltado intactos, então, começou a fazer uma poupança para seu filho. Se pelo menos o menino soubesse que Grady entendia exatamente o que ele estava passando, que também fora abandonado pelo pai...

Naquele dia, Grady quase tinha ignorado o e-mail de Dory em seu cubículo, quase o tinha apagado pela força do hábito – simplesmente mais um recado sentimental e incentivador de uma irmã –, mas hesitou. Dessa vez ela tinha razão. Se ele algum dia tivesse a sorte de conhecer seu filho – que agora era basicamente um homem crescido, capaz de tomar as próprias decisões – não seria melhor ser o tipo de pai que estivesse fazendo o que sentia que era seu destino na Terra?

No dia seguinte, faltou ao trabalho alegando doença e se dirigiu até o norte de Seattle; navegou pelas confusas reviravoltas e saídas da via expressa e encontrou o estacionamento do centro de convenção. Deu uma parada antes de abrir as portas de

vidro, passou a mão pelo cabelo pensando se deveria tê-lo cortado, arrumou a gravata e foi em frente. Essa companhia havia projetado sua aeronave preferida. Ele precisava tentar pelo menos uma vez na vida. Tentar de verdade.

Depois de preencher uns formulários, distribuir currículos, apertar a mão de pessoas cujos nomes esquecia em seguida, foi instruído a se juntar a um grupo de outros engenheiros que pareciam tão desconfortáveis quanto ele, grunhindo como búfalos confinados em um cercado de cadeiras e mesas de armazém. Um por um eram chamados para o abatedouro, olhando para trás embaraçados, enquanto ele – ou ocasionalmente ela – era levado para a entrevista.

Quando seu nome foi chamado, Grady levou um susto, depois lançou aquele mesmo olhar patético para os outros, por sobre o ombro, enquanto era levado embora. Por que não tinha se preparado mais? Sabia tudo que era para saber sobre a Boeing, claro, tendo sido apaixonado desde criança, mas talvez devesse ter estudado os exercícios de projetos para tolerância a falhas, ou o controle de fluxo ativo. Viu imagens em sua mente de um comitê de engenheiros mais velhos olhando para ele de um palco, fazendo-lhe perguntas técnicas que não conseguia responder. Sua boca ficou seca.

Na pequena sala de reuniões, no entanto, havia apenas uma pessoa, e se ela fosse engenheira, Grady pensou, ia engolir a maleta de couro falso que sua mãe lhe dera havia sete Natais. Aquela mulher era alta e imponente, em um tailleur cinza riscado de giz contornando sua cintura, e também as leves curvas abaixo e acima. Tinha o cabelo curto, num comprimento quase masculino, mas seu rosto era o de uma mulher. Uma linda mulher, pelos olhos de Grady, mesmo que soubesse que nem todo mundo a veria assim, com seus dentes tortos e sua estrutura atlética. Sob uma maquiagem aplicada com a maior competência, ele notou sardas. Atrás dos olhos verdes, suspeitou um senso de humor sarcástico e uma inteligência superior à sua, um discernimento de como as coisas deveriam ser que ele nunca captaria muito bem. Seus lábios com brilho abriram-se num largo sorriso ao vê-lo.

“Senhor Goodall, imagino?” Parecia surpresa, como se ele também não fosse o que ela estava esperando. Mais tarde, ela contou que tinha se apaixonado por ele naquele momento; que ao vê-lo, pensou: *Aí está ele*, mas ele sempre tinha achado difícil acreditar nisso.

Os dois riram, constrangidos, depois foram direto ao assunto. Ela era responsável por contratações high-tech e se tornou sua defensora, instruindo-o e o orientando no difícil processo de ser contratado pela equipe de desenvolvimento de produtos da Boeing. Com certeza, não era o trabalho de design que ele estava esperando – seu diploma de bacharel em engenharia tornava isso impossível, ela disse –, e ela tinha recebido uma boa comissão da companhia, depois que ele foi contratado por sua intermediação. Milagrosamente, no entanto, ela tinha se mantido em contato por muito mais tempo do que realmente necessário. Na verdade, tinha sido Lucie quem finalmente o convidara para jantar. Ele

gostou de ela ser assim. Afinal de contas, tinha sido criado por mulheres fortes! Não se incomodava que Lucie tomasse a iniciativa.

Bom, ele não tinha se incomodado até a data do casamento ser marcada, e seu planejamento em estilo militar ter início de maneira intensa. Nunca tinha imaginado que a necessidade de Lucie por perfeição e controle seria tão extrema que ele chegaria a se questionar se queria mesmo ser casado com ela. Tinha entrado em parafuso. Havia estragado tudo. E então ali estava ele, sentado em um banco na frente de um hospital em São Francisco, tentando decidir o que fazer em seguida. E Lucie, a outrora toda-poderosa deusa da sua vida, estava ali dentro, aquebrada e sozinha. A pior parte era que ele não sabia como ajudá-la. Tinha falhado com ela, lhe feito mal, e a perdera. Agora que a tinha encontrado, iria desapontá-la outra vez?

“Seja homem”, disse uma voz grave, e ele se virou para examinar o banco ao lado.

“Perdão?”

Uma mulher mais velha estava olhando para ele. Usava três casacos e botas de borracha descombinadas. A seus pés, havia seis sacos de supermercado, cheios de tudo quanto é coisa, menos alimentos. Ele tinha ouvido mal, é claro. Provavelmente ela só estava falando consigo mesma, como parece acontecer com os moradores de rua de São Francisco. Em Seattle, a maioria deles se limitava a pedir uns trocados, depois dizia “obrigado”; quer você desse algumas moedas ou dissesse “desculpe”. Pelo menos, ela não estava urinando.

“Eu disse: ‘Seja homem’.” Olhava para ele com olhos de pálpebras pesadas. “Cresça. Ninguém gosta de entrar nesses lugares pra fazer visitas, mas acredite em mim, morar lá é pior. Vá em frente. Vá ver sua criatura, ver se consegue dar uma animada nela.”

“Sim, senhora”, ele disse, da maneira que tinha sido educado desde criança para se dirigir às mulheres mais velhas. Depois, olhou seu relógio. Eram 7h02. Lucie estava esperando.

UMA VEZ NO saguão do hospital, Grady pensou se deveria levar um presente para Lucie. Resolveu dar uma rápida olhada na lojinha. Lucie não era muito ligada nos presentes típicos que os homens davam para as mulheres. Não comia doces, não gostava de nada engraçadinho demais. Ele dispensou chocolates, ursinhos e bibelôs e foi até os cartões. Talvez alguma coisa simples, com um pensamento simpático. Fez uma careta. Certo. “Sinto muito você ter perdido a cabeça?” “Por favor, volte pra mim, mesmo que eu tenha sido um idiota?” Suspirou e se virou para sair.

Acabava de entrar uma moça com um top justo cor de laranja e uma saia curta de brim, que foi direto para a seção de balas. Grady desviou os olhos para não parecer que a estava encarando, apesar de achá-la bonita. Por mais que tentasse evitá-la, porém, as

cabeças deles se encontraram na passagem estreita.

“Desculpe-me”, ele disse, de cabeça baixa.

“Pode me emprestar um dólar?”

Ele levantou os olhos surpreso. Era Lucie. É claro que era ela. Sua aparência era exatamente a mesma de sempre ao acabar de acordar: revigorada e perspicaz. Era quase confuso quanto ela parecia a mesma, principalmente vestida daquele jeito, como se fosse a irmã gêmea da mulher que amava.

“Claro”, respondeu, remexendo dentro do bolso. “Eu ia justamente subir pra ver você.”

Ela pegou a nota que ele lhe estendeu, fechando a mão em torno dela. Os nós dos seus dedos roçaram nos dedos de Grady.

“Pensei em poupar você de ter de fazer toda aquela coisa do centro de pirados de novo.” Ela deu de ombros e sorriu o sorriso que ele amava, um canto curvado mais para cima do que o outro. Aquele sorriso sempre provocara nele o desejo de beijá-la. “E eu estava morrendo de vontade de comer algum doce. Estava esperando dar de cara com você ou criar coragem pra roubar.”

Ele riu. Lucie frequentemente o fazia rir, mas não com essa disposição leve e solta. Tinha uma inteligência viva e ferina, mas, antes de falar, construía cada frase com o maior cuidado.

“Hum, na verdade você não come doces”, ele contou, observando-a escolher M&M’s de amendoim, depois cobiçar um pacote de bengalinhas vermelhas de alcaçuz.

“Adoro doces”, ela disse, virando-se para ele. “Quero dizer, isso eu deveria saber, certo?” Ela mordeu o lábio inferior, parecendo preocupada, por isso, ele deixou de lado.

“Claro. Sem dúvida.” Odiou o som falso de sua voz, a risadinha que vinha depois. Detestava a sensação de que afinal de contas aquela não era realmente a sua Lucie, apenas alguém novo que acabaria percebendo que ele não servia para ela. Claro, a velha Lucie já tinha percebido isso. Grady enfiou a mão no bolso traseiro, para pegar sua carteira. “Está parecendo que você poderia precisar de um pouco mais”, ele disse, estendendo-lhe uma nota de dez.

“Obrigada, Grady.” Aquilo soou como se estivesse praticando seu nome.

Ele assentiu, imaginando o que teria acontecido com os seiscentos dólares. Agora ele conseguia ler a camiseta dela. Dizia em pequenas letras brancas: “s(e)ujeito”. Ela estava de sandálias sem salto e trazia uma bolsinha pendurada a tiracolo, feita com algum tecido étnico colorido. A antiga Lucie teria odiado o conjunto todo.

E ainda nada de anel. Onde ele teria ido parar?

Grady analisou-a, enquanto ela se ocupava com suas escolhas. Com sandálias baixas como aquelas, chegava apenas nos seus ombros. E estava tão magra! Seus pulsos tão frágeis e suas faces, não que estivessem encovadas, mas também não estavam cheias.

“Está com fome?”, ele perguntou. “Já tomou café?”

Ele não estava com fome, mesmo não tendo jantado, mas ela deveria comer alguma

coisa além de balas.

“Estou morrendo de fome”, ela respondeu. “Comida de hospital não é exatamente... comida. Quem é que come mingau de trigo?” Lucie tornou a sorrir. Dava para ver que estava tentando. No dia anterior, ela o tinha abraçado, mas sua expressão era impenetrável; suas palavras, incertas. Alguma coisa tinha mudado, mas ele tentou não deixar sua esperança ir muito longe.

Pigarreou. “O que você acha de a gente dar o fora daqui e ir atrás de alguma coisa pra comer?” Uma refeição. Eles iam começar com uma refeição. Se aquilo desse certo, talvez pudessem dar um passo adiante, fosse qual fosse. Passar o dia juntos conversando sobre sua antiga vida. Talvez até mesmo fazer planos para voltar a Seattle.

Ela assentiu e juntou o M&M’s, as bengalinhas, balas de gelatina e um tubo de balinhas duras de frutas. “Claro”. “Vamos. Já recebi alta.”

“Mas”, começou Grady, depois hesitou. Não conseguia engolir, não conseguia respirar. Ela foi até o balcão pagar, e ele foi atrás dela. Será que ela tinha resolvido voltar para casa? Ia voltar com ele? Para a cama... deles?

“E as suas coisas?”, ele perguntou em vez disso. “Cadê o resto das suas coisas?” Onde estavam o tailleur Armani, a bolsa Gucci que ela amava? O anel de doze mil dólares? Como é que ele poderia perguntar isso a ela sem fazê-la se sentir mal, caso o tivesse perdido? E, de qualquer maneira, ela não se lembraria. Provavelmente, havia sido roubado em algum lugar pelo caminho, ou ela o tinha dado para algum puto de um mendigo sortudo.

Ela colocou a pilha de balas sobre o pequeno balcão de vidro, sorriu para a velha senhora que estava por detrás, depois se voltou para Grady. “Ah, é só isso aqui. Tenho tudo que preciso comigo.” Deu um tapinha na bolsinha pendurada junto ao quadril, que parecia vazia, depois a encheu com as balas, à medida que a balconista registrava, uma por uma.



As panquecas macias tocavam sua língua, e Lucie deslizava cada garfada por uma poça de melado, antes de devorá-la. Ela e Grady não estavam tendo grandes conversas, só falando coisas triviais e educadas – Como era o seu hotel? Você dormiu bem? –, e ele não demonstrava estar com fome. Sua omelete de claras parecia fria e deprimida, só um cantinho faltando. Ela estava faminta. A sensação de comida em sua boca, sabores que lhe eram familiares, doces e agradáveis... essas coisas davam sensação de vida. Quando sentiu o primeiro gosto, lágrimas lhe vieram aos olhos, e ela fingiu ser um cílio, enquanto esfregava.

Lucie sabia que não devia ter comido muito na semana em que esteve fora. Suas antigas roupas estavam folgadas, suas costelas e seus ossos do quadril se sobressaíam, mas pelo menos havia sobrevivido. Parecia que nunca iria se recuperar. Na noite anterior, ao experimentar a comida da irmã de Mimi, tinha descoberto uma maneira de tornar a ser humana.

“Essas são as melhores panquecas que acho que já experimentei”, ela disse, e caiu na risada. “Como se eu soubesse.”

Grady torceu a boca, mas não disse nada.

“Você não está com fome?” Lucie perguntou. “Já comeu?”

“Não, estou comendo”, ele disse, cutucando com o garfo a omelete anêmica. “Não é do seu feitio comer panquecas. Parece que você ficou muito gulosa.”

Ele olhou para ela de maneira tão séria que ela tornou a rir. Era gostoso rir; era gostoso estar sentada em um restaurante com uma toalhinha de papel, uma caneca branca de café e um homem simpático, bonitão, embora calado, na frente dela. Como é que tinha tido tanta sorte na sua vida passada? Podia imaginar as outras mulheres tendo uma síncope só de vê-lo. Por que ela tinha querido ficar no hospital?

Seu humor pesado estava se dissipando, camada por camada. A cada pequeno passo adiante – escolher suas próprias roupas, sua própria comida –, se sentia mais ela mesma, mesmo que ainda não soubesse o que isso significava.

“Eu não fui sempre esta morta de fome?” perguntou, sentindo-se engraçada, à beira de alguma coisa familiar, como se aquele fosse o jeito entre eles, esse tipo de brincadeira,

e ela estivesse se lembrando.

“Bom.” Ele fez uma pausa, sua expressão séria dando a entender que não era bem assim. “Em primeiro lugar, você nunca costumava comer açúcar ou farinha branca.” Deu de ombros. “Não que eu esteja dizendo que não deveria, nada disso, mas você está meio que, bom, você sempre comeu de um jeito bem moderado e sempre foi muito seletiva.”

“Seletiva?” Aquilo não soava bem. “Eu sou uma... anoréxica?” Será que já era magra daquele jeito, antes de ir embora?

“Não, não, não. Você se preocupa com a saúde.” Ele cortou um pedaço da omelete com o garfo e o ergueu. “Você me levou a comer este tipo de coisa, por exemplo.”

“Por quê?” Aquilo parecia insípido. “Por que eu faria você comer isso?”

Dessa vez, Grady riu. “Você não me obrigou, Luce. Só me incentivou a comer de um jeito mais saudável. Minha família tem problema com colesterol. Acho que você queria” – os dois ouviram a punhalada do verbo no passado – “o que fosse bom pra mim.”

Lucie recostou-se na cadeira e afastou o prato. Como é que ela podia não saber isso, a mais básica das coisas, sobre ela mesma? Não parecia ser ela, não tinha nem um pouco o jeito dela. Não era de estranhar que ele tivesse olhado de um jeito esquisito enquanto ela remexia em todos aqueles doces.

“Não pretendia estragar seu café da manhã”, disse Grady. Estava realmente arrependido.

Como deveria ser estranho para ele, Lucie pensou, descobrir de repente que sua namorada – noiva – estava tão diferente do que tinha sido havia apenas dez dias. Será que ele gostava mesmo daquele tailleur? Será que ela deveria tê-lo vestido? Será que ele gostava dela maquiada? Tinha dado toda a maquiagem para as sobrinhas de Mimi, e a bolsa grande estava agora na prateleira do depósito de roupas. Lucie só tinha conservado um calendário do tamanho de um cartão de crédito, com um endereço da web impresso na parte de baixo – Techsource.com, – uma lixa de unhas e um protetor labial. E agora um pouco de balas. Não conseguia entender que alguma vez tivesse comido as amêndoas sem pele murchas que tinha encontrado na bolsa, ou usado o spray compacto, o creme para cutículas, a caneta removedora de manchas, as pinças, o pacote de meias-calças. Que tipo de pessoa carregaria aquelas coisas?

Grady pigarreou. “Estou espantado que eles já tenham dado alta. Pensei que a gente teria alguma espécie de encontro com a médica, pra conversar sobre seu tratamento em Seattle, o que fazer agora, coisas do tipo.”

Lucie empertigou-se na cadeira e endireitou os ombros. A comida lhe pesava no estômago. “Bom, tenho um papel com tudo isso escrito. A doutora Emma precisou atender uma emergência, e o cara que ficou no lugar dela só me disse pra seguir as instruções e me liberou. Então, aqui estou eu.” Grady queria conversar com a médica? Ela não havia pensado nisso. Pensava que ele iria ficar feliz com a alta dela.

“Aqui está você”, ele disse, torcendo a boca. Tentava sorrir, mas Lucie sabia que ele

estava lutando contra as lágrimas.

"Sinto muito por ter me comportado de um jeito esquisito com você ontem, mas hoje é um novo dia."

Grady assentiu.

"E preciso saber mais. Isso faz parte da minha recuperação."

"Então, tudo bem. O que você quer saber?"

"Ah, bom. Sei lá!" Isso fez com que ela risse, um riso nervoso dessa vez. O que exatamente queria saber?

Grady afastou o prato. "Então, vamos começar com o básico."

Ela aquiesceu agradecida, e eles começaram. Seu lugar de nascimento (Boise, Idaho), data de nascimento (4 de setembro de 1971), irmãos (só para deixar claro, mais uma vez o "não" foi a resposta). Ela mudou de assunto, não querendo ouvir novamente sobre os pais mortos e a tia brigada. "Eu tenho um trabalho?"

Grady reanimou-se. "Nossa! Claro! Você é uma headhunter, Lucie, da maior competência."

Ela fez um olhar inquisidor. "O quê?"

"Uma caça-talentos. Você tem um escritório próprio pra arrumar trabalho pras pessoas, trabalhos técnicos, por todo o país. Lembra?" Olhou para ela com expectativa, quase melancólico. O trabalho dela era tão importante assim para ele?

Era uma carreira que parecia do mais profundo tédio, mas explicava o calendário TechSource.com. Balançou a cabeça. "Na verdade, não", ela disse. Depois, para fazer com que soasse mais esperançoso, acrescentou: "Ainda não".

"Não, eu sei." Ele limpou a garganta, e baixou os olhos para a mesa. "Não deveria estar pressionando." A voz falhou.

Lucie ficou com os olhos marejados ao vê-lo emocionado. Um amor profundamente enraizado ou empatia comum?

"Posso ver as fotos de novo?" pediu, para o bem dele.

No dia anterior, tinha sido desconcertante para ela ver uma pessoa parecida, tão confortável em um mundo sobre o qual não tinha a mínima ideia, em relacionamentos que lhe eram desconhecidos, mas sabia que ele queria que ela se visse em sua antiga vida juntos.

"Deixei no hospital", ele respondeu, "com você".

"Ah, não!" Lucie suspirou. "Elas ainda devem estar no meu quarto. Desculpa, Grady." Estendeu a mão sobre a mesa, para colocá-la sobre a dele. Giraram as mãos suavemente, automaticamente – ao que parecia – até que a dela ficou aninhada dentro da dele. Memória muscular; ossos, nervos e músculos sabendo mais do que a própria mente. A pele dele era quente, da cor do seu café com leite, e seus braços eram quase sem pelos, em comparação ao tufo que tinha sobre a cabeça.

"Vamos falar um pouco sobre você, ok?" ela disse, e ele deu de ombros, esfregando o

pescoço. Lucie notou, pela primeira vez, uma longa cicatriz sob a maxila direita dele. Não parecia profunda, ou particularmente ameaçadora, mas ela estremeceu. “Por exemplo, como é que você fez isto? O outro cara ficou pior?” Tentou deixar a coisa leve, mas ele abaixou a cabeça, cobrindo o machucado com a mão.

Idiota, ela pensou. Mudou de assunto. “Conte sobre sua família. Você cresceu em Seattle?” Não conseguia se lembrar de que tribo ele dizia ter vindo, havia muitas a oeste de Washington. Disso ela sabia. Salish, duwamish, suquamish. Conhecía esses nomes, mas não sabia por quê. Era claramente branca, mais branca do que branca, com suas sardas e o tom azulado sob os olhos.

Aos poucos, ele se abriu. Contou a ela sobre sua infância em Tacoma. Seu pai tinha sido pescador – os puyallup tinham direitos sobre o salmão, no estreito –, mas morrera em um acidente no mar. Sua mãe ainda vivia em Tacoma e nunca se casou de novo. Grady tinha seis irmãs mais velhas, cujos nomes ele enumerou, mas Lucie não conseguiu guardar.

“E você precisa saber de mais uma coisa”, ele disse, corando, “já fui casado antes, mas isso foi logo depois do colegial, e não durou nem um ano”.

“Tudo bem”, disse Lucie, desconsiderando. “Você ainda tem... a gente ainda tem contato com ela?”

“Não.” Ele desviou o olhar, o queixo tenso, depois voltou a encará-la. “Tenho um filho, mas nunca o vi.”

“Ai, isso deve ser tão difícil!”, ela disse, mas ele tornou a desviar os olhos, e ambos se calaram.

Naquela manhã cedo, quando o médico tinha dispensado Lucie, parecia preocupado. “Agora você vai ter de seguir um tratamento depois de chegar em casa. A doutora Emma anotou nos papéis da sua alta os dados da psiquiatra que vai vê-la em Seattle, e nós deveríamos ter marcado uma hora pra você, mas parece que isso ainda não foi feito. Este é um problema muito sério e você vai precisar dos cuidados de um psiquiatra. Tenho certeza de que a doutora Emma falou sobre isto.”

Sem parar, Lucie teve vontade de dizer. Ela concordou com a cabeça, mas não tinha vontade de ver outro psiquiatra. “Mas ela também disse que minha memória pode acabar voltando.”

A boca do médico contraiu-se, e depois ele disse:

“Bom, isso é uma coisa muito individual. A maioria dos pacientes com esse problema, mais de noventa por cento deles, recupera uma parte ou quase toda a memória, mas provavelmente você nunca vai se lembrar desses dias em que esteve desaparecida”.

“Não?”

Ela balançou a cabeça. “Sinto muito, não. Raramente isso foi registrado no caso de fuga dissociativa, se é que foi alguma vez.”

A doutora Emma não havia mencionado essa peculiaridade de seu estado, e agora

Lucie se sentia nauseada ao pensar que havia um pedaço da sua vida a que nunca teria acesso. Estranhos – as pessoas que a tinham visto no ônibus ou colhendo frutas – se lembrariam dela. O que outras pessoas teriam visto e não contaram? Era uma cidade grande, e Lucie havia vagado durante dias.

O médico fez anotações em sua planilha, depois levantou os olhos. “Além do tratamento, deveria fazer um esforço conjunto de conversar com as pessoas que conhecem você, olhar fotos, ir a lugares com os quais estava acostumada antes. Mas”, ele deu uma olhada na papelada da alta, “é imperativo que você veja a doutora Seagreave. Vou encarregar nosso pessoal de marcar sua primeira consulta com ela, antes que vá embora”.

Lucie balançou a cabeça. “Vou fazer isso assim que chegar em casa, para ter certeza de que é um bom horário para o meu... para mim e meu noivo.” O médico pareceu hesitante, então ela sorriu. “Só quero ter certeza de que ele vai poder me levar de carro. Não acho que vou conseguir me virar sozinha, ainda.”

Ele concordou e assinou a papelada, entregando-a para ela. “Bom, então, senhora Walker, a senhora está pronta para ir. Boa sorte.”

Naquele momento, enquanto Grady pagava a conta, conforme eles se levantavam para sair na névoa raiada de sol em que se transformara o nevoeiro, Lucie ficou com a respiração curta, rasa, adrenalina acelerada. Tinha vontade de correr, querendo que as batidas no calçamento abrissem um buraco na terra. Queria abanar os braços e deixar que o vento enchesse seus olhos de lágrimas. Não trazia bagagem, não tinha história. Não tinha absolutamente nada.

Caminharam até a esquina mais próxima. Grady virou-se para ela, com o rosto alerta, exausto, preparado para o pior.

“Então”, ele disse, “e agora?”

Lucie tomou fôlego. Encheu os pulmões e o abdome de ar, expandiu a caixa torácica e endireitou os ombros. “Bom”, ela disse, “Grady”. Sentiu a essência do nome dele vir do fundo de sua garganta, depois as consoantes contra os dentes, as vogais fortes e competentes. Gostava daquele nome, daquele homem. Não tinha mais ninguém no mundo. “Por que não vamos pra casa?”



Ainda havia um cartaz no poste no final do quarteirão deles, totalmente à vista, quando Grady entrou à esquerda na avenida Meridian e se dirigiu para a casa térrea, a segunda à direita. Tinha tentado ter certeza de que todos os avisos haviam sido retirados antes de sua chegada. Tinha até mesmo telefonado do aeroporto de São Francisco, naquela manhã, para o café, o mercado e a biblioteca, pensando em como Lucie se sentiria chegando em casa e encontrando cartazes de “procura-se” por toda a vizinhança. Provavelmente, a chuva acabaria derrubando as dezenas deles pelo resto da cidade, mas esperava poupá-la nos primeiros dias de volta para casa. Como, diabos, tinha deixado passar aquele? Olhou para ela no assento ao seu lado, enquanto estacionava junto à calçada em frente à casa. Ela não parecia ter notado.

Grady tinha sido convencido pelas irmãs a colocar os cartazes, e isso o manteve ocupado nos primeiros dois dias, mas já sabia, enquanto pregava, colava, grudava cada um, que um simples aviso, ou centenas deles, não a traria de volta.

Felizmente, Grady havia tido o bom senso de se recusar a aparecer na televisão e implorar aos hipotéticos sequestradores, ou à própria Lucie, que tivessem piedade. “Mas qualquer um que veja você, que veja o que isso está fazendo com você”, Dory tinha tentado, quase o convencendo com seus olhos suaves de gazela. No entanto, por uma vez ele se manteve firme. Mesmo assim, os jornais locais tinham exibido nas telas, em todas as oportunidades, a foto profissional de Lucie, tirada de seu site (Atraente mulher branca desaparecida!), e telefonavam para ele constantemente para verificar o andamento.

Lucie e Grady ficaram no carro, imóveis. Tinha perdido a hora do almoço, e já era o começo da tarde, mas ninguém havia mencionado uma nova refeição. Será que ela reconhece a nossa casa?, ele refletiu, mas ela não estava olhando para lá, estava apenas com o olhar voltado para a frente. Grady pensou se ela poderia ouvir seu coração aos saltos. Será que ela se lembrava de ter escolhido a pintura cinza, quando ele tinha preferido verde? De ter pedido que ele removesse a nodosa cerejeira que já não dava frutos, mas ainda produzia uma abundância de flores brancas toda primavera? Será que lembrava que ele tinha feito tudo que conseguia pensar para fazê-la feliz?

Por fim, Lucie abriu a porta do carro e saiu. Contudo, em vez de ir diretamente para a

casa, desceu a rua, enquanto Grady observava pelo retrovisor. Prendeu a respiração. Ela tinha voltado a ficar confusa e estava indo embora. Será que deveria ir atrás dela? Gritar seu nome? Poderia acordá-la do transe? Ou deveria simplesmente deixá-la ir dessa vez, não procurar por ela, só deixar que fizesse o que parecia determinada a fazer?

Quando ela parou na esquina, ele recuperou o juízo e pulou do carro para se precipitar atrás dela, mas parou. Ela tinha apenas caminhado até o poste e estava observando o cartaz. Tocou o rosto da imagem com os dedos, depois se esticou para tirar o papel dos grampos que Grady havia pregado nas pontas. Dobrou o cartaz três vezes e o enfiou na bolsa, com os restos das balas; virou-se e caminhou de volta para casa.

“Oi”, ela disse ao chegar perto dele na calçada, exatamente como sempre dizia, como se fosse qualquer dia comum e tivesse voltado de uma corrida. Tudo aquilo estava trazendo-a de volta à realidade: estar com Grady, voltar para Seattle, estar em frente à casa onde eles haviam vivido por quase cinco anos. Entrariam juntos, e ela largaria a bolsa na cadeira da sala de jantar, pegaria a correspondência, daria uma olhada e depois talvez fosse até o escritório da casa para checar os e-mails. O médico tinha dito que a maioria dos pacientes recupera seus dados autobiográficos com a volta ao ambiente familiar, junto à família e às pessoas que ama; era apenas uma questão de tempo.

Grady queria abraçá-la, mas deixou os braços caídos. “Estou mesmo muito feliz com você em casa.”

Ela assentiu e olhou as casas em torno, depois inclinou a cabeça. “Então”, disse, “qual é a nossa?”

LUCIE AINDA NÃO tinha se aventurado no andar de cima, no quarto deles no sótão reformado. Grady a tinha deixado à vontade, assim que chegaram, e ela havia ido diretamente até a cozinha, passando a mão ao longo do balcão de pedra-sabão. Abriu a porta da geladeira e ficou olhando as prateleiras, na maioria vazias – ele não tinha feito grandes compras desde que ela tinha ido embora –, depois a fechou. Em seguida, foi até o banheiro, trancando-se lá dentro.

Grady tentou se manter ocupado, verificando os e-mails no escritório, mantendo-se informado sobre o que acontecera no trabalho nos dias anteriores, para dar a ela espaço e tempo a sós na casa, mas se pegou se esforçando para ouvir seus passos, seus movimentos, enquanto ela ia de cômodo em cômodo, como um gato recém-trazido do abrigo.

De um dia para o outro, tinha ocorrido um problema sério no trabalho, e Grady se sentia ainda mais culpado por não ter levado seu notebook para São Francisco. Como chefe de equipe, deveria estar no comando, deveria estar supervisionando os engenheiros socialmente inábeis com quem lidava. Nenhum deles tinha nem mesmo tentado chamá-lo

pelo celular. Todos sabiam o que estava acontecendo. Todos assistiam desanimados, conforme os eventos iam se desenrolando ao longo da semana anterior. De sua maneira inepta, estavam cuidando dele. Entretanto, agora ele estava em casa, Lucie estava em casa, e ele precisava se comportar como se tudo estivesse bem. Precisava de alguma espécie de normalidade.

Fechou os olhos e imaginou o silêncio monótono da água em seus ouvidos, o turbilhão frio e suave sobre sua pele. Se pelo menos pudesse dar uma fugida até a piscina, mesmo que fosse só para uma rápida nadada, mas não. Precisava estar aqui, por Lucie. Certo, ele imaginou a velha do lado de fora do hospital dizendo. Você precisa ficar aí por você, covarde de merda. Você acha que ela vai fazer isso de novo, não acha?

Seu celular vibrou perto do computador. Dory. Não só era sua irmã preferida, mas uma espécie de psiquiatra. Formada como assistente social em saúde mental, Dory sempre quis salvar o mundo e todos os que estavam nele, mas tudo o que conseguia fazer nos Serviços Humanos do Condado Pierce era avaliar seus clientes e encaminhá-los.

"Ei", ele atendeu, indo fechar a porta. "Oi."

"Você pode falar?", ela perguntou. Nenhuma das outras irmãs sequer pensaria em perguntar isso.

"Ah, claro." Grady deu uma olhada para a porta, mantendo a voz baixa. "Normal. Ela está andando pela casa, meio que... bom, pra conhecê-la, acho."

"Nossa!"

"Eu sei. Surreal."

"Então, qual é que é? O que os médicos de São Francisco disseram?"

"Bom, na verdade, eu não consegui conversar com ninguém. Quero dizer, no telefone eles me disseram que é bem sério, mas que com o tempo ela provavelmente vai recuperar a maior parte da memória."

"Humm." Ela parecia em dúvida. Ele podia ouvir o toque nas teclas do computador e a imaginou no pequeno cubículo onde passava os dias. "Qualquer diagnóstico com a palavra dissociativa significa basicamente uma fuga da realidade, sabia? Não uma psicose, mas, bom, você já ouviu falar sobre a síndrome da identidade dissociativa, o que eles costumavam chamar de múltipla personalidade?"

"Nossa", disse Grady.

"Não, não, não. Não é a mesma coisa. Só estou dizendo que eles têm razão. É sério. E é mesmo raro. Eles deram pra ela um plano de tratamento antes de dar alta, certo?"

"Sim. É pra ela ir ver uma psiquiatra aqui, especializada nessa coisa."

Grady havia pedido para ver a documentação no café da manhã, não por duvidar de Lucie, mas porque parecia que ele deveria assumir o domínio da situação. E talvez houvesse alguma parcela dele que precisaria de tempo para voltar a confiar nela plenamente.

"Nenhum remédio?", perguntou Dory.

"Eles dizem que se ela ficar deprimida ou ansiosa, a médica daqui pode receitar alguma coisa. Mas ela não parece deprimida ou ansiosa. Ela parece meio que, ah, bem."

"E ela marcou hora com a médica?"

"Bom, a gente acabou de chegar."

"Não adie isso. Não deixe que ela adie."

"Tá, tá, eu sei." Grady ouviu um movimento na sala de visitas. "É melhor eu desligar. A gente conversa mais depois, ok?"

"Ligue pra essa médica hoje. Mesmo que a Lucie não queira."

Grady revirou os olhos. "Sim, senhora."

"Vai se foder", disse Dory, depois riu. "Dá um abraço na Lucie por mim."

"E vai se foder você também." Ele sabia que ela queria ajudar. "Não se preocupe. Vou dar conta disso. Mas obrigado. Você é o máximo."

Depois de desligar, Grady foi com cuidado até a porta, abrindo uma frestinha para ouvir. Escutou o rangido e o barulho de alguém se acomodando em sua poltrona de couro, o raspar do otomano no chão de madeira. Lucie detestava aquela poltrona, mas tinha permitido essa única concessão quando foram morar juntos. Quando relaxavam à noite na sala de visitas, ela sempre se sentava no caro sofá sueco, dobrando uma perna por debaixo, numa postura quase perfeita. Na verdade, ele não se lembrava de tê-la visto sentada em sua poltrona nem uma vez, não podia nem imaginar como seria isso.

Grady abriu a porta devagar, o suficiente para ver as pernas dela nuas, agora sem sandálias, esticadas à frente no couro gasto. Estava muito quieta. Não podia vê-lo. Ele se perguntou se ela teria adormecido.

"Oi?", ela disse. Suas pernas escorregaram para fora do otomano.

"Sim?" Grady sacudiu a cabeça frente à formalidade. "Oi", ele imitou, indo até a sala de visitas para disfarçar o fato de estar espiando. "Estava pensando em como você... Você já... já conseguiu se acomodar?"

Ela se remexeu no assento, enfiando a perna debaixo dela como sempre tinha feito, parecendo exatamente a mesma, e Grady sentiu seu pulso acelerar. Ela até olhava para ele com os olhos apertados, o sinal de que estava incomodada com alguma coisa. Estaria voltando a ser ela mesma? Esperou outro sinal.

"Eu estava pensando", ela disse, em seu antigo tom mais comedido, "que talvez, só por um tempo... Bom, reparei que tem um quarto de hóspedes".

"Ah", ele disse, "claro". Não era ela. Esta Lucie não o queria dormindo perto dela. Ele tinha sentido falta da presença dela por perto, na cama principalmente, o contato do corpo dela com o dele, à noite. "Claro, então, eu fico no quarto de hóspedes."

"Não, não quero chutar você pra fora do..."

"Mas você deveria..."

"De verdade, quero dizer, sou como uma hóspede aqui, afinal."

Grady deve ter feito uma expressão tão horrorosa quanto estava se sentindo, porque

ela tentou consertar:

“Sinto muito, mas você deveria ficar no seu... nosso quarto, onde você fica confortável.” Ela deu de ombros. “É só por um tempinho, certo? Até que, bom...” Desviou o olhar.

O casamento era dali a dois meses. O local estava reservado, banda contratada, convites impressos e guardados nas caixas brancas da sala de jantar, esperando ser endereçados. Ela tinha insistido que fossem mandados exatamente com seis semanas de antecedência. Será que os tinha visto? Eles ainda iam ser mandados para os cento e trinta convidados dentro de duas semanas. Sua família, os colegas dela e os conhecidos de ambos? Quando ela foi embora, quase jogara as caixas fora (tinha levado até o depósito de reciclagem, na verdade), mas depois tinha voltado com elas para seu lugar no chão, perto do aparador. Não podia suportar a ideia de alguma mudança. No fim, deixou tudo no lugar. A única coisa que faltava era Lucie.

PELO RESTO DO dia, eles se movimentaram como fantasmas cautelosos e calados pela casa, a casa deles, o lugar onde tinham passado por tanta coisa – rindo, brigando, gritando, às vezes, palavras horríveis, fazendo amor. Grady sentia-se constrangido com o quanto seu corpo precisava do dela, com o quanto ele queria esconder o rosto em seu ombro nu, puxar suas ancas musculosas contra ele e ouvi-la gritar de prazer, só para se sentir inteiro e humano, ligado novamente a alguma coisa. Tinha sido duro quando ela se foi, mas tê-la ali-mas-não-ali era insuportável.

Telefonou para o escritório, apagou o fogo, pensando por quanto tempo ele conseguiria aguentar trabalhando de casa. Quando poderia voltar a sair, por qualquer período de tempo, sem ter medo de que ela desaparecesse? Essa ideia lhe interrompeu a respiração, e foi preciso que ele sugasse o ar conscientemente pelo nariz para voltar à vida.

Grady levou o notebook para a sala de visitas, para sentar e trabalhar, esperando encontrar Lucie lá, mas a sala estava vazia. Será que já tinha ido embora? Fechou os olhos tentando escutá-la. Por quanto tempo isso seria assim, ele imaginando sua partida a todo momento? Grady sentou-se em sua poltrona, apoiou as pernas no otomano, notebook no colo. Seus olhos ardiam pela falta de sono da noite anterior. Deixou a cabeça se recostar no couro macio, os olhos se fecharem, só por um instante.

O DIA ANTERIOR à fuga de Lucie não tinha sido bom. Eles vinham se estranhando por semanas, com ofensas tão ridículas que seriam para rir, se não tivessem sido tão repugnantes a ponto de provocarem o desentendimento. Ele tinha parado de dar opiniões

sobre o casamento, porque elas eram sempre vetadas. Depois, ela tinha ficado furiosa por ele não responder suas perguntas sobre que modelo de prata combinaria mais com o cristal, porque, realmente, tudo o que ela queria não é que ele só escolhesse o preferido dela? Para ele, pratos de papel e plástico seriam ótimos. E Lucie o tinha acusado em duas ocasiões diferentes de sabotar o casamento por perguntar qual, afinal, seria o orçamento total. Ele tinha começado a pensar por que exatamente eles estavam se casando. Seria só para que Lucie pudesse dar essa festa exagerada? Será que ela alguma vez tinha se preocupado com quem estava se casando? Todas as manhãs eles acordavam cada um numa beirada da cama, onde tinham adormecido na noite anterior, o mesmo vazio entre os dois.

Naquela manhã, Lucie tinha se levantado e estava vestindo sua roupa de correr. Ele tinha observado do seu travesseiro, os olhos entreabertos, como se pouco se importasse com quanto seu corpo era gracioso, quanto sua pele resguardada do sol era sedosa e luminosa. Sentiu-se embaraçado com seu desejo por ela e girou para esconder a ereção. Ela já não parecia desejá-lo.

Lucie terminou de se vestir, entrou no banheiro e depois saiu de casa sem dizer nada. Ele esperou por cinco longos minutos, antes de perceber que ela não ia enfiar a cabeça de volta e dizer tchau. Não pôde acreditar. Ela sempre avisava quando estava saindo, mesmo quando não estavam nos melhores dias. Pelo menos gritava “tchau” da beira da escada, mas, naquela manhã, nada.

Mesmo que eles estivessem sendo de uma hostilidade anormal nos últimos tempos, isso era diferente. Alguma coisa estava mudando de maneira que dava uma sensação insuportável, e ele ficou bravo. Se ela consegue ser fria, ele pensou, eu também consigo.

Depois de tomar uma ducha às pressas e se vestir, Grady tentou sair de casa antes que ela voltasse. Quase conseguiu.

Quando já estava na frente da casa, apressando-se para chegar ao carro, viu-a subindo a rua correndo em direção à casa. Ela era uma máquina quando corria, os braços e as pernas ritmados e eficientes, as passadas perfeitas decorrentes de anos de intensa concentração. Não enxergava nada nem ninguém enquanto corria pela vizinhança com os olhos protegidos por Bollés polarizados, um boné Nike bem enterrado na testa. O que em parte contribuía para sua fama de reservada junto aos vizinhos. Lucie voltava-se totalmente para dentro de si para atingir seus objetivos – em tudo, desde correr uma maratona até conseguir um novo cliente – e via apenas aquilo que estava focando. Era isso que tinha acontecido quando se apaixonaram: ele foi tudo o que ela viu. Sua atenção tinha parecido milagrosa, imerecida, mas intoxicante. Ele tinha a esperança de beber daquele poço pelo resto da vida.

Com o passar do tempo, é claro, quando já estavam juntos o bastante para se sentir confortáveis, objetos mais chamativos – a casa e seu conteúdo, suas roupas, seus sapatos e suas bolsas – roubaram sua atenção. Às vezes, passava pela cabeça dele se, no início,

ela o teria considerado um objeto igualmente chamativo, um bicho de estimação exótico com traços nativos. Ela adorava sua pele escura, seu cabelo de índio.

E, então, o casamento. Ela tinha se envolvido com tanta intensidade nos detalhes daquele dia que ele começou a imaginar se ela teria esquecido a razão daquilo tudo, a decisão que ela assumira de passar a vida com ele.

Grady sentia-se cada vez mais irritado. Esgueirou-se para dentro do seu Volvo 1969 parcialmente reformado, antes que ela tivesse a chance de alcançá-lo e evitá-lo primeiro, depois saiu em disparada. Não telefonou, nem enviou mensagem de texto ou de e-mail para ela durante o dia todo. O fato de ela ter feito a mesma coisa pareceu ainda mais contundente do que em qualquer outro dia. Ela é que tinha começado com o mutismo, não? Por que não telefonava para pedir desculpas ou, ao menos, para quebrar o silêncio pesado que se instalara? Ele a estava perdendo, e isso o deixou tão puto no começo, que conseguiu ignorar o desespero que havia por debaixo.

Naquela noite, depois de trabalhar até mais tarde do que necessário, convenceu dois de seus técnicos a irem com ele a um bar tomar um drinque. Pediu bourbon, não a cerveja de sempre. Bebeu mais do que conseguia se lembrar. Não comeu. Não se lembrava de ter dirigido até em casa. Lembrava-se vagamente de ter checado o celular a noite toda, em vão, e de ter decidido dormir no desconfortável sofá sueco. De um jeito mais penoso, lembrava-se de sua resposta a Lucie na manhã seguinte, quando ela entrou toda arrumada em seu melhor tailleur e se sentou no sofá, ao lado de sua carcaça com bafo de uísque, ressecada, e perguntou, impaciente:

“Você está querendo cair fora ou o quê? Eu ainda devo ir fazer a prova do meu vestido hoje?”

Ele se esforçou para se apoiar no cotovelo, ainda um pouco bêbado, com a cabeça pulsando. “Como se você desse a mínima”, soltou com raiva, satisfeito com a perplexidade dóida que se espalhou no rosto dela. Lucie não revidou, porque não esperava que ele fosse agir com maldade. Deu uma sensação boa. “Você está pouco se lixando pro que eu penso. E sabe de uma coisa?” A essa altura ele estava rosnando, apontando o dedo para ela como ênfase, enquanto mentia: “Eu também estou pouco me lixando pra você”.

Foi aí que ela deu a bofetada. Ele viu o golpe vindo, puxou a cabeça para trás, surpreso, e os nós dos dedos dela atingiram de relance seu queixo e o pescoço de atravessado, esfolando a pele no gesto. Instintivamente, Grady cobriu o pescoço com as mãos para se proteger – algum monstro tinha vindo em cima dele, uma fúria horrorosa de membros que esmurravam e mãos cheias de garras. Tentou agarrar aqueles braços para acalmá-la, mas estava com as mãos molhadas, quentes de sangue, e o tailleur dela era branco. As mãos de Grady não terminaram o gesto.

A briga parou tão rapidamente quanto tinha começado, os dois olhando aquele sangue. E então ela soltou um uivo tão inumano e assustador que ele poderia ter acreditado que um animal selvagem estava sendo esfolado ali na sala, com eles. Grady nunca tinha ouvido

um som como aquele, muito menos de Lucie.

Foi aí que ela correu, precipitando-se da casa como alguém pegando fogo. Ele não foi atrás dela e desde então vinha tentando entender o motivo disso. O que o havia deixado petrificado era medo, é claro, mas medo do quê? Da violência? Do abandono inevitável que estava a caminho? Se algum dia ele se desculpasse de todo o resto, jamais se desculparia por tê-la deixado ir.

Grady sentia-se feliz por ela ter perdido a memória, feliz por ela não ter de reviver aquele momento como acontecia com ele, suportar as emoções animais, os sons, as sensações, os erros estúpidos e horrorosos repetidamente. O que ele podia fazer por Lucie era protegê-la de tudo aquilo. Se eles pudessem recomeçar, então... Bom. Podia ser que assim eles tivessem uma chance.



Todas as superfícies da casa corriam frias e lisas sob seus dedos, cada peça de mobiliário e de eletrodomésticos parecia impecável e cara. A única exceção era a poltrona de couro gasto na sala de visitas, que se encaixava como uma velha e confortável luva de beisebol quando ela se sentava, e um piano de apartamento encostado em um lado do porão inacabado. Será que um dos dois tocava?

Assim como ela tinha tido opiniões sobre a decoração do hospital, também tinha conhecimento dessas escolhas de decoração: os materiais, os acabamentos. Aquela velha casa havia sido reformada com gostos modernistas, uma avó vestida de alta costura. Lucie ficou imaginando o que teria havido lá antes, que madeiras aconchegantes, que trabalho curioso em marcenaria, que detalhes haviam sido arrancados e jogados fora. Pensou se os antigos moradores a teriam reformado, ou os moradores atuais. Não é que a casa não fosse linda, ela era. Ela e Grady ganhavam muito dinheiro – isso era uma certeza. Como faria isso agora? Com certeza haveria necessidade de algum conhecimento para a seleção de pessoal técnico. Poderia simplesmente voltar atrás e retomar de onde tinha deixado? Será que tudo acabaria voltando, como o médico havia sugerido? Grady havia dito que ela tinha uma empresa individual, sem empregados. Ninguém para lhe lembrar o que fazia o dia todo, todos os dias. Fazia uma hora que estava na casa e... nada. Por mais que tentasse, tudo parecia pertencer a outra pessoa, ser o local de outra pessoa. Não tinha entrado no quarto. Sabia que só iria encontrar coisas que já tinham sido pessoais para ela e que agora lhe eram estranhas. Não queria aquilo.

O quarto de hóspedes era pequeno, mas tinha uma decoração agradável, uma cama com um acolchoado cor de chocolate e travesseiros demais. Lucie fechou a porta em silêncio, depois se esticou sobre as cobertas, ouvindo Grady ir até a sala procurar por ela, conforme imaginou. O que ele teria visto nela? Por que a amava? Por que ela o amava?

Naquele dia, mais cedo, quando decidira ir a Seattle, tinha se sentido leve e aventureira. Não exatamente corajosa, mas curiosa. Contudo, naquele momento, soube que tinha cometido um sério erro. Aquela não era sua casa. Não era sua vida. Tinha esperado magia, sinos, luzes, uma cascata de fogos de artifício de reconhecimento e memória. Em vez disso, era uma hóspede na casa estranha e não exatamente confortável de outro.

Agora, ia ter de contar a Grady, antes que eles fossem longe demais naquela farsa. Ele era um homem bom e devia ter amado a antiga Lucie Walker de todo o coração, mas ela não era aquela pessoa. Não mais, se é que alguma vez tivesse realmente sido. E, sim, é claro, a evidência era inegável. Ela era Lucie Walker. E não era.

Com a boca seca e o peito agitado, levantou-se, abriu a porta e foi até a sala.

Grady estava sentado na poltrona de couro, com as mãos sobre o notebook, os olhos fechados e a boca ligeiramente aberta. Lucie ficou em dúvida se ele estaria meditando ou pensando, mas sua respiração tinha o legato de um sono profundo.

Legato. Outro termo musical. Lucie sentiu a passagem de alguma coisa, um conhecimento, mas não soube o que é que ela sabia. Alguma coisa ataçava da beira de sua consciência, estendendo um pequeno tentáculo de compreensão, depois o retirando com a mesma rapidez.

Observou Grady inspirando, expirando, e combinou sua respiração com a dele. O rapaz estava exausto depois de tudo o que ela o tinha feito passar. A agitação do seu peito diminuiu. A ternura que tinha sentido, ao vê-lo pela primeira vez, voltou. Poderia ter ido até lá e remexido em seu cabelo despenteado, beijado sua testa, mas deixou que dormisse.

OS DEGRAUS PARA o porão estalaram e rangeram, e o ar se tornou úmido e carregado de fungos, quando ela chegou ao chão de concreto. Havia coisas demais escondidas ali. Lucie sentiu-se como um detetive, um arqueólogo, tentando adivinhar algum tipo de significado em cada item. Uma esteira rolante dobrável, empoeirada, fora da tomada. Dela? Dele? Uma arara cheia de casacos e de roupas: uma jaqueta de piloto, de couro, claramente do tamanho de Grady; várias jaquetas impermeáveis e acolchoadas; um casaco de lã vermelha, elegante e comprido. Ela o retirou da arara, levou-o até o rosto e cheirou. Cheirava ligeiramente a mofo, mas tinha um resquício de perfume. Era um casaco vintage, da década de 1950 ou 1960. Enfiou os braços nas mangas, envolvendo-se nele. Era um pouco grande demais, mas gostou.

No mínimo vinte caixas de mudança de papelão estavam encostadas em uma parede, empilhadas sobre engradados de madeira. O porão era úmido, então. Ela já tinha suspeitado pelo cheiro. Abriu a tampa de uma delas e encontrou pratos velhos, um desenho em azul petróleo e malva, que sugeria um tempo que há muito se fora. Com certeza aquilo não combinava com o resto da casa, e instintivamente Lucie soube o que eram todas aquelas caixas: resquícios da vida antes da perfeição que havia sido forjada lá em cima. Novamente, ficou em dúvida: seriam de Grady? Dela? Forçou-se a lembrar: onde estavam essas coisas antes de estarem aqui? Teve de fechar os olhos com a náusea que lhe veio, com a sensação de pânico e desespero que subiu de suas entranhas até a garganta. Afastou-se das caixas, não querendo ver mais nada dentro delas. Talvez pedisse

a Grady para descer alguma hora com ela e conversar sobre cada coisa. Talvez isso forçasse alguma lembrança fragmentada, abrisse uma porta.

Lucie olhou em torno, depois foi até o piano ainda usando o casaco vermelho sobre a camiseta e a saia curta. O porão estava gelado, e o casaco envolvia-a como um roupão.

O piano era velho, as beiradas das teclas estavam lascadas, como se algum roedor tivesse andado mordiscando por ali. A madeira estava empenada em alguns lugares, faltava um pé dianteiro. Lucie procurou em volta algo com que calçá-lo, depois voltou para as caixas. Várias continham livros. Uma brochura não bastava; vasculhou abaixo delas e descobriu uma camada mais profunda de livros com capas duras. Puxou um deles. Em busca de sentido, de Viktor Frankl. Levou-o até o piano, enfiando-o sob o pé quebrado. Depois se levantou e tentou balançá-lo. Estava firme, agora.

“Aí está o seu sentido”, ela disse, puxando o banco do piano que estava sob o teclado. Sentou-se sem saber o motivo, sem saber o que pretendia fazer, apenas se sentando em frente da coisa, tentando zerar sua cabeça. Será que ela costumava fazer isso?

Colocou as mãos nas teclas e esperou. Pelo quê? Isto é tão idiota!

Inconscientemente, seu polegar direito apertou uma tecla. Dó médio, pensou, sem entender como sabia isso. Olhou como seu dedo médio e o mindinho pressionavam as teclas Mi e Sol. Dó maior. Retirou as mãos das teclas, pousando-as nas pernas, respiração acelerada. Seus dedos se flexionaram nas coxas. Talvez fosse só um espasmo. Fechou os olhos. Sentiu a pulsação nos ouvidos.

Dois pares de mãos estão sobre as teclas, ela pensou, não são só as minhas.

Seus olhos se arregalaram com a sensação de vazio, de vertigem, de que alguma coisa estava sendo escavada em seu peito. Era a mesma sensação que tivera no hospital, uma tristeza profunda pela perda de... de alguém. Novamente entrou em pânico, pensando: Quem foi que eu perdi? Quem está faltando?

Lucie levantou-se e se abaixou para empurrar o banco para debaixo do piano e viu uns entalhes ao longo da borda. Pareciam iniciais, seriam notas? D A... Agachou-se para examinar mais de perto, esfregando a unha contra a sujeira acumulada nas linhas. Encontrou mais letras: Y Y L U L U. Não eram notas. Lulu? Seria ela? Levantou-se tremendo, com o coração ainda aos pulos. Uma criança havia arranhado aquilo. De quem eram as mãos que tinham tocado junto com ela?

Esperou bastante tempo por mais alguma coisa, mas seu coração se acalmou, o pulso se aquietou. Soltou um longo suspiro, feliz por não sentir mais nada outra vez. Deveria perguntar a Grady sobre isso? Com certeza ele teria dito alguma coisa caso tivesse filhos, não é? Ela já estava se comportando de um jeito bem bizarro. É, eles precisavam conversar mais, mas tinham tempo. Lucie desconfiava que não era a única a se sentir instável, insatisfeita. Subiu a escada de volta.

Eles tinham chegado em casa no meio de uma tarde iluminada. Naquele momento, a luz estava se aprofundando para o crepúsculo, resvalando pelo aço inoxidável,

transformando a cozinha em um lugar mais aconchegante. Lucie estava morta de fome, mas a geladeira não tinha nada além de água com gás, um prato envolvido em plástico com alguma coisa marrom, uma caixa de fermento e temperos na porta.

Puxou a gaveta pesada do freezer na parte de baixo, esperando encontrar gelo incrustado e não muita coisa mais, mas descobriu uma mina de congelados, todos etiquetados e datados. Havia goulash e chili, molho para espagete e frango a tetrzzini. Seu corpo se aqueceu dentro do casaco vermelho ao pensar numa comida caseira como aquela. Era um alívio saber que ela de fato cozinhava e que era tão organizada.

O que parece melhor, ela pensou, goulash ou tetrzzini? Outro pensamento reconfortante: ela sabia o que era cada uma daquelas coisas. Decidiu-se pelo goulash e tirou um bloco congelado para descongelar.

Alguma coisa se mexeu atrás dela, e ela se virou, assustada. Grady estava parado na porta, com uma expressão estranha.

“O que você está fazendo?”, perguntou.

“Só achei que a gente ia querer alguma coisa pra jantar”, ela respondeu, sentindo-se subitamente culpada, uma intrusa. “Espero que você não se incomode. Acabei de tirar isto pra descongelar.” Ela levantou o goulash na embalagem lacrada. “Parecia bom. Fui eu que fiz?”

“Minha mãe deu uma abastecida na semana passada.” Grady olhou-a intrigado. “Você detesta a comida dela.” Fez uma pausa e perguntou: “Você está com frio? Aqui está fazendo quase trinta graus.”

O casaco. É claro que era esquisito que ela o estivesse usando.

“Também não é meu, é?”

“Não sei.” Grady parecia tenso. “Você nunca disse de quem era, mas nunca usou. Imaginei que talvez fosse da sua mãe, ou da sua tia, ou alguma outra coisa.”

“Pode ser”, ela disse, enfiando as mãos nos bolsos, puxando-os para a frente, de tal modo que ficou envolvida no perfume esmaecido de alguma coisa que tinha vindo antes, de alguma coisa que de algum modo tinha sido dela, por sangue, história ou herança.

LUCIE PENSOU QUE Grady poderia ter ficado um pouquinho mais feliz que ela tivesse amado de verdade o goulash de sua mãe, mas isso só pareceu tê-lo afundado ainda mais na depressão. Ele tirou a mesa do jantar, raspou e enxaguou os pratos, colocou-os na máquina de lavar, tudo em silêncio, como um robô. Ela ficou sentada na sala de jantar, sem saber o que fazer em seguida. As cadeiras de espaldar alto e reto não eram exatamente confortáveis.

Levantou-se e deu uma olhada no conteúdo de um armário elegante, espiando um suporte de vinho com fileiras de garrafas escuras atrás de uma porta de treliça. Grady

entrou na sala para acabar de tirar a mesa, e ela se voltou, perguntando: "Quer um pouco de vinho?"

Ele fez que sim. "A gente guarda os que a gente toma na cozinha", disse. "Vou pegar uma garrafa."

Ela franziu o cenho. "Por que a gente não toma esses?"

Ele deu de ombros, parecendo estar perdido. "Por que são os bons? Não sei, Luce. Não é uma regra minha, é sua." Estava com o rosto exausto. Parecia prestes a desistir, dela, deles. De continuar tentando.

Mexendo no armário, Lucie puxou uma garrafa, entregando-a para ele. "Abra esta." "Se tem uma ocasião em que precisamos de uma garrafa de vinho especial, é agora."

Ele ficou com os olhos marejados. Não se mexeu.

"Grady", ela suspirou. "Sinto muito fazer tudo errado, escolher todas as coisas erradas, não me lembrar de como ser igual a ela. Estou tentando, mas... Não espero que você me ame do jeito que a amava, de verdade, não espero. Só..." Lucie fechou os olhos, contendo as próprias lágrimas. Percebeu que ele pegava a garrafa. Lentamente, abriu os olhos.

"Vou buscar umas taças." A expressão de Grady tinha mudado para preocupação. Um olhar foi trocado entre os dois, uma conexão meteórica, como quando suas mãos haviam encontrado seu lugar juntas.

Ah, pensou Lucie, isso pode acabar valendo cada momento de desespero.

"Obrigada", ela agradeceu.

Enquanto ele ia em direção à cozinha, ele disse:

"E vou pegar as boas."

Como é que ela podia ter deixado um homem como este, pensou Lucie, um homem que a amava tanto?

"Quer ver TV?", perguntou a ele, enxugando os olhos. Álcool e televisão. O que poderia haver de melhor, em matéria de entorpecimento, para ajudá-los a atravessar sua primeira noite?

Levou um tempo, um bom tempo, até que ele respondesse:

"É, claro."

Acomodaram-se na sala de visitas, Lucie na poltrona de couro e Grady no sofá com os pés esticados no otomano. Ela tentou não encarar, mas os pés dele tinham o formato tão lindo quanto suas mãos, longas e elegantes.

O vinho era mais do que bom. Châteauneuf-du-Pape, coisa cara, Lucie de algum modo sabia disso. Aquecia e suavizava até as partes mais difíceis dos dias anteriores. Quando o noticiário das onze começou, ela e Grady já estavam confortavelmente quietos e grogues. Lucie sentiu-se pronta para dormir e esperou que Grady não voltasse a parecer magoado quando lhe desejasse boa-noite e fosse para o quarto de hóspedes.

Um homem mais velho e uma moça jovem estavam atrás de um balcão de notícias,

sorrindo sorrisos falsos, enquanto gráficos rodopiavam e uma música soava com estridência.

"A seguir", o âncora disse, "o incrível encontro em São Francisco de um morador de Wallingford com sua noiva desaparecida. Logo depois dos comerciais".

"Não", disse Lucie, levando os pés para o chão. "Eles não podem fazer isso. Eu disse pra eles não fazerem." Olhou para Grady. "Eles podem?"

Ele balançou a cabeça, esvaziou o copo. "Aparentemente, podem."

"Todo mundo vai ver", Lucie disse, o calor aflorando do peito, umedecendo a pele. "Quero dizer, imagino que as pessoas já saibam, não é?" Os cartazes. Talvez ela já tivesse aparecido no noticiário local quando esteve sumida. Quando as pessoas somem, de repente as fotos delas estão por toda parte.

Grady deu uma estremecida. "Desculpe. Nós só queríamos encontrar você." Pegou a garrafa. Estava vazia. Colocou-a de volta. "Não precisamos assistir, se você não quiser."

Ela engoliu em seco, sentiu seus molares raspando uns nos outros, sua garganta se fechar. Mexeu o corpo para a frente, na cadeira, esperando. Por mais que não quisesse, precisava ver o que iria acontecer.

O último comercial chegou ao fim, e o âncora de cabelos prateados reapareceu na tela.

"E agora, uma história enternecedora para a Cidade das Esmeraldas, com o reencontro de um casal. Direto de nossa filiada em São Francisco. Ann?"

A repórter do dia anterior estava em frente ao Hospital Geral de São Francisco, com um grande microfone perto do rosto. "Hoje é um dia especial para Grady Goodall", ela disse, de modo bem dramático, na opinião de Lucie. "O homem de Seattle andou procurando incansavelmente sua noiva, desaparecida misteriosamente há uma semana."

Lucie olhou para Grady, que olhava para o copo.

"Lucie Walker, de trinta e nove anos, desapareceu exatamente dois meses antes do dia em que iam se casar", disse a repórter. Agora, no entender de Lucie, parecia acusadora. "Se foi por medo ou jogo sujo, ninguém sabe."

"Deus do céu", Grady murmurou.

"Mas acontece que, por algum motivo, Walker sofreu uma forma rara de amnésia e acabou nas águas geladas da baía de São Francisco..."

"Só até os joelhos", disse Lucie. Eles faziam parecer que ela tinha se jogado lá dentro.

"... admitida no Hospital Geral de São Francisco, onde ontem o casal voltou a se encontrar, e nós estávamos lá para trazer esse encontro até vocês."

E lá estava, Grady sendo filmado caminhando em direção a ela, o rosto contorcido de um jeito tão triste e reservado, com a intenção apenas nela, mas agora todo mundo estava vendo o que Lucie o tinha feito passar. Deu uma olhada e viu que ele também estava hipnotizado, enquanto os dois se abraçavam na tela.

"Curioso, Ann", disse o âncora. "Quem iria dizer que essa história ia acabar tão bem?"

A filmagem durou apenas poucos segundos, e não incluiu a reação contrária de Lucie ou os esforços das enfermeiras em parar a gravação. Apenas a imagem de conto de fadas de duas pessoas na persistência do amor.

"Desculpe, Luce", disse Grady, desligando a TV. Inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos e o rosto nas mãos. "Eu nunca deveria ter deixado minhas irmãs acionarem a mídia."

"Você só estava tentando me achar." Aquilo não teria sido tão ruim, se não fosse pela humilhação de ter surtado tão publicamente, de ter machucado tanto alguém ao fugir.

Ele suspirou. "Eu simplesmente não sabia o que fazer. Deveria ter imaginado que minhas irmãs iam passar dos limites." Começou a parecer bravo.

"Mas você precisava de alguém, precisava da sua família." Ela quase teve vontade que tivesse sido ela no lugar dele, cercada por uma família que se preocupava tanto.

Grady não respondeu. Depois de um bom tempo, levantou-se. "Estou acabado. Você deve estar também."

Lucie concordou com a cabeça.

"Você precisa de alguma coisa lá de cima? Todas as suas coisas estão no nosso... no banheiro lá em cima, caso você queira pegar alguma coisa."

Lucie balançou a cabeça. "Não, tudo bem. Estou bem."

O que ela queria dele? Alguma coisa, alguma coisa além disso, ainda que tivesse insistido que era apenas uma hóspede na casa. Alguma sensação de familiaridade, um desses olhares que mostrasse que estava tudo bem entre os dois, que tinham algum nível de ligação, mesmo que ela não conseguisse se lembrar disso.

"Então tá", ele disse. "Te vejo amanhã de manhã." E começou a se afastar, depois tornou a se virar. "Ei, não podemos esquecer de telefonar para aquela médica amanhã, pra marcar uma hora." Ele acenou, deu boa-noite e saiu.

Lucie suspirou, conforme ele subia a escada. Não se mexeu até ouvi-lo ranger as tábuas do assoalho e fechar uma porta.

Mais tarde, enquanto tentava relaxar para dormir, refez a imagem dos dois juntos na tela, duas pessoas que se amavam. Lembrou-se da sensação das costas dele sob suas mãos, como ela o tinha acariciado, respirado seu perfume. Uma música infiltrou-se em seu subconsciente, a voz de uma mulher cantando: The memory of all that, no, no, they can't take that away from me.⁷

Gershwin. Ela sabia disso. O reconhecimento deixou-a acordada em sobressalto. Ficou ali deitada por um tempo, o coração aos pulos, depois se levantou da cama. Vestiu o casaco vermelho e se esgueirou para o corredor escuro, encontrando os degraus do porão. Lá embaixo, acendeu a luz e foi até o piano, sentou-se e deixou que suas mãos repousassem sobre as teclas.

Sua mão esquerda tocou um acorde, depois outro. O que era aquilo. Fá bemol, alguma

coisa assim. O que vinha depois? Lucie balançou a cabeça. Não se esforce tanto, pensou. Murmurou a melodia baixinho: The way you wear your hat...⁸ Suas mãos inseguras assumiram posição pressionando de leve, usando o pedal para suavizar mais as notas. Sua excitação cresceu, sabendo, mas sem saber, como essa música ia sendo composta sob suas mãos.

7. Em português literal: A lembrança de tudo aquilo, não, não, eles não podem tirar isso de mim. Trecho da canção "They can't take that away from me", de 1937, composta pelos irmãos George e Ira Gershwin. (N.T.)
8. Ainda a música de Gershwin. Em tradução literal: O jeito como você usa o seu chapéu... (N.T.)



Depois de jantar uma coxa de frango, um pãozinho amanteigado e uma pequena porção de salada de repolho, Helen tomou lentamente sua dose noturna de Canadian Club, um uísque canadense, enquanto folheava álbuns de fotos. Frequentemente, ela voltava a suas velhas fotos – toda a sua vida organizada por datas e acontecimentos – para ter uma companhia à noite. Não tendo mais ligação de sangue ou de relacionamento com absolutamente ninguém (que a convidasse, pelo menos), preferia adentrar um passado induzido pelo uísque a ver televisão, onde já não havia nada que prestasse. Não como antigamente, quando até os programas que davam prêmios eram interessantes, além de educativos. Helen suspirou. Sentia falta do marido de Betty White – qual era o nome dele? Fechou os olhos, esforçando-se para se lembrar, depois acenou com a cabeça. Isso. Allen Ludden. Um simpático cabelo escovinha, óculos que davam ar de inteligência.

No entanto, sentia ainda mais falta do seu marido, mais bonito do que qualquer um na televisão. A maioria dos seus parentes era skykomish, que tinham morado dentro ou perto da reserva por gerações. O avô paterno de Edward, no entanto, havia sido parcialmente flathead, de Montana, e segundo diziam, tinha vindo para o oeste com duas mulas, um cobertor tecido por sua mãe e o nome Dez Mãos, justificando a incansável ética de trabalho que caracterizava a família. Edward, com certeza a tinha, sempre consertando coisas e ajudando os vizinhos nas reformas, mesmo trabalhando o dia todo no porto, até poucas semanas antes de morrer. Pobre alma, ela pensou, lembrando-se da dor que ele tinha sentido naqueles últimos dias em que o câncer tomou conta, mas isso tinha sido há mais de dez anos.

Helen suspirou e se voltou para a foto preferida. Ali estava Edward, chegando aos trinta anos, colocando o bote no lago Silver, as costas e os ombros fortes, cabelo espesso agitado na brisa alegre da manhã. Ela entrou na água e subiu no bote logo depois de tirar aquela foto. Eles tentavam pescar kokanees e truta arco-íris, passando longos finais de semana bebendo cerveja Rainier em lata e comendo sanduíches de mortadela, esperando algum peixe puxar suas boias e torcendo para que fosse grande. Edward não era de falar muito, mas Helen tinha bastante conversa dentro dela para os dois.

Eram felizes, então. Tinham sido felizes a maior parte dos anos em que estiveram

juntos, mas não depois que pegaram Lucie de volta, quando a mãe dela morreu. O que antes fora uma criança encantadora, muito risonha, cheia de amor pelos tios, tinha se tornado uma parede silenciosa em formato de adolescente. Sim, Lucie ia para a escola, tirava notas altas e nunca se comportava mal – nunca nem mesmo tinha saído muito de casa, até que foi embora para sempre quando se formou, três anos depois. Contudo, ela se mantinha isolada, afastava as tentativas deles para ajudá-la a se readaptar em Marysville.

Eles sabiam que ela tinha passado por coisas mais terríveis do que qualquer pessoa deveria passar, mas se tivesse lhes dado o mínimo sinal de que estava sofrendo, ou de que gostava deles, que apreciava o esforço que faziam, poderia ter sido diferente.

Helen tinha querido desesperadamente agir certo em nome da irmã, terminar de preparar a sobrinha para a vida adulta; o que mais poderia fazer pela pobre Gloria? Sua irmã mais nova sempre tinha sido tão infernalmente impulsiva, fugindo com um homem e depois outro, tomando decisões como se estivesse mudando o canal da televisão. Helen sabia que seus pais olhavam com pouco-caso e julgavam Gloria pelo comportamento, e, pior, julgavam Helen pela incompetência em tomar conta melhor da irmã. E por ter falhado com Lucie, sem dúvida, mas Helen gostaria de ter visto alguém lidar com a menina quando ela voltou da Califórnia. Ninguém conseguia se aproximar. Era gelo e pedra.

Edward acabou se afastando da menina, que tinha amado como se fosse sua, depois de ver Helen sendo magoada com tanta regularidade. Deixou de fazer qualquer tentativa, e ignorou a sobrinha com tanta frieza quanto ela os ignorava.

Entretanto, Helen não conseguia odiá-la. Houve uma época em que a menina os amara, quase como uma criança ama os próprios pais. Helen tomou um grande e ardente gole de uísque. Mesmo depois de todos esses anos, desde que Lucie os deixara quando só tinha dezoito anos, Helen ainda sentia vontade de vê-la, de testemunhar a impressionante semelhança da menina com Gloria, distante já fazia tanto tempo, como qualquer pessoa que tivesse tido importância em sua vida.

Ainda estava escuro quando Helen acordou assustada em sua cadeira de reclinar, a boca amarga, dor de cabeça. O último álbum de fotografias que estivera olhando aberto num ângulo estranho no tapete marrom. Várias páginas dobradas. Helen deu uma espiada no seu Timex quase no escuro: passava das onze. Quase tinha perdido o noticiário do Canal 5.

Ligou a televisão esperando ver Lucie, e lá estava ela, quase como se estivesse esperando até aquele momento para que Helen acordasse. Só que aquela era a Lucie em carne e osso, respirando, não a foto que mostravam dela todas as noites, uma dessas coisas posadas, que não tinham mais semelhança com uma pessoa do que um cadáver. Essa era a Lucie real, e Helen ansiou por cada gesto e expressão.

E lá estava o indivíduo que dizia ser seu noivo, correndo para os seus braços. Que direito ele tinha? Mas ela sabia, uma jovem podia ser dominada facilmente por um homem bonito, e Lucie era filha de sua mãe. Helen imaginou que ele fosse tão alto quanto Edward,

e havia uma semelhança chocante, embora com certeza não fosse a metade do que seu marido tinha sido. Esse camarada tinha se tornado uma espécie de herói local, como se o fato de perder alguém que você amasse pudesse fazer de você uma celebridade.

“Humpf”, ela fez um muxoxo, sacudindo a cabeça. Ela deveria ser a maldita rainha da Inglaterra, então. Tinha perdido todo mundo.

O nariz de Helen pingou, lágrimas caíram. Enxugou-as na manga. As autoridades não tinham acreditado nela, mas tinham acreditado nele. E veja: a menina não tinha nenhum sentimento por ele. Helen poderia ter contado que Lucie era exatamente assim quando chegou para eles tantos anos atrás. Tinha ligado várias vezes para a polícia, tentando contar toda a história, o motivo pelo qual Lucie pudesse não estar certa da cabeça, mas primeiro tinham sido condescendentes, depois céticos – conforme a história foi piorando – e agora apenas concordavam com ela sempre que tentava.

O nome dele era Goodall. Trabalhava na Boeing. Morava em Wallingford. Não tinha o número na lista telefônica, isso Helen sabia. Ah, ela sabia tudo sobre ele, bom, tanto quanto podia ficar sabendo pela televisão. É verdade, era alto e bonito como Edward, e parecia ser índio, pelo menos em parte, e provavelmente a menina se sentira atraída por isso, no começo. Tinha amado seu tio como um pai, certa época. Edward, com certeza, era o que ela tinha de mais próximo a isso, ainda que não tivesse ido ao funeral. Mas Helen quase se sentira contente com isso. Não teve de imaginar Edward se remexendo em seu caixão estreito.

Boeing, a velha mulher pensou, aquele som ressoando como um sino nas engrenagens confusas do seu cérebro. Ele trabalha na Boeing. Então havia um número que não seria privado. Ia dar uma investigada nesse Grady Goodall, ver que tipo de homem era. Ver se, talvez, por meio dele, encontrava um jeito de chegar em Lucie. Helen tossiu no lençinho de papel, sentindo a intensa queimação nos velhos pulmões. Era agora ou nunca.



Sonhou com música, uma melodia familiar. O som distante, porta atrás de porta, e não conseguia alcançá-lo. Escancarou a última porta, tropeçando na soleira, acordando de um pulo.

A música não parou. Grady lutou contra o emaranhado do sonho. Girou na cama em busca de Lucie, para enterrar o rosto em sua nuca e colocar a mão na sua coxa, até se lembrar, como acontecia todas as noites. Lucie não estava ali.

Só que agora estava. Tocava piano no porão, uma coisa que ele nunca a tinha visto fazer, ainda que percebesse que ela sabia. Era a música que tinham escolhido para o casamento, antiquada, mas que os dois amavam. Quando treinaram a dança na sala de visitas, Grady havia se preocupado com o que os vizinhos poderiam pensar se os vissem pela janela. Se Lucie quisesse dançar com ele agora, pensou, jamais voltaria a se preocupar com o que qualquer um pensasse.

Saiu da cama e desceu com cuidado a escada até o andar térreo, com a música de Lucie cada vez mais alta e mais segura. Será que ela tinha se recuperado e essa era sua maneira de contar? Será que ele deveria correr até o porão e pegá-la nos braços? Não, pensou. Se descesse, ela poderia parar de tocar, ou olhar com aquela expressão vaga.

Grady parou no corredor. A porta do quarto de hóspedes estava aberta. E se ele entrasse, deitasse na cama e esperasse por ela? Assustador, ele pensou. Isso seria simplesmente assustador.

Não conseguia imaginar Lucie tendo de ir a um psiquiatra, tomando remédios. Na sua antiga forma, ela teria detestado isso, e, francamente, a nova Lucie parecia mais suave do que nunca. Qual a importância de ela se lembrar de cada coisinha que já lhe tinha acontecido? Ele mesmo mal se lembrava da maior parte da sua infância, só dos momentos mais dolorosos.

Apoiando-se de costas na parede, Grady escorregou até sentar, esticando as pernas no chão de madeira até seus pés se encostarem na parede oposta. Fechou os olhos para escutar. Isso tinha de significar alguma coisa, essa música, e ele ia esperar para ver o que aconteceria em seguida.

O PRIMEIRO ANO juntos tinha pegado Grady desprevenido. Ele tinha ouvido falar sobre aquele tipo de amor – a loucura que devora, que faz com que a pessoa só veja o ser amado na multidão, que faz com que os dois fiquem juntos na cama muito tempo além da hora de ir trabalhar, que faz com que se prometa dar tudo o que se tem até morrer –, mas nunca tinha passado por isso. Até ver Lucie. Ou, para ser sincero, até ver a maneira como Lucie o via.

Ainda que ele tivesse passado a vida toda sob o olhar atento de sete mulheres, o olhar de Lucie era diferente. Dizia: “Vejo você como homem. Interessante, bonito, sedutor”. Um montão de coisas com as quais se sentia agradavelmente constrangido e pelas quais era agradecido. Nunca tinha sido visto assim.

Sua família ainda o considerava um menino, o caçula, único filho homem, que passou por maus bocados ao lidar com a morte do pai. Nunca repararam que ele havia crescido para além disso. Era o receptáculo para todas as coisas tristes da família, a urna de pesar.

Durante o primeiro ano que passaram juntos, Grady também achou Lucie fascinante e misteriosa. Era esse o seu charme, sua relutância em falar sobre si mesma. “Não sei nada sobre você”, ele dizia, “a não ser que é inteligente, sexy e...”

“Que adoro você”, ela completava, cobrindo a boca dele com a sua, insinuando o corpo nos espaços que o dele criava. “Você sabe disso, não é?”

Ele concordava, gemia de prazer, e ela continuava:

“Por enquanto, isso basta.”

Se ele pressionava querendo saber mais, o rosto dela ficava sem expressão. Ele detestava aquele olhar, que a arrancava dele. Mas ocasionalmente perguntava mesmo assim, sentindo que de fato precisava saber mais sobre a família dela e seu passado. O relacionamento estava ficando sério.

Perto do final do primeiro ano, ele pressionou vezes demais e ela ficou brava.

“Tudo bem”, ela disse, “quer saber? Meus pais morreram. Minha tia e meu tio não tiveram outra escolha a não ser me pegar quando eu tinha quinze anos, nós todos detestamos isso e ficamos aliviados no dia em que eu fui embora pra faculdade. Tudo bem? Isso serve pra você ficar satisfeito? A minha vida em família foi um saco”.

Grady arrependeu-se de ter forçado. “Desculpe, eu não sabia.” “Por que você simplesmente não me contou? Puxa vida, como foi que seus pais morreram?” Juntos, ele pensou, ou separados? Doença ou acidente de carro?

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. Fosse o que fosse que estava lembrando, só podia ser coisa ruim.

“Desculpe”, ele repetiu, abraçando-a com força. Deixaria que contasse quando se sentisse preparada.

No entanto, isso nunca aconteceu nos quatro anos que se passaram. Grady nunca soube mais nada sobre a infância e a adolescência de Lucie, mesmo quando a cutucava

com delicadeza. Ela mencionava a tia ocasionalmente, a única parenta viva que lhe restara. O tio também havia morrido, anos depois de ela ter se mudado. A tia havia sido sufocante e invasiva, preocupando-se demais o tempo todo com Lucie, ao ponto da obsessão. O tio dissera que se ela não conseguisse se relacionar com a tia, não seria bem-vinda naquela casa. Aos dezesseis anos, tinha estabelecido um plano com o orientador do ensino médio e conseguiu tirar notas suficientemente boas para conseguir bolsas de estudo e ajuda financeira quando se formasse.

Grady sabia que essas experiências – mesmo que parecessem horríveis – haviam feito de Lucie a mulher que ele amava: esperta, competente, uma sobrevivente, todas as qualidades que ele queria para si mesmo, coisas que não resultavam de ter sido mimado pela família. No entanto, também a haviam ferido, e ele jurou solenemente amá-la o bastante para compensar tudo aquilo.

Ela nunca lhe contou como seus pais morreram. Às vezes, ele ficava em dúvida se ela não sabia ou se sabia demais. Percorria os três círculos no alto de sua coxa, queimaduras de cigarro, tinha certeza disso, e lhe perguntava como aquilo tinha acontecido.

“Tenho desde sempre”, ela respondia.

Grady tinha medo de que fossem autoinfligidas, embora não tivesse certeza se Lucie tivesse fumado alguma vez na vida. Além disso, ela tinha umas cicatrizes finas e brancas perto do tornozelo, parecidas com as do primo de Grady, Ronnie Lynn, que na adolescência gostava de se cortar. Tudo era triste e difícil demais, e ficou mais simples deixá-las quietas ali, repousando entre eles. Além do mais, qualquer homem no lugar dele teria agarrado a chance de amar uma mulher como aquela, que não sentia necessidade de falar a todo momento sobre o passado, que não tinha o peso de antigos relacionamentos para vomitar sobre ele, que não se incomodava quando ele não queria falar. Ela também não queria falar, não sobre emoções, sentimentos ou velhas feridas e cicatrizes.

Mesmo assim, a paixão do primeiro ano se foi, e a realidade de fazer um relacionamento funcionar se fez presente. Lucie era voluntariosa e queria as coisas de certa maneira. Antes que o casamento começasse a ser planejado, Grady achava que poderia conviver com a maior parte daquilo, desde que a fizesse feliz. Quanto às coisas que para ele eram insuportáveis, bom, descobriu um jeito de comprimi-las, diminuí-las e rearranjá-las, até que coubessem no compartimento minúsculo e trancado do seu cérebro, onde armazenava as outras coisas ruins: seus fracassos, sua percepção de que, de alguma forma, nunca seria o bastante para Lucie, e lembranças do pai, o salmão, nadando eternamente para longe dele.

JÁ NÃO ESTAVA escuro: a luz do dia infiltrava-se pela janela. Grady havia adormecido sentado no chão duro, a cabeça caída para a direita, os músculos do pescoço enrijecidos. A

porta do quarto de hóspedes estava fechada. Ele cobriu o rosto com as mãos e se inclinou para trás.

Ela o tinha visto ali, dormindo, roncando, não havia dúvida. Deus do céu!

Precisava nadar. Ir ao trabalho. Fazer alguma coisa normal. Mesmo agindo de maneira estranha, Lucie parecia equilibrada e contente por estar em casa.

Grady gemeu e se levantou. No chão, havia um pedacinho de papel, logo em frente ao quarto de hóspedes. Foi apanhá-lo sem fazer barulho. “D A Y Y L U L U” é o que trazia escrito. Grady sacudiu a cabeça. Talvez a mente de Lucie ainda soltasse faíscas como um fio desencapado. Levou a anotação até a cozinha e colocou sobre o balcão para que ela a encontrasse ao acordar.

Depois de deixar o café sendo preparado, subiu a escada para se vestir para o trabalho e arrumar a sacola de natação. Deixaria um bilhete para Lucie com o número do celular, porque é claro que ela já não sabia mais qual era.

O que teria acontecido com o celular dela? Sua vida toda estava naquilo. Grady balançou a cabeça. Não sabia a senha. Poderia tentar rastrear os dados através da operadora, mas àquela altura parecia mais fácil deixar isso de lado. Qualquer mensagem que tivesse sido deixada para ela eram apenas fantasmas de outra época.

Uma hora depois, no escritório, Grady sentiu alívio quando a porta de segurança de vidro tornou a se fechar atrás dele. Estava a salvo. Era capaz de resolver os problemas que surgiam ali. E, sem dúvida, o dia estava cheio de assuntos que anteriormente pareciam urgentes e importantes. Agora, pareciam triviais e totalmente estimulantes. Podia encher a cabeça com suas insignificâncias e tecnicidades. As pessoas contavam com ele, e sentiu a atração que sempre sentia de deixar o trabalho consumi-lo.

Mais tarde, Grady sentou-se em seu cubículo, um raro intervalo entre as reuniões. Checou o celular – nada de Lucie. Tinha acabado de guardá-lo, quando o telefone sobre a mesa tocou. Ninguém na Boeing usava mais o telefone fixo para falar com os colegas. Sua família sempre usava o celular. Será que Lucie tinha usado o número principal da Boeing para rastreá-lo? Mas ele tinha deixado o do celular para ela.

“Alô?” Seu coração se acelerou um pouco, da maneira que costumava fazer quando ela ligava só para dizer oi.

“É Grady Goodall?” A voz de uma mulher mais velha.

Não era sua mãe, nem Donna, da contabilidade. “Ahn, sim.”

“Senhor Goodall, meu nome é Helen Dez Mãos!”

Ela estava perguntando ou contando? E tinha dito dez... mãos? “Certo”, ele respondeu.

“Bom, senhor Goodall, eu sei que isso é esquisito, talvez eu nem devesse estar telefonando para o senhor, mas achei que deveria saber que Lucie Walker é minha sobrinha. Na verdade, eu era a pessoa legalmente responsável por ela.”

A tia que Lucie detestava. “Certo”, ele tornou a dizer, relutante e ao mesmo tempo ansioso por informação. Pôs-se a procurar papel e lápis.

"Vi o senhor no noticiário ontem à noite, bom, na verdade, tenho acompanhado todo esse drama. O senhor sabe, nossa família costumava manter as coisas privadas, mas, bom, o senhor não é exatamente da família. De qualquer maneira, tentei ligar para o hospital, onde o senhor a encontrou, mas acharam que eu era alguma maluca."

"Ah", Grady disse, "mas..."

"Mas no senhor eles acreditaram." Ela soltou um ligeiro pigarro. "É claro que não foi por causa do seu jeito articulado, então, estou supondo que o senhor tivesse provas, ou então eles não deixariam que a levasse. Estou certa, senhor Goodall?"

"Está, claro", ele gaguejou. "Mas como é... como é que eu sei que a senhora é mesmo tia dela?"

"Vocês dois moram juntos, imagino? Quero dizer: vão pra cama juntos mesmo sem o elo matrimonial?"

Grady enrubesceu. "Bom, eu, ahn..." Suspirou. "Sim, senhora."

"Então o senhor conhece as cicatrizes dela tão bem quanto eu."

Grady inspirou de maneira tão abrupta que tossiu, sufocando-se com a saliva aspirada na traqueia.

"Está tudo bem, filho? Tem alguém aí que possa bater nas suas costas?"

"Não, não, estou bem." Grady sibilou, tornou a tossir, antes que conseguisse falar.

"Bom, eu sabia que aquilo era uma cicatriz, mas ela sempre diz que é uma marca de nascença."

A mulher soltou um cacarejo. "Por que o senhor não descreve pra mim, só pra eu ter certeza."

Grady fechou os olhos. "Três círculos, no alto da coxa direita. São queimaduras de cigarro, não são? Ai, Deus, eu sabia disso, mas ela sempre..."

Helen fungou, e ele ouviu o som abafado de lenço de papel.

"Como?" ele perguntou.

"Tudo o que eu sei é que ela não saiu daqui desse jeito. Aconteceu depois que foram embora. Quando eu recebi a Lucie de volta, tinha mais coisas erradas com ela do que aquilo, isso eu posso dizer."

"Quando ela voltou de onde? O que aconteceu com ela, com os pais dela e..."

"Bom, acho que isso é coisa dela, e se ela quisesse dividir com o senhor..."

"Bom, o problema é que ela não se lembra de nada, senhora Dez..."

"Mãos. E meu número é... O senhor tem um lápis? Ela está precisando da família imediatamente, senhor Goodall."

Ele anotou rapidamente o número que ela recitou às pressas, tentando arrumar um jeito de convencê-la a contar mais. "Eu sou a família dela. Acredite em mim, ninguém é mais íntimo de Lucie do que eu."

"Diga pra ela me telefonar, por favor."

A linha emudeceu. Como Lucie tinha dito, a velha senhora era mal-humorada e

autoritária, e bastante esquisita.

Grady enfiou o pedaço de papel em sua bolsa e guardou o notebook, as mãos nervosas nos fechos.

Uma boa e demorada nadada iria acalmá-lo.



Acordando num cinza suave, em vez do branco ardido do hospital, Lucie procurou um relógio, desorientada, até que se lembrou: estava em Seattle. Estava em casa, seja lá o que isso significasse.

Havia ficado acordada até tarde, tocando uma música atrás da outra, conforme elas vinham vindo até ela, presentes que se desembulhavam: jazz, clássico, rock, uma dos Beatles, ou seria de outra banda? Alguma coisa velha, ela sabia.

E depois daquela primeira frase, não houve mais palavras acompanhando as músicas, nenhum título, apenas as notas em glissando ou staccato, as progressões dos acordes e refrões. Exatamente como antes, Lucie sentiu a presença de mais alguém ao seu lado, no banco, mãozinhas sobre as notas, junto às dela. Talvez estivesse se lembrando de alguma coisa da infância, suas próprias mãos, enquanto aprendia a tocar, porque com certeza tocava bem o bastante para estar fazendo aquilo havia anos.

As letras no banco continuaram um mistério, mas, de alguma maneira, pareciam ter uma ligação com tudo. Ela as tinha anotado, para poder analisá-las.

Finalmente exausta, Lucie havia subido as escadas de volta com cuidado – como se aquele som, e não a música, fosse acordar Grady – e o encontrou dormindo no corredor. Ele tinha ficado ouvindo, uma ideia tão profunda e comovente que sentiu uma onda de amor pelo homem. Ela devia tocar para ele o tempo todo, na vida que tiveram antes, e era essa a sensação. Lucie ficou ali por um tempo, vendo-o dormir. Por que não havia descido até o porão, ao ouvi-la? Se houvesse sido antes de ela desaparecer, e ainda fosse a mulher que ele amava, será que ele desceria? Tinha a sensação de que ele achava essa nova Lucie estranha e desconcertante demais para agir com naturalidade. Suspirou. Bom, ele deveria encontrar algum conforto na música, para ficar sentado no chão duro, ouvindo até pegar no sono. Teria trazido um travesseiro, mas ele estava sentado. Teria trazido um cobertor, mas estava calor. O que ela poderia fazer para ser a Lucie que ele amava? Aquele pensamento era doloroso demais para ser pensado, então, simplesmente foi para a cama.

Naquele momento, Lucie tinha voltado a vestir a saia jeans, tendo dormido de camiseta. Quando se arriscou a sair de casa, Grady já tinha saído. Havia deixado café na

garrafa térmica, com um bilhete detalhando onde ela poderia encontrar tudo que precisasse para o café da manhã. Era um bilhete um pouco superficial até o fim, onde assinou "Amor, G". Ela sorriu e virou o bilhete de costas; era o mesmo papel onde ela havia escrito as letras na noite anterior. Ficou pensando onde é que ele o teria achado, o que pensaria que fosse. Poderia fazer mais sentido para ela quando já estivesse em casa há um tempo, quando suas lembranças comesçassem a voltar – o que tinham dito ter 90% de chance de ocorrer. Então por que pareciam tão distantes?

Lucie correu a mão pelo cabelo e suspirou. Café da manhã, depois uma ducha. Um passo de cada vez.

Evitando a aveia e os cereais ricos em fibras mencionados por Grady no bilhete, Lucie achou a ponta de um pão de doze grãos, abandonado num saco no fundo da geladeira. Torrou-o e passou por cima uma grossa camada de geleia. Talvez mais tarde desse uma caminhada pelo bairro, para achar uma quitanda; Grady havia dito que faziam as compras e resolviam todas as suas necessidades apenas a alguns quarteirões. Antes, porém, sabia que tinha de subir até o quarto principal, algo que estava evitando desde a chegada no dia anterior. Seria o lugar mais pessoal da antiga Lucie, e a nova Lucie ainda não estava segura do quanto queria conhecer aquela outra. Contudo, não havia dúvida de que precisava de roupas limpas e de uma ducha quente. Levantou-se, lambendo a geleia do dedo. Estava na hora.

Subiu os degraus nus de madeira e, no final, soltou a respiração, aliviada. Em vez da perfeição gelada do resto da casa, o quarto irradiava calor e um tom dourado, um pouco bagunçado com as roupas de Grady jogadas em uma cadeira, e a cama feita às pressas com uma colcha cor de canela. Pelas janelas que davam para o sul, jorrava luz e uma brisa fria; à distância, uma vista impressionista do horizonte de Seattle, através de um estrato marinho e folhas de árvores.

Que lado da cama seria o dela? Lucie considerou os itens sobre as duas mesas de cabeceira. Cada uma tinha um abajur, uma pilha de livros e uma foto emoldurada deles dois. Pegou a foto que estava mais perto: eles num estudo em claro-escuro. Pareciam bem, juntos, em cores opostas, vestidos formalmente em algum evento. Ambos sorriam de maneira um tanto insana. Sorrisos falsos, isso é que eram. O tipo de sorriso que se dá em ocasiões como aquela, quando alguém saca uma câmera e aponta para você.

Ela engatinhou sobre a cama para pegar a outra foto. Depois, deitou-se de costas para comparar as duas, com a consciência agradável do cheiro de Grady sobre a colcha. Então, esse era o lado dele, e sua foto havia sido tirada na cozinha, papel de parede azul florido no fundo, os dois sentados por detrás de imensas fatias de torta. Grady estava com o braço em torno dos seus ombros, puxando-a para perto. Lucie podia perceber quanto ele gostava dela. Bom, da Lucie da foto. Estavam à vontade e felizes juntos, e ela se pôs a cismar se algum dia voltariam a ficar assim.

A pilha de livros confirmava que aquele era o lado de Grady na cama: 100 anos de

voo. Lidando com projetos de aviação do conceito à concepção. Ele havia mencionado que trabalhava na Boeing. Por que ela não tinha feito mais perguntas sobre seu trabalho? Faria isso à noite.

Lucie sentou-se e analisou os livros no seu lado da cama: O poder do self; Pensamento otimizado; O oitavo hábito: da efetividade à grandeza. Pareciam um pouco secos, se não desesperados.

Abriu a gaveta de cima de sua mesa de cabeceira, e encontrou uma série de pequenos porta-trecos. Um tinha uma lixa de unha, um protetor labial, uma loção para as mãos e um tubo de lubrificante íntimo. Lucie sentiu o rosto corar. Os outros porta-trecos tinham alfinetes de segurança e botões variados, um bloquinho de papel com caneta, embalagens em miniatura de Tylenol PM e antiácidos. No fundo da gaveta, uma caixa simples de plástico chamou sua atenção. Puxou-a para fora e a abriu, revelando um brinquedo sexual de formato estranho. Era uma espécie de vibrador, cor de framboesa escura, com várias protuberâncias incomuns.

Então, pensou Lucie, sentindo-se zozza, ela era uma ordeira compulsiva e formal, com um lado selvagem. Seu rosto ficou afogueado. Sua intimidade com Grady tinha chegado a esse ponto durante cinco longos anos. Claro que tinha! Por que estava tão embaraçada? Como é que ela ia olhar para ele quando chegasse em casa mais tarde, sem pensar no que ele sabia sobre ela, mas que ela não sabia sobre ele? Sabia como ela era nua, provavelmente de todos os ângulos imagináveis. Na verdade, conhecia cada centímetro quadrado dela, como ela... bom, como ela era naquele sentido. Sexualmente. Uma coisa da qual não tinha a menor ideia sobre si mesma. Deveria chorar ou rir, ou pegar suas míseras coisas e ir embora? Tudo era louco demais – estava louca, tinha de estar, para não se lembrar nem mesmo de uma coisa assim.

Lucie deitou-se de costas na cama com as mãos sobre o rosto, o pânico no fundo da garganta. Como é que não sabia nada, nem uma simples coisa idiota sobre si mesma? Que Deus era assim tão cruel? Será que ela acreditava em Deus? Parou por um momento, percebendo que não sabia nem mesmo isso. As lágrimas afloraram, mas ela não ia chorar. Não. Nem pensar em chorar. Mas eis que estava – gostando ou não – soluçando, o abdome em convulsões. Fazia trinta e nove anos que estava viva, e daquilo tudo só se lembrava de quatro dias. Por onde tinha andado entre o dia em que desapareceu e o dia em que reapareceu? Como tinha viajado para tão longe? O que havia acontecido no caminho?

E por que não conseguia se livrar da sensação de ter deixado alguém para trás, em algum lugar, alguém que dependia dela? Imaginava que poderia ser sua tia, mas não eram próximas, Grady tinha dito. Ele parecia ser a única pessoa em sua vida agora, mas não era ele também. Por mais que a amasse e tivesse sentido sua falta, ela sabia disso.

E por que raios uma discussão com Grady poderia ter sido tão traumática a ponto de ela surtar completamente e perder a cabeça, descompensar? Tinha de ser uma baita de uma discussão, não?

O choro parou quase tão de repente quanto tinha começado. O que Grady estava deixando de contar? Tinha de haver mais coisas. Os chilikos pré-matrimoniais não faziam pessoas normais e equilibradas perder a memória. Ou ela não era normal, ou alguma coisa muito ruim havia acontecido entre ela e Grady. Será que era seguro ficar com ele? Era, ela sabia, mesmo conhecendo-o tão pouco, mas uma coisa estava clara: precisava de mais informações e não de outro psiquiatra que não sabia nada a seu respeito. As coisas que Lucie precisava saber estavam todas à sua volta, nessa casa, em gavetas, armários e arquivos. E em Grady.

Lucie enxugou o rosto na camiseta, depois a puxou pela cabeça. Ia tomar uma chuveirada. Ia encontrar roupas limpas. E, depois, ia descobrir que diabos tinha acontecido no dia em que fugiu.

PRODUTOS COSMÉTICOS SALTAVAM de cada gaveta, prateleira e armário do banheiro. A divisória do chuveiro estava entupida de xampus, esfoliantes, condicionadores e tratamentos para os pés. E ela que tinha achado que o conteúdo da bolsa estava transbordando! Será que usava mesmo tudo aquilo? Sem contar o creme de barbear, o desodorante e o creme dental, não parecia que grande parte daquilo fosse de Grady. Todos os produtos pertenciam à variedade fêmea insegura: amaciantes de cotovelos, firmadores de pálpebras, branqueadores de manchas senis, redutores de rugas. Uma gaveta tinha todos os mesmos produtos de maquiagem que ela tinha encontrado na bolsa, duplicatas exatas. E no armário de baixo, toneladas de produtos para o cabelo: loções, mousses, cremes, géis, sprays. Algum deles poderia ser de Grady, para aqueles cachos selvagens e maravilhosos? Ela tinha tão pouco cabelo, que raios iria fazer com qualquer um daqueles troços?

Depois de uma rápida chuveirada, Lucie encontrou uma loção com um perfume agradável e aplicou-a no rosto e no corpo; passou o desodorante mais feminino do armário de remédios, depois passou os dedos pelo cabelo. Ficou olhando para seu rosto no espelho. Estava começando a parecer familiar. Virou a cabeça para a esquerda, para a direita, inclinou-a para trás, depois para a frente, olhando para os próprios olhos refletidos. Tinham um verde interessante. Grady gostava dos seus olhos? Lucie suspirou e foi procurar roupas de baixo limpas.

Imaginando que a cômoda maior fosse dela, abriu a gaveta de cima, que revelou pilhas perfeitamente dobradas de roupas íntimas de seda, em tons pastel. No fundo, havia uma pilha de conjuntos em algodão misto, de uma marca esportiva. Pegou um deles. Todos os sutiãs pareciam estruturados demais e desconfortáveis, e, pra começo de conversa, ela não era tão grande. Fechou a gaveta. Cada uma das outras gavetas subsequentes estava cheia até em cima, com tudo arrumado demais e organizado, efeito

realçado pela limitada paleta de cores: bege, cinza, cáqui, algumas poucas peças brancas e pretas misturadas. Antes de fechar cada gaveta, Lucie deu uma remexida nas roupas, desarrumando-as apenas o suficiente para se sentir confortável. A gaveta de baixo tinha um vestuário esportivo – collants e calças de ioga, camisetas longas e justas, moletons com capuz. Lucie relaxou, escolhendo uma legging preta, uma camiseta branca e um moletom cinza com capuz. O dia ainda não tinha dissipado a friagem da manhã.

O closet estava tão entupido quanto as gavetas. Tinha ido procurar sapatos, mas a quantidade de itens era fascinante. Além das fileiras de conjuntos femininos e roupas executivas, havia uma arara curta de trajes sociais, vários casacos pretos, pilhas e pilhas de caixas de sapatos. Dentro de cada uma, havia um par de alguma coisa cara: sandálias prateadas de tiras, sapatilhas com pedrarias, escares básicos pretos em três alturas de saltos, vermelhos, gelo. Ao longo de uma parede, uma fileira de tênis. Lucie deu-se conta de que nem todos os itens tinham sido usados; algumas das roupas penduradas ainda estavam com etiqueta, cobertas com plástico. Atrás das roupas havia pilhas de pacotes, alguns abertos, outros não. As etiquetas de correio eram da Saks, Zappos, Designer Discount e Sephora. Era como se sua missão tivesse sido obter tanto quanto possível, sem se preocupar com o que realmente precisava. “Nossa”, sussurrou Lucie. O que levava uma pessoa a fazer isso?

Pegou o par de tênis de aparência mais gasta e enfiou nos pés, gemendo ao ver como se amoldavam. Devia tê-los usado muito, um pensamento confortante. Não tinha só andado de salto.

Lucie estava mais do que curiosa. O outro quarto que ela andara evitando era o escritório. Seria dela ou de Grady? Ou de ambos? Dirigiu-se para baixo.

Atravessando a sala, lembrou-se da noite anterior, de como os dois tinham ficado quase confortáveis juntos, vendo televisão, dividindo uma garrafa de vinho. Se não fosse pelo noticiário, poderiam ter progredido. Virou a esquina para o escritório e parou à porta.

Havia dois espaços de trabalho em cantos opostos, escrivaninhas com tampo polido, de carpintaria minimalista. Ali, os espaços de cada um eram fáceis de diferenciar. O dele era casualmente salpicado com lembranças de sua vida: fotos emolduradas de pessoas que deviam ser sua família, de compleição terrosa; aviões de papel, uma máscara de olhos quebrada (do tipo usado para nadar, ao que parecia).

A outra escrivaninha era limpa. Não tinha nada além de um notebook fininho e prateado. Lucie não sabia se devia abri-lo ou não. Em vez disso, abriu gavetas, e encontrou arquivos impecáveis, com etiquetas perfeitamente afixadas: Josh Clark, Indu Parekh, Buppha Srisai, e nomes de companhias como Google, CompuCom, InterStat, Microsoft, e, sim, Boeing. Procurou por uma ficha de Grady, mas não encontrou.

Desapontada, puxou mais gavetas, pensando se encontraria bilhetes pessoais, cartas e cadernos de endereço, ou alguma coisa que lhe contasse quem ela conhecia. Em vez disso, encontrou os mesmos porta-trecos encontrados nas gavetas lá de cima, dessa vez com

clipes, elásticos, canetas, lápis, mais lixas de unha e loção para as mãos. Atrás de tudo, muito semelhante ao que tinha acontecido com o brinquedo sexual, uma pilha de brochuras presas com elástico. Outro segredo, imaginou Lucie. Puxou-as para fora e deu uma olhada: spas de beleza, esteticistas prometendo regeneração da pele, dentistas especializados em sorrisos luminosos. E, claro, cirurgias plásticas. Alguns eram em Seattle, outros em lugares diversos: Los Angeles, até mesmo Bahamas. Lucie recolocou o elástico e devolveu a pilha à gaveta. Será que era mesmo assim fútil? Grady queria que ela fizesse essas coisas? Tentou lembrar por que valeria a pena guardar as brochuras, mas o esforço fez com que se sentisse vazia e desanimada. Parecia que nunca saberia o que pensava então, ou em qualquer outra época.

Lucie olhou para o notebook e suspirou. Deveria abri-lo ou não? O que ela tinha deixado de fazer enquanto estava fora, que deveria ter feito? Quem havia decepcionado? Que caos havia infligido à vida de pessoas?

Respirando fundo, Lucie fechou os olhos. Que importância tinha? Não havia como ajudá-las agora, um pensamento que era, ao mesmo tempo, de alívio e de dor. Ao que parecia, não tinha um celular – pelo menos, não mais. Sem dúvida, suas mensagens de telefone deveriam estar numa pilha enorme em algum lugar no éter, mensagens que nunca recuperaria, pessoas que jamais obteriam respostas.

Lucie abriu os olhos. Puxou o notebook em sua direção e o abriu. Sabia como fazer isso. Conhecía os ícones que apareciam na tela, qual era para e-mail, qual servia para navegar on-line. Conhecía os sons que acompanhavam as funções. Mas quando abriu o programa de e-mail e percorreu a lista de mensagens recebidas, não reconheceu nenhum dos nomes. Muitas eram claramente lixo eletrônico de vendas on-line, empresas de cupons de desconto. Também havia mensagens de pessoas, claro, a maioria com endereços de empresas tecnológicas. Algumas com contas do Gmail ou do Yahoo. Não reconheceu nenhuma, então, deu uma analisada nos assuntos, para ver quais deveriam ser abertos. Quem estaria preocupado? Quem havia se manifestado enquanto estava desaparecida, dizendo estar preocupado, ou que estava rezando por sua volta sã e salva? Seu desaparecimento havia sido noticiado na imprensa, nos postes telefônicos. Das centenas de novas mensagens, quem realmente estava escrevendo para a Lucie pessoa, não para a consumidora ou a recrutadora de funcionários?

“Disponível em 1º de julho.” “Currículo anexo.” “Alguma oportunidade para programador de software?” Eram de pessoas que precisavam dela para alguma coisa. Havia uns poucos “Obrigado” e um “Reenvio de fatura”. Presumivelmente, alguém não lhe havia pagado.

Em seguida, Lucie olhou as datas. Com exceção das correspondências automáticas de lixo eletrônico, nada era mais recente do que 28 de junho. Ninguém havia tentado entrar em contato com ela nos últimos dez dias. Tinham desistido, seguido em frente.

Suspirando, fechou o computador e saiu do escritório. Precisa dar uma andada. E comer alguma coisa de verdade. O mundo do lado de fora parecia muito mais atraente do

que aquele ali.



O telefone de casa tocou ao meio-dia e ninguém atendeu. A mesma coisa tinha acontecido antes de Grady sair do escritório. Agora, no vestiário da Sound Fitness, ele se sentiu à beira do pânico. Estava se esforçando para não se preocupar, não ficar obsessivo, simplesmente deixar Lucie à vontade. Talvez ela não tivesse atendido ao telefone porque ainda o considerava de outra pessoa. Ou talvez tivesse saído. Mas como é que ela saberia aonde ir? Acabaria se perdendo? Ele não se permitiria pensar na outra possibilidade – a de que ela o abandonaria de novo.

Grady já tinha vestido a sunga, o cabelo estava enfiado dentro da touca, a máscara pronta para ser posta no lugar. Será que deveria se vestir e ir para casa? Se não tivesse sido tão teimoso no dia anterior à partida dela, poderiam ter evitado toda essa bagunça. Caminhou para o armário. Precisava ir para casa.

Ao abrir a porta do armário, balançou a cabeça. Se fosse para casa agora, estaria uma pilha e de mau humor. Lucie sabia como lidar com um telefone, tinha seu número. De algum modo, ela havia sobrevivido uma semana sozinha em São Francisco. Sobreviveria a seu primeiro meio dia sozinha em casa. Suas entranhas estavam em polvorosa, mas não podia montar guarda noite e dia em cima dela. Lembrou-se de uma coisa que sua mãe disse depois que seu pai não voltara da última pescaria e suas irmãs ficaram histéricas: “Meninas, a culpa não foi nossa. Não cabia a nós mantê-lo vivo”.

Contudo, Grady, o menino, assumiu a responsabilidade post mortem, por mais irracional que isso lhe parecesse depois. Devia ter sido um filho melhor. Devia ter prestado mais atenção quando seu pai tentara lhe ensinar palavras antigas (o que embaraçava Grady em frente dos meninos da vizinhança). Devia ter prestado mais atenção quando o pai lhe mostrara como enrolar a linha no carretel, de maneira que ela não se emaranhasse quando atirada. Mas Grady não se interessara pela linha de pesca. Sua vontade era que seu pai lhe ensinasse como jogar um frisbee ou como empinar a bicicleta decrépita que dividia com as irmãs. No entanto, mesmo quando seu pai tentava, ficava claro que esse não era seu forte. Grady, inevitavelmente, caía de bunda durante o caminho ou jogava o frisbee alto e a esmo, depois tinha de ir buscá-lo na rua. Todos os garotos riam por detrás de suas cercas, dentro da segurança dos próprios quadrados salpicados de grama. Já naquela

época, Grady sabia: o pai não era culpado por aquelas falhas, a culpa era dele mesmo. Ainda podia sentir a aflição nos olhos do pai, a expressão em seu rosto, quando ele se virava para entrar em casa.

Grady fechou o armário com mais força do que pretendia, girou o disco da fechadura e atravessou descalço o chão de lajotas azuis que levava até a piscina.

A maioria dos nadadores da hora do almoço já estava dentro d'água, o rapaz mais velho com o brinco e a BMW prateada, dividindo uma raia com a mulher jovem, de quadris pesados, que sempre dizia "oi" quando passavam pela beira da piscina. Três representantes da Boeing, jovens e pretensiosos, usavam uma raia cada um, o que sempre deixava Grady puto. Nadavam praticamente com a mesma destreza e velocidade, mas nunca compartilhavam raias. As pessoas compartilhavam raias o tempo todo, principalmente quando estava cheio. Os frequentadores habituais estavam tão acostumados uns com os outros, que já nem mesmo pediam licença, apenas tomavam cuidado na hora de entrar. Grady já havia tentado entrar na raia com aqueles caras, mas eles nadavam rápido demais, ultrapassando-o, fazendo com que se sentisse velho e ridículo.

Na raia da beirada do lado oposto à entrada, um nadador solitário, alguém que Grady não reconheceu. Foi até lá, girou os braços esperando o nadador aproximar-se da parede oposta. No momento certo, fez um mergulho perfeito, sentindo o imediato alívio da submersão. Aquilo era bom; tinha sido bom ter decidido ficar e nadar.

Exatamente quando ele e o outro nadador estavam para se cruzar, Grady percebeu que o homem não estava lhe dando passagem. Seu antebraço ralou na parede da piscina, enquanto guinou para a direita, tentando se acomodar, o cloro ardendo na mesma hora em sua pele esfolada. Não havia como o sujeito não tê-lo visto, mas talvez nunca tivesse dividido uma raia antes. Não era o pior nadador que Grady já vira, mas seu jeito era relaxado.

Na ponta da raia, Grady preparou-se para o giro rápido, executando-o de maneira razoável. Talvez o dia de folga tivesse sido bom; estava nadando bem. Ao se aproximar da metade do percurso, o homem mais uma vez não se arredou do centro, levando Grady a se erguer, sinalizando com a mão para que o nadador fosse para a esquerda.

Em vez disso, o homem quase passou por cima de Grady, resfolegando um: "foda-se, Tonto,⁹ caia fora da minha raia", antes de tornar a afundar a cabeça.

Chocado, Grady tornou a estender o braço para recomeçar a braçada, mas percebeu que estava abalado e que o braço não se estendia da maneira que queria. Perdeu o ritmo, os membros viraram borracha, a respiração ficou rasa, tudo porque estava puto da vida. Quem esse cara pensava que era?

Preparando-se para a virada na parede, Grady percebeu, tarde demais, que estava fora de posição, e jogou os pés para cima e para trás com a maior força que podia, para se

corrigir. No instante seguinte, os calcanhares impactaram como duas carnudas marretas contra o deque de concreto.

A intensidade da dor surpreendeu mais do que o nadador grosseiro, mais do que o fato de que tinha feito besteira e se virado tarde demais, e puta merda, como é que ia conseguir chegar à superfície naquela agonia? A dor era indescritível, só restava a sensação de emergência, de que dessa vez ele estava realmente ferrado porque seu corpo estava se debatendo, e ele iria se afogar se não se recompusesse rápido e desse o fora da água.

Chegando à superfície, ofegou em busca de ar, nadou cachorrinho até o lado, arrastando os pés inutilizados. Se tentava chutar, sentia uma dor lhe subindo pelas pernas como adagas. O que tinha feito? Seria possível alguém quebrar o calcanhar? Grady nunca tinha ouvido falar nisso.

Enquanto se esforçava para se segurar na borda da piscina, o outro nadador passou, sorrindo ao virar a cabeça para respirar e mostrando o dedo do meio antes de desaparecer dentro da água.

“Não”, disse Grady, “nem por um cacete, não.”

O homem deu uma virada feia e sem graça no final da raia e começou a volta. O sangue de Grady manifestou-se por suas veias, grosso e agitado. Por que raios nunca revidava? Veja só o que é que isso tinha feito dele a vida toda: aleijado e se sentindo um merda.

Soltou a borda e nadou direto até o nadador mal-educado, com a adrenalina a mil, cada metro uma tortura para seus pés. Por fim, provocou uma colisão de ombros, com um golpe surdo duro, compensador, molhado. Grady investiu contra o homem, os braços golpeando como pás de um ventilador industrial contra suas costas e seus ombros escorregadios, como se estivesse tentando atravessá-lo a nado.

O homem se encolheu, afundando, depois tentou se desvencilhar dos braços agressivos de Grady, tentando voltar à superfície. Com a cabeça à tona, a máscara deslocada com os golpes, ele gritou:

“Que porra? Que porra é essa, cara?”

E todos na piscina pararam de nadar para olhar.

“Você tem de dar a porra de um espaço!” Grady sabia que estava parecendo um moleque resmungão, mas as regras eram essas. Como é que esse idiota podia simplesmente quebrá-las e escapar ileso? “Seu puto de merda!”

“Está tudo bem aí?”, a nadadora simpática gritou. Subitamente, Grady se sentiu nauseado. Submergiu, usando apenas os braços para chegar até a extremidade da raia onde permaneceu embaixo d’água, esperando que todos voltassem a nadar, mas quando subiu para respirar, o lugar estava todo em polvorosa, com os outros nadadores falando e apontando. O nadador grosseiro estava fora da piscina conversando com uma das garotas da recepção. Começaram a andar até Grady, que afundou de volta, os calcanhares pulsando

como carvões em brasa.

Olhando para cima através da máscara, pôde vê-los parados acima dele agora, os corpos se agitando e tremulando na turbulência azul. Era a loira bonitinha, que sempre dava uma toalha extra para Grady, mesmo quando ele não pedia. Ele tinha reparado para ver se ela fazia isso com todo mundo. Não fazia.

Fechou os olhos. Tinha a capacidade de ficar submerso por um longo período, como um salmão. Como seu pai, que agora estava submerso por trinta e quatro longos anos. Por que as pessoas não seguiam as regras na vida, como ficar vivo até que suas crias chegassem à idade adulta? Tipo, não esquecer completamente a pessoa que se ama e se tornar uma estranha. Tipo, dividir as merdas das raias da piscina, pelo amor de Deus.

NA ÚLTIMA MANHÃ da infância de Grady, o sol de verão andara lançando diamantes no estreito de South Puget, enquanto ele e suas três irmãs mais velhas nadavam e espirravam água perto da doca do Parque Estadual de Dash Point. Sua mãe havia levado as três irmãs mais novas para a aula de balé e ia voltar ao meio-dia para pegar os outros. Apesar de Grady só ter oito anos, seus pais confiavam nele dentro da água. Ele era pish pish, seu pai tinha dito, “peixinho”, em chinook. Grady sentia-se orgulhoso de suas habilidades, especialmente porque seu pai havia notado. Harry Goodall era um homem taciturno, que falava a maior parte do tempo do trabalho no mar e das finanças familiares, e estava sempre exausto nas poucas horas que passava em casa. Pescar era o trabalho mais difícil de todos, Grady e sua irmã sabiam, mesmo que os amigos se comportassem como se seu pai estivesse fora num cruzeiro o tempo todo, porque ele não era como os pais deles, que trabalhavam numa fábrica, no comércio ou no funcionalismo público.

Naquele dia, Grady tinha praticado ficar debaixo da água por períodos de tempo cada vez maiores, pedindo que suas irmãs cronometrassem. Mal podia esperar para contar ao pai na próxima vez que ele telefonasse.

“Eunie!”, ele gritou para a praia, onde as meninas agora estavam esticadas em toalhas. “Vou afundar! Comece a cronometrar.”

Ela fez que sim, e ele encheu os pulmões com o máximo de sua capacidade, dobrou as pernas no estilo índio e se deixou afundar lentamente em direção ao fundo arenoso. Não era uma boa coisa manter os olhos abertos debaixo da água, mas ele dava uma espiadinha, de vez em quando, na vida vegetal sombria e os peixes, e um ocasional peixe-escorpião. Seus pulmões estavam começando a queimar, mas queria bater seu recorde. Lá em cima, vozes abafadas chamaram sua atenção. Olhou através da água verde acinzentada com os olhos semicerrados e viu pessoas na doca. Acenavam para ele, pelo que parecia, então, acenou de volta. Estava quebrando o recorde, era isso, e Eunie tinha vindo correndo até a doca para cumprimentá-lo quando subisse. Depois, reparou que não

eram apenas três figuras, mas mais pessoas, todas agindo de um jeito frenético.

Tinha alguma coisa errada. Impulsionou com os pés no fundo esponjoso e disparou para cima. No entanto, estava levando muito tempo para conseguir chegar ao topo. Será que conseguiria ou ficaria sem fôlego? Por que tinha ficado tanto tempo lá embaixo? Seus pulmões pegaram fogo, e ele estava com um mau pressentimento, como se dessa vez tivesse passado dos limites. Não tinha se preocupado em deixar ar suficiente para voltar e corria o risco de morrer.

Quando chegou à superfície, resfolegando em busca de ar, viu todas as suas irmãs chorando, abraçando umas às outras, e a mãe, firme e pálida, sob o chapéu de abas largas.

“Agora saia, filho. Temos de ir pra casa”, ela disse calmamente, mas alguma coisa em sua voz fez com que Grady percebesse que também andara chorando.

“Por quê? O que aconteceu?”, ele perguntou aos trancos, ainda sem fôlego, pisoteando a água com as mãos e os pés. Não queria realmente saber, mas por que suas irmãs estavam tão transtornadas?

“Que saco, Grady, simplesmente obedeça”, ralhou sua mãe, virando-se para voltar para o carro. Difícilmente ela falava palavrão, aquilo era sério.

“Teve um acidente com o barco! Papai morreu!”, soltou uma das meninas. Grady nem ao menos sabia qual, e todas começaram a gritar e a se dar as mãos, enquanto seguiam a mãe.

Sou pish pish, pensou Grady, não um menino, nem um irmão ou um filho. Inspirou com toda a força que podia, fazendo com que os pulmões enchessem sua caixa torácica a ponto de arrebentar. Com os olhos abertos enquanto descia, observou o mundo aquático à sua volta. Aquele era o único mundo que queria – um lugar quieto, nebuloso. Poderia ter ficado lá embaixo para sempre, ali nas profundezas com seu pai, mas um corpo vindo do nada irrompeu na água em sua direção. Foi apenas quando estava bem acima dele que Grady pôde ver os grandes olhos azuis e o redemoinho de cabelos pretos de sua mãe.

9. Índio da ficção que protagonizou séries de TV, rádio e filmes da marca Lone Ranger.
(N.T.)



Lucie morava em uma rua chamada Meridian, um nome que lhe agradava. Enquanto andava, analisou os chalés e bangalôs, seus jardins e suas grandes árvores. O sol aquecia sua cabeça e suas costas, e ela caminhava sem pressa, parando ocasionalmente para olhar mais de perto uma hortênsia que começava a florescer ou para esfregar lavanda nas mãos. Pegou um graveto e o enfiou em sua bolsinha, ao lado de um maço de notas que Grady tinha lhe deixado, caso precisasse comprar alguma coisa.

Em um jardim especialmente incrível, uma mulher mais velha com um chapéu de palha podava um bordo japonês.

“Que lindo”, Lucie gritou para ela, e a mulher, asiática e bonita naquela idade, levantou os olhos, perplexa. “A forma como a senhora está podando ele”, Lucie explicou. “Com tanta leveza e abertura.”

“Então acharam você”, disse a mulher, continuando a trabalhar.

Lucie começou a suar. Claro. Os cartazes, os noticiários. Recomeçou a caminhar, mas parou no limite da propriedade da senhora e se voltou.

“A senhora me conhece?”

A mulher endireitou o corpo para olhar para Lucie, os punhos na região lombar, enquanto se alongava. “Na verdade, não”, respondeu. “Ninguém conhece você. Não é assim que prefere?”

“Não”, respondeu Lucie. “Por que eu ia preferir assim?”

“Você mora aqui há quatro, cinco anos, e esta é a primeira vez que me dirige a palavra. Imagino que seja por causa dessa história de amnésia, ahn?”

Lucie recuou um pouco. “Eu... Eu só achei que seu jardim era tão bonito que, bom...”

A mulher debruçou-se de volta ao trabalho.

Lucie queria virar e correr, mas ali estava alguém que de certa maneira a conhecia, que parecia à vontade para dizer a verdade, algo que ela suspeitava não acontecer com Grady. Lucie aproximou-se:

“Eu era uma péssima pessoa?”

A mulher levantou o olhar através dos galhos, os olhos de um surpreendente cinza-claro.

“Sério?”

Lucie deu de ombros, sem entender o teor da pergunta. Ao quê aquela senhora se referia? A ela? À pergunta?

A mulher suspirou e tirou o chapéu, saindo de detrás do bordo. Seu cabelo prateado cintilava à luz do sol.

“Deus do céu”, ela disse e suspirou. “Você não quer entrar e tomar uma xícara de chá?”

Lucie aceitou. Mesmo que aquela mulher fosse mal-humorada, Lucie queria saber mais sobre si mesma, sobre o que a mulher achava dela. “Seria ótimo, obrigada.”

O interior do pequeno chalé era arrumado com tanto capricho quanto o jardim. Cheirava a óleo de limão que, Lucie pensou, provavelmente tinha sido passado na superfície da mesa e das cadeiras de teca que transformavam metade da sala de visitas em uma sala de jantar.

“Sente-se que eu vou preparar o chá pra nós.” A mulher sorriu pela primeira vez. “Duvido que você saiba meu nome. Eu me chamo Susan.”

“Lucie.”

A mulher acenou com a cabeça. “Ah, eu sei.” E saiu para a cozinha por uma porta vaivém.

Um antigo guarda-louça embutido cobria a parede em frente a Lucie, exibindo lembranças de uma vida e de uma família: xícaras de bebês, taças de casamento, vasilhos e copos antigos, um açucareiro e uma cremeira de prata sem brilho.

Susan empurrou a porta de volta com uma bandeja que trazia copos desemparelhados com chá gelado e um prato de biscoitos açucarados.

Doces. Lucie sorriu. “Nossa, obrigada!”

Susan sentou-se em frente a ela e bebeu o chá.

“Então, amnésia, é? Como é que é isso?”

Os olhos de Lucie encheram-se de lágrimas. “É... é terrível”.

“Ai, me desculpe”, disse a mulher estremecendo. “Eu dou uma de chata quando estou nervosa. É que tudo isso é tão esquisito!”

“Tudo bem.” Lucie pegou um biscoito do prato.

“Não, falando sério”, insistiu Susan, “sou péssima com essas coisas. Você está bem? Quero dizer...”

Lucie balançou a cabeça. “Não sei. Só estou...” Ela deu de ombros. “Vazia.”

Susan estreitou os olhos. “O que acha de eu pôr você a par das fofocas da vizinhança?”

Lucie concordou. O que ela realmente queria saber era sobre si mesma, mas isso parecia mais seguro. Deu uma mordida no biscoito, deixando-o sobre a língua para saboreá-lo.

“Temos alguns personagens interessantes por aqui, como a banda de death metal que

aluga a casa dobrando a esquina. São meninos realmente bons e ensaiam no porão só até as dez, o que é simpático da parte deles, e tocam na festa anual do nosso quarteirão, onde, por falar nisso, você nunca esteve.”

Lucie baixou os olhos.

“Merda!”, Susan disse. “Merda, merda, merda. Sinto muito. Da próxima vez, pode me bater.”

Lucie sorriu. “Está bem”, ela disse, levantando os olhos.

Susan deu uma piscada e continuou:

“Nós também temos um comentarista esportivo local que vive com seu companheiro naquela casa amarela da esquina; se bem que ele diz que é só alguém com quem divide a casa e finge que tem uma namorada em San Diego. Os dois são caras ótimos e estão sempre prontos a ajudar quando você precisa mudar alguma coisa pesada de lugar. Depois, tem o velho Don Donaldson, seu vizinho, na verdade. Vive à esquerda de quem olha a sua casa da rua. Todas as crianças da vizinhança morrem de medo dele.”

“A casa grande cinza? Ela parece mesmo um pouco assombrada.”

Susan concordou com a cabeça. “Don é, vamos dizer assim, excêntrico, mas não acredito que mataria uma mosca. A gente nunca ouvia falar muito dele, até sua mulher morrer, mas agora ele fica do lado de fora o tempo todo, o verão todo, o inverno todo, gritando para as crianças manterem as bicicletas fora da grama, então, elas já nem passam mais por lá. Acho que ele só está tentando cuidar daquele lugar enorme pra que fique perfeito, do jeito que sua mulher fazia. Era uma ótima jardineira, me deu a maioria das minhas primeiras mudas. Infelizmente, pro Don, perfeito quer dizer livre de toda vida vegetal, exceto a grama e aqueles arbustos horrorosos na divisa do quintal.”

“Eu conheço o Don?”, Lucie perguntou, uma pergunta esquisita, percebeu, mas Susan fez que sim.

“Ah, conhece. Vocês dois não se dão bem, todo mundo já sabe. Seu paisagismo leva o homem à loucura porque, você sabe, as plantas ignoram os limites das propriedades. Algumas vezes, as plantas brotam do lado dele, ou se estendem pra lá. Alguns anos atrás, tentou fazer com que você derrubasse uma velha bétula, porque ela derrubava folhas do lado dele no outono, o que é ridículo. Veja bem, esta é uma cidade de árvores e folhas, certo? Então, quando você não concordou, ele foi lá de manhã cedinho e começou a serrar os galhos do lado dele.”

“Ai meu Deus”, Lucie disse, “e aí, o que aconteceu?”

“Você e seu namorado saíram correndo pra gritar com ele. Bom, você estava gritando. Acho que seu namorado só estava lá como apoio moral.” Susan sorriu como se fosse uma lembrança agradável. “Um pouco de animação pra toda a vizinhança.”

“Mas a gente tinha razão. Você disse que a árvore estava do nosso lado da divisa.”

Susan concordou. “T tecnicamente, sim, se bem que seu namorado disse a outro vizinho do outro lado da rua que você nem queria aquela árvore, só estava determinada a não

deixar que o Don a derrubasse.”

Lucie franziu o nariz e colocou o biscoito à sua frente. “Bom, isso é um pouco mesquinho.”

Susan deu de ombros. “Don não passa de um velho solitário sem nenhum amigo. Não sei como é que se vira sem a mulher. Dependia dela pra tudo. Às vezes, levo um bolo de café ou qualquer coisa pra ele, só pra dar uma olhada e ver como está passando.”

“Ele me detesta.”

“Provavelmente.”

“E a senhora também? Todo mundo?”

A velha senhora esperou um tempinho, pensando numa resposta. “Não, detestar não. Você nunca deu muitos motivos pra que a gente gostasse ou detestasse. Você... Bom, por exemplo, você corre, certo?”

Ah, as roupas de esporte. Lucie olhou para o collant e os tênis. “Acho que sim.”

“Então, tudo bem, você sai todas as manhãs, vestida de um jeito bem parecido com este, mas coloca uns óculos escuros que cobrem seu rosto, até mesmo quando está chovendo, e um boné tão enfiado na cabeça que nem sei como consegue enxergar. E corre pela vizinhança sem se dar conta de ninguém, nunca dizendo oi, sorrindo, ou mesmo acenando e cumprimentando com a cabeça, como o restante de nós. O que eu quero dizer é que nem todos aqui somos amigos íntimos, ou coisa assim, mas, você entende, a gente acusa a presença do outro, como você fez hoje. Como vizinhos.”

Ninguém gostava dela. Era uma pessoa antipática. Será que tinha algum amigo?

Ficaram ali sentadas por um tempo. Lucie suspirou. “Bom, é melhor eu ir andando.”

Susan franziu a testa. “Você estava mesmo querendo saber, certo?”

“Estava.” Lucie deu de ombros. “Estava.” Fez um aceno com a cabeça e se levantou, andando até a porta.

“Se precisar de alguma coisa...” Susan gesticulou com as mãos abertas. “Estou aqui. Vizinha.”

Lucie parou e se virou. “Bom, na verdade tem uma coisa. A senhora pode me dizer como chegar até a quitanda?”

Susan sorriu. “Sabe de uma coisa? Eu também preciso comprar umas coisas. Por que não vamos juntas?”

DEPOIS DE VOLTAR para casa, Lucie fatiou o cheddar e passou manteiga no pão para fazer um queijo quente. O mercado onde Susan a tinha levado era uma explosão de produtos coloridos e alimentos recém-saídos do forno, com um mostruário completo de chocolates chiques, grãos de café esperando para serem moídos e um balcão bem suprido de peixes e carnes. Lucie comprou o suficiente para dar vida à cozinha. Depois de comer,

iria voltar para o porão e fugar em algumas caixas. Estudaria as letras escavadas no banco do piano, daria uma procurada em busca de mais pistas. Talvez tocasse piano para ver o que acontecia. Quando tocava, parecia que as lembranças se tornavam mais próximas, quase podia sentir a presença de alguém ali com ela, alguém importante, alguém...

O toque de um telefone assustou-a. Onde ele estava? Rastreou o som até uma prateleira entre a sala de jantar e a cozinha. Limpando a manteiga e as migalhas das mãos, foi até lá e atendeu, sentindo-se como se estivesse atendendo o telefone na casa de amigos.

"Alô?"

"Oi."

Lucie ficou em silêncio. Um homem, familiar...

"É o Grady."

"Claro, eu sei. Oi."

"Estou com um problema."

"Você está bem?" Tinha alguma coisa diferente na voz dele.

"Bom, na verdade, estou no pronto-socorro. Eu, ahn... não consigo dirigir."

"Ai, meu Deus, o que aconteceu? Você tá bem?"

Ele não disse nada, mas ela podia ouvi-lo respirando. Esperou que voltasse a falar.

"Na verdade, não estou lá grande coisa, Luce", ele respondeu por fim. "Estava na piscina e machuquei os pés. Quebrei um e esfolei o outro. Não consigo guiar. Nem sei como vou andar. Não acredito que fiz isso."

"Como foi que aconteceu? Quero dizer, foi pulando ou...?" Ela o imaginou na piscina em calção de banho, mas não conseguiu imaginar seu peito. Será que tinha pelos? Será que usava uma sunga, como o homem que a tirara da água?

"Posso contar depois? Eu simplesmente extrapolei hoje..."

"Extrapolou..."

"Você se lembra de como se dirige?"

"Ah." Lucie pensou. Claro, concluiu, sentindo as mãos no volante, o pé no acelerador, a sensação de se virar para olhar sobre o ombro. Dirigir era como, o quê? Andar. Tomar banho. Passar manteiga no pão. Uma coisa mecânica. Memória muscular. "Claro, claro, me lembro."

"Tem uma chave extra do seu carro na vasilha perto do telefone. O chaveiro tem um L grande de prata. Está vendo?"

"Estou." Lucie pegou-o. "Qual é o meu carro?"

"Um Acura preto, parado em frente ao lugar onde eu parei ontem, na rua."

"Ah, sei." Ela o tinha admirado no dia anterior. "Mas como eu vou achar você?" Lucie olhou em volta, procurando um papel onde escrever.

"É só colocar o endereço no GPS." Grady lhe passou o endereço do hospital, já se

sentindo um pouco melhor.

Antes de desligarem, ela perguntou:

“A vida é sempre tão interessante por aqui?”

Ele caiu na risada, uma risada verdadeira, honesta, provocando nela uma sensação muito gostosa. Tentaria fazer isso de novo.



É claro que sua mãe ia escolher essa hora para telefonar, pensou Grady, sentado perto da janela da sala de espera do pronto-socorro, para poder ver Lucie estacionando. Apertou o botão para atender, depois desligou, esperando que sua mãe pensasse que estava numa área de conexão ruim e tentasse mais tarde. Não dava para conversar com sua família naquele momento. Seu telefone tinha vibrado com ligações de Dory, enquanto o médico e as enfermeiras cuidavam dos seus pés. Soltou um longo suspiro. A irmã mais nova tinha alguma espécie de dispositivo de rastreamento interno para ele.

No verão antes do quarto ano, um ano depois que o pai morreria, Grady tinha começado a roubar. Nada ilícito demais, só alguns furtos leves na loja da esquina, balas e cartões de beisebol – o tipo que tem dentro uma lâmina fininha de goma de mascar rosa. Depois, passou para alvos da vizinhança: as ameixas e os figos dos Shimley, uma pistola de água amarela esquecida no jardim da frente da casa dos Chen.

Foi apenas quando a senhora Helgason saiu correndo da porta dos fundos, gritando para que Grady tirasse suas mãos pegajosas de suas roupas íntimas que estavam no varal (quando tudo o que queria eram os pregadores), que ele percebeu quanto roubar era uma furada. Correu como se estivesse fugindo de cachorros e se escondeu no parque, na estrutura do playground de madeira. Ficou ali durante horas, ou assim lhe pareceu, sabendo que não demoraria muito até a senhora Helgason descobrir de onde ele vinha, com aquela pele escura. Será que já havia telefonado para a sua casa? Claro que sua mãe só ia chegar do trabalho depois das seis, mas dependendo da irmã que atendesse, a confusão poderia ser tão grande quanto.

A gangue de meninos da vizinhança vagou pelo playground, reunindo-se acima dele nas toras mais altas. Não o viram escondido lá embaixo, com o coração aos pulos. Grady resolveu esperar que fossem embora, ou corria o risco de ser chamado de “indiazinha”, ou pior, que pulassem em cima dele.

E então ouviu uma voz familiar gritando:

“Ei! Vocês viram meu irmão?”

Era Dory procurando por ele, o que não era nenhuma surpresa. Sempre que Grady estava encrocado, Dory pressentia.

“Você está falando do seu irmão retardado e veado?”, perguntou uma voz masculina.

Ih, pensou Grady, com certeza é pior do que “indiazinha”.

“Idiota”, retrucou Dory. Grady percebeu que a irmã estava se aproximando. Por algum motivo, ela achava que podia dizer coisas assim para os outros meninos e não acontecer nada. Lógico, ela tinha doze anos e estava no ginásio, mas Grady não era bobo de tentar. Mesmo que o povo do seu pai tivesse morado naquelas terras há mais tempo do que qualquer um, agora os Goodall eram minoria na vizinhança.

“Ah, é? Chupa aqui”, disse o menino para Dory, acompanhado pela risada nervosa de alguns dos outros.

“Como se eu quisesse experimentar seu treco nojento. Provavelmente é pequeno demais pra ser achado no meio de toda essa banha.” Ou seja, estava falando com Derek, o maior e pior cara do sexto ano.

“Puxa, Dory”, Grady murmurou baixinho. Se pelo menos ela tivesse passado reto, mas agora estava numa situação pior do que a dele. Grady rastejou para fora da estrutura.

Dory estava a poucos metros dos outros garotos, com as mãos no quadril, travando uma guerra de olhares com Derek, que a encarava furioso lá do seu poleiro. Levaria um tempo para descer da estrutura, pois era muito gordo, e Dory podia correr com muita agilidade.

Grady gritou:

“Só veados retardados batem em meninas, Derek. Deixe ela em paz.”

O olhar empapuçado do menino voltou-se para Grady. Naquele momento, soube que ia ser liquidado, e que ia doer. Muito.

“Corra, Dory!”, gritou, enquanto Derek e o resto do bando precipitavam-se na direção de Grady, cercando-o.

Em vez disso, Dory veio correndo para o meio deles. “Parem com isso!”, ordenou. “Deixem meu irmãozinho em paz.”

Grady sabia que ela estava tentando protegê-lo, mas só estava piorando as coisas. Agora sabiam que até sua irmã o considerava um covarde. “Caia fora daqui, Dory”, ele disse com sua pior voz. “Agora.”

A próxima coisa que sentiu foi uma boca e um nariz cheios de terra, e alguém nas suas costas esmurrando-o, enquanto era atacado por muitos outros pés e mãos. Cobriu o rosto e se enrolou numa bola esperando que aquilo acabasse.

E então pensou que talvez estivesse tendo alucinações por causa de um chute na cabeça, porque ouviu um som selvagem, como um bando de águias gritando, chegando cada vez mais perto. No entanto, os outros meninos também ouviram e pararam na mesma hora, olhando na mesma direção. Grady espiou pelo olho que ainda funcionava e as viu, suas irmãs, gritando como mouras na direção deles, com os rostos furiosos e os braços levantados.

“Que diabos?”, disse Derek.

“São aquelas índias selvagens”, disse uma menina. “Corram!”

“São só umas meninas”, disse Derek, mas como foi abandonado pelo bando, deu um último chute nos rins de Grady e se foi.

Todas as seis meninas Goodall correram até Grady, e Floss se jogou de joelhos ao lado do irmão. “Você está bem? Grady, está tudo bem com você?”

“Vamos atrás desses cuzões”, ouviu Dory dizer.

“Não”, resmungou pelos lábios inchados, mas pouco importava que Dory não pudesse ouvi-lo. As outras irmãs seguraram-na pelos braços até ela se acalmar. Depois, puseram-no de pé e espanaram suas roupas tentando fazê-lo se sentir melhor, dizendo coisas como “esses moleques não passam de uns babacas” e “caramba, você vai ficar com o olho roxo”.

Ele sabia o que estava acontecendo e detestava aquilo, detestava a proteção delas, a operação de resgate em estilo cavalaria. Contudo, desde o dia em que não quis sair da água, o dia da morte do pai, as irmãs agiam como se fossem seus anjos da guarda. Achavam que ele não conseguia se cuidar. Pior: achavam que ele poderia se machucar e, fazendo isso, machucar ainda mais a sua mãe.

Gostando ou não, dali por diante elas iam voar para o lado dele quando alguma coisa desse errado e tentar consertar a situação. Mesmo que ficasse decepcionado com alguma coisa, e tivesse toda razão para isso, elas se agitariam em volta, com uma falsa alegria nervosa, até que ele quisesse fechar os olhos e tampar os ouvidos com as mãos.

“Meninas, não se preocupem demais com o Grady”, dizia a mãe. “Ele só é sensível.” Falava como se fosse uma coisa normal, mas ele detestava essa palavra. Só porque quis ficar debaixo d’água naquele dia maldito, elas sempre o veriam como fraco demais para sobreviver por conta própria. Não entendiam nada. Não sabiam como era preciso ser forte para ficar lá embaixo, nas profundezas.

Era quase cômico, então, estar sentado no hospital número dois em três dias. Também tinha querido ficar para sempre submerso na piscina. Agora tinha sido expulso da academia onde a piscina ficava. O proprietário dissera que Grady tinha sorte de eles terem oferecido um ano de graça ao nadador malcriado, assim ele não prestaria queixa contra ninguém. Para falar a verdade, no entanto, acabar com aquele cara tinha sido tão bom que Grady não se arrependia, desejando ter sabido disso quando era criança. Se pelo menos tivesse aprendido a dar o primeiro soco e continuar batendo... Agora percebia que havia uma vantagem nisso.

Até a dor valia a pena. Tinha quebrado o calcâneo direito, o osso do calcanhar, e esfolado o esquerdo. O direito estava enfiado num aparato plástico que ia até a metade da perna. Não poderia sustentar peso sobre ela por quatro semanas. Não tinha ideia de como

evitar isso, mesmo com as muletas que lhe deram, mas uma coisa era certa: as drogas eram boas. A dor tinha decrescido de um nível de emergência para uma presença dolorosa atenuada.

O telefone de Grady voltou a tocar. Sua mãe era persistente. Fez uma careta e atendeu:

“Oi, mãe.”

“Querido, a Dory me ligou e me contou sobre essa coisa horrível que a Lucie tem, só queria que vocês soubessem que estou aqui pra ajudar no que puder. Só queria que você mesmo tivesse me telefonado.”

“É, é, eu sei.” Grady tentou pensar no que dizer. Normalmente, a ligação em cadeia das irmãs fazia com que ele deixasse de falar com todas, mas é, poderia ter ligado para a mãe. No entanto, não estava pronto para contar sobre a briga e os machucados. “Sinto muito não ter telefonado.”

“Então, como ela está? Como você está? Estou com tempo sobrando, você sabe. Poderia ir até aí dar uma força.”

“Não, não, estamos bem.” Grady sabia que isso soava esquisito. “É só que...” Ficou pensando no que dizer em seguida, observando uma mulher imensamente grávida a poucas cadeiras de distância, lutando para pegar os brinquedos do filhinho no chão. Assim que ela guardava na sacola de fraldas um dos brinquedos recuperados, a criança pegava-o de volta e o jogava no tapete. A jovem mãe sorria para a criança como se ela fosse um gênio, depois se esforçava de novo, por cima de toda aquela barriga, para reapANHAR o brinquedo.

“É que está sendo além da conta”, ele disse por fim, “tentar levar a Lucie pra casa, acomodá-la e retomar a vida normal”. Ele fechou os olhos ao falar.

“Ah, querido, sinto muito. Só estou preocupada com você, com vocês dois.”

“Bom, na verdade, eu não posso falar agora, mas basicamente estamos bem. Lucie está bem. Um pouco magra, mas comendo feito um boi, então isso não deve durar muito tempo.” Forçou uma risadinha falsa, atrapalhado com a ideia de uma Lucie gorducha, uma coisa impossível de se imaginar. “Na verdade, até já voltei ao trabalho.”

“Tão cedo? Você não deveria ficar com ela?”

“Mãe, ela tá bem. Não se lembra das coisas, mas tá mesmo bem... Sei lá. É meio esquisito ver como ela parece estar levando tudo numa boa.” Melhor do que eu, ele não disse.

“Ela vai a um psiquiatra? Dory me disse que isso é uma parte importante do processo de cura. Você não vai querer se virar com isso sem uma ajuda profissional, filho. E a Dory me disse que nós todos deveríamos pensar em maneiras de ajudá-la a se lembrar das coisas, como fotos, histórias, lugares. Por que você não vem até aqui com ela neste final de semana? Com certeza ela vai se lembrar de todos os momentos bons que passamos.”

“Bom, não acho que ela já esteja pronta pra isso.”

“Estou falando em assim que você achar que está na hora.”

“Tudo bem, claro.” Nesse momento, não havia nada que Grady quisesse menos do que submeter Lucie a todas elas. A nenhuma delas. Elas faziam a tensão entre Lucie e Grady ficar insuportável mesmo nos melhores dias. “Por enquanto, vamos ver o que acontece, tudo bem? Deixe a Lucie se adaptar à vida, a suas rotinas e ao resto.”

“Então ela também voltou ao trabalho?”

“Ainda não.” Como é que ele podia contar a sua mãe que o trabalho de Lucie e sua reputação já estavam abalados demais para que houvesse uma recuperação? Sua mãe era uma mulher antiquada, que não tinha conhecimento do mundo moderno dos negócios, da velocidade com que operava. Não sabia com que rapidez tudo poderia implodir.

O Acura surgiu no acesso circular lá fora.

“Desculpe, mãe, preciso ir. Você está bem? Está tudo bem?”

“Ah, estou bem. Fiquei catando mirtilos com o pequeno Sam hoje à tarde.” Sam tinha três anos e era o primeiro bisneto da família, neto de Eunie. A mãe de Grady adorava a tarde que passava com ele, uma vez por semana. “Dê um abraço em Lucie por mim, está bem? E diga a ela que queremos vê-la!”

“Sim, senhora”, Grady respondeu, mesmo sabendo que não diria nada disso a Lucie. Ainda não. Levantou-se, jogou a sacola por cima do ombro e foi mancando em direção à porta, pisando em um pé e um par de muletas.

Lucie já estava fora do carro com a porta do passageiro aberta. Seu comportamento estava tão parecido com a antiga Lucie em ação: a postura, o andar, os movimentos atléticos! Estava com o collant de corrida e uma camiseta, o rosto úmido de calor, e ele teve de admitir que gostava dela não produzida. Suas sardas sempre tinham sido o drama de sua existência – bem, um dos muitos –, e vê-las espalhadas como diversas estrelas por suas faces e seu nariz era como ver uma nova Lucie. O que, é claro, ela era. E, nossa senhora, ela não estava de sutiã. Se Grady não estivesse de muletas, poderia ter desmoronado pela surpresa e pelo súbito desejo.

“Oi”, ele disse, sentindo-se tão envergonhado quanto no dia em que a tinha conhecido. “Quer dizer que você consegue dirigir.”

Ela deu de ombros. “Até aqui tudo bem.”

Ele deu uma risadinha, e ela sorriu, depois pegou a sacola dele e as muletas e as enfiou no banco de trás.

“Você consegue, ahn, se virar aí?” ela perguntou, rondando e olhando enquanto ele se abaixava em uma perna, a outra se esticando para fora, tentando entrar no carro.

Tudo o que conseguia ver eram os seios dela movimentando-se contra o tecido fino da camiseta, como ovos cozidos, a umidade reluzindo na reentrância da garganta. Como é que bem naquela hora ele podia ter uma ereção? Resmungou que estava bem, esperando que Lucie fosse para o lado do motorista e entrasse, para que ele pudesse se ajeitar de uma maneira decente.

Enquanto se esforçava para pôr a perna com a bota para dentro do carro, ela se

ajoeilhou no chão para ajudar.

"Por favor, não", ele disse, e ela olhou para ele, os olhos um jade claríssimo sob a luz clara do dia.

"Que foi? Estou machucando?"

"Não, não, estou bem. De verdade. Já consegui."

Pareceu desanimada, mas se levantou e deu a volta no carro para entrar. Grady lutou com o pé por mais um tempo, agradecido às drogas que permitiram que o colocasse para dentro, sentindo-se apenas levemente nauseado. O calor vinha aumentando ao longo do dia, e agora ele se sentava em um carro preto, no asfalto preto, a camiseta já ensopada pelo curto período em que ele tinha estado ao ar livre.

Lucie ficou sentada em silêncio no banco do motorista, sem dar partida no carro.

Por favor, ele pensou. Simplesmente ligue o ar-condicionado e me leve pra casa.

Ela se virou para olhá-lo. "Você vai me contar o que aconteceu?"

"Depois", ele retorquiu bruscamente, sabendo como aquilo soava, mas precisava mesmo ir para casa antes que acabasse vomitando ou desmaiando. "Quer dizer..."

"Entendi", Lucie disse. Soou furiosa. "Como é que eu chego em casa?"

"Primeiro, você tem de ligar o carro", ele disse, sentindo-se com direito ao sarcasmo. "Depois, escolha Casa no GPS."

Ela suspirou e deu a partida, o ar frio jorrando do ventilador. Grady recostou-se e fechou os olhos enquanto ela saía do estacionamento. Não achava que fosse dormir, mas de repente estavam em frente à casa, Lucie ao lado de sua porta. Ela já trazia sua sacola a tiracolo e ficou observando enquanto ele se safava do carro; depois, lhe entregou as muletas. Ele sabia a sorte que tinha por ela não ter se desabalado pela calçada, deixando-o se virar sozinho, como teria feito em sua vida anterior.

"Sinto muito", ele disse, com uma intenção nova, desconhecida. Antes, aquilo sempre havia sido uma resposta automática, mas agora ele lamentava de fato seu comportamento. "Não quis ser um imbecil."

Ela olhou-o de soslaio, depois deu de ombros. "Então que tal não ser?"

"Certo", ele concordou.

Ela não parecia exatamente brava. Lucie o seguiu enquanto ele se esforçava para alcançar a casa. Depois, pegou sua chave e abriu a porta. Agora era ela quem estava no controle total, mas não no seu velho estilo. Não controlando, de fato, mas cuidando dele. Cuidando dela mesma, ainda que em circunstâncias tão difíceis.

Grady passou as muletas pela soleira, lançando o corpo para dentro. Estava puto demais para prestar atenção quando lhe explicaram como usar as muletas, e agora, por engano, ficava pondo pressão no pé quebrado. Se não se ajeitasse rapidinho, achava que poderia desmaiar de dor.

"Você pode me ajudar a chegar até a minha cadeira?", ele pediu, com gotas de suor sobre o lábio.

Ela colocou a sacola dele no chão, pegou a muleta do lado ruim e passou o braço em torno da sua cintura. O braço dele rodeou seus ombros, e ela se mostrou forte o bastante para mantê-lo firme enquanto ele claudicava. Depois, abaixou-o até a poltrona de couro. Novamente, Lucie ajoelhou-se à frente dele, e ele deu uma respirada rápida. Ela estava simplesmente levantando seus pés até o otomano, com delicadeza.

“Machuquei você?”, ela perguntou, e ele sacudiu a cabeça. “Você precisa me contar as coisas”. “Um monte de coisas. Tudo.”

Se ao menos pudesse, Grady pensou. Se ao menos pudesse dizer: “É que ver você olhando pra mim desse jeito me desarma”. Não podia, não para essa pessoa que poderia ou não voltar a amá-lo. Não tinha lhe ocorrido, quando a encontraram, que eles teriam de começar tudo de novo, desde o primeiro dia, como totais estranhos. Suas pálpebras ficaram pesadas, sua mente enevoou-se.

“Ontem à noite, você poderia, por exemplo, ter me dito que esta era sua poltrona”. “Eu a monopolizei a noite toda.”

Os olhos dele fecharam-se, mesmo querendo continuar olhando para ela. “Você estava bonita nela”, ele murmurou, escorregando para um lugar vazio e pesado. Imaginou ter ouvido Lucie sorrindo.



Grady destilava um cheiro remanescente de cloro, e seu cabelo tinha secado de um jeito engraçado e aplainado no alto da cabeça. Lucie sentou-se no otomano, analisando-o, enquanto o analgésico o punha a nocaute. O que quer que tivesse acontecido na piscina, havia sido pior do que um simples acidente e um pé quebrado, ela tinha certeza. Ele parecia abatido por causa de alguma coisa, talvez por tudo.

Será que pelo menos ela era boa para ele? Se fosse essa pessoa que estava começando a entender que era, por que teria querido se casar com ela? Sua cabeça doía ao pensar em todas aquelas mercadorias estocadas no closet, sem uso, sem necessidade, sem devolução. Sentiu-se enjoada com a descrição que Susan tinha feito dela, correndo pela vizinhança sem olhar ou cumprimentar ninguém. E saber que a velha poltrona de couro era de Grady confirmou seu pior medo. Era ela a responsável pela decoração da casa. A maioria das coisas do porão era de Grady. Ele havia dito que o casaco poderia ser de sua tia ou de sua mãe. O piano, porém, o piano tinha sido dela. Tinha a sensação de que passara a vida toda o tocando. O resto dos guardados era de Grady, antes dela, tudo empacotado e esquecido, e Lucie se pôs a pensar por que ele gostava dela, afinal.

Inclinou-se para a frente e pressionou a mão na coxa esquerda de Grady, que era só músculo. A respiração continuou inalterada, mesmo quando ela aumentou a pressão. Ele estava ausente. Parecia tranquilo, sem dor, sem preocupações sobre o que quer que o incomodava tanto.

Grady tinha uma história, uma família, um filho. Será que se sentia triste por não estar com o menino? Pensou novamente sobre as mãozinhas, imaginando que talvez o garoto tivesse vindo para uma visita.

Lucie acalmou-se olhando para Grady. Perguntou-se se teria sentido atração primeiro por sua aparência, ou teria apreciado sua bondade, tanto quanto o fazia agora. No entanto, a beleza era inegável. Pele dourada, rígida e macia sobre a estrutura de maçãs do rosto firmes, nariz comprido e testa alta. Os lábios eram de um tom mais escuro de madeira, o inferior cheio e musculoso. Ela havia beijado aqueles lábios, aquele rosto. Desejou poder se lembrar disso. Suas mãos haviam acariciado aqueles ombros largos e, provavelmente, se emaranhado em seus cabelos naqueles momentos que ela quase sentia agonia em pensar,

agora que tinha tido sua tomada de consciência naquela manhã.

Aproximando-se um pouco, Lucie esticou-se para desabotoar o primeiro botão da camisa azul-marinho, uma variante da branca que ele tinha usado um dia antes. Ele não se mexeu, então ela desabotoou o seguinte, com o coração aos pulos. Precisaria de mais um botão para descobrir o que estava querendo, e nesse ele se mexeu, mas não a ponto de acordar. Então pôde ver: o peito dele era salpicado de pelos escuros, uma cobertura suficientemente esparsa, onde a pele aparecia mais do que os pelos. Se antes ela não conseguia imaginá-lo nu, agora conseguia deduzir o resto. Bom, pensou, a maior parte do resto. Não era tão atrevida, ainda que parecesse injusto que ele conhecesse tão bem o seu corpo.

O arranhão que atravessava o pescoço de Grady era fino no queixo, em sua maior parte uma cicatriz rosada, depois apresentava uma crosta que seguia para a pele macia do pescoço. Tinha sangrado muito quando tinha acontecido, mas agora estava quase sarando. Novamente, estremeceu ao vê-la. Como é que aquilo tinha acontecido?, ela se perguntou, querendo tocá-la, curá-la.

Lucie sabia que deveria fechar a camisa dele, mas afrouxou o lado direito, abrindo-a mais, expondo um músculo peitoral bem formado e um mamilo escuro perfeito. Engoliu em seco e acenou com a cabeça. Tudo bem, já chega, pensou, mas deixou que os dedos roçassem o mamilo enquanto fechava a camisa, satisfeita por vê-lo intumescer sob o toque.

PARADA NO QUARTO de Grady – no quarto deles –, Lucie se perguntava se seria errado vasculhar tanto. Tinha se sentido como um antropólogo ao remexer as próprias coisas, mas agora que voltara a atenção para Grady, poderia estar beirando o território de um voyeur. No entanto, subitamente precisava saber tudo sobre o homem. As roupas em sua pequena cômoda eram todas daquele tipo descontraído de algodão que estivera usando nesses dias, folgadas e confortáveis, mas não desmazeladas, em tons de azul e verde, bege e marrom; uma paleta de água e terra que ela apreciava muito. Após certa hesitação, abriu sua gaveta de roupas íntimas, sabendo que era uma atitude adolescente, mas com a mesma sensação que tivera antes, de que precisava se inteirar, de alguma maneira, do que fosse íntimo entre os dois.

Numa bagunça, suas cuecas boxer pareciam macias e confortáveis. Lucie pegou uma azul e despiu seu collant e sua roupa de baixo. Depois, vestiu a cueca. Embora ele fosse mais alto, o quadril era estreito. A cueca adaptou-se a seu próprio quadril e ficou folgada e confortável na parte superior das coxas. Será que Grady sentiria sua falta, se ela não a pusesse de volta na gaveta? Havia, fácil, quinze cuecas ali; Lucie achou que não. Depois de fechar a gaveta, jogou suas roupas em um cesto de roupa suja junto à parede, onde elas

se misturaram com as peças de Grady: a camisa do dia anterior, a cueca preta, uma camiseta enorme e batida, com buracos junto às costuras. Uma roupa que usava para dormir talvez? Pegou a camiseta e a apertou de encontro ao rosto, sentiu o cheiro, depois a jogou de volta no cesto. Espalhando-se umas sobre as outras, suas roupas sujas pareciam felizes juntas.

Dentro do closet, puxou do cabide um camisão de linho para usar, depois examinou as três paredes de roupas com mais atenção. Grady tinha, de fato, uma arara pequena para suas camisas sociais, suas calças e dois ternos. Era um minimalista. Por necessidade?, conjecturou. A antiga Lucie tinha deixado tão pouco espaço para ele naquela casa!

Lucie desceu a escada com cuidado, querendo não fazer barulho por causa de Grady, querendo que ele preenchesse os espaços que ela ocupara antes. Alguma coisa estava acontecendo dentro de si, que ela não entendia muito bem. Estaria se apaixonando por um estranho pela primeira vez, ou se lembrando dos sentimentos passados? Ou estaria simplesmente desesperada por uma ligação, sendo ele sua única opção?

Grady não tinha se mexido. Lucie inclinou-se para ouvir sua respiração, para ter certeza de que ele não tinha tomado uma dose exagerada de analgésicos. Ele suspirou e se remexeu na poltrona, as mãos agitando-se no espaço até que se acomodou com a cabeça inclinada para o lado dela. Lucie levantou-se, afastando-se para não se sentir tentada a tocá-lo de novo.

A bolsa dele ainda estava jogada perto da porta de entrada. Lucie apanhou-a e a levou até a mesa de Grady no escritório. Espiar dentro ou não? Suspirou e abriu o fecho, virando a aba para trás. Não, ela pensou, não era certo.

Em vez disso, observou as fotos pregadas no quadro de avisos. Uma era parecida com aquela dos dois comendo torta, mas mostrava um grupo grande de mulheres de meia-idade em torno de uma mesa, todas rindo ou conversando. As irmãs dele, imaginou. Pele escura como a de Grady, pareciam sem sombra de dúvida menos em forma do que ele – mais arredondadas e, bom, felizes. Uma mulher mais velha muito menor estava ao fundo, com um birote de cabelos brancos no alto da cabeça. A mãe. Pela maneira como ele falava dela, Lucie teria imaginado que era alta e forte, uma mulher mais jovem de, digamos, sessenta e cinco anos ou coisa assim. Grady, porém, era o caçula de sete. Claro que ela teria de ser mais velha. E tinha a pele clara. Grady havia dito que era americana de origem irlandesa.

Lucie queria conhecer essas pessoas. Pareciam uma companhia divertida, mas o que era mais intrigante: pareciam unidas, eram uma família. Tirou o percevejo que prendia a foto no lugar, decidindo guardar a foto em sua bolsinha de pistas, da qual tirava coisas e as examinava. Estava tentando construir um mapa itinerário para seu cérebro, uma trilha de pessoa para coisa para sensação para memória. A essa altura, não sabia o que mais poderia fazer. Não tinha vontade de ir a um psiquiatra – isso era certo. Esperava que nunca mais tivesse de ir a um hospital ou a um médico e se encolhia só de pensar nisso.

Havia apenas dois dias que Lucie estava em casa, mas mesmo assim, estranhava que Grady não tivesse mencionado ninguém que quisesse vê-la ou falar com ela. Será que não tinha mesmo nenhum amigo? Conhecidos? Se havia feito parte do grande clã de Grady, como ele disse, porque todas elas não estavam ali para lhe dar as boas-vindas? E mesmo que detestasse sua tia, é lógico que ela ficaria feliz em saber que Lucie estava bem, não ficaria? Ou será que nem tinha sabido do seu sumiço?

Suas interrogações aumentavam, incluindo o fato de como Grady teria quebrado o pé enquanto nadava. Se pelo menos conseguisse descobrir como conversar com ele de maneira que o ajudasse a relaxar e contar para ela coisas que precisava saber, talvez então começasse a se lembrar por conta própria. Sabia que não devia bisbilhotar, mas, àquela altura, parecia mais produtora do que ficar esperando.

Olhou atrás dela para a porta aberta e tirou o notebook dele da bolsa. Era um monstrengo comparado com o equipamento elegante em sua mesa. O dele parecia gasto e rodado. Será que viajava muito? Será que passavam muito tempo separados? Teria sido esse o problema?

Abriu a tampa. Fechou-o rapidamente ao som alto que emitiu. Ela nem mesmo saberia o que procurar em seu computador.

A bolsa estava, além disso, cheia de pastas de manilha que guardavam maços de papéis variados, várias anotações e esboços, canetas com a ponta mastigada. Lucie viu sua mão entrar na bolsa, depois tirar folhas a esmo: um bloco da Boeing com uma lista de tarefas escritas em linguagem de engenheiro; um recibo de sessenta e quatro dólares da Dog & Pony Alehouse; um post-it azul que trazia na mesma caligrafia da lista de coisas a fazer: "Helen 10?" e um número de telefone.

O coração de Lucie bateu duro dentro do peito, e seu cabelo se arrepiou no couro cabeludo e na nuca. Isso era uma coisa ruim, ela sentia, mas o quê? Com certeza ele não estava indo ver outra mulher, não parecia ser esse tipo de homem de jeito nenhum. As mãos dela tremiam ao enfiar os papéis de volta na bolsa. Afinal, o que estava procurando? Uma prova de que haviam tido problemas?

Um telefone tocou em algum lugar da casa. Lucie apressou-se a encontrá-lo, antes que ele acordasse Grady. Era o celular dele, sobre a mesa da entrada. Pegou-o tentando entender como desligar o toque e viu "MF Goodall" no visor. Uma das irmãs, mas ela não conseguiu se lembrar do nome delas. Tudo o que sabia é que não era simplesmente Megan ou Molley, eram nomes incomuns – não exatamente exóticos, mas bem inesperados. MF, ela pensou, MF. Merdafoda Goodall, talvez? Lucie fez um muxoxo, levemente envergonhada, e encontrou o botão certo para silenciar o telefone.

À HORA DO jantar, ela finalmente o acordou. Grady voltou à consciência, surpreso, os

olhos vasculhando o cômodo.

"Fiz um pouco de sopa", Lucie disse. "Está com fome?"

"Você sabe fazer sopa?" Ele bocejou.

"De lata, eu sei. Quer que eu traga aqui?"

"Uau, claro." Ele se remexeu na cadeira, colocando o pé imobilizado numa nova posição.

"Quer um travesseiro? Mais analgésico?" Lucie virou-se em direção à cozinha.

"Seria... ótimo." A voz dele estava esquisita; ela se voltou.

"O quê?", perguntou.

"Você não precisa cuidar de mim. Quero dizer, se não quiser."

"Você preferiria que eu...?"

"Não! Não, estou dizendo que..."

"É só uma lata de sopa. Só pensei..."

Grady cobriu os olhos com as mãos. "Obrigado por cozinhar pra mim. Obrigado por ter ido me buscar hoje. Obrigado por estar..." Ele suspirou e descobriu os olhos. "Obrigado por estar aqui. Na verdade, é só isso que eu quero dizer."

"De nada." Por que ela se sentia tão tímida?

"Sinto muito mesmo por ter sido um cretino mais cedo."

"Tudo bem. Você passou por uns maus bocados, certo?" Ela deu de ombros e foi buscar o jantar. "Alguém ligou no celular, enquanto você dormia", ela gritou sobre o ombro.

"Amanhã", ele respondeu, "amanhã eu dou uma olhada".

Passaram uma noite semelhante à primeira, sentados em frente à televisão, quietos, mas sem vinho, enquanto Grady lutava contra os remédios para conseguir permanecer acordado, assistindo a uma série atrás da outra.

Quando precisou ir ao banheiro, esforçou-se para se levantar, e Lucie, dessa vez no sofá, ficou ao lado dele tentando ajudar. Ficou claro, pelo menos para ela, que Grady não conseguiria subir para o quarto naquela noite. E se ele resolvesse dormir no quarto de hóspedes? Com ela? Seu rosto se acalorou. Estava usando a cueca dele sob o vestido. Talvez fosse melhor ficar com o quarto de cima.

Às dez, Grady suspirou. "Preciso ir pra cama. Estou acabado."

"Tudo bem", Lucie disse, levantando-se para ajudá-lo. "Estou um pouco preocupada com você e esses degraus."

"Vai dar certo", ele disse, "só preciso ir devagar".

Ela afastou o otomano do caminho, para que ele pudesse se locomover pela sala até a escada. Grady parou lá embaixo e olhou para cima. Estreita e íngreme, com o verniz dos degraus de madeira reluzindo à meia-luz.

"Merda", ele disse, com os ombros desmoronando em cima das muletas.

"Você pode dormir no quarto de hóspedes", disse Lucie. "Vai ser muito mais fácil, não acha? Por enquanto?"

“Acho que sim”, ele disse. “Então, você vai ficar lá em cima no nosso... quarto?”

“Claro, posso dormir em qualquer canto.” Ele nem mesmo tinha considerado a possibilidade de dormir com ela. Não que ela quisesse, mas... Bom, seria gostoso se ele quisesse.

“Então, está bem. Boa noite.” Ele virou as muletas para o corredor e começou uma passada lenta e oscilante em direção ao quarto de hóspedes.

“Precisa de ajuda?” Por favor, Lucie pensou.

“Estou me virando”, ele disse. “Obrigado por tudo hoje.”

“Tudo bem.” O que ela estava esperando?

Ele parou e fez um esforço para se virar com as muletas e olhar para ela. “O quê?”

“Você pelo menos pode me contar o que aconteceu?”

“O que acon...”

“Seu pé.” Ele pareceu tão perturbado que desejou tê-lo deixado em paz.

“Eu estava tentando fazer uma virada. Sabe quando você dá uma espécie de cambalhota?”

Lucie deu de ombros. Não fazia a mínima ideia.

“Bom, me atrapalhei com o meu timing. Muito. Meti os calcanhares na beirada da piscina.” Ele se encolheu ao contar. Disse que tinha sido um dia para lá de ruim, e ela sabia que a história não acabava aí, mas concordou.

“Obrigada”, ela disse. “Só queria saber.”

Depois que estava na cama lá em cima, Lucie ficou um bom tempo acordada, com os dedos percorrendo o elástico da cueca de Grady em torno do seu quadril. Tinha tido vontade de conversar mais, mas ele não estava disponível para isso, considerando a dor, os remédios, o dia traumático. Queria perguntar: Por que você não me conta nada? Por que sua família está se mantendo à distância? Onde estão meus amigos? Todo mundo me detesta? Você me detesta também, mas agora se sente coagido?

Rolou na cama, deslizando para o lado de Grady. O travesseiro dele era mais macio e mais confortável. E tinha o cheiro dele. Lucie suspirou. Deveria telefonar para aquela Merdafoda Goodall? Estava quase dormindo, exaurida pelas questões repetitivas, quando uma pergunta nova despertou-a de um susto: Quem era Helen? O nome era quase familiar. Uma colega de trabalho dele? Alguém que os dois conheciam? A razão de sua fuga, talvez? Suspirou exasperada. Aquilo teria sido realmente uma razão para amnésia?

Soltou um gemido, determinada a parar de pensar no assunto. Afinal de contas, Grady tinha ido buscá-la, devia querê-la de volta. Apertou o travesseiro dele sob o rosto, esticou um braço em direção à beirada da cama, como teria feito se estivesse deitada ao lado dele, para fazer contato antes de dormir, e esperou o sono chegar.



Passaram-se dias, depois uma semana, e mais outra. Desenvolveu-se um ritmo. Grady acordava no quarto de hóspedes ao som de Lucie na cozinha fazendo café, pegando as vasilhas de cereais. Essa Lucie parecia tão caseira, fazendo arranjos com flores naturais do jardim de sua nova amiga Susan, querendo cozinhar o tempo todo, mesmo que não se saísse melhor do que antes. Isso surpreendeu Grady – havia tanta coisa mudada nela, que ele tinha pensado que talvez isso também mudasse. E as perguntas! Fazia uma pergunta atrás da outra, sobre o passado deles, sobre ele, sobre ela, mas perguntas inofensivas, superficiais, como se estivesse dando voltas ao redor de alguma coisa. Será que de algum modo ela sabia, bem lá no fundo, que tinham estado à beira de se separar antes de ela fugir?

Às vezes, ele acordava com o piano no meio da noite, mas ela nunca mais tocou a música do casamento deles. Os convites continuavam nas caixas da sala de jantar, e, oficialmente, já havia passado da época de serem postados. Ainda bem que não haviam sido enviados antes de ela fugir, Grady pensou, mas sua presença era marcante ali onde estavam. Será que iriam mandá-los antes de ser tarde demais? O casamento seria a menos de seis semanas, e eles ainda não haviam conversado sobre isso. Ele nem mesmo sabia como tocar no assunto.

Outra coisa que ele não sabia como abordar era a psiquiatra a quem Lucie ainda não tinha telefonado. Sabia que deveria insistir, mas ela parecia estar se saindo tão bem – por que tornar a deixá-la triste? Por que incentivá-la a se lembrar de coisas que a tinham abalado tanto? A mesma coisa valia para a tia. Por mais que Grady soubesse que Lucie queria descobrir sobre sua família, ele detestava submetê-la a algo que a faria se lembrar do passado exatamente naquele momento. Haveria tempo para a tia, tempo para a psiquiatra, mais tarde. Depois que ela tivesse se estabelecido e se acomodado àquela nova vida.

Grady checava as mensagens do telefone fixo constantemente, respondendo às chamadas dos escassos repórteres, incluindo a persistente Ann Howe, em São Francisco. Decidida a registrar o reencontro deles passo a passo, deixava uma mensagem atrás da outra perguntando quando seria o casamento; queria continuar o conto de fadas. Grady, no

entanto, sabia que a última coisa de que precisavam, ele e Lucie, era de pressão, então, disse a Lucie que eles nunca atendiam o telefone, simplesmente deixavam-no tocar, porque sempre era alguém vendendo alguma coisa, o que na maioria das vezes era verdade. Todo mundo usava o celular. Lucie considerou aquilo razoável e só atendia quando o número dele aparecia no identificador de chamadas.

Grady ficou espantado de ver que de todos os contatos que Lucie havia feito, de todas as pessoas que havia ajudado a arrumar trabalho, ou bons funcionários, ninguém havia telefonado para lhe desejar bons votos. Lógico, provavelmente só conheciam o número do seu celular.

Haviam se passado quinze dias desde que ele tinha ido nadar pela última vez. Grady não conseguia se lembrar da última vez em que havia passado tanto tempo em terra firme, sem escapatória. Um peixe fora d'água, pensou, com uma nova percepção da frase.

Estava trabalhando em casa, no escritório, um cômodo que Lucie já não tinha interesse em ocupar; antes, aquele tinha sido seu principal lugar. Era difícil tirá-la de lá, na verdade, mesmo para comer comida tailandesa entregue em casa – sua favorita – ou para sair de casa num agradável final de semana. Ela trabalhava sozinha e se preocupava com o trabalho como se fosse seu bebê.

Lucie já não saía para correr todas as manhãs, mas dava longas caminhadas pelo bairro, encontrando alguém novo, pelo que parecia, em cada esquina. Um dia era a barista do Zoka, na Fifty-Sixth, no outro, era a florista na Forty-Fifth. Batia longos papos, descobrindo o que fosse de mais pessoal em cada um, o que compartilhava com Grady durante o jantar. Colecionava detalhes pessoais, não tendo nenhum de si mesma. Era quase como um detetive em tudo que fazia, guardando suas anotações e seus pedaços de papel na bolsinha colorida que trouxera do hospital. Seu próprio cartaz de “procura-se” provavelmente ainda estaria lá.

E sempre, sempre, ele sentia que ela queria algo mais dele, mas não como antes. Não queria que ele se vestisse ou se comportasse de determinada maneira. Queria informações, detalhes pessoais, mas não estava apto a satisfazer esses desejos. Não havia nada a seu respeito que fosse tão interessante ou tão fascinante como a trágica vida amorosa da barista, ou a carreira pregressa da florista como executiva corporativa antes da derrocada econômica. Grady queria contar a Lucie: sou um tédio e não era nada antes de conhecer você, nunca vou entender o que você viu em mim há cinco anos. Agora, o mistério nunca seria desvendado, e Grady ainda achava difícil entender que ela continuasse nesta vida, depois de ter escapado dela tão completamente.

Numa noite, enquanto comiam peito de frango e purê de batatas salgado demais em frente à TV, Lucie perguntou:

“Você tem saudade do seu pai?”

Grady só conseguiu piscar para ela e mastigar. Engoliu e depois respondeu:

“Claro.” Era tácito que se alguém morresse, especialmente seu pai, você sentiria

saudade, certo? "O que você quer dizer, se eu sinto saudade todos os dias?"

Ela deu de ombros e mordeu o lábio. "Não deveria ter perguntado?"

"Não, claro que você pode perguntar", ele respondeu e deu um grande gole no vinho. Ele nunca tinha conversado sobre seu pai, a não ser com suas irmãs e sua mãe.

"Como foi que ele morreu?"

Ela estava inclinando a cabeça para ele, daquela maneira nova que fazia, direta e inocente ao mesmo tempo. Ele tinha feito a mesma pergunta para ela tantas vezes, a respeito dos pais dela, mas antes ela nunca tinha perguntado a ele sobre suas particularidades. Esta Lucie queria saber.

Grady concordou com a cabeça, juntando seus pensamentos.

"Todo mês de julho, ele trabalhava com uma frota comercial que ia para o Alasca. Havia uma grande subida dos salmões ali, dava pra ganhar muito dinheiro, e, você sabe, ele tinha sete filhos, muitas bocas pra alimentar. Ele ficava o mês todo fora." Grady fez uma pausa, suspirando. "Era a semana em que ele deveria voltar, mas, bom, eles bateram nuns destroços ou coisa parecida, e perderam o leme. Começou a entrar água. Acho que o barco afundou em coisa de dez ou quinze minutos. Saiu em todos os jornais. Trinta e um caras sobreviveram. Dez não. Eles nunca acharam o meu pai." Essa era a parte que sempre o pegava por alguma razão, que seu pai estava sozinho lá embaixo. Tão frio.

Lucie balançou a cabeça e pegou na sua mão. "Sinto muito."

Poderia ter terminado aí, mas agora era uma bola de neve; estava vendo aquele dia: a doca onde nadavam, as meninas na praia tomando sol. A maneira como estava se sentindo antes de descobrir. A maneira como se sentiu depois.

"Eu estava nadando com as minhas irmãs naquele dia, e não queria mais sair da água." Fez uma pausa e continuou: "Sabe lá na piscina, quando quebrei o pé?"

Lucie fez que sim. Por que ele estava contando essa parte? Ela nunca tinha perguntado.

"Foi a mesma coisa. Eu estava tentando me esconder ou coisa assim, ficar debaixo d'água."

"Esconder do quê?", ela perguntou. "Quero dizer, na piscina."

"Eu fiz merda, Luce." Ele apertou os lábios e continuou: "Eu parti pra briga com um cretino na piscina".

As sobrancelhas dela ergueram-se. "Você..."

"Parti pra briga. É. Comecei uma briga com esse cara que estava sendo um idiota e perdi, eu..." Ele sacudiu a cabeça.

Ela se inclinou. "Eu tinha acabado de chegar em casa, Grady, você estava estressado." Deu de ombros. Não tinha pensado nisso.

"Por que você saiu, enfim?", ela perguntou. "Da piscina."

"Por que eu tinha de respirar?" Ele balançou a cabeça e deu risada, e ela riu junto.

"Boa ideia", ela disse. Depois tornou a inclinar a cabeça. "Por que você saiu da água

depois que seu pai morreu?”

Grady ficou com os olhos marejados. “Minha mãe. Ela pulou lá dentro e me tirou. Senão, não sei se eu teria saído.” Como é que ele pôde ter feito isso com a mãe? Como pôde ser tão egoísta?

“Ela precisava de você”, disse Lucie, apertando sua mão. Depois se levantou. “Ela não podia perder vocês dois no mesmo dia.”

Grady observou enquanto ela limpava os pratos. Estaria falando por experiência, de memória? Ela tinha perdido os pais – era sobre isso que estava falando? Mas não estava demonstrando nenhuma perturbação. Apenas a curiosidade sem fim.

“E o seu filho?”, ela perguntou, voltando para seu lugar. “Você sente falta dele?”

Grady retorceu-se na poltrona de couro. Tinha pensado que aquilo era o fim, depois de ter revelado tanta coisa, mas talvez fosse bom pôr tudo para fora de uma vez. “Bom, claro. É, sinto.”

“Você vê ele? Já viu?”

“Quando ele nasceu, no hospital.”

Grady lembrava-se de anos antes, espiando no vidro do berçário, preocupado que os furiosos (e brancos) Vountclair e o encontrassem ali e fizessem com que fosse posto para fora. Havia precisado limpar o vidro, embaçado com sua respiração, e lá estava o bebê: uma trouxinha, um tufo de cabelos negros e selvagens, um rosto zangado e vermelho. A criança sabia que estava sendo abandonada por Grady. Ao longo dos anos, pensava ter tido relances do menino, aos dois, aos cinco, aos onze anos. (Meu Deus, pensou. Agora estaria com vinte e quatro anos. Seria parecido com Grady naquela idade – alto e magrelo, mas começando a se encorpar num corpo de homem?)

Contou para Lucie que sempre racionalizava esses “relances” como pensamento mágico, assim como os momentos em que pensava poder sentir o garoto ansiando por ele. Contudo, concordou em ficar longe para satisfazer a maluca de sua ex-mulher e sua família, mesmo sabendo que não deveria, mesmo conhecendo a dor de crescer sem pai.

“Eu meio que penso que um dia ele vai vir me procurar, quando estiver pronto, e talvez, então, a gente possa recomeçar.” A chance que ele nunca teve com o próprio pai.

Ela esperou um pouco, antes de perguntar:

“Você gostaria de tentar encontrá-lo?”

Ele só pôde dar de ombros. Como poderia contar a ela o horror que seria encontrar seu filho, apenas para descobrir que ele não queria ser encontrado?

Lucie deve ter notado que aquilo o entristecia. “Obrigada por me contar sobre seu pai e seu filho.”

Ele acenou com a cabeça.

“Ahn, eu esperava poder encontrar a sua família logo.” Ela corou, e Grady imaginou que ela estivesse morrendo de medo desse bando enorme de cunhadas, apenas esperando pelo massacre. “Agora já faz duas semanas, e, bom...”

“Você não é obrigada, você sabe”, ele disse. “Ainda não.”

“Elas não querem me ver?”

Se ela soubesse, Grady pensou. Sua mãe e suas irmãs tinham se revezado pressionando-o por e-mail, mensagem de texto, mensagem de voz, convidando os dois para jantares, almoços na velha casa. Até então, seu pé quebrado tinha sido uma ótima desculpa, mas que estava começando a se desgastar, e o que aconteceria quando ele sarasse?

“Ah, elas querem, sim, mas imaginei que ainda não estivéssemos prontos.”

“Não estamos?”

“Ok”, ele disse, inclinando-se para reacomodar o pé imobilizado no otomano. “Eu não estou.”

“Ah.”

Ela olhou para ele tão preocupada que quase o amoleceu. Era assim que fazia com a florista e os vizinhos. Era assim que ficava sabendo as mágoas e os desejos particulares, as histórias e os detalhes dolorosos. A velha Lucie sabia exatamente por que ele evitava falar sobre tudo isso, por que ele mantinha sua família à distância, mas agora ele tinha de – não, ele queria – contar tudo.

“Elas são demais”, ele disse. “Elas são além da conta, sempre se metem entre a gente e deixam você louca. E a gente sempre briga depois de passar um tempo com a minha família.”

“Ah, não. Por quê?”

“Minhas irmãs são dominadoras. Ficam tentando me dizer como devo levar a vida. Depois que meu pai morreu, é como se tivessem assumido o controle. Estão sempre me ensinando alguma nova maneira de me tornar uma pessoa melhor. E são muito barulhentas.”

“E riem muito?”, Lucie perguntou.

“Riem, estão sempre rindo, sempre brincando. Como é que você sabe?”

“Pelas fotos.”

Grady balançou a cabeça. Elas eram um grupo divertido, é verdade, mas na maioria das vezes à sua custa.

“E a sua mãe? Ela é do mesmo jeito?”

“Bom, ela também quer o melhor pra mim, mas é um pouco mais sutil. Ela me aceita como eu sou em quase tudo.” Nunca tinha pensado nisso assim, mas era verdade. Ela podia fazer sugestões, mas sabia quando se afastar, e nunca o fazia se sentir um incompetente.

Lucie inclinou a cabeça de lado. “E se eu for visitá-las sem você?”

“Quê? Não. Eu nunca deixaria você se sujeitar a isso. Se quiser conhecê-las, vamos juntos.”

Lucie sorriu ao ouvir isso. Grady queria poder convencê-la que seria um erro, mas

parecia tão satisfeita! Achava que ia ter uma família, uma grande família de conto de fadas. Devia ser difícil não se lembrar de ninguém. E não ter ninguém de quem se lembrar.

“Então, vamos convidar sua família para vir aqui no próximo fim de semana? Pra um churrasco ou alguma coisa?”

“Vamos começar indo na mamãe”, ele disse. “Assim, podemos escapar se for preciso. Amanhã eu ligo pra ela.”

Lucie precisava de mais coisas em sua vida do que apenas ele, uma descoberta que retorceu as entranhas de Grady como se fossem uma toalha molhada. Precisava contar sobre a tia. Andava ignorando as ligações dela no escritório. Não tinha nem mesmo escutado os recados.

Na semana que vem, decidiu. Contaria a Lucie sobre Helen Dez Mãos na semana seguinte. Tinha de contar, ou ela saberia que ele tinha andado escondendo que a tia de fato a havia localizado. Tudo era tão recente para Lucie, e estava tão empolgada com cada coisa que descobria, que Grady não podia deixar que nada negativo entrasse no seu mundo, ainda não. Parecia que a única coisa boa na vida de Lucie tinham sido suas realizações pessoais, através de puro esforço e força de vontade, e apesar de parecer que ela estava agindo de maneira diferente, ele gostava de reconhecer esse aspecto nela. A persistente Lucie. O mesmo princípio que sempre o tinha feito se sentir mais confiante e autêntico como ser humano, apenas por estar em sua presença.

Mais tarde naquela noite, enquanto ele permanecia acordado, deitado no quarto de hóspedes, ouviu Lucie tocando uma música que ainda não havia tocado. Esforçou-se para reconhecê-la, tinha algo familiar. Um tanto exuberante e leve, não como os costumeiros jazz e as músicas antigas que andara tocando. Então, foi lembrando. Uma coisa dos anos 1980, pensou. “Walk Like an Egyptian”,¹⁰ ele cantou baixinho, sacudindo a cabeça. Caiu na risada e se virou para dormir.

NA MANHÃ SEGUINTE, ele acordou mais cedo do que o normal e se levantou bem antes de Lucie para fazer o café. Nas últimas duas semanas, havia dominado a mobilidade com as muletas e, verdade seja dita, gostava de estar em casa, refugiado no escritório que havia se tornado seu, ouvindo Lucie andar a esmo, cantarolando, e depois saindo na hora do almoço para descobrir que ela havia feito alguma coisa para eles comerem. Mesmo que não estivesse tão gostoso, ou causasse indigestão pelo resto da tarde, ela parecia determinada a cozinhar para ele.

Ela adorava comprar no mercado orgânico lá perto e sempre vinha para casa maravilhada com a suculência dos mirtilos do vale Skagit, ou a cremosidade de um queijo de cabra do Oregon. Ele poderia ter se preocupado com a crescente despesa com comida, mas aquilo devia custar menos do que todas as refeições delivery e os restaurantes com

que eles arcavam antes. É verdade que a renda de Lucie tinha quase secado. Haviam entrado uns dois cheques de comissão, e quando ela parecesse estar pronta, ele a ajudaria a percorrer suas contas para ver se havia alguma outra para receber, mas logo estariam vivendo só do seu salário.

No entanto, Lucie já não fazia compras on-line, algo que, de qualquer modo, sempre levava grande parte da sua renda. Ele nunca havia entendido, mas ela tinha uma profunda necessidade por coisas. Era como se ela se preenchesse comprando, algo semelhante a ele nadando para se reabastecer. Ele nunca a havia culpado por isso. Na primeira vez em que ganhou um bom dinheiro, saiu e comprou todo tipo de coisas: um novo computador, aparelhos eletrônicos, uma TV imensa e um sistema de som surround; os típicos móveis de couro de solteiro, que eles venderam quando Lucie se mudou para lá, todos, menos a sua poltrona. O gosto dela sempre tinha sido muito melhor do que o dele. Ela havia tornado a casa elegante e discreta, gênero neutro, de que ele gostava. As casas de suas irmãs eram cheias de flores e babados. Como seus maridos se sentiam como homens naquelas casas, ele não sabia.

"Bom dia", Lucie disse às suas costas. "Você acordou cedo."

Ele girou no seu pé bom, as muletas encostadas no balcão. "Bom dia", ele respondeu.

Os olhos dela ainda pareciam sonolentos, e seu cabelo estava espetado em alguns lugares. As pontas curtas tinham crescido e se transformado numa touca felpuda, as cores estranhas ainda presentes, mas o castanho natural começando a despontar.

"Obrigada pela conversa de ontem à noite", ela disse. "Sei que deve ter sido estranha."

"Não, tudo bem." Ele queria abraçá-la, queria ser abraçado, mas ainda não tinham refeito o vazio da afeição física. Como é que iam ultrapassar esse novo arranjo de companheirismo que haviam desenvolvido?

Havia tantas coisas que ele queria dizer para ela. Em vez disso, perguntou:

"Café?"

"Com certeza." Ela coçou o braço. "Estou exausta."

"Você tocou até bem tarde", ele disse, virando-se para pegar uma xícara no armário.

"Adorei aquela música, aquela que faz da na, na, na na..."

"Qual?"

"Despejou café na xícara. "Walk Like an Egyptian", ele cantou, constrangido ao ver como soava desafinado.

"Acho que não conheço essa música", ela disse, tirando a xícara dele.

"Conhece sim. Aquela música dos anos 1980, daquele grupo de garotas. As Go-Go's, será? As Spangles? Alguma coisa do tipo."

Ela sacudiu a cabeça, sorrindo. "Não tenho ideia do que você está falando."

"Bom, você tocou a música."

"Não toquei."

"Tocooooou."

Ela riu. “Eu gosto desse seu lado, engraçadinho.”

Ela se virou para a geladeira e pegou os ingredientes para o café da manhã. Grady apenas sorriu e observou. Mais uma vez, estava completamente encantado. Pensou nos convites de casamento. Faltavam apenas cinco semanas até quatro de setembro, mas ainda podiam mandá-los. Não tinham cancelado o local, o oficiante, nada. Ainda podiam se casar, no prazo, talvez sem todo aquele aparato excessivo que havia atrapalhado tudo antes que Lucie fugisse. Grady estava gostando da nova ideia, da nova esperança, então, quando Lucie se voltou para ele segurando um iogurte, ele se adiantou, inclinou-se e a beijou nos lábios. Ela ficou petrificada e recuou.

“Caramba, Lucie, desculpe. Eu... não sei por que fiz isso.” Seu rosto estava queimando.

“Não sabe?” Ela ainda parecia zozona, parada na mesma posição, o braço estendido com um iogurte na mão, como se estivessem brincando de estátua.

“Bom, você sabe. Estou falando agora, neste exato momento. A gente estava se divertindo e eu meio que...” Ai, meu Deus, ele pensou. Qual é o meu problema?

“Tente de novo”, ela disse, movendo-se, por fim, pondo o iogurte no balcão. Ficou de pé, preparada, mas sem ir na direção dele.

Lentamente, tocou seu ombro, depois deixou que a mão descesse pelo braço dela, puxando-a para junto dele. Ela tinha o mesmo cheiro que antigamente, ao acordar, cheirava a roupa lavada e ao sabonete da noite. O peito de Grady encheu-se de emoção, seus membros formigaram. Aninhando a parte de trás da cabeça dela em sua outra mão, olhou-a nos olhos. Estavam arregalados. Não saberia dizer se ela estava com medo, excitada, ou apenas curiosa.

“Oi”, ele disse, o corpo vibrando, o pulso palpitando.

“Me beije”, ela falou, “se quiser...”

Encostou seus lábios nos dela. Ela não respondeu ao beijo, apenas deixou que ele a beijasse, como se fosse uma cientista estudando os rituais de acasalamento de estrangeiros. Estava prestes a recuar, a se afastar, quando sentiu os braços dela em torno da sua cintura, as mãos em suas costas, os lábios se tornando macios e dóceis. Beijaram assim, apenas os lábios, sem maquinações de língua ou maxilares, até que finalmente ela começou a rir e se afastou.

“Hum, obrigada”, ela disse, tocando a boca.

Obrigada? Ele desviou o olhar. Por que ela havia parado? Será que só tinha esquecido qual era a sensação de um beijo e queria saber? Não tinha nenhum desejo por ele?

Grady virou-se para a pia, fingindo enxaguar os pratos que já estavam enxaguados. Será que ela sabia o que provocava nele? Meu Deus, ele pensou.

“Vou levar seu café para a sala de jantar”, Lucie disse, e ele concordou, esperando que sua ereção passasse.

As coisas não poderiam continuar assim. Era um prisioneiro no próprio corpo, sem escapatória. Se não conseguisse, pelo menos, nadar em breve, ia ficar louco. Estava

expulso do clube, mas havia uma piscina pública no Green Lake. Um excesso de vizinhos, ele pensou, pessoas demais que reparariam nele e fariam um estardalhaço por causa do seu pé. Havia outra piscina em Queen Anne Hill, a apenas uns dez minutos dali, de carro, mas a um mundo de distância em matéria de frequentadores. Grady suspirou. Levaria semanas para tirar aquela bota.

E quem saberia quanto tempo levaria até que tivesse outra chance de beijar Lucie?

10. Hit dos anos 1980, do grupo The Bangles. (N.E.)



Seus lábios continuaram sentindo a doce pressão dos lábios dele ao longo do dia: enquanto tomava uma ducha depois do café da manhã, em sua caminhada até o mercado, mais tarde, enquanto lia o Seattle Times. Cada vez que pensava nele, seu corpo reagia, um borbulhar em sua corrente sanguínea, pancadas idiotas do seu coração. O cheiro dele permaneceu, despertando a profunda e quente sensação de excitação. De ansiar por Grady. Seu corpo não havia se esquecido disso.

Quando conversavam, ela se sentia mais tímida do que antes, por um lado, mais atrevida por outro. Lucie ainda não conseguia acreditar que tinha feito com que ele a beijasse daquele jeito. Tinha sido doce e terno, mas quando ele não foi mais adiante, havia se sentido uma idiota, recuando para salvá-los do constrangimento.

Contudo, ele tinha se aberto tanto na noite anterior, e ela sentia que estava se tornando mais próxima, olhando seu rosto enquanto ele falava sobre coisas tão difíceis. Estamos progredindo, ela pensou. Contudo, será que na verdade tinha sido só da parte dela?

Sentada na sala de jantar, ouviu a porta do escritório se abrir, os passos dele ritmados pelas muletas atravessando a sala de visitas.

“Ei”, ele chamou, enfiando a cabeça para dentro, “quer sair pra jantar hoje à noite?”

Ele detestava a comida dela. Ela sabia que todas as vezes que preparava alguma coisa, ele estava sendo gentil ao comer. E, no entanto, sentia-se determinada a fazer alguma coisa que ele amasse, por isso, continuava tentando.

“Seria gostoso.”

“Tem um ótimo lugar ao qual nós gostamos de ir, logo dobrando a esquina do mercado, ao lado da academia de ioga.”

“Ahn?” Eles tinham se acostumado a falar desse jeito de suas antigas identidades. Ela perguntava: “O que nós gostamos de fazer nos finais de semana?” ou “Temos alguns amigos?”. Ele responderia: “Na verdade, a gente não faz muita coisa além de trabalhar e sair para comer.” Tinham parado de se interromper para usar o verbo no passado. Era como se tivessem decidido continuar com o status quo até que alguma coisa fosse decidida.

Lucie estava agudamente consciente dos convites de casamento nas caixas. Havia retirado um deles, lido repetidas vezes, perguntando-se como ainda conseguiriam estar no Fairmont Olympic na noite de quatro de setembro com toda a família e os amigos. Bom, com a família dele. Quem sabe que amigos pretendiam convidar; ninguém havia entrado em contato com ela desde que voltara para casa! Ela não teria ao menos amigos do trabalho? Amigos da faculdade? Ninguém havia sido convidado ainda, e Lucie não podia imaginar como ainda poderiam ter um tal momento de conto de fadas.

E Grady havia dito que também era seu aniversário de quarenta anos! Com certeza aquela tia dela não seria tão diabólica a ponto de ignorar uma coisa tão importante.

Ou talvez fosse. Grady também tinha dito que Lucie a detestava. Sua única família, e não tinham nenhum contato. Um nó, já conhecido, cresceu em sua garganta, depois diminuiu. Em breve, ela teria uma família. A família de Grady também era sua família.

Às seis e meia, saíram de casa numa noite quente e úmida, o sol ainda bastante alto a ponto de Grady usar óculos escuros. Lucie tinha achado no closet um vestido de seda sem mangas e calçado as rasteirinhas com que tinha chegado em casa, vinda do hospital.

"Tem certeza de que você quer andar?", ela perguntou, mas Grady tinha se tornado tão eficiente e ágil com as muletas, que algumas vezes ela se esquecia que ele as estava usando.

"Preciso me mexer", ele falou. "Não tenho sido tão sedentário desde que, bom, nunca fui."

Enquanto passavam pela casa do viúvo, o velho veio do jardim lateral, com o esguicho gotejando em mãos. Lucie raramente o via em suas caminhadas, mas quando isso acontecia, tentava olhá-lo nos olhos, ou gritava "oi!" Ele nunca respondia ou sequer olhava.

"Boa noite, Don", Disse Grady, e o homem fez um aceno com a cabeça, sem levantar os olhos.

"Nossa!", Lucie cochichou. "Ele nunca me responde."

Grady esperou até que estivessem longe demais para serem ouvidos e falou:

"Bom, Luce, o fato é que vocês dois não se gostam muito."

"Mas ele gosta de você?" Por que isso feria seus sentimentos?

"A gente tem um entendimento. Coisa de homem. Nossa comunicação não vai muito além."

Lucie andou em silêncio por meio quarteirão, mãos percorrendo arbustos de alecrim e erva-cidreira. Parou para admirar um botão de rosa laranja extraordinário.

"Por que eu sou tão horrível?", ela perguntou.

Grady suspirou. "Você não é horrível. É só..."

"Difícil?"

Ele deu de ombros. "Às vezes você pode ser um pouco difícil, claro, mas todo mundo é, às vezes, certo? Não que eu tenha sido exatamente muito divertido desde que quebrei o pé."

“Mas você tem uma boa razão.”

Grady limpou a garganta.

“O quê?”, Lucie perguntou, virando-se para olhar o perfil dele. Ele mantinha os olhos na calçada enquanto andavam.

“Acho que você tem um monte de boas razões para ser como é.”

“Você acha?”

Ele concordou.

“Como o quê?” Por favor, ela pensou, me conte!

O pomo de Adão de Grady subiu e desceu em seu pescoço comprido. A muleta escorregou em uma pedra e ele tropeçou, xingando ao se apoiar com força no pé imobilizado.

“Ai, nossa, você está bem?” ela perguntou, e ele fez que sim, mas não disse mais nada.

Esperaria até que estivessem sentados e confortáveis; então, perguntaria a ele tudo que estava na lista em sua cabeça: o que acontecera de errado entre eles que a fizera fugir? Ele queria mesmo que ela estivesse ali, agora? Ainda queria se casar com ela?

Perguntas tão difíceis, percebeu, porque as respostas eram muito importantes. Eles apenas estavam juntos – novamente – há questão de semanas, mas seus sentimentos por ele vinham de algum lugar mais profundo. Ela se encolheu ao constatar que seu amor por Grady era desenvolvido e maduro, nem um pouco uma novidade.

LUCIE JÁ HAVIA visto o restaurante na primeira vez em que tinha ido à pequena área comercial fora da Fifty-Sixth com Susan. Elas haviam percorrido os três quarteirões, e Susan mostrou o bar que fazia um ótimo sanduíche, a senhora que fazia concertos dentro da lavanderia, a loja de donuts vegan. Lucie tinha perguntado a Susan sobre o restaurante logo adiante na rua, pensando que parecia um bom lugar para almoçar ou jantar. Chamava-se Belle.

Dentro, era ainda mais agradável: pequeno, muita madeira, lírios do vale nos vasos das mesas. Lucie podia sentir o aroma cortante de cebolinhas e o cheiro reconfortante da manteiga fritando.

“Ai, meu Deus! Oi, gente!”, cumprimentou a jovem recepcionista. Seus cabelos acetinados balançaram pelos seus ombros num arco de comercial de xampu quando se esticou para abraçar Grady, que ficou corado. “Você está em casa!” ela exclamou para Lucie, mas não foi até ela, apenas sorriu com dentes grandes e perfeitos, olhos cuidadosamente maquiados. Parecia que tinha vontade de dizer mais coisas, mas se voltou para Grady. “Ah, coitado! Muletas!”

Um homem mais velho e robusto veio dos fundos, impecável em uma camisa branca

engomada, o cabelo prata mesclado, sem um fio fora do lugar. Parecia grego ou italiano e jogou as mãos pra cima enquanto se aproximava.

"Senhor Goodall! Senhorita Walker! Estamos tão felizes em ter vocês de volta!" Tomou a mão de Grady nas suas, depois se virou e pegou calorosamente a mão de Lucie. Olhou em seus olhos. "Agora você está melhor, não é? Não vai mais fugir deste grande cabeça de bagre?"

"Ah, bom, vamos..." Grady começou, mas Lucie estava encantada.

"Não, voltei pra casa", ela disse. Ninguém lhe tinha dito nada parecido desde que voltara; a sensação era a de uma criança sendo aconchegada na cama. Esse homem a conhecia e gostava dela, fazia tanta questão da sua presença que chegava a criticá-la por ter fugido.

Ele deu uma corridinha à frente, enquanto a recepcionista os conduzia até a mesa junto à janela da frente. Primeiro, puxou uma cadeira para Lucie, depois, do outro lado, uma para Grady, pegando suas muletas e as apoiando num canto perto.

"Quando precisar delas é só me chamar, ok? Vou cuidar de você. Esta noite, o jantar é por minha conta. O de sempre?" Ele olhou de Grady para Lucie em expectativa.

"Com certeza", disse Lucie. "Queremos o de sempre."

Quando ficaram sozinhos, Grady sorriu, balançando a cabeça. "Eu deveria saber que isto ia acontecer. Desculpe, não pensei nisso."

"O quê? Adorei aqui, adorei os dois. Parece mesmo, mesmo..."

Seus olhos marejaram. Grady ficou surpreso.

"Ah, Luce", ele disse, e as lágrimas correram pelo rosto dela.

"Eu preciso disso."

Ela se sentiu embaraçada por estar chorando em público. Por sorte, a única mesa que estava ocupada ficava do outro lado da sala. Grady lhe estendeu o guardanapo. "Eu não tinha ideia de que você estava tão infeliz."

"Não é isto", ela disse, pressionando o tecido contra o rosto. "Não estou infeliz. Estou... Não sei como estou. Nem isso eu sei." Ela abaixou o guardanapo. Estava dando tudo errado. "Quem sou eu, Grady? O que faz de mim quem eu sou? Por que estou aqui com você?" Ele pareceu alarmado. "Não, não estou dizendo no mal sentido. Quero estar aqui. Só estou dizendo..."

"Eu sei o que você está dizendo", ele disse calmamente. "Você não tem certeza se nós, se isto..."

"Não", ela disse em tom alto, depois baixou a voz. "Não sei se você tem certeza. E preciso mesmo saber disso. Quero saber tudo, cada coisinha, e nós nunca falamos sobre nada que pareça muito..." Suspirou. "Sei lá."

"O que você quer saber?" A postura dele estava muito rígida, suas narinas se abriram. Parecia que ele estava encarando um pelotão de fuzilamento.

"Quero saber..." Nossa! Como é que ela podia fazer isso? Como perguntar, quando ele

a tinha trazido aqui, para este lugar delicioso, obviamente o cantinho deles? Mordeu o lábio, considerando todas as perguntas da lista. Não conseguiu evitar; uma se adiantou, empurrando todas as outras para o lado. “Quem é Helen?” Ela conhecia o nome, conhecia, de antes – mas não o que ele significava.

A cor sumiu do rosto de Grady.

“Ah, merda”, ele disse. “Ah, não. Eu não tinha certeza de quando contar pra você, ou mesmo se deveria contar. Desculpe, Luce, me desculpe.” Agora foi a vez de os olhos dele se encherem, e ele estendeu a mão sobre a mesa, mas Lucie não a pegou.

Por que tinha tido tanta certeza que ele não estava envolvido com outra pessoa? Ele ficou magoado, dava para ver, mas ela tinha forçado o assunto e mesmo eles tendo dado o primeiro beijo justo naquela manhã, trouxera para a superfície a coisa feia varrida para debaixo do tapete.

“Você ama essa Helen?”, perguntou, sabendo que era uma pergunta estúpida.

“O quê?”

“Por favor, me diga.”

“Eu nem conheço ela”, ele disse, com os olhos escuros brilhando. “Só não sabia como contar a respeito. Não queria machucar você ainda mais.”

Foda-se, ela queria dizer. Está machucando agora.

“Ela me ligou no trabalho. Estava tentando fazer com que eu te contasse sobre ela, e ela é mesmo tão esquisita quanto você sempre disse, e eu só queria esperar um pouco pra contar.” Olhou para longe, depois voltou o olhar para Lucie. “Estava tentando proteger você.”

“Você...”

“Ela é sua tia, Lucie. Tia Helen. Lembra?”

“O quê?” Pareceu tão alto, ricocheteando pelo restaurante daquele jeito. “Você não me contou que o único membro vivo da minha família está procurando por mim?” Seu corpo deu um pulo tão súbito para se levantar que derrubou a cadeira.

Em um pedacinho de papel azul, existia uma conexão com o seu passado. Uma conexão com a sua mãe, com seu pai. Uma tia que a conhecia desde quando ela nasceu.

E Grady tinha escondido isso.

O dono do restaurante estava vindo na direção deles com uma garrafa de champanhe e duas taças, mas hesitou quando Lucie jogou o guardanapo na mesa. Ela saiu do restaurante a passos largos, passando pelos olhos arregalados do outro casal que jantava e da recepcionista, e por casais mais velhos e jovens famílias que estavam na rua para um passeio ou a caminho do próprio jantar.

Atravessou com o sinal fechado no cruzamento movimentado, com a cabeça desafiando ainda mais perguntas, mas não para Grady. Seu passo acelerou-se, tornando-se mais insistente, outro quarteirão, e mais outro, e finalmente na entrada para sua casa, lutando com a chave.

Entrou direto para o escritório, para a bolsa de Grady sobre a mesa, remexendo lá dentro, atirando pedaços de papel e pastas no chão, até que finalmente encontrou o post-it azul, que levantou para a luz com as mãos trêmulas, como que para assegurar que não era falso.

Por que ele tinha escondido? Como pôde? Agarrou o telefone sobre a mesa, tentando discar o número, mas os dedos tremiam demais, a vista embaçada demais, a dor tomando conta dela até que acabou chorando em soluços e engasgos desenfreados.

Como a mágoa, o luto e o desconhecimento, a traição revelava-se uma sensação excessivamente familiar.



O Canadian Club transbordava na beirada do copo, gotas manchando a fina superfície de cristal do Timex de Gloria, a única lembrança que Helen havia recebido na morte da irmã. Ela colocou a bebida na bandeja de TV e puxou um lenço de papel de dentro da alça do sutiã, para enxugar o relógio e a pele de pergaminho por debaixo. O doutor não demonstrara preocupação pela piora do tremor, da asma debilitante, mas ela sabia que eram sinais do que estava por vir. Raymond, o gerente do cassino, já estava questionando sua habilidade em contar rapidamente as centenas de notas grudadas de bebidas que ela precisava para cada turno, separar as de um, de cinco, de dez com rapidez o bastante para dar conta.

O noticiário da TV não tinha mostrado Lucie nem uma vez depois da noite em que ela voltou para casa. Helen assistia fielmente, esperando por um relance da menina. Estava tão magra e pálida, quando já tinha sido uma coisinha robusta, com as bochechas rosadas e vitalidade no andar. Helen suspirou. Assistiria de novo, às onze, se conseguisse ficar acordada.

Tinha acabado de abrir o álbum de fotografias na primeira página, quando o telefone tocou. Os únicos chamados que recebia eram de pedidos de caridade e vendedores de seguros, mas ela tinha recommçado a atender ao telefone depois que Lucie foi encontrada, principalmente depois de ter dado seu número para aquele Grady Goodall. Quando ia pegar o fone verde, seu braço se enroscou no fio enrolado. Xingou baixinho. Depois, levou o fone até o rosto.

"Alô?"

"É a...," começou uma voz feminina, depois parou. Soava exatamente como Gloria, mas era ela, sua menina. Helen reconheceria aquela voz até dormindo, em seus sonhos, quando estivesse deitada a três metros debaixo da terra, com Edward.

"Ah, Lucie!" Sua intenção era ser um pouco mais reservada, quando Lucie finalmente telefonasse, mas a emoção foi tão grande em suas veias enfraquecidas, em sua estrutura frágil, que ela não pôde se conter. "Estou tão feliz em ouvir sua voz!" Ouviu o som de choro do outro lado, e seus próprios olhos se encheram de lágrimas.

"Eu sou mesmo sua sobrinha?", a menina perguntou, a voz anasalada e em desespero.

"Você é mesmo a minha tia?"

"Claro que você é, sim. Juro pra você."

"Ai, meu Deus, eu só... Eu não posso..."

"Ah, minha nossa", disse Helen. Teve de tirar os óculos para enxugar os olhos. Sua sobrinha estava tão emocionada por encontrá-la quanto ela estava por ter sido encontrada. Não era a mesma Lucie que os tinha abandonado havia vinte anos. Aquela Lucie não tinha emoção.

"Onde você mora? Posso visitar você? Por favor?"

Se ela podia visitá-la? Helen pensou que poderia perder todo o autocontrole. Seu tremor acelerou-se, e ela fechou a mão livre em um punho, enfiando as unhas na palma até doer.

"Ainda estou aqui em Marysville. Por que você não vem amanhã de manhã? Acho que não tenho grande coisa para servir, mas posso fazer um café. Tive de sair da casa, mas agora tenho um apartamentozinho gostoso na cidade. A leste da reserva?", ela acrescentou, tentando ativar a memória da menina.

"Eu... Eu não sei o que nada disso quer dizer", respondeu Lucie. "Desculpe. Qual é o seu endereço? Tenho uma dessas coisas no meu carro, um GPS. Ai, nossa, não posso acreditar que você esteja aí, logo aí, e eu não sabia."

"É difícil de acreditar, depois de todo esse tempo", comentou Helen, pensando se talvez o espírito de Gloria não tivesse uma mãozinha nisso. "Amanhã às, digamos, onze? Tenho um turno à uma, então isso deve nos dar tempo para uma reaproximação." Passou o endereço para Lucie, depois explicou o caminho a partir da estrada, mesmo quando a menina afirmou que poderia encontrá-la com o que quer que fosse aquela coisa no seu carro, aquilo que a mantinha no caminho. Na primeira vez, tinha sido muito difícil para Helen encontrar o conjunto de apartamentos na cidade, e ela conhecia a região. Não era pessoa de deixar as coisas entregues ao acaso, muito menos entregues a bugigangas eletrônicas.

"Vejo você amanhã às onze", disse Lucie. "Muito obrigada."

"Pelo quê?" A velha mulher pigarreou, depois percebeu como aquilo tinha soado. "Lucie, somos família."

Depois de uma pausa, Lucie disse:

"Posso fazer uma pergunta?"

Helen prendeu a respiração. Qual seria a coisa mais urgente que essa menina queria saber, agora que tinha perdido a memória? Com certeza sobre a tragédia, algo que a própria Helen ainda achava difícil de falar a respeito. Lucie nunca tinha conversado sobre nada disso, ao voltar sozinha para eles, o que tinha sido bom para Helen e Edward. A menina era impossível a esse ponto, e eles tinham curtido o próprio luto. A nova Lucie, porém, parecia aberta e sincera, mais como a garotinha Lucie que tanto amara Helen.

"Claro, o que é?"

Lucie fez um silêncio do outro lado. “Eu costumava tocar piano?”

Helen revirou os olhos. O piano. Todo o tempo e a distância e era isso que ela queria saber?

“Sim, sim, seu piano. Então acho que você ainda tem ele?” Era bom mesmo, com todo o dinheiro que ela e Edward tinham gastado naquela coisa.

“Como é que eu consegui o piano?”, Lucie perguntou. “Digo, ele era, ele era... dos meus pais?” Sua voz baqueou; estava chorando novamente.

“Foi nosso presente pra você”, respondeu Helen, suavizando-se, lembrando-se do dia em que o levaram para a casinha amarela de Gloria, perto da reserva, a expressão da menina ao ver os três adultos – Helen, Edward e Gloria – lutando para subi-lo nos três degraus da varanda até a sala de visitas. Lucie irradiara uma alegria tão pura, que Helen sentiu os olhos marejarem mais uma vez, só de se lembrar.

Mais tarde, quando Lucie voltara para eles, Edward tinha achado que seria bom para ela ter o piano e pagou pelo transporte vindo lá da Califórnia, mas a menina não voltou a tocar, pelo menos não na presença deles. Edward havia insistido para que ela o levasse quando se mudou para sempre.

Já na cama, Helen rezou sua oração costumeira:

“Ah, Edward, me dê a força de que preciso para me virar aqui sozinha, sem você.” Depois, acrescentou: “E não afaste a Lucie desta vez. Não preciso da sua proteção. Nunca precisei”. Ficou deitada em silêncio por um longo tempo, depois continuou: “Não que eu não gostasse da sua preocupação, é claro, meu querido”.

Suspirou no escuro. Logo estaria junto dele, mas primeiro ia finalmente fazer o que fosse certo com a única criança que restara entre ela e sua irmã. Depois, poderia morrer em paz.



Na manhã seguinte à noite deplorável, Grady acordou no quarto de hóspedes sem ouvir qualquer som. Lucie não estava fazendo o café da manhã, nem se movimentando pela casa. Não tinha tocado piano à noite. Sentiu-se novamente sozinho, e a dor voltou imediatamente.

Tinha esperado tempo demais no restaurante antes de ir atrás dela. Ficou ali sentado, tomando seu champanhe, depois o dela, recusando a deixar que Milos trouxesse a comida. Depois, deixou duas notas de vinte sobre a mesa, quando o velho homem estava de volta na cozinha, e a recepcionista ocupada com a chegada de outros clientes, e foi mancando para casa, bem lentamente.

Por que não tinha corrido atrás dela, ou pedido que Milos o levasse de carro? Tinha muita certeza de que ela não fugiria de novo, mas, e se fugisse? Era um engenheiro, um profissional pago para descobrir e resolver problemas complexos, mas não tinha ideia de como proceder, do que fazer ou como fazer. Sua atitude costumeira na resolução de problemas parecia paralisada. O que ainda não tinha entrado em sua cabecinha dura?

Tinha medo, percebeu. Sempre tinha o inferno desse medo.

Ao chegar em casa, notou que Lucie estava no escritório, falando ao telefone, a porta fechada. Chorava. Sabia que ela estava falando com a tia e que em algum momento tinha mexido em sua bolsa de trabalho. O que havia de surpreendente no fato de ela não se lembrar do nome da tia? Ela estava com a merda da amnésia, pô!

Em vez de encará-la quando ela desligou o telefone, em vez de se explicar, tinha ido para o quarto de hóspedes e deitado na cama, com a porta fechada, ouvindo todos os movimentos que ela fazia. Esperava que viesse bater na porta, mas ela não veio. Por que viria? Tinha escondido dela uma coisa tão importante! Se pelo menos ela pudesse entender o motivo. Tinha que fazê-la entender. Levantou-se da cama, decidido a se tornar um homem melhor.

Depois de ir ao banheiro, rondou pela casa o tanto quanto alguém consegue rondar de muletas e um grande pedaço de plástico enrolado no pé. Ela não estava no escritório, e não havia indícios da atividade da noite anterior. Mas o que haveria? Poças de lágrimas no tapete? Suas coisas em pedacinhos sobre a mesa?

Lucie não estava na sala de visitas, nem na sala de jantar ou na cozinha. Não havia feito café. Grady foi para a frente da casa e olhou pela janela. O carro dela ainda estava junto à calçada. Virou-se e olhou para o alto da escada. Estava tudo quieto.

Apoiou o pé bom no primeiro degrau, depois se inclinou com força para a frente, forçando para trazer o corpo e as muletas para cima, para se equilibrar e poder levantar o pé com a bota. Não caiu; então, desse jeito monótono, subiu os estreitos degraus de madeira pela primeira vez desde que machucara os pés. Ao chegar ao fim, ouviu a respiração profunda e relaxada que indicava que Lucie estava dormindo.

Ela não o tinha abandonado. Parou por um momento para se recuperar do esforço e da surpresa.

No alto, encostou as muletas na parede e mancou até a cama. Lucie abriu os olhos. Foi somente então que percebeu que estava apenas de cueca e com um trapo de camiseta que usava para dormir.

“Desculpe”, ele disse. A palavra era uma maneira absurda de tentar comunicar uma coisa daquelas, mas era tudo que tinha. “Pensei que estivesse fazendo a coisa certa, protegendo você.”

Ela analisou o seu rosto, parecendo confusa e sonolenta, depois levantou as cobertas, afastando-se para abrir espaço para ele. Estava nua. Grady desviou o olhar e se enfiou com cuidado, junto com sua bota, ao lado de Lucie, sem tocar nela ou esperar ser tocado. Ficou ali em silêncio, ouvindo sua respiração, deixando que sua excitação física por causa da proximidade dela se amainasse. Então, a certa altura, começou a sonhar que estava nadando num mar de pássaros de cores vivas.

Acordou de um salto com um estrépito no andar de baixo. Estava sozinho na cama. Teria sonhado que ela havia estado ao seu lado? Esticou-se até onde ela estivera deitada e sentiu o calor residual.

Grady sentou-se, mais grogue do que quando acordou a primeira vez naquela manhã. Eram nove e meia, mais tarde do que ele já tinha dormido em anos. Precisava de uma ducha. Precisava telefonar para o trabalho. Contudo, mais do que isso, precisava criar coragem e conversar com essa mulher que ele amava, não importando quem ela fosse agora.

Levantou-se e encontrou uma bermuda e uma camiseta limpa. Descer a escada revelou-se mais traiçoeiro do que subi-la. Grady tinha a sensação de que poderia cair lá embaixo de cabeça, então, segurou as muletas com uma mão e se sentou, arrastando-se de bunda com o pé quebrado estendido. Esperava que Lucie não viesse ver o que era toda aquela comoção.

Ela não veio. Ele a encontrou já vestida, sentada na mesinha da cozinha, lendo o jornal, com o café e a vasilha de cereais vazia, à sua frente. Não havia outros pratos separados.

“Bom dia”, ele disse.

Ela levantou os olhos e acenou com a cabeça, como tinha feito na cama naquela

manhã, mas não se mexeu para ajudá-lo nem para ir buscar seu café. Tornou a olhar para o jornal.

Grady despejou café na xícara, depois ficou bebendo-o junto ao balcão, sem ter certeza se deveria sentar à frente dela ou simplesmente sair. “Então, acho que a gente deveria conversar”, ele disse.

Ela não levantou os olhos.

“Certo?” Ele não tinha ideia do quanto deveria insistir. E agora? Ficou ali, paralisado, com exceção do braço que levava a xícara de café até a boca, até ter tomado tudo. “Talvez mais tarde, então?”, tentou.

Lucie apertou os lábios e virou do outro lado a seção Noroeste do jornal, para ler no verso.

Grady suspirou. “Ei,”, ele disse. “Você tem de me dar uma forcinha.”

Nada. Aquilo era ridículo.

“Então, aqui vai o que eu tenho pra dizer: fiz isso pra proteger você. Você detesta essa mulher. A única coisa que ela fez foi deixar você angustiada quando era adolescente, e você deu o fora daquela casa o mais rápido que pôde. Eu não queria que ela machucasse você outra vez, Luce. Foi isso. Esse é o meu crime. Culpado. Acho que vou tomar banho.”

Era impossível uma retirada dramática. Foi atrás de suas muletas e virou o corpo, com o detalhe positivo de que viu o rosto dela, a confusão e a dor que se abateram sobre ele no milímetro de segundo em que levantou os olhos.

Bom, tudo bem, pensou. O recado está dado. Se ela não tinha gostado, ou se tinha feito com que ela se sentisse mal, pelo menos eles estavam no mesmo barco.



Aida até o apartamento de Helen levou Lucie por cenários que sabia já ter visto antes, a lugares que aparentemente conhecera a vida toda, e, no entanto, era tudo novo; quarteirões graciosamente antiquados e maltratados cedendo lugar a shoppings centers mais novos, e depois, árvores e mais árvores, por quilômetros. O GPS informara que Lucie levaria quarenta e nove minutos para chegar a seu destino, mas duvidou que pudesse ser verdade. Aos quarenta e dois minutos, contudo, a cidade de Everett despontou entre as árvores, e Marysville estava só a alguns quilômetros de distância.

Lucie estava adiantada. Precisava fazer xixi. Precisava pensar. Intermitentemente, tinha vontade de chorar ou vomitar ao pensar que finalmente ia conhecer seu passado. Sabia que Grady só estava protegendo-a, mas como é que ele não via que ela precisava saber de tudo? Não tinha contado a ele aonde iria nessa manhã, mas tinha a sensação de que ele sabia.

Um cartaz na estrada anunciava um Starbucks na próxima saída; ligou o pisca-pisca. O trânsito pesado na I-5 era assustador, e ela se viu sendo especialmente cuidadosa. Teria sido sempre esse tipo de motorista? Será que sempre iria questionar cada coisa que fizesse, compará-la com um tempo do qual talvez nunca fosse se lembrar? Por exemplo, teria sido sexualmente desejável para Grady? Como era possível que um homem se enfiasse na cama com uma mulher que supostamente amava e com quem queria se casar e não a tocasse?

Quando ele se desculpou, sua voz refletia ternura e remorso, e Lucie não poderia deixar de perdoá-lo. Parecia tão protetor em relação a ela, e mesmo tendo feito uma coisa equivocada, isso fez com que ela se perdesse de desejo. Tinha levantado as cobertas pensando, Sim, agora, até que enfim, e ele tinha se deitado ao lado dela como um cadáver.

Mordendo o lábio inferior para evitar que ele tremesse, Lucie desceu a rampa da estrada vendo a placa do Starbucks à direita. Precisava esfriar a cabeça antes de encontrar a tia. Havia tantas coisas para perguntar, tantas coisas para finalmente saber e entender sobre quem era, quem era sua família, e, o mais importante, o que tinha acontecido com seus pais. Nunca seria uma pessoa de verdade até saber de onde tinha vindo.

Dentro do café, Lucie foi direto até o banheiro, percebendo que conhecia, de maneira inata, o layout do lugar. Aparentemente havia estado em vários daqueles antes, já conhecendo os banheiros lá atrás, com iluminação ambiente, o balcão curvo, onde pedir, onde pegar, até as luzinhas sobre a máquina de espresso. Uma voz de fundo cantou em espanhol ou português. Havia mães sentadas com carrinhos de bebês, e executivos em trajas casuais, conversando ou lendo jornais.

Depois de usar o banheiro, Lucie jogou água no rosto e se olhou no espelho, esforçando-se sob a luz rebaixada para imaginar como sua tia a veria. Helen. Será que ela a chamava de tia Helen? Seus olhos estavam inchados, seu cabelo sem volume. Por que ainda não tinha ido ao cabeleireiro? Seu cabelo maluco estava ficando ainda mais maluco: um castanho opaco vindo das raízes até a linha delineada onde toda a ação começava. Passou os dedos por entre os fios, mas isso só fez com que parecessem mais bagunçados. Alisou o cabelo para trás e saiu para pedir um chá de ervas, sem cafeína, antes de retomar a direção.

Talvez, no fim das contas, devesse ir à psiquiatra. Tinha acreditado que poderia dar conta daquilo sozinha, desde que tivesse tempo e rostos amigos, mas até então tinha havido tão poucos rostos além do de Grady, e as únicas coisas de que se lembrava eram músicas e a imagem de mãozinhas ao piano. Não era grande coisa para seguir em frente. Agora, porém, tinha Helen. Tudo estava prestes a mudar. Lucie se pôs a cismar se seria para melhor ou pior. Mesmo furiosa como estava com Grady, tinha ouvido quando ele disse que a velha senhora estava um pouco estranha, e que elas tinham tido uma relação atritada no passado. Mesmo assim, tinha parecido tão... bem, tão velha no telefone. Talvez tivesse se suavizado com o passar dos anos.

Na saída 199, Lucie deixou a estrada. No começo da rampa, uma placa indicava que a Reserva Indígena Tulalip ficava à esquerda, Marysville à direita. Tinha esperança de sentir alguma familiaridade quando chegasse ali, mas tudo parecia com qualquer cidadezinha: uma Dairy Queen e um Burger King, uma livraria cristã e uma loja de catálogo JCPenney. Seguiu o fluxo principal por alguns quarteirões e entrou na cidade. Um espirro de cidade, pensou. Era daí que vinha sua família?

Virou na próxima à esquerda, na rua indicada pelo GPS, depois seguiu uma série de travessas à esquerda e à direita, em meio a casinhas pós-Segunda Guerra Mundial. E então viu o único prédio de apartamentos do bairro, uma madeira cinzenta desbotada, dois andares. Parou na rua e desceu, olhando a série de janelas, cada uma revestida da personalidade do morador: persianas, cortinas fechadas, voile, papel de alumínio sobre um surpreendente número de janelas. Estava prestes a entrar quando viu alguém numa janela do segundo andar. Uma mulher mais velha. Helen morava no 218. Lucie sorriu e acenou. A mulher recuou.

Dentro, o prédio tinha cheiro de peixe frito e urina de gato. Lucie subiu a escada no extremo do corredor.

A porta do apartamento 218 estava decorada com tiras vermelho-cereja, brancas e azuis e uns esparsos balões, agora murchos. Lucie percebeu que tinha perdido o Quatro de Julho enquanto estava fora e pensou imediatamente em salada de batatas, cheiro de grama cortada. Seria uma lembrança? Fechando os olhos, inspirou e expirou, esperando. Estava pronta para desistir quando veio: os flashes de cor contra o escuro, os golpes surdos no peito, o cheiro de alguma coisa queimando.

“Ah”, ela murmurou, franzindo a testa. Quis levar as mãos aos ouvidos, gritar. Abriu os olhos, voltou para o corredor, a decoração pendurada. Teria se assustado tanto com os fogos, quando criança?

Respirou fundo e bateu. A porta abriu com um rangido alguns centímetros, e uma cabeça cor de cinza apontou. “Entre, entre, antes que todo o calor escape.”

Era começo de agosto, fazia 27º lá fora, e estava ainda mais quente dentro do apartamento. Helen era menor do que Lucie tinha imaginado, curvada, calça de poliéster bege descendo folgada até os tênis brancos, uma blusa de mangas curtas com motivos de marinheiro, larga demais naquele corpo. Usava óculos cor-de-rosa e dourados com lentes grossas, as íris grandes como num desenho animado, por detrás. Com os braços semiesticados, foi em direção a Lucie, a pele macia do braço ondulando com o movimento.

“Minha nossa”, ela disse, “você é o retrato da sua mãe”.

Lucie curvou-se para abraçá-la, com lágrimas nos olhos. Sentiu o cheiro de produto de limpeza à base de pinho e ovos cozidos, um resquício de uísque.

“É mesmo?” Lucie afastou-se, vendo agora que Helen também tinha lacrimejado. “Parece com ela? Você tem uma foto?”

“Claro, claro.”

Helen levou-a para um sofazinho de veludo manchado. A mesa de centro tinha duas xícaras de café puro e um prato com sanduíches cortados em quatro. Helen pegou uma pilha de fotografias ao lado de uma cadeira reclinável que fazia parte do conjunto e veio se sentar ao lado dela.

“Vamos comer alguma coisa enquanto olhamos as fotos, que tal?”

A pilha variada tinha velhas fotos em branco e preto, e fotos mais modernas, talvez quinze no total. Helen estendeu para Lucie a foto de cima. Nela, era como se uma mulher parecida com Helen olhasse para Lucie, ao lado de um senhor taciturno.

“Seus avós”, Helen disse. “Meu pai e minha mãe, que descansem em paz.”

“Meus avós”, Lucie disse, sem sentir ligação, nenhuma sensação de familiaridade. Queria ver seus pais, era para isso que tinha vindo. “Eu conheci os dois?”, perguntou, para ser educada.

“Só quando era bem pequena”, Helen respondeu. “Morreram cedo.”

Cedo! Pareciam uns anciões, Lucie pensou. “Como foi que eles, bom, faleceram?” Que doenças eram hereditárias em sua família? Teve esse pensamento bem jovem. Do que ela poderia morrer um dia?

“Tristeza”, respondeu Helen, pegando a foto de volta. “A melancolia é um mal de família. Papai não aguentou mais, e se sentou na garagem com o motor ligado no dia do seu aniversário de sessenta anos. Depois disso, a mamãe morreu de repente, de solidão.” Suspirou, passando a mão pelo rosto.

“Depressão?”, Lucie perguntou, alarmada. “Nossa família tem depressão?”

“Bom, acho que é assim que eles chamam hoje em dia”, murmurou a velha mulher, pegando sua xícara de café e tomando.

“Eu tinha quando você me conheceu?”

“Você era uma criança muito feliz”, respondeu Helen, colocando a xícara de volta com cuidado.

“Eu era medrosa? Assim, tinha medo de barulhos altos e de coisas como fogos de artifício?”

Helen deu uma risadinha. “Não, não seja boba. Você era tudo, menos assustada.” Procurou entre as fotos com os dedos nodosos. “Veja, tenho fotos que provam.” Estendeu algumas fotos amareladas, e, de repente, Lucie se reconheceu em cenários desconhecidos: um bebê sorridente num cadeirão, uma criança de uns dois anos segurando uma espiga de milho como se fosse um prêmio, uma garotinha com capa de chuva, subindo a escada de um escorregador alto.

“Esta sou eu”, Lucie disse, sabendo, mas como?

“Claro que é você. Está vendo como você era uma menina deliciosa? Você não era ansiosa, nem melancólica, de jeito nenhum.” Helen riu. “Agora coma um pouquinho. Você está magra demais.”

Lucie pensou nas letras escavadas no banco do piano. “As pessoas me chamavam de Lulu?”

Helen ajustou os óculos. “Não que eu me lembre, mas estou velha, sabe como é, a memória prega peças.”

Olha com quem está falando, Lucie quis dizer.

“Eu tinha primos? Fico pensando que tinha outras crianças comigo, ou uma pelo menos, tocando piano comigo. Isso é uma lembrança ou...”

A mulher pigarreou com uma tosse alta e fleumática, depois limpou os lábios. “Não, nenhum primo”, ela disse e estendeu mais fotos.

Lá estava uma mulher voluptuosa, na faixa dos trinta, ao ar livre ao lado de um carro, com uma calça tipo capri e um suéter justo. Estava sozinha em uma foto, com uma mulher menor, que só podia ser Helen, na outra, e com um homem alto, de cabelo escuro na seguinte. “São minha mãe e meu pai?”, Lucie perguntou, chocada. O homem era tão escuro quanto Grady. Ele também era americano nativo?

“Não, não é o seu pai, mas é a sua mãe”, Helen disse.

Helen olhou o rosto da mulher de perto, tentando imaginar que a amava, mas, em vez disso, sentiu repulsa. E a mulher não se parecia nada com ela, apesar do que Helen havia

dito. Não podia ser sua mãe.

“E este é meu marido, seu tio Edward. Um filho da mãe de bonito, não é? Acho que é o lado índio que fez ele ser tão bonito. Esses skykomish são um povo lindo.”

Lucie sentiu-se à beira das lágrimas. Esperava algo mais; esperava que os rostos das fotos trouxessem tudo de volta, todo o amor, a memória e a ligação que estavam faltando. Queria ficar curada de repente, como um milagre, mas se sentia exatamente igual. Abandonada, sem mãe.

E como é que seu tio também era um americano nativo? Isso teria alguma coisa a ver com o motivo de ela estar com Grady?

“Qual era o nome da minha mãe?”

“Gloria”, respondeu Helen. “Gloria Frances. Por causa dos nossos avós por parte de pai. O meu nome é por causa dos nossos avós por parte de mãe, Nancy Helen. Não dei bola pra Nancy quando era criança, provavelmente porque eu costumava desprezar aquela avó, em particular.”

Lucie colocou as fotos na mesa. Não conseguia olhar para mais nenhuma. Não queria olhar rostos dos quais não se lembrava.

“Por favor”, ela disse, “você poderia só me contar sobre ela? E meu pai? O que aconteceu com eles? O que aconteceu comigo? Eu preciso saber”.

“Mas tem mais...”

“Por favor”, Lucie repetiu, “me conte”.



Aquela menina era tão inquieta, tão cheia de emoção e lágrimas, nem um pouco como qualquer uma das Lucie que Helen tinha conhecido. Não era alegre, carinhosa e desencanada. Não era fria e insensível. Helen suspeitava que ela sentisse demais. Todo o seu passado estava finalmente acertando as contas.

Helen pegou as fotos que tinha escolhido com tanto cuidado para a menina e as colocou na mesa. Tinham o mesmo poder sobre ela. Tinha passado muitas noites chorando sobre suas fotos, e agora Lucie estava visivelmente perturbada por vê-las.

"Vamos, vamos", disse, "coma seu sanduíche, e seu café está esfriando. Vou contar tanto quanto sei".

Gloria Frances era a mais nova de duas irmãs, em um ano e oito meses. Nasceram em Everett, Gloria enquanto o pai estava fora, na Marinha. A mãe contou a elas que ele tinha sido um homem bom, mas que tinha voltado diferente da guerra. Depressivo, distraído.

"Graças a Deus ele não levou todas nós com ele, quando se envenenou na garagem", Helen disse. Enlaçava os dedos deformados enquanto falava, um velho hábito que tinha esquecido que tinha. Edward costumava caçoar dela por causa disso.

A menina parecia impaciente. Sua mãe. É claro, ela queria saber sobre a mãe.

Helen limpou a garganta. "E então veio Gloria, a luz do mundo." Fechou os olhos por um momento, depois continuou.

Gloria fora especial. Não como as outras meninas do seu tempo. Era aventureira, Helen resolveu dizer, e não "indisciplinada", ou "insensível", ou "intensa", embora tudo isso fosse verdade. Helen queria focar no lado bom para Lucie, e a verdade era que amava todas essas características de Gloria, mesmo que às vezes também trouxessem problemas para Helen com seus pais, por não controlar sua irmã. Helen havia sido a sensata, mas secretamente adorava as escapadas da irmã, como quando ela escalou o poste de luz para provar que conseguia e saiu sem nem um arranhão ao tocar o fio elétrico e cair no chão. Ela apenas se levantou e riu. Ou na vez em que roubou o Ford picape do senhor Higgins e foi dirigindo até Bellingham, até que os guardas a pegaram e a trouxeram de volta. Seu pai tinha batido nela por causa disso, mas ela deu uma piscada

para Helen quando veio mancando do armazém. Por causa disso, Helen apanhou, mas pareceu justo.

Elas tinham sido inseparáveis, Helen contou então para a menina, até 1969, quando Gloria conheceu o pai de Lucie, Gene, que tinha umas costeletas medonhas e queria viver caminhando e se alimentando do que desse, ou alguma bobagem do tipo. Não, ela não tinha nenhuma foto dele. Tinha fugido para Boise para se casar, quando só fazia um mês que se conheciam, e viver lá em um trailer. Três anos depois, Gloria voltou para casa sem ele, mas com uma menininha, Lucie. Gene tinha acabado com uns vagabundos e se envolvido com drogas e festas sexuais. Muitos anos depois, Helen soube que ele tinha morrido de alguma espécie de câncer. Ela detestou a expressão de Lucie quando disse isso, desejando ter suavizado o golpe. Até o estranho do seu pai estava morto.

"Mas eu ainda estou aqui. É por isso que é importante eu ter encontrado você", Helen disse, pegando na mão da menina. Ela era tão macia e sem veias ou manchas de idade, exatamente como as de Helen haviam sido. "Eu também não tenho ninguém, entende? E agora temos uma à outra."

Lucie concordou, com expressão dolorosa.

"Por favor, continue", pediu, agarrando-se à mão de Helen, fazendo correr um arrepio de prazer na espinha da mulher. Quantos anos fazia desde que tinha sido tocada pela menina a última vez?

"Bom, então, você e sua mãe vieram morar comigo e com o Edward", disse Helen, "e essa foi uma das melhores épocas das nossas vidas. Tivemos dez anos excelentes com vocês aqui, em Marysville. Ah, a gente ia pra praia e cavava atrás de caranguejos, assava milho no fogo, ia ao cinema e no Festival do Morango todo verão, e mesmo quando você e a sua mãe se mudaram pra sua própria casa, você vinha passar a noite..."

Tantas lembranças. Elas se apinhavam e se lançavam na mente de Helen como cardumes de peixes, vindo, indo, escorregadias demais para serem retidas por muito tempo para mostrar para a menina como tinha sido entre elas, como tinham sido uma família de verdade, como tinham se amado.

"Você sabe, Edward e eu não fomos abençoados com filhos, então, ter você em nossas vidas foi..." Helen sentiu o calor se espalhar da garganta para o rosto. Tinha prometido a si mesma que não ia ficar tão afetada. Tinha sido como pais para a garota, pois Gloria gostava de se divertir à noite, o que sempre se estendia para o dia seguinte, e às vezes para vários outros dias. Mas Lucie não precisava ouvir essas coisas, não ainda.

"Então, o que aconteceu?", Lucie pressionou. Para ela, não importava quanto tinham sido próximas, ou como Helen se sentira a respeito. Não, ela queria chegar nas lembranças tristes, é claro. Helen suspirou.

"Bom, aí a sua mãe se apaixonou por esse outro sujeito, e ele era ainda pior do que o primeiro. Eu tentei dizer pra ela, até o Edward tentou convencer a Gloria a sair disso, mas ela acabou pegando você e se mudando com ele pra São Francisco, quando você tinha só

onze anos. Ele tinha família lá, pensou que poderia arrumar um trabalho com o irmão, vendendo carros. Ah, foi tão triste o dia em que todos vocês foram embora, você na janela de trás dando tchau pra gente, coitadinha. Não queria ir.”

A menina tinha chorado como se estivesse com o coração partido. Todos tinham. A antiga tristeza passou sobre Helen, uma onda de mar e sal, afogando-a como antes, e ela pegou o lenço de papel, tocando o nariz. No fim das contas, não sabia se seria capaz de continuar.

“São Francisco?” Lucie pareceu espantada. “Onde, em São Francisco? Deve ter sido por isso que fui pra lá.” Ela estava ficando insistente, e Helen não gostou do tom de voz. “Eu sabia, eu sabia que estava procurando alguma coisa. Onde a gente morava?”

“Por favor, estou velha, me deixe esfriar a cabeça. Isto é muito difícil pra mim, e eu preciso pegar o meu turno daqui a pouco e... Será que você poderia comer o sanduíche? Eu fui na seção especial e pedi uns frios ótimos.”

Lucie pegou um sanduíche, mas não deu nem uma mordida. “O que aconteceu em São Francisco? Você não pode parar agora, não agora que eu estou aqui e você sabe de tudo.” A menina parecia prestes a chorar.

Helen enfiou o lenço de volta no decote. “Ah, meu bem, agora eu deixei você nervosa também.” Tinha recuperado a calma. “É, eu vou contar, claro que vou. É por isso que você está aqui.” Estava claro que não era para conhecer a tia, pensou. Bom, então que dividisse essa carga da família. “Esse cara não era um homem bom, como eu já disse, e ficava ainda pior quando bebia.”

Ela olhou para Lucie para ver sua reação, mas a moça estava sentada com o sanduíche no colo, só o encarando sem dar uma mordida, e olhe que Helen também havia comprado a maionese cara! Suspirou e foi em frente.

“Durante esses quatro anos, sua mãe me escreveu cartas, sugerindo que ele fosse o que chamam de ‘abusivo’, mas sem chegar a admitir. Bom, ela também não era nenhuma princesa. Gloria sempre deu o troco, mas, ainda assim... A luta nunca é justa entre um homem e uma mulher.”

A respiração de Lucie tinha ficado fraca. Ai, Helen pensou, isto não está indo nada bem. Mas que outro jeito havia de contar?

“Em todo caso, ela estava sempre mudando de ideia, terminando, aceitando o homem de volta. Ela aguentou essa bobagem durante quatro longos anos.”

“Ele batia nela?” Lucie estava agora com olhos arregalados. Toda ouvidos.

“Na verdade, batia, mas ela era forte e cabeça-dura. Não, toda a confusão começou porque depois que você começou a amadurecer, ele voltou a maldade contra você.”

“Ele... ele batia em mim?”

“Tudo o que eu sei é que um dia a sua mãe encontrou aquelas marcas de queimadura de cigarro na sua perna, quando chegou em casa, depois do trabalho, e ele estava bêbado, largado no sofá.”

“Meu Deus”, disse Lucie. Levou a mão até a coxa, e Helen sabia exatamente o que havia por debaixo. Não, não era de jeito nenhum uma marca de nascença, embora tivesse deixado a menina dizer que era, anos antes. Talvez devesse tê-la obrigado a dizer a verdade. Talvez os médicos estivessem certos quanto a isso, mas tinha parecido mais fácil simplesmente deixar que recomeçasse com uma nova história, uma que não incluísse nada do que tinha acontecido, nada sobre ninguém que tivesse morrido naquele dia.

“E aí o que aconteceu?” A menina não ia parar, ia? Ela ainda não tinha entendido a história toda? Como é que podia não se lembrar?

“Bom, ela me telefonou toda histérica por causa disso, e eu tentei dar uma acalmada nela.”

Helen tremeu, pensando naquela conversa, algo que ela nunca tinha contado para ninguém e certamente não contaria agora.

Tome conta dos meus bebês, Gloria tinha dito, e isso assustara Helen a tal ponto que ela a mandou sair de casa imediatamente. Gloria não lhe dera ouvidos, não podia ouvi-la, Helen pensou, naquele estado. Não deixe que a Lucie acabe como eu, sua irmã havia dito num lamento, depois desligou. Por mais que Helen ligasse de volta, ninguém atendia.

“É claro que ela sabia onde ele guardava a arma.”

Ela fez uma pausa, mas Lucie continuava olhando-a ansiosa, esperando para ouvir algum final feliz. Helen suspirou, sentiu as mãos tremerem. Se pelo menos tivesse conseguido convencer Gloria a sair porta afora naquele dia, ou se tivesse pensado em chamar a polícia de São Francisco, mas Helen tinha falhado com a irmã, tinha falhado com todos. Deu um gole do café, desejando que fosse uísque, depois enxugou os lábios. Ia ter de acabar com aquilo.

“Ela atirou nele, ali no sofá. Morto.” E teria parado por ali.

O espanto de Lucie sugou o ar da sala.

“O quê? Ela matou o cara?”

“Mas não foi sem que ele provocasse, percebe?” Ela era uma mãe ursa protegendo seus filhotes. Na mesma hora, eu dei um jeito de você vir pra cá, ficar com a gente. A gente era tudo o que você tinha.”

“Mas a minha mãe...”

“Morreu, logo depois. Ela ficou arrasada.”

Lucie desmoronou ao ouvir isso, como se ainda tivesse esperança de que sua mãe estivesse viva. Parecera um milagre que a adolescente Lucie nunca tivesse falado sobre nenhum desses detalhes daquele dia, nem uma vez tivesse voltado a mencionar coisa nenhuma sobre os membros de sua família. Os médicos tinham dito que ela estava em choque e especularam que talvez tivesse corrido para dentro de um quarto para não ver nada daquilo. Edward tinha dito que o melhor era não forçá-la a falar sobre o assunto, e Helen tinha concordado. Mas que tipo de criança não fica de luto pela própria carne e sangue? Em nome de Deus, como é que ela ia contar para esta jovem mulher que monstro

insensível ela tinha sido então? Esta Lucie era humana.

Helen estremeceu, pensando, pela primeira vez, se a adolescente que tinha voltado da Califórnia de avião não poderia, também, ter vindo sem qualquer lembrança dentro dela.

“Ai, meu Deus, está ficando tarde. Meu turno começa logo mais”, disse Helen e pediu licença para ir até o banheiro, subitamente envergonhada da raiva que haviam sentido em relação à menina naquela época distante. Helen tossiu, mal conseguindo respirar; seu peito asmático tinha se fechado nele mesmo. Onde estava sua bombinha?

A menina estava com amnésia naquela época, agora Helen tinha certeza disso, lembrando-se do rosto de Lucie na televisão, quando a encontraram um mês atrás, aqueles mesmos olhos vazios, aquela falta de expressão. Isso explicava tudo.

“Ai, Edward, o que nós fizemos?”, ela cochichou, um silvo familiar raspando os finais das palavras. A ponta dos dedos estava perdendo a sensibilidade. Se olhasse no espelho, veria que os lábios estavam azuis. Precisava ver seu marido novamente. Ele a tranquilizaria, diria a ela que tinham feito todo o possível, que era melhor uma postura firme com as crianças que não respeitavam os mais velhos, mas não tinha funcionado. Eles só a tinham afastado.

A bombinha estava ao lado da caixa de lenços de papel, na cômoda. Helen pegou-a com as mãos trêmulas e a levou aos lábios, mas apenas depois de pensar em deitar o velho corpo miserável na banheira, onde poderia esperar que Edward Dez Mãos viesse levá-la para a luz, onde poderia estar com ele, com seus pais, com Gloria e aquele lindo garotinho.



Enxugando-se depois da ducha, Grady sabia que Lucie tinha saído. Sentia na quietude da casa, nas nuvens que haviam se juntado no céu. Não achava que tinha sido abandonado, mas sabia que quando ela voltasse tudo seria diferente. Outra vez.

Tinha ido ver a tia. Claro. E se ele tivesse tido o bom senso de substituir o celular dela nas últimas semanas, poderia ligar, mas não tinha feito isso. Ela sempre estava em casa, ou no bairro, parecendo ajustada, até feliz. O celular era como a psiquiatra, ia acabar acontecendo na hora certa, só que agora percebia que deveria ter insistido nas duas coisas, deveria ter batido o pé e marcado hora com a médica, assumido as coisas e ido até a loja de eletrônicos para comprar um telefone.

Tinha sido muito egoísta! Não tinha querido dividi-la com ninguém ainda, mas sua recuperação dependia de que ela novamente abrisse o próprio caminho no mundo. Tinha de ajudá-la e tinha de deixá-la saber que estava do seu lado.

Nu, Grady mancou até o escritório e procurou dentro da bolsa o número do telefone de Helen. Não estava ali. Lucie o havia levado com ela.

Quantas pessoas em Marysville poderiam ter o nome Dez Mãos?

A internet revelou apenas uma, Edward Dez Mãos. Grady precisava falar com Lucie, a velha o deixava preocupado. Será que tinha mesmo as melhores intenções em relação a Lucie? Ou o fato de tê-la visto na imprensa apenas tinha revivido algum desejo distorcido de machucá-la de novo?

Quando Helen atendeu, ele disse:

“Gostaria de falar com a Lucie, por favor”.

“E quem é que está falando?”

“Você sabe muito bem. Só coloque-a na linha.” Ali estava, a raiva, algo que sempre tentava negar, e ele estava feliz por não fazê-lo.

Ouviu murmúrios e movimentos, e depois Lucie, chorando.

“O que está acontecendo?”, ele perguntou. “Você está bem? Quer que eu vá buscá-la?”

“Não”, ela respondeu, parecendo dura, depois começou a soluçar. “Deus do céu”, cochichou, “é tão horrível. Não é de estranhar que eu seja uma maluca”.

“Você não é maluca. Foi isso que ela disse? Ela está aí do seu lado?”

“Ela foi buscar mais café”, Lucie respondeu. “Ela é mesmo esquisita, mas não acho que esteja mentindo. É só que... Nossa! Muito pior do que eu tinha imaginado.” Ela assoou o nariz. “Mas sabe de uma coisa? Nós moramos em São Francisco quando eu era criança! Tinha uma razão pra eu ir até lá, pelo menos.”

“Vou até aí.”

“Não, não venha. Você não pode guiar.” Ela começou a falar com a velha mulher, dizendo: “Está, está, está tudo bem”.

“Não está tudo bem”, disse Grady. “Quero que você saia daí agora.”

“Desculpe”, disse Lucie, “mas tenho de desligar”. Ela ia desligar. Ainda estava brava com ele, e agora a tia a estava influenciando. Grady não sabia o que fazer.

“Que merda, Lucie, só quero fazer o que é certo, mas não sei como. Não sei o que você quer. Só quero estar com você, ajudar, e... Merda.” A voz dele ficou mais baixa, quase um sussurro: “Eu te amo pra caramba, nem sei se deveria estar dizendo isso.”

“Grady”, ela disse, “eu preciso fazer isso”.

Ela tinha razão, e ele detestou esse fato.

“E sim.” Ela fez uma pausa. “Com certeza você deveria dizer isso.” A linha ficou muda.

CARREGANDO A SACOLA de ginástica, Grady desceu pesadamente os degraus da frente até o carro. O médico havia dito que ele não deveria guiar, mas sentia-se totalmente capaz de descobrir como levar o pé imobilizado a fazer o que fosse necessário para chegar até a Piscina Comunitária Queen Anne. Se sáísse agora, estaria de volta quando Lucie chegasse em casa. Se ficasse em casa preocupado, ficaria louco.

Enfiou as muletas e a sacola no banco traseiro, depois se sentou atrás do volante. Pressionar o acelerador com a bota requeria habilidade, mas Grady sentiu-se feliz por seu pé esquerdo ter se recuperado o bastante para operar a embreagem. Se tivesse pegado emprestado o automático de Lucie, teria conseguido ir ao trabalho sem problemas. De certa maneira, sabia disso, mas queria ficar em casa. Queria estar onde Lucie estivesse.

“Com certeza você deveria dizer isso”, ela havia dito. A emoção que isso trouxe ao seu peito foi tão visceral que teria jurado que passarinhos batiam asas de verdade dentro dele dizendo: “Viu? Ela ama você, ou pelo menos vai amar”. Uma exaltação de cotovias. Um bando de gaivotas. Uma orgia de periquitos, pensou, tamborilando os dedos na direção no ritmo da música do “Modest Mouse”, em seu iPod: That’s what I’m waiting for, that’s what I’m waiting for, aren’t I?¹¹

Um novo pensamento lhe ocorreu: poderia provar a Lucie o quanto ela o tinha amado. Ele tinha os dados, dava para verificar. Os cinco anos em que estiveram juntos estavam bem documentados em toda a correspondência sentimental que ele tinha guardado, cartões

melosos e cartas de amor. Quando ela chegasse em casa, ele iria desencavar aquilo tudo e mostrar, como tinha feito com as fotos outro dia, para ajudá-la a se lembrar. Se ela pudesse ler o que tinha escrito para ele, teria de sentir alguma coisa despertando em seu interior.

Grady dirigiu o velho Volvo para oeste na Forty-Fifth, através do bairro comercial Wallingford, até a estrada 99, depois foi na direção sul, passando sobre a ponte Aurora, de arco elevado, famosa por seu número de suicidas. Toda aquela água, as montanhas ao longe. Só a vista já deveria ser o suficiente para trazer até a pessoa mais triste de volta à razão, mas Grady conseguia entender o apelo. Guiando rápido por ramos de flores secas e recados presos na grade posta para prevenir os suicídios, teve de desviar os olhos para evitar que imaginasse o salto.

Virando na Queen Anne Hill, percebeu que não havia considerado o grau de dificuldade que a inclinação íngreme traria para lidar com a mudança de marchas manual, a bota inepta no pedal do acelerador e do breque. Por duas vezes, o carro morreu, mas por duas vezes ele conseguiu fazer com que voltasse a andar, sem deixar que descesse e ralasse no impaciente Range Rover que estava atrás dele.

Por fim, depois de rodar pelas ruas estreitas e curvas cercadas por velhas mansões, Grady dirigiu-se para o bairro comercial no alto da colina: um desfile de cafés, restaurantes da moda, academias de ioga e massagistas. Evitando carrinhos de bebês, corredores, crianças de skate em todos os cruzamentos, continuou até encontrar um lugar onde enfiar seu carro.

Apesar do prestígio do bairro, a Piscina Comunitária Queen Anne era apenas mais uma piscina pública: luzes fluorescentes brilhantes demais, cheiro muito forte de cloro e crianças gritando bem alto. Ele tinha decaído bastante do conforto executivo da Sound Fitness, mas isso já não importava. Água era água. A vida seguia seu rumo, e Grady tinha a sensação de que se tirasse a bota, mas mantivesse o pé enrolado, e se fosse com calma, descobriria que havia melhorado o bastante para voltar à ativa. Ou não. Mas tinha de tentar.

11. Trecho da música "Little Motel": É por isto que estou esperando, é por isto que estou esperando, não é? (N.E.)



Quando chegou a hora de Helen ir para o cassino, Lucie acompanhou-a até o carro no estacionamento do prédio. Tinha sérias dúvidas de que a velha mulher devesse estar guiando, com as mãos e os dedos artríticos daquele jeito, resfolegando, tossindo e tremendo, mas Lucie sabia que não devia discutir, e não porque Helen fosse teimosa, embora com certeza fosse. É que Lucie percebia a fragilidade dos velhos pontos fragmentados da tia – a família pela qual chorava, as tristezas que carregava sozinha. Lucie tinha perdido os pais e, pior, ela mesma, mas Helen tinha perdido sua ligação com o mundo, pelo que parecia. Era estranha e louca porque ninguém esperava que não fosse. Ninguém cuidava dela, ninguém esperava por ela em casa no final do dia, ou lhe dava boa-noite antes que fosse dormir, tudo isso havia anos.

O velho Toyota Celica de Helen estava inclinado para a esquerda, os pneus mais baixos do lado do motorista. A velha senhora tirou as chaves da bolsa.

“Bom...”, disse, soando melancólica.

Lucie sabia que deveria abraçá-la, mas não conseguiu. Uma parte sua detestava Helen. Dez Mãos e tudo o que ela tinha contado.

“Você vai voltar logo, não vai?” Os cantos dos lábios esbranquiçados de Helen estavam cheios de saliva. Seus óculos estavam sujos. Lucie concordou, mas não tinha decidido ainda se iria vê-la novamente ou não.

Por fim, sozinha em seu carro, Lucie reclinou o assento e fechou os olhos, ainda nauseada pelo cheiro de mortadela e do café solúvel aguado, pelas fotografias que não reconheceu e as pessoas que havia nelas e que não amava, pelas histórias nas quais não queria pensar. Sua vida tinha sido uma série de tragédias, se Helen dissesse a verdade. Sua família era um desastre.

Minha mãe era uma assassina, pensou. Ainda que tivesse sido em legítima defesa, ou em defesa de Lucie, era uma loucura, não? Ele tinha sido morto no sofá. Por que sua mãe não tinha simplesmente ido embora com Lucie? Gloria ainda tinha família para lhe oferecer um lar.

A minha família, ela pensou, tremendo. Se as histórias tivessem sido sobre estranhos, Lucie poderia ter se deslumbrado com o quanto sua mãe tomava decisões erradas em

relação a tudo – homens, conflito –, mas era com essa parte da sua mãe que ela conseguia se identificar. Havia algo de familiar naquele desespero. No entanto, Grady era um homem bom; parecia ter resistido à inclinação de sua mãe por fracassados. Não era um bêbado, nem abusivo. Eles tinham brigado, mas Lucie não tinha dado um tiro nele, certo? Só tinha fugido. Mas por quê? Algumas sensações pesadas, como aquela que tinha tido ao ver as decorações de Quatro de Julho, ou quando tocava piano. A sensação de que alguém estava faltando. As explosões. O cheiro de fumaça.

Uma arma disparando.

Lucie sentou-se com os olhos escancarados. Não eram fogos de artifício de jeito nenhum.

Sentou-se totalmente imóvel, o coração disparado, uma mão agarrada no trinco da porta. Ela se lembrava da mãe atirando no homem? Será que iria surtar, ter algum flashback horrível? Tornar a perder a cabeça?

Esperou o que viria em seguida. Depois de alguns minutos, seu coração voltou ao normal, seu corpo relaxou. Sentiu um tremor residual, uma sensação enorme de perda, mas era algo que sentia o tempo todo.

Finalmente tinha se lembrado de alguma coisa real, alguma coisa comprovável, se Helen dissesse a verdade. Não morreu por causa disso. Não se machucou. Ficou querendo mais.

Afivelando o cinto de segurança, Lucie ligou o carro. Estranhamente, sentia-se melhor, apesar da árvore genealógica recém-descoberta. Finalmente tinha um ponto de partida.

A casa cheirava a piscina. O som de assobio vinha do escritório. Grady nunca havia assobiado antes.

“Oi?”, Lucie chamou, pendurando a bolsa nas costas de uma cadeira da sala de jantar.

Continuava brava com o fato de Grady não ter lhe contado sobre Helen, mas naquele momento era uma braveza mais protocolar. Do seu jeito torto, ele estava tentando cuidar dela, embora Lucie suspeitasse que estivesse pensando na Lucie antiga. Mas agora também entendia que ele era capaz de guardar segredos, grandes segredos. Se ela ia melhorar, se ia retomar sua vida, ele precisava lhe contar a verdade.

Lucie caminhou até o escritório e encontrou Grady no corredor. Não estava usando as muletas. Olhou para baixo e viu que ele estava sem a bota.

“O que está acontecendo?”, perguntou.

“Você está bem? O que ela contou? Como é que a gente sabe se ela pelo menos está lúcida?”

Lucie suspirou. “Ah, ela está. É uma droga, mas ela está.”

“Mas...”

“Mas o que você está fazendo? Cadê a sua bota, as suas muletas?”

"Estou fazendo um teste", ele explicou. "A dor não é assim tão ruim." Ele se encolheu ao dar um passo. "Bom, não é ruim demais. E, de qualquer jeito, eu devo largar as muletas logo."

"Por favor", ela disse, "por mim, coloque a bota de volta".

O pedido pareceu deixá-lo encantado, e ele deu o sorriso mais aberto que ela já tinha visto.

"Tudo bem", ele concordou, "por você". E voltou pulando para o escritório. "Eu nadei hoje", ele anunciou sobre o ombro. "Foi aí que tive a ideia."

"Onde?" Ela foi atrás dele e viu pilhas de cartões e cartas sobre a mesa. Parecia que ele estava fazendo uma seleção, talvez limpando uma gaveta. Ele se sentou na cadeira e pegou a bota, afastando a abertura para enfiar o pé.

"Na piscina Queen Anne. É um pouco pequena e muito cheia, mas de qualquer modo eu não podia ir muito longe. Nadar não doeu tanto, então pensei que podia experimentar andar. Não acho que os médicos saibam exatamente o tempo que cada pessoa demora pra sarar, entende? Tem de haver alguma variação estatística."

"Grady." Lucie disse calmamente, mas ele parou de falar, olhando com as sobrancelhas levantadas. "Eu me lembrei de uma coisa hoje, quando estava lá."

O sorriso dele vacilou. "É mesmo? O quê?"

"Primeiro, eu preciso que você me conte a verdade, toda a verdade."

"Eu conto, tenho contado", ele disse, franzindo o cenho. "Sobre o quê?"

"O que eu sabia sobre o meu passado? Até que ponto eu contei pra você sobre os meus pais, o meu passado? Quero dizer, se eu nunca nem mesmo contei que morei em São Francisco..."

O rosto dele relaxou. Endireitou o corpo, cotovelos sobre os joelhos. "Você nunca me contou nada, exceto que seus pais tinham morrido, que detestava seus tios e que tinha saído da casa deles assim que pôde. Não sei se você sabia mais coisas, mas nunca me contou mais."

Ela ficou quieta, pensando. "E você não me pressionou? Nós não éramos o tipo de casal que conversa sobre tudo? Não éramos completamente honestos um com o outro?"

Ele deu de ombros. "Você simplesmente não queria tocar no assunto. Eu sempre quis que você se abrisse comigo, mas manteve isso com você. Parecia que era difícil demais pra você, então eu acabei deixando de tentar." Ele fez uma pausa. "Pensei que estivesse fazendo a coisa certa, mas agora... não tenho certeza. Agora não posso ajudar mais."

Lucie concordou. "Bom, acho que posso ter me lembrado de alguma coisa hoje, mais ou menos. Explosões, como tiros. Só de pensar nisso, fiquei com vontade de gritar ou vomitar." Ela deu uma estremecida, como tinha feito mais cedo. "Acho que talvez fosse a minha mãe atirando no marido, meu padrasto."

"O quê? Foi isso que ela contou? Lucie, ela está senil ou coisa do tipo."

"Eu meio que senti, percebi...", Lucie disse. "Acho que ela estava contando a verdade."

Esperou que Grady fizesse perguntas, mas ele ficou quieto, com os olhos baixos. "Eu sei que antes eu não fazia isso, mas posso conversar com você a respeito?", ela perguntou.

Ele levantou os olhos, surpreso. "Bom, claro! É que eu não estou acostumado com..."

"Você tem certeza que..."

"Claro, claro", garantiu Grady, prendendo a bota e se levantando, depois mancando até onde Lucie estava. Estendeu a mão, e ela a pegou, levantando-se. "Vamos para algum lugar mais confortável."

Lucie sabia que ele estava se referindo à sala de visitas, mas ao sair do escritório na sua frente, ela se desviou para a esquerda, em vez de ir à direita, e entrou no quarto de hóspedes. Ele tinha dito que a amava. Não tinha nenhuma outra mulher chamada Helen. Não havia nada que atrapalhasse os dois.

O que estou fazendo?, ela se questionou, vagamente, mas não parou. Talvez só precisasse sentir uma coisa boa depois de um dia terrível. Algo que fosse como uma afirmação de vida, algo sobre o momento presente e os dois e tudo que poderia haver entre eles. Ou talvez só precisasse se conectar no nível físico, antes de poder novamente baixar a guarda emocional. Precisava sentir que ele a amava dessa e de todas as outras maneiras. Precisava se sentir segura.

Lucie foi para a cama e puxou as cobertas, dobrando-as cuidadosamente na beirada. Voltou-se para ver Grady segurando no batente da porta, como apoio, sem muletas, olhando para ela de um jeito novo, sem que o fosse realmente. Conhecia aquele rosto, aquela expressão, de algum lugar tão profundo quanto onde conhecia as explosões. As mãozinhas no piano. Mãos maiores nos seus seios, na sua cintura, no seu quadril.

O peito de Grady inflou-se com uma respiração mais intensa, seus lábios se abriram. Olhou para ela de uma maneira que a fez se sentir como se já estivesse nua.

"Oi", ela disse, o cérebro efervescendo.

"Oi", ele disse, a voz falhou.

Lucie sorriu, nervosa, e tirou a camisa pela cabeça. Descalçou as sandálias, enquanto Grady a observava. Ele a desejava; ela deveria ter sabido o tempo todo. E precisava que ele estivesse perto, tão perto quanto as pessoas conseguem ficar, pele contra pele, respiração contra respiração, doce, salgado, úmido e macio. Antes de poder falar, precisava saber que eles eram capazes de coesão e solidariedade, que ela era dele.



Os lábios de Lucie tinham o mesmo sabor da primeira vez que ele a beijara, como o pôr do sol em um dia quente, ou uma chuva repentina. Como maçãs colhidas na árvore. O beijo dela sempre o tinha despertado da monotonia diária, das profundezas e do rotineiro, e a mesma coisa se repetiu. Ela ficou nua na frente dele, desabotoando sua camisa, ajudando-o a pular até a cama, onde ele se sentou enquanto ela terminava de despi-lo, olhando nos seus olhos.

Ela tinha um vago perfume de loção, a mesma loção simples que tinha usado todos os dias desde que ele a conhecera. No entanto, o corpo duro e magro tinha desaparecido, substituído por uma maciez que ele não podia deixar de olhar. Sem os intensos exercícios, ela não tinha engordado ou ficado roliça, só ficado mais feminina, e teve tanta vontade de tocá-la que seus dedos tremeram.

"Pensei que você quisesse conversar", ele disse, sem querer estragar a chance de fazer amor com Lucie depois de tanto tempo, mas também não querendo entender errado. Por que ela estava fazendo aquilo agora? Como ele deveria reagir?

"Eu quero", ela disse, correndo as mãos pelo peito dele, acariciando seus mamilos, depois se inclinando para beijá-los. Olhou para ele, com os lábios rosados e intumescidos. "Nós vamos."

"Nossa", ele disse, tocando a cabeça dela, sua face, correndo a mão pelo longo pescoço até a clavícula. "Não vou conseguir falar por muito mais tempo."

"Shhh", foi a resposta.

Ela puxou sua bermuda e sua cueca, e ele levantou o quadril enquanto ela abaixava as roupas e as tirava por sobre a bota. Quando sua mão roçou na ereção, o corpo de Grady teve um espasmo tão forte que ela recuou.

"Machuquei você?"

"Não", ele gemeu, puxando-a para ele. "De jeito nenhum. Você é incrível."

E era. Esta Lucie era mais ousada, tomando a iniciativa e o despindo. Sempre tinha amado fazer sexo com Lucie porque ela gostava muito, depois que se soltava, mas era ele quem tomava a iniciativa, que a acariciava e a beijava além da inibição. Esta mulher parecia não ter nenhuma, ajoelhando-se entre os seus joelhos e agora, caramba, ela o tinha

posto na boca, uma coisa que ela só havia feito no aniversário dele ou depois de muito vinho. O alto da sua cabeça era diferente, seu cabelo estava mais escuro, macio, não estava espetado. De repente, pareceu que ele estava traindo Lucie. A sua antiga Lucie.

Ele se encolheu ao perceber que estava perdendo a ereção. Deus do céu. Como é que isso podia estar acontecendo? Estava tão gostoso fazendo o que estavam fazendo! “Desculpa, eu...”

A boca dela soltou-se dele; ela fez um som como vento no deserto. Equilibrando-se nos calcanhares, levantou-se e começou a recolher suas roupas.

“Lucie, espera, desculpa, eu...”

Ela não queria olhar pra ele. “Eu não sou mais ela, sou?”

Grady enrubesceu de constrangimento e agarrou um travesseiro para se cobrir, querendo protestar. A nova Lucie era tudo que ele poderia querer de uma mulher. Não era carente, nem exigente ou complicada. Era paciente, bondosa, fácil de conviver e tão sensual que ele mal podia suportar. Como era possível que qualquer homem com tesão brochasse com ela fazendo o que esteve fazendo?

Contudo, ela tinha razão, ele sentia falta da velha Lucie. Lamentava a perda da mulher por quem tanto se esforçara para que o amasse, e que afastara com suas inseguranças e defensivas. Se pelo menos pudesse tê-la amado melhor, se pelo menos pudesse se provar como um homem de valor, ela nunca teria fugido. Mas nunca mais teria essa chance.

“Desculpa”, ele disse, sabendo que deveria se levantar no seu estúpido pé quebrado e sair, acolhendo Lucie nos braços, mas ele se deitou com a mão sobre os olhos e esperou que ela saísse do quarto, antes de se virar e sucumbir ao luto pela morte de sua primeira, preciosíssima Lucie, cuja aprovação jamais teria.

NAQUELA NOITE, ENQUANTO Lucie tocava uma peça clássica no porão, Grady esgueirou-se para o escritório. Precisava ler os cartões e as cartas da mulher que o tinha amado antes que tudo desse errado. Pegou um cartão no alto da pilha, com uma linda gravura japonesa de ondas e espuma, árvores na montanha à distância. Dentro, Lucie havia escrito em sua caligrafia caprichada:

Grady,

Claro que sei que você me ama. É óbvio que eu te amo. Não é disso que se trata. Acontece que tenho um montão de coisas pra fazer, e nunca o tempo suficiente. Sei que você também está ocupado, redesenhando. A gente não pode simplesmente concordar que nos amamos e não ficar tão preocupados em quanto tempo passamos ou não passamos sozinhos, juntos?

Ela tinha assinado com um grande L em arabesco e acrescentado um P.S.:

Você vai conseguir ir à Noite Tecnológica no Opera, na próxima sexta? Seria muito bom se pudesse. Coloquei na sua agenda e levei seu terno para o tintureiro.

Grady abriu alguns outros cartões. Não eram cartas de amor. Eram instruções ou recomendações para uma vida a dois com Lucie, salpicadas com o lado complicado dela, escritas para lhe assegurar que tudo estava bem, mas que ela ia fazer o que quisesse e gostaria que ele estivesse de acordo. Por que ele tinha pensado nelas como uma prova de alguma coisa mais terna, mais real? Tentou se lembrar do que suas cartas pra ela diziam. Será que as tinha guardado como ele havia feito? Ele sempre tentara fazer com que ela concordasse com noites especiais, em que pudessem ficar em casa juntos, “noites pra namorar”, era como ele chamava, mas Lucie achava que as noites pra namorar deveriam ser passadas fora, em restaurantes e eventos pela cidade. Sempre multiatarefada, distribuindo cartões para as pessoas, fazendo questão de cumprimentar este ou aquele gerente de recursos humanos ou cliente em potencial que estivesse por perto.

Grady empurrou a pilha de volta para a caixa de lembranças que deixava debaixo da estante. Por que tinha guardado aquilo? Além das refinadas obras de arte que Lucie escolhia e a bela e caprichada caligrafia com que escrevia, não passavam de simples lembretes para alguém com quem dividia a casa.

E então entrou silenciosamente na sala de jantar, onde um raio de luz da rua iluminava as caixas brancas dos convites de casamento empilhadas no chão. Não suportava vê-los mais, esses lembretes daquilo que nunca tinha realmente sido. O dia seguinte era dia de reciclagem. Alguma coisa precisava mudar. Pegou a pilha de caixas e foi para a garagem.

NO DIA SEGUINTE, não havia nada a fazer a não ser ir para o trabalho. Grady havia provado que podia guiar. Podia nadar. Podia levar a vida do jeito que levava antes de quebrar o pé, antes de encontrar Lucie, antes de perder Lucie pela primeira vez, como temia ter acontecido de novo.

Sentado em seu cubículo com o pé apoiado em uma cadeira, discou para o celular de Dory.

“Oi, G! Como está a lua de mel?”

Normalmente teria respondido simplesmente “boa”, mas esse era o motivo do telefonema, não era? Para confessar, levar uma bronca e voltar à realidade.

“A lua de mel acabou”, ele respondeu, sabendo que estava exagerando, mas este era mais um de seus papéis. O depressivo Gus, como suas irmãs o chamavam.

"Ai, não, o que aconteceu?" Grady podia vê-la, recostando-se no próprio cubículo, mesmo que tivesse lotada de clientes.

"Fodi com tudo, e agora ela acha que eu não a amo mais. Está tão diferente do que era que é difícil acreditar que seja a mesma pessoa. Mas ao mesmo tempo ela é tão, bom, tão Lucie, também. Como se fosse uma versão mais descontraída, ou coisa assim. Lucie num universo alternativo, só que eu ainda estou no normal."

"Nossa, pra mim parece o ideal. Ela sempre parecia um pouco tensa. O que você fez de tão terrível?"

Grady esfregou a sobancelha, fechou os olhos. "Ela queria fazer aquilo."

"Nossa, muita informação", Dory disse. "Sem detalhes, mas desconfio que você não queria a mesma coisa."

"Não, eu queria, eu quero. Quero mesmo. Sinto falta dela."

"Então qual é o problema? Ela ainda é a sua noiva, ainda é a mesma pessoa, Grady, juro pra você. As vítimas de trauma..."

"Que trauma? Essa é a parte que eu não entendo, sabe? Ela nunca se incomodou por ter perdido os pais, nunca durante os cinco anos que ficamos juntos."

"Tem dó, Grady. Isso se chama 'repressão', não saúde emocional, pelo amor de Deus. A fuga dissociativa é acionada por um grande trauma emocional. Tipo os soldados no campo de batalha, entende?"

A mãe dela atirou no padrasto dela. Puxa vida! Se isso não fosse traumático... Por que ele não estava contando esse detalhe para Dory?

"O que aconteceu no dia em que ela fugiu, Grady?"

Sentiu seu maxilar se enrijecer. Tinha contado mais para Dory do que para qualquer outra pessoa, agora estava arrependido.

"Bom, você sabe. Nós brigamos. Uma briga bem feia, mas não consigo entender a ligação. Não sou da família pirada dela. Quero dizer, um bando de gente passa por um monte de merda pesada, mas não apagam a vida por causa disso. Eu e você também não tivemos uma vida das mais fáceis. Você simplesmente não abandona alguém que ama."

Ao dizer isso, ele ouviu o que Dory tinha ouvido. Nunca tinha se permitido dizer as palavras em tom alto, pois eram muito ridículas e egoístas.

"Espere, de quem se trata, do papai ou da Lucie?"

"Eu sei, eu sei."

"Ouça, é uma transferência, pura e simples." Dory sempre tinha muita certeza das coisas. "Biológica, de temperamento, educacional, seja o que for. Cada um de nós tem o próprio mecanismo pessoal, e o dela aconteceu de desandar. Você não pode penalizá-la por uma doença mental, do mesmo modo que não poderia se ela fosse diagnosticada com câncer, Grady. Não é justo."

"Ela não tem uma doença mental!" Grady levantou os olhos para ver quem poderia ter ouvido, depois baixou a voz: "Ela só..." Não havia como terminar a frase.

"Acho que o DSM-IV¹² classifica os problemas dissociativos como doença mental, querido. Ela esteve doente e agora está se recuperando. Dá pra você pensar nela assim?"

Grady suspirou. "Eu sei. Eu deveria."

"Como está indo com o psiquiatra?"

"Ela não quer ir."

"O quê? Grady..." Ele sabia que Dory estava revirando os olhos. "Pense nisso da seguinte maneira: se ela estivesse com câncer, digamos, no cérebro, e estivesse mentalmente prejudicada, você deixaria que ela tomasse a decisão?"

"Você conhece a Lucie. Ninguém diz a ela o que fazer."

Dory suspirou. "Então, ela continua a mesma Lucie."

"Bom, continua, em alguns aspectos, mas eu contei pra você que agora ela toca piano? E está cozinhando. E fazendo amigos."

Dory deu uma risadinha. "Pra mim, ela parece muito saudável. Se você não gosta disso, talvez o problema esteja em você, não nela."

Ali estava. Era o que estava procurando; Dory sempre acertava.

"Detesto isso", ele disse. "E detesto quando você tem razão."

"Claro que tenho razão. E tenho razão quanto ao médico. Se você não marcar uma hora pra Lucie logo, eu vou marcar."

Grady riu. "Tá, tá, tudo bem."

"Olha, preciso voltar ao trabalho. Estou brigando com uma administradora por causa da conta de eletricidade de um cliente, ainda que isso não faça parte do meu trabalho, e minha chefe vai me infernizar quando descobrir. Pelo menos não é inverno, mas como é que dá pra achar que uma pessoa tem uma vida decente no escuro?"

Grady recostou a cabeça nas costas da cadeira. "É, bom, sei o que é isso."

"Então acenda as luzes, querido. Vou ver você domingo, na mamãe, certo? Quais são os planos?"

"Não sei. A Lucie quer muito ver todo mundo por alguma razão. Sabe-se lá o que pode acontecer agora, já que ela mal suporta me ver."

Dory bufou. "Por que ela não ia querer ver a gente? Somos incríveis! E olha: vou falar bem de você, irmãozinho."

Grady balançou a cabeça, mas desligou com uma nova resolução. Iria acender a luz da sua vida. Se Lucie podia ser uma versão nova e melhorada de si mesma, talvez ele também pudesse tentar. Grady 2.0.

AO CHEGAR EM casa naquela noite, encontrou-a em sua mesa no escritório, entretida com alguma coisa no seu notebook. Não a tinha visto perto daquilo desde que chegara em casa; não havia percebido nem que ela soubesse como usá-lo, na verdade, mas ela estava

claramente navegando.

"Oi", ele cumprimentou da porta, meio esperando que ela o ignorasse, mas Lucie se virou. "Pra você", ele disse, indicando a dúzia de gérberas pink que trazia na mão. Também havia trazido um frango assado e a salada de pepino que Lucie costumava adorar, tudo deixado na cozinha.

"Já é tão tarde?", ela perguntou. "Nem pensei no jantar." Ela se levantou e foi até ele, pegando as flores e trazendo-as junto ao rosto, mas, é claro, as gérberas não têm perfume. Ele deveria ter pensado nisso. Ela estava sempre cheirando as flores na vizinhança. Antigamente, costumava gostar das gérberas por causa de sua aparência.

"O jantar já está resolvido", ele disse. "Trouxe um frango assado."

Esperou. Será que ela sabia que era o seu preferido? Ele tinha imaginado os dois na mesa de jantar, uma vela acesa, uma garrafa de vinho, falando sobre tudo o que ela tinha ficado sabendo na casa da tia. Ela havia se recolhido, e era quase como se ele tivesse conseguido o que queria; a velha Lucie havia sido ótima na arte de dar um gelo.

"O que você está fazendo?", ele tentou.

"Pesquisa", ela respondeu, esboçando um sorriso fechado, impenetrável, sem alegria, depois passou por ele. "Vou colocá-las na água."

Eles tinham recuado muitos passos. Como poderia reverter?

Grady seguiu-a até a cozinha e a viu pegando um vaso num armário alto, levando-o até a pia. Mais uma vez, ela conhecia a cozinha melhor do que ele, como fazia antes de apagá-la da mente.

Não, pensou, antes de seu cérebro falhar. Tentaria levar as sugestões de Dory a sério.

"Lucie", ele disse às suas costas. Ela não se virou. "Preciso muito que você saiba quanto eu me arrependo de ontem. Estou tentando acertar nesta coisa toda, e pelo jeito não estou me dando muito bem. Por favor..." Ele hesitou.

Ela girou a cabeça levemente em sua direção. "Por favor o quê?"

"Por favor, olhe pra mim."

Ela fechou a torneira e olhou para ele. Ele a conhecia bem demais para saber que ela estava tentando manter o rosto impassível, mas já não era tão fácil. Graças a Deus, ele pensou.

"Por favor, não desista de mim", ele disse.

"Por que você jogou fora nossos convites de casamento?", ela perguntou. "Eu vi que estavam no lixo de reciclagem. Pelo menos você podia ter me contado." O queixo dela tremeu. Ela apertou os lábios e desviou os olhos.

"Merda", ele disse, e Lucie levou o vaso de flores para a mesa da sala de jantar.

12. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. (N.E.)



O silêncio vazio enquanto Grady estava no trabalho era bom, Lucie pensou na manhã seguinte, servindo-se de uma xícara de café. O jantar na noite anterior havia sido horrível, Grady tentando explicar que achava melhor não haver a expectativa do casamento pairando sobre eles. Mas por que não tinha nem mesmo perguntado? Ele não soube responder.

A pior coisa para Lucie, no entanto, era a mortificação de ter tentado fazer sexo com ele e ter sido rejeitada. Sentia-se uma idiota e ultraexposta, sempre que estavam juntos, principalmente cara a cara na mesa. Tinha se tornado difícil olhar para ele.

Como é que havia interpretado os sinais de um jeito tão equivocado? Aquela nem mesmo era a primeira vez que ele tinha uma ereção em sua presença. E depois fez coisas tão doces, como trazer flores e pedir a ela que não desistisse dele. Isso bastava para deixar qualquer um louco.

Ela levou o café até o escritório e abriu seu notebook. Até agora, não havia conseguido nenhuma informação satisfatória em suas buscas no Google sobre "Gloria Walker", "tiro", "São Francisco". Tentou pensar em outras palavras-chave que poderiam funcionar.

Enquanto seu computador vibrava de volta à vida, reparou numa pasta no desktop: "Fotos/Vídeos". Hesitou antes de abrir.

Centenas de arquivos de imagem caíram em cascata em uma longa lista nomeada numericamente. Não havia como saber o que era o quê, então, clicou no primeiro. Era uma foto escura e granulada do que parecia uma sala de conferências, com uma fileira de mesas tipo mostruário. A imagem seguinte confirmou que era alguma espécie de feira comercial ou conferência. Coisa chata, Lucie pensou, pulando alguns arquivos, clicando a esmo. E então, lá estava ela, toda maquiada, cabelo arrumado, com um sorriso largo ao lado de outra mulher, em um desses autorretratos tirados à distância de um braço, que faz qualquer nariz parecer grande demais.

As duas mulheres tinham um ar de sucesso confiante, que Lucie não conseguia se imaginar tendo. Pareciam imagens em série, em relação às roupas, à maquiagem cuidadosa, ao cabelo sem um fio fora do lugar.

"Essa sou eu", Lucie disse em voz alta, tentando se convencer, mas nada na expressão ou na atitude da mulher parecia familiar. Era como olhar para uma irmã gêmea

há muito perdida. Separadas no nascimento, pensou.

Clicou em dezenas de fotos, todas de executivos, homens e mulheres, em encontros de negócios em lugares profissionais. Onde estava Grady? Haveria alguma foto de casa? Haveria alguma hora em que ela não trabalhasse?

Pelo menos os vídeos tinham título: "Campanha de Arrecadação de Fundos para o Câncer de Mama 2009", "Brunch Inaugural dos Marinheiros 2008". No fim da lista, um arquivo chamado "Baile de Gala 2006". Baile... Selecionou e abriu.

A princípio escuro, até que uma mesa de jantar disposta para várias pessoas entrou em foco, em meio a um mar de outras mesas. Um salão de baile. A câmera fez uma panorâmica do salão até uma pista de dança banhada de luzes coloridas, lotada de corpos que giravam. "Olha o pessoal dançando", ela se ouviu dizendo em tom alto, superando a música.

E então Grady:

"Vai lá. Ninguém está dançando com os parceiros. Você não precisa de mim."

A tomada rodopia pelo salão, até parar no rosto de Grady. Ele dá de ombros para a câmera, cabelo mais curto, uma gravata azul listada – a mesma noite da foto na mesa de cabeceira dela. "Vá por mim", ele diz, "você não quer dançar comigo. Eu não tenho ritmo, meus pés são grandes. Dois pés esquerdos." Ela pode ver reflexos nos seus olhos negros, até seus cílios, a câmera muito perto.

Não o obrigue, ela quer dizer para esta mulher.

"Ah, mas eu quero muito dançar com você", a voz dela diz, só que não é a voz dela, é a voz de alguém flertando, tentando conseguir o que quer. "Vamos, tenho certeza de que você dança bem. Tem todas aquelas irmãs. Elas devem ter ensinado alguma coisa. Além do mais, esta é a minha música favorita."

Lucie esforça-se para ouvir a música, mas só tem o barulho da batida. Qual era a sua música favorita? Nunca havia pensado nisso antes, mas agora não suporta não saber.

Os lábios de Grady comprimem-se, e ele concorda. Desvia o olhar e depois olha de volta para a câmera. "Bom, então acho que temos de dançar". "Mas só se você não levar isso."

A câmera balança, e então eis que a antiga Lucie aparece na tela. Está rindo, um pouco bêbada, talvez, muito linda. Olhos brilhando, lábios cheios e desejáveis, o decote da roupa cintilante revelando o alto dos seios.

"Tudo bem", ela diz, "não vou documentar nossa primeira dança para a posteridade; mas vai por mim: você vai se arrepender". Ela faz um movimento para a frente, e então o vídeo acaba. A tela escurece.

O rosto de Lucie ficou quente, teve vontade de chorar. Estou com ciúme!, pensou. Não tinha acreditado para valer que essa outra mulher existisse de verdade, mas ali estava ela, exatamente como sabia que estaria por todas as evidências que havia reunido. O brinquedo sexual fazia sentido. As roupas de estilistas, os cosméticos caros, as brochuras sobre

como ficar linda. E acima de tudo, a paixão de Grady – seu amor e seu desejo – por essa mulher muito mais glamorosa que já não existia.

Lucie fechou o notebook, respirando compassadamente para se acalmar. Era impossível ter ciúme de si própria. Não fazia sentido. Engoliu em seco. O estômago roncou. Queria um café da manhã, um café da manhã quente, com ovos, batatas, panquecas e calda, e um montão de tudo para encher os espaços vazios, mas era uma cozinheira tão terrível! Como é que podia não saber nada, como fazer panquecas ou como fazer o próprio noivo amá-la?

Ovos mexidos, pensou. Quem é que pode errar ovos mexidos?

Na cozinha, quebrou dois ovos em uma vasilha, depois passou uma enormidade de tempo pescando as cascas no meio dos ovos. A frigideira que havia posto no fogo estava fumegando. Desligou o fogo, pensando se deveria limpar a manteiga derretida que tinha ficado marrom. Estava morta de fome.

Resolveu deixar a casca nos ovos. Depois de batê-los levemente, derrubou a mistura na frigideira, depois tornou a acender o fogo e foi fazer uma torrada.

Enquanto passava manteiga na torrada, Lucie sentiu o cheiro de alguma coisa errada e correu de volta para o fogão para mexer os ovos. A mistura amarela e cremosa tinha grudado no fundo. “Merda”, murmurou, desligando o fogo.

Depois de raspar os ovos queimados no lixo, Lucie telefonou para Susan: “Ei”, ela disse, quando sua amiga atendeu, “vamos tomar um café da manhã fora?”

NA CASA DE Susan, a porta da frente estava semiaberta. Lucie deu um toque com o nó do dedo no batente e entrou. “Oi?” gritou. “O que é este cheiro de bacon aqui?”

“Estou na cozinha”, Susan gritou de volta, e Lucie atravessou a casa até a porta vaivém e a abriu.

“O que você está fazendo?”, perguntou, mas era óbvio. Todos os queimadores do fogão estavam acesos, sustentando frigideiras cheias de coisas que emitiam cheiros deliciosos. “Pensei que a gente fosse sair.”

“Venha cá.” Susan estendeu um avental florido para Lucie. “Lição de cozinha número um”, ela disse. “Hoje faremos omeletes.”

Lucie trouxe o avental para junto dela, depois balançou a cabeça: “Mas não consigo fazer nem ovos mexidos!”

“Eles são mais difíceis”, disse Susan, indo cuidar do bacon. “Ovos mexidos exigem uma espécie de sexto sentido. Por outro lado, as omeletes seguem regras. Siga algumas instruções básicas, e sempre sairão perfeitas.”

Lucie olhou-a desconfiada. Como era possível? Susan parecia ter o domínio de tudo que era doméstico em sua vida, da jardinagem à decoração, aos assados, e, sem dúvida, à

preparação de ovos.

"Tudo bem", Lucie consentiu, amarrando o avental na cintura. Deu uma olhada mais de perto nas panelas que estavam no fogão: bacon sibilando em uma frigideira, batatas e pimentões verdes em outra; cogumelos borbulhando na manteiga em uma pequena caçarola.

"Você fez tudo isto no tempo que eu levei pra vir até aqui?"

"A primeira regra da culinária: tenha sempre bons ingredientes à mão." Susan levantou os cogumelos, deu uma chacoalhada neles, depois colocou a panela de volta, desligando o fogo. "Os restos, como as batatas de ontem à noite, dão ótimos ingredientes quando reprocessados em refeições futuras."

"Você é mesmo uma pessoa ótima, sabia?" Lucie disse. "É muito legal." Se não tomasse cuidado, pensou, ia ficar toda melosa, e Susan não era fã de coisas melosas. A amiga deu de ombros, mas Lucie percebeu que havia ficado satisfeita.

"Então tudo bem, estou cuidando dos acompanhamentos, mas você, querida, é responsável pelo prato principal. Preparada?" Susan abriu a geladeira.

"Como nunca", respondeu Lucie, pegando a embalagem de ovos vermelhos que Susan estendia para ela.

SENTADA A UMA mesinha no jardim dos fundos de Susan, Lucie pegou um pedaço do que, de fato, parecia uma omelete perfeita. "Huumm", ela disse, " está tão bom!" O gosto, a textura, a maciez na boca. Fechou os olhos. Ovo era um alimento acolhedor, e sempre tinha sido. Sabia disso agora, embora só tivesse ficado claro depois de dar a primeira mordida.

"Viu?" Susan deu uma experimentada, depois acrescentou uma pitada do sal marinho que tinha trazido pra mesa. "Mesmo que já esteja deliciosa, um pouquinho de sal acentua o sabor."

Lucie concordou e engoliu o primeiro e perfeito pedaço. Tinha de se lembrar de como fazer outra vez. "Ok, eu devia ter anotado o que a gente estava fazendo. Em primeiro lugar, use só ovos de fazenda. Fazenda de verdade, não de granja."

"Diretamente da bunda da galinha, quando possível." Susan pegou umas batatas com o garfo. "No inverno, quando as quitandas dos fazendeiros estão fechadas, é um pouco mais difícil, mas vale a pena dar uma procurada."

"Segundo: um tiquinho de água nos ovos, depois bater sem dó."

"Bom, é um jeito meio violento de colocar, mas é isso. Bata à mão até não ver mais a separação entre as claras e as gemas, daí bata um pouquinho mais. As duas tem de virar uma coisa só."

Lucie pensou se Susan estava fazendo isso de propósito, entrelaçando pequenas lições

de vida com a receita, mas continuou:

“Regra três: no máximo dois ingredientes extras.”

“Muitos sabores confundem os sentidos”, acrescentou Susan, cobrindo a boca cheia de comida, e então engoliu. “O que estou dizendo é que os ovos sozinhos já são muito suculentos, o azeite ou a manteiga que você usa pra prepará-los é divino. Ervas, claro. Um pouco de queijo? Tudo bem. Cogumelos? Bom, sim, nas minhas omeletes sempre ponho cogumelos.”

“Quarto: lubrifique bastante a panela...”

“Eita.” Susan fez uma careta, sacudindo o garfo. “Eu nunca disse lubrifique.”

“Na verdade, disse sim. Falou: não importa se você vai usar manteiga ou óleo como lubrificante, mas se usar manteiga, preste atenção pra não queimar.”

“Tudo bem. E depois do lubrificante?”

“Cinco: fogo de baixo a moderado, uma tampa.”

“E seis?”, lembrou Susan.

“Paciência.”

“O ingrediente mais importante de todos.” Susan levou a xícara de café até a boca. “E se as bordas ficarem só um pouquinho marrom, o que a gente faz?”

“Desligamos o fogo.”

“Pra dar uma olhada.”

“Uma espátula de borracha pra...”

“Resistente ao calor.”

“Uma espátula de borracha resistente ao calor, pra levantar delicadamente a omelete e deixar que o ovo não cozinhado corra pra debaixo dela, prestando atenção pra que o fundo fique amarelo até que o topo pare de tremer.”

“Aí, e só aí...”, Susan incentivou.

“Vire com delicadeza em um prato aquecido.”

Susan ergueu a xícara para Lucie. “Parabéns. Você é minha melhor aluna.”

Lucie levantou a sua para encostá-la na de Susan, num brinde. “Acho que sou sua única aluna.”

“É verdade.” Susan sorriu. “Então, o que você quer aprender agora? Faço uma massa de torta bem razoável. Também baseada em regras.”

Talvez houvesse esperança para suas habilidades culinárias, Lucie pensou, se ela desse um pouco mais de tempo ao tempo.

“Obrigada”, ela disse. “Uma torta seria perfeito.”

NAQUELA TARDE, DE volta para casa, Lucie entrou no escritório e ligou o ventilador que estava no canto. O dia havia ficado quente e úmido, com a previsão de uma tempestade

vinda do Pacífico. Cruzou os braços olhando em torno. Queria alguma coisa ali... mas o quê?

Pessoas, percebeu. Susan havia se tornado uma amiga, com certeza haveria outras pessoas com as quais poderia restabelecer contato, agora que estava em casa havia um tempinho, se ambientando.

A primeira vez que abriu seu e-mail, tinha parecido desconcertante – os nomes estranhos, a pressão das pessoas querendo que ela fosse a antiga Lucie e os ajudasse com seus problemas.

Talvez tivesse deixado passar alguém simpático, alguém que pudesse conversar com ela sobre como ela era, o que fazia em seu trabalho, exatamente as coisas que não quis saber no começo.

Abriu o programa de e-mail e ficou surpresa ao ver novas mensagens, com tópicos de assunto muito mais amigáveis:

Os melhores votos na sua recuperação

Bem-vinda de volta

Feliz por saber que está de volta

Ficou sentada em silêncio por um tempo, só olhando. As pessoas lembravam-se dela, tinham se importado com o que acontecera. Enquanto lia as mensagens, descobriu que eram formais, mas simpáticos. Talvez fosse ela quem tivesse criado a distância com os conhecidos do trabalho, como fizera com Susan e os outros vizinhos.

Um das dez mensagens mais abaixo, sorriu com o nome do remetente: mfgoodall@aol.com O título era: “Quando você estiver pronta...”

“Ah, Merdafoda”, Lucie disse. “Aqui está você.” Clicou na mensagem e leu:

Queridíssima Lucie,

Grady me contou que você está se recuperando bem, mas que precisa de um pouco de privacidade, e, com certeza, entendo isso. Estou muito entusiasmada que você virá nos visitar no final de semana, porque senti a sua falta e fiquei preocupada com vocês dois. Não quero me intrometer, sendo uma sogra velha e louca, mas quero dizer que ficarei feliz em conversar com você a qualquer momento, sobre o que for, por e-mail ou telefone, se você achar que isso pode ajudá-la a recuperar a memória. (O que a Dory diz que vai acontecer.) Ou mesmo se você só quiser conversar. Pode ser que o Grady não fique muito feliz por eu tê-la procurado, mas sei que no fundo do coração, ele quer o que for melhor pra você. Ele só está morrendo de medo de perder você, como aconteceu com o pai dele. Bom, em todo caso, é o que a Dory diz, e me parece bem razoável.

Muito amor para você.

Mary Faith

Mary Faith Goodall. Lucie sentiu vergonha por ter chamado a mãe de Grady de “merdafoda”, mas amou cada palavra do recado. Clicou em Responder e digitou:

Querida senhora Goodall

Estou transbordando de alegria com seu

Balançando a cabeça, Lucie selecionou e apagou o texto, depois tentou outra vez. No entanto, pouco importava. Tudo o que ela escrevia jorrava na tela como as anotações do diário de uma pré-adolescente. Por fim, depois de ficar encarando a tela por tempo demais, escreveu:

Querida senhora Goodall,

Obrigada por me escrever. É da maior importância para mim. Mal posso esperar pra conhecer a senhora e o restante da família no domingo. Sei que parece esquisito. A senhora já me conhece, mas, a essa altura, para mim, será como encontrá-la pela primeira vez. Claro que já vi fotos suas, e, pelas histórias de Grady, sei como a senhora é maravilhosa.

Hesitou com aquela mentirinha, mas resolveu mantê-la. Digitou:

“Até breve”, depois, “Amor, Lucie”.

Algumas mensagens abaixo da de Mary Faith, havia de outra Goodall, dorothea.goodall@piercecounty.wa.gov. Dory, a irmã preferida de Grady.

Abriu a mensagem. Começava com “Oi, Lucie”.

Lembra-se de mim? (Desculpa, não queria perder a piada!) Só quero dizer como estou contente que você esteja em casa. Grady disse que está com uns hobbies novos, o que é ótimo. Só lembre que a consulta com a psiquiatra é o que mais vai ajudar, então espero que você marque uma hora logo. Estamos ansiosas pra ver você no domingo. Tenho certeza de que Grady contou tudo sobre nós, do bom, do ruim, do péssimo. Somos um grupo excêntrico, mas todas têm um bom coração, até a Eunie. Pode ser que ela seja um pouco, ahn, digamos “irritante”, quando você se encontrar com ela, mas é só porque ela se preocupa muito com o Grady. Ela foi nossa mãezinha quando papai morreu e mamãe voltou a trabalhar. Acho que os avisos são só esses, ainda bem! Só fique preparada pra um bando de gente e muito barulho. Ah, e vai ter choro. E um montão de comida.

Depois, tinha digitado um rosto risonho com as palavras “Amor, Dory”.

Lucie leu o e-mail repetidas vezes. Nunca tinha pensado em tentar contatar nenhuma das irmãs antes de se encontrar com elas. Ficou pensando em qual delas seria Dory e foi olhar as fotos no quadro de cortiça de Grady. Era impossível saber. Eram todas parecidas,

com cabelo escuro, e a maioria usava óculos. Uma das irmãs parecia menor do que as outras e usava o cabelo curto, enquanto todas as outras tinham cabelo comprido. Lucie pôs o dedo no rosto da mulher menor. Dory, pensou, mas por quê? Foi percorrida por uma estranha sensação, bolhinhas na sua corrente sanguínea. Olhou todos os outros rostos, mas continuaram um mistério.

Voltou para o computador, clicou em Responder e escreveu: "Querida Dory, você é a que tem cabelo curto?"

Depois clicou em Apagar e mandou um recado caloroso, como tinha feito com a senhora Goodall. Conversaria com as duas naquele final de semana. O que mais importava era que essas mulheres tinham querido falar com ela e provavelmente teriam vindo, se Grady tivesse deixado.

Se Grady tivesse... Teve de deixar que aquilo irrompesse em raiva por um tempo, antes de colocar de volta com todas as outras coisas que estavam dando errado entre os dois. Por enquanto, só podia se concentrar em ir em frente, um passinho de cada vez.



Quando criança, as manhãs de domingo significavam uma porção de coisas para Grady: fartos cafés da manhã em família, com panquecas, waffles ou uma espécie de crepe holandês assado, recheado com maçãs, no inverno, e frutas vermelhas, no verão; uma nadada extra na piscina ou no Dash Point; ir à igreja – mais ainda depois que seu pai morreu. Depois de adulto, o domingo havia se transformado simplesmente em um dia passado em casa, em vez de no trabalho, embora checasse seus e-mails com menos frequência. Ele e Lucie não tinham nenhum ritual especial nos domingos, como fartos cafés da manhã (“muitos carboidratos”, ela dizia), e, com certeza, nada de igreja. Não que ele quisesse ir a um lugar e ter alguém que lhe dissesse o que pensar, para quem rezar.

Contudo, naquele momento, deitado na cama do quarto de hóspedes, percebia que realmente gostaria de alguma coisa que assinalasse o fim de uma semana e o começo de outra, ser agradecido pelas coisas, até mesmo reparar o que estava faltando na vida. Com muitos compromissos, não sobrava tempo para um balanço. Talvez fosse por isso que tivessem enchido o tempo redecorando a casa, melhorando isto e aquilo; qualquer coisa, menos o relacionamento. Se Lucie voltasse um dia para ele, voltasse de verdade, de coração, iria pedir que tivessem domingos especiais e calmos, juntos.

E não incluiria sua família.

Grady gemeu e rolou na cama. Aquele era o dia em que Lucie iria conhecê-las pela segunda vez.

Na primeira vez, foi ele quem teve a ideia de ir até Tacoma para um churrasco em família. Afinal de contas, o caso estava ficando sério. Não havia lhe passado pela cabeça o que aconteceria ao juntar dois elementos tão diferentes.

Naquela manhã, Lucie ficara nervosa e se vestira de maneira formal demais para a ocasião, com um vestido azul-marinho e salto baixo, mas como é que ele poderia falar uma coisa dessas? Estava tentando causar boa impressão, mas parecia que nunca havia estado em um churrasco antes. Ele estava de bermuda e camiseta, mas se trocou ao ver o pânico nos olhos dela, por causa das suas roupas.

E ela insistiu para que parassem no caminho e comprassem vinho e flores. Como é que ele poderia dizer para ela que sua mãe cultivava flores que já tinham sido premiadas

na feira estadual, e que no verão a casa vivia cheia delas? Que ninguém na sua família bebia vinho, e que ele só tinha começado a beber depois de conhecê-la? Ele queria que ela o visse como um cidadão do mundo, e não como o bebedor de cerveja que de fato era. Que rapaz apaixonado não faria a mesma coisa? Só esperava que elas não virassem o nariz para o pinot gris que Lucie escolhera com todo cuidado, nem para as peônias compradas numa loja.

Quando chegaram, os cachorros abobalhados pularam nela com suas patas sujas, quase matando-a de susto, e antes mesmo que ela conhecesse qualquer pessoa. Então, as irmãs desceram, medindo-a dos pés à cabeça, levantando as sobancelhas umas para as outras quando achavam que Lucie não estava vendo, mas Grady sabia que estava.

Dory tinha vindo salvar Lucie, é claro, como só Dory o faria, dando-lhe um abraço, pegando o vinho e lhe agradecendo, prometendo abri-lo logo mais e tomar um pouco. Não era apenas seu conhecimento em psicologia que a fazia tão competente no alívio de situações difíceis, nem mesmo sua determinação em defender os injustiçados. Dory sempre tinha sido a irmã "diferente", aquela que virava à esquerda, quando as outras viravam à direita, que cortava o cabelo, que viajava para lugares exóticos, que não tinha se casado. Escolhia o próprio caminho em todos os sentidos, e sua gentileza para com Lucie era, sem dúvida, também um presente para Grady.

E sua mãe, bem... Mary Faith Goodall tinha uma maneira própria de acolher cachorros abandonados, amigas abusadas pelos maridos, filhos que tivessem sido um pouco maltratados demais pela vida. Mesmo aos oitenta e dois anos era uma rocha – mais sólida do que todos juntos. Naquele dia, cinco anos antes, ela pegou Lucie pelo braço e deu uma volta com ela pelos jardins, fez uma festa para as peônias, porque eram exatamente do tom cor-de-rosa que ela nunca tinha conseguido obter nas que cultivava.

Quando todos estavam novamente juntos na casa, gente demais na cozinha, como sempre acontecia, começaram as perguntas. Como é que tinham se conhecido, há quanto tempo estavam namorando, por que Grady não havia contado que conhecera alguém...? E era por isso que ele estava se vestindo um pouco melhor? O barulho das mulheres era ensurdecedor.

Depois, se voltaram para Lucie, perguntando sobre seu trabalho, embora nem mesmo tivessem fingido entender alguma coisa do que ela dizia a respeito. Uma delas, Renie talvez, fez um comentário sobre como devia render bem, olhando Lucie de alto a baixo. Depois, é claro, perguntaram sobre sua família, e ao ouvir que seus pais tinham morrido, trocaram entre si os mesmos olhares de entendimento.

É claro que o irmão encontraria alguém cujos pais tivessem morrido; para elas, só uma coisa definia Grady, e ele estava cansado disso. Não eram elas que sempre contavam as mesmas velhas histórias sobre a vida-depois-de-papai, sempre que se juntavam? Eunie, a mais velha, estava prestes a fazer cinquenta e quatro anos, e ainda ficava enfezada por não terem deixado que lesse no funeral um poema que havia escrito. Era um poema

horroroso, e, claro, Grady ria com as outras cada vez que ela resolvia recitá-lo só para provar que ainda conseguia. Caminhos e passarinhos, flores e cores – essas rimas eram de se esperar, mas quando Eunie chegava ao trecho de pescando e desejando, salmão e colisão (para descrever o acidente no mar), bom, nessa hora ninguém conseguia se conter. Resfolegavam, pondo pelo nariz o que estivessem bebendo, e terminavam às gargalhadas, dando tapas na mesa. A mãe tentava acalmá-los, depois virava as costas para rir também. Era ridículo e patético, e mesmo assim era Grady quem não conseguia superar aquela história.

Quando foram embora naquele dia, Lucie estava quase às lágrimas, e Grady sem reação. Foram necessários três dias até que voltassem ao normal. Várias visitas foram feitas até que Lucie e as irmãs dele encontrassem uma maneira de se relacionar quando estavam todas juntas, mas a maioria acabou se aproximando dela. A única que resistiu foi Eunie, que não tinha paciência com ninguém que não fosse da maneira que ela achava que deveria ser. Grady sempre tinha dito a Lucie: “Quem perde é ela. Não se preocupe com isso”. No entanto, é claro que Lucie se preocupava.

Grady saiu da cama e mancou sem as muletas até o banheiro, para se aprontar para o dia, desejando que tudo terminasse antes de começar. Como é que ele e Lucie suportariam tudo aquilo de novo, principalmente quando os dois estavam mal se falando? Por que havia jogado fora os convites de casamento sem ao menos lhe perguntar? Ela tinha razão nesse caso. Subitamente, tinha sentido que tudo era inútil e agira impulsivamente.

A água do chuveiro no andar de cima correu pelos canos, e ele pôde imaginar a excitação nervosa que ela estaria sentindo, porque, dessa vez, Lucie estava realmente ansiosa para conhecer todo mundo. Uma coisa era certa: não ia exagerar na roupa. Ele não a tinha visto em nenhuma de suas roupas elegantes desde o dia em que fora embora. Na verdade, provavelmente todas levantariam as sobancelhas outra vez perante a nova Lucie descontrída e lhe fariam muitas perguntas. Contudo, dessa vez ele ia prestar atenção para que ela ficasse bem. Mesmo que não estivesse falando com ele, cuidaria para que ninguém a machucasse novamente.



Uma paisagem desértica em bege e cinza dominava o quarto: as roupas da antiga Lucie. A nova queria parecer amistosa e acolhedora para as Goodall. Elas eram sua última chance de ter algum tipo de família normal. Se pelo menos pudesse se vestir da maneira colorida e divertida com que apareciam nas fotos... No entanto, para ela, nada no closet tinha esse aspecto. Lembrou-se da camiseta tangerina com “s(e)ujeito”, não com enorme destaque sobre o peito, mas uma declaração explícita. Será que Grady detestaria vê-la vestida assim para ir à casa da mãe? As irmãs dele gostavam de rir. Não achariam aquilo divertido? Teve certeza de que Dory acharia.

“Bom, eu gosto”, murmurou, indo até a cômoda. Poderia usá-la com o jeans branco, com o qual se sentia bem, dobrado na barra, as sandálias baixas do hospital, e os brincos que tinha comprado em uma das lojinhas da Wallingford. Poderia até se maquiarr, coisa que não tinha voltado a tentar depois da noite do jantar fatídico.

No espelho do banheiro, Lucie remexeu na gaveta dos cosméticos. Qualquer coisa que trouxesse marcado “corretivo” ou “disfarce”, ela jogava na lata de lixo próxima à privada, satisfeita a cada vez que ressoava uma batida no metal.

A antiga Lucie tinha gastado um tempo enorme e muito esforço apenas tentando se mesclar, quase desaparecer em um cenário neutro de vazio. Tinha sido mais inexpressiva do que a nova Lucie, tentando desaparecer, e finalmente havia conseguido.

Mordiscando o lábio, Lucie fez uma avaliação do que havia sobrado: base, pós, sombras, blushes, batons. Qualquer coisa que lembrasse seu tom de pele foi para o brejo. Conservou o blush mais bonito, o lápis de olho mais escuro, um tubo de máscara para os cílios. Em seguida, atacou os batons.

Inspirada, vasculhou o resto das gavetas, o armário debaixo da pia e o de remédios, jogando fora coisas que nunca usaria – poções, promessas e curas milagrosas –, para viver uma vida autêntica.

Ah, livrar-se das coisas da velha Lucie, pegar para si as que ainda queria, como era bom! No final, os itens que conservou ocuparam uma gaveta e duas prateleiras do armário. Grady ficaria tão surpreso quando...

Levantou os olhos enquanto sua testa se enrugava no espelho. Grady não usava mais

este banheiro. Não dormia com ela, não queria fazer sexo com ela, não queria mais se casar com ela. Nem mesmo queria levá-la à casa de sua mãe. Ela o tinha forçado a combinar o encontro.

Seu nariz e seu rosto ficaram afogueados. Tentou relaxar a testa, mas a mágoa não passava. Instalou-se no fundo da garganta, o lugar que dificultava conversar com ele. Tinham voltado para trás, e Lucie não sabia como ir em frente outra vez. Ela queria o que não lhe pertencia, o amor que ele mantinha precioso para a antiga Lucie.

Arreganhou os dentes, rosnou para o espelho. Podia ser má e desagradável, podia ser dura e fria. Era isso que parecia ser a velha Lucie. De algum lugar dentro dela, podia quase envolver os dedos em torno do que achava ser desse jeito. Sua ida à casa de Helen tinha esclarecido exatamente o que precisou enfrentar a vida toda. Não era de se estranhar que tivesse se mantido tão isolada. Quem não teria, com um passado daqueles? E como era possível que uma criança de quinze anos pudesse resistir àquilo para acabar perdendo a cabeça depois de uma briga com o namorado, vinte e cinco anos depois?

Sua pele se arrepiou.

Ai, meu Deus, ela pensou, ai que merda!

“Você já está quase pronta?”, Grady gritou da beira da escada.

Helen tinha dito que quando ela foi morar com eles na adolescência era quieta e reservada. Uma menina normal estaria atormentada, lamentando a perda da mãe, processando o massacre que havia testemunhado, não? Essa lembrança não a deixaria marcada, não a definiria. No entanto, nunca havia tocado no assunto com Grady.

“Luce? Temos de sair daqui a pouquinho.”

Ela inclinou-se para a pia, agarrando a bancada.

“Lucie?”, Grady tornou a chamar.

As mãos dela tremiam na porcelana.

“Estou indo”, respondeu, depois abriu a torneira e jogou água no rosto. Nada de maquiagem – não dava mais tempo –, mas remexeu nos batons que tinham sobrado, lendo as letrinhas minúsculas no fundo de cada um, até que encontrou o que estava procurando: Beijo de Framboesa. Passou o batom, estalando os lábios. Era brilhante, alegre. Lucie forçou um sorriso no espelho, limpou uma mancha do dente e desceu a escada.

FOI UMA VIAGEM longa e silenciosa para o sul, na I-5 até Tacoma, no carro de Lucie, que Grady insistiu em ir guiando. Na frente da casa de sua mãe, dois cachorros velhos vieram correndo enquanto desciam do carro. Lucie ajoelhou-se para acolher aquelas caras felizes, para coçar suas orelhas e dizer oi.

“Ah, você se lembra deles?”, Grady perguntou, e ela levantou os olhos.

“Não, mas gosto de cachorro.” A maneira como ele concordou revelou a ela que era

um novo traço de sua personalidade. Acostume-se com isto, ela ficou com vontade de falar.

E então todas saíram da casa, atravessando o gramado, um punhado de mulheres tagarelando, rindo, gritando para eles:

"Ai, meu Deus!"

"Oi!"

"Finalmente!"

Lucie ficou parada, sorrindo, nervosa. Não achava que ia ficar ansiosa, mas estava. Eram muitas, e pareciam tão diferentes das pessoas que havia conhecido em Wallingford – todas pálidas, magras, com roupas pretas para a prática de esportes, ou tecidos naturais descorados, cabelos lisos, curtos, macios.

Essas mulheres rodopiavam juntas em cores vaporosas e fortes, com echarpes, pulseiras, perfumes, cabelo comprido e brincões. Assim como Grady, eram quase todas altas, mas rechonchudas, e tinham um tom agradável de pele que ia do dourado ao tão moreno quanto o dele. A menor do grupo, a que usava cabelo curto, chegou até os dois primeiro, indo diretamente até Lucie, e quando esta lhe estendeu a mão, a mulher riu, puxando-a para um abraço.

"Ah, venha cá", ela disse. "Sou a Dory." Seus lindos olhos avelã estavam marejados.

"Dory, oi", disse Lucie, com uma batida engraçada no coração ao dizer o nome. Ela a tinha reconhecido, afinal de contas! E então a irmã seguinte estava junto dela, e depois a outra, abraçando-a ou apertando seu braço, ou oferecendo um sorriso lacrimoso. Uma riu da sua camiseta, outra admirou a bolsa guatemalteca. Florence, Isabel, Nanette, Irene – os nomes eram como caramelos em sua boca. Quando chegou na última, Eunice (a irmã contra quem Dory a tinha prevenido), Lucie ficou quase aliviada que a irmã mais velha mantivesse uma estranha e educada distância.

"Bom, bem-vinda de volta." Eunice evitou seus olhos, depois se virou para pegar uma criancinha que agarrava sua perna. "Você se lembra do meu neto?"

Lucie sorriu para o garotinho, de olhos enormes e dentes de leite. "Oi, Davy", ela disse, se estendendo para apertar aquele joelho rechonchudo. Ela viu Grady observando-a atentamente.

"Davy?!", exclamou Eunice. "De onde você tirou isso? Ele é o Sam."

Lucie recuou e sacudiu a cabeça, largando a mão. "Não sei, nossa! Ele é tão engraçadinho. Você deve estar muito orgulhosa!" Abalada pelo tom de Eunice, Lucie continuou tagarelando: "Peço mil desculpas, não sei por que disse aquilo".

"Aposto que você não sabe por que faz uma porção de coisas", disse a mulher mais velha, já se afastando.

"Que coisa feia, Eunice", Lucie ouviu o cochicho; poderia ter vindo de qualquer uma das irmãs ali no meio.

"Coisa feia você", Eunice respondeu de volta. "Ele também é seu irmão."

Grady acompanhou o passo de Eunie, cochichando furioso em seu ouvido.

Nossa!, Lucie pensou. Já tinha causado um problema. Por que havia dito "Davy"? Simplesmente saiu.

As outras irmãs não pareceram se importar com o fora. Eram todas sorriso, conversando, atormentando Grady. Elas o provocavam sem dó. Seu constrangimento e prazer era uma coisa nova para Lucie. Ele reagia a elas como um menino de doze anos, e Lucie ficou pensando por que ele não era assim com ela. Será que costumava ser mais divertido antes que ela fugisse? Foi difícil imaginar isso.

Adolescentes e crianças saíram da casa e ficaram rondando por ali com um punhado de homens inquietos. Então, Lucie viu a mãe de Grady vindo praticamente aos pulos, para se enfiar na curva do braço do filho, substituindo a muleta com seu ombro. Ela era tão menor do que suas crias, tão delicada e de pele clara em comparação a elas, mas tão cheia de energia quanto elas. Deveria ter, no mínimo, a idade de Helen, mas enquanto a tia estava em fase de decadência mental, a mulher Goodall era a fonte que tinha jorrado toda aquela vida. Tinha parido Grady, salvado-o da água, estado com ele desde o nascimento, e estaria até morrer. Agora sorria para Lucie com olhos azuis luminosos, fazendo sinal para que se aproximasse.

Lágrimas inesperadas correram pelo rosto de Lucie enquanto ia até lá. Todos se calaram ao redor, talvez pensando que poderiam estar presenciando a recuperação da memória de Lucie nesse momento de emoção, mas não era isso. Repentinamente, sentiu falta da própria mãe, de uma maneira que não fazia sentido, mas era um fato. Não tinha reconhecido seu rosto nas fotos, não conseguia se lembrar de nada em relação a ela, mas sentia sua falta. Nunca havia sentido tanto a falta de alguém.

"Bem-vinda à sua casa, querida", Mary Faith murmurou, abraçando-a com uma firmeza surpreendente.

Lucie relaxou em seu abraço, agradecida. "Obrigada por ter me escrito", ela disse. "Só abri o e-mail há poucos dias, ou teria telefonado, feito alguma coisa."

A mulher envolveu o rosto de Lucie com as mãos pequenas e gastas. "É tão bom ver o seu rosto!"

Lucie soluçou. Por que seu cérebro havia feito uma coisa dessas, apagado sua vida e todos que estavam nela? E quantas vezes? Esperou até conseguir falar, e então sussurrou: "Como é que eu chamo você: senhora Goodall ou Mary Faith?"

"Bom, você me chama de Mary Faith", a mulher sussurrou de volta, "mas espero que depois do casamento me chame de mamãe".

Lucie acenou com a cabeça, enxugando o rosto, e viu Grady observando-as. Novamente. Estaria com medo de que ela fosse estragar tudo?

O resto das pessoas estava se aproximando, todas as filhas com os maridos, as crianças e alguns que tinham um relacionamento indeterminado. Lucie foi apresentada a cada um, e sabia que nunca se lembraria de todos aqueles nomes, mas estava animada de

encontrar tantas pessoas que a conheciam, que sorriam tímida ou amplamente, que pareciam gostar dela ou apenas reconhecê-la como parte do grupo, entendendo ou não, de fato, o que havia acontecido com ela.

Havia os que queriam fazer perguntas sobre o que tinha acontecido, como era a sensação de não se lembrar de nada. Alguns queriam ser aquele que iria ajudá-la a recuperar a memória, compartilhando histórias de coisas que haviam feito juntos. O Halloween em que tinham feito o forno de Mary Faith pegar fogo, quando beberam demais e se esqueceram que estavam torrando sementes de abóbora. O piquenique em Dash Point, num feriado, quando se juntaram em bando e jogaram Grady da doca. Uma sobrinha chamada Hannah, de nove anos, mostrou-lhe a pulseira de prata que aparentemente Lucie havia lhe dado no Natal, apenas um ano antes.

Conforme o dia foi terminando e a noite se aproximava, o filho mais velho de Nan, Adam, trouxe seu violão e começou a dedilhar uns acordes. Todos se calaram para ouvir. Lucie tinha ouvido de um dos maridos que o rapaz estava prestes a ser convocado pelo exército.

Mary Faith veio pela porta de correr e beijou a parte de trás da cabeça tosada do moço.

“Vó”, ele protestou, mas disfarçou um sorriso. “Tudo bem, vou tocar a sua música, mas só desta vez. Nem todo mundo gosta dessas velhas músicas caipiras, você sabe.”

Todos riram, e a irmã chamada Izzy inclinou-se e sussurrou para Lucie:

“Meu pai cantou essa pra mamãe na lua de mel deles, e a gente fez Adam aprender para os oitenta anos dela. Agora, ela não deixa escapar uma reunião de família sem que o pobre moleque precise cantar”.

Adam tinha uma voz doce de tenor, e Lucie fechou os olhos e escutou. Era uma música tristemente sentimental, sobre ser separado de alguém que se ama, e ela ouviu algumas fungadas ao seu redor na hora do coro: Oh, I’m thinking tonight of my blue eyes who is sailing far over the sea...¹³ Seus lábios começaram a se mexer, e ela percebeu que sabia cantar palavra por palavra. Conhecia aquela música, e não apenas de um jeito genérico. Podia se lembrar do som da voz de Adam cantando-a.

Abriu os olhos, surpresa, e olhou em volta. Conhecia aquelas pessoas de algum lugar profundo e enevoado dentro de si. Nenhuma lembrança de acontecimentos, datas ou lugares veio com o conhecimento, mas, mesmo assim, era tranquilizador. Olhou para Grady sentado com a mãe, os dois de mãos dadas, lágrimas escorrendo. Eles é que são os sentimentais, ela pensou. Não, ela se lembrou.

Era por isso que ele não estava lhe contando a verdade, toda a verdade, sobre o que tinha acontecido no dia em que ela fugiu? Ai, ele era uma criatura exasperante, pensou.

NAQUELA NOITE, QUANDO Grady guiava de volta para casa, Lucie recostou-se e fingiu que dormia. Estava cansada demais para lidar com o impasse entre os dois. Estava louca para estar em casa, na cama, deitada de costas, esperando o sono.

Tinha se apaixonado loucamente pela família Goodall. Logo depois da refeição, enquanto Lucie limpava os pratos na cozinha, a irmã artista, Floss, tinha vindo abraçá-la. “Não sei o que aconteceu com você, Lucie, e sinto muito que tenha passado por tanta coisa, mas acho que isso fez com que a gente se aproximasse bem mais, e agora é como se a gente tivesse uma irmã completamente nova.” Até Eunie tinha se despedido de um jeito civilizado no final da noite.

Lucie concluiu qual era o consenso geral: a nova Lucie dava de goleada na antiga. Viu?, ela queria dizer a Grady, eu valho a pena.

Seus olhos encheram-se de lágrimas por detrás das pálpebras fechadas; sua boca tornou-se cheia de saliva. Fora um dia de choro, mas a maioria das lágrimas tinha sido de alegria. Havia encontrado sua família, mas as lágrimas daquele momento não tinham nada a ver com aquilo. Quanto mais tentava parar, impedir os soluços, mais se aprofundava a garra em seu peito. Esse sentimento tão antigo, tão sombrio e familiar precedia tudo, tudo o que Lucie conhecia, mas agora ela tinha uma ideia de onde ele vinha.

As explosões. Um assassinato. Sua mãe sendo levada e deixando uma Lucie jovem para se virar sozinha. Estava faltando alguém, alguém tão vital que era uma ligação quase física. Sabia disso desde o dia em que recobrou a consciência, mas não sabia quem era. Não fazia sentido que fosse sua mãe? As mãozinhas deveriam ser de Lucie tocando ao lado dela. As explosões, fumaça, terror. Ela arquejou por ar.

“Você está bem?”, Grady perguntou, e quando ela não conseguiu falar, ele parou no acostamento. “Lucie, o que foi? Qual é o problema? Eu achei que tudo foi muito bem hoje.”

Ele desligou o carro e a puxou para junto de si. Ela empurrou seu peito, deu cotoveladas para impedir o abraço. Queria abrir a porta do carro e correr.

“Não!”, ela gritou com o rosto entre as mãos. “Vai acontecer de novo! Faça parar, faça parar!”

“O quê?”, Grady perguntou, soltando-a. “O que está acontecendo?”

“Você é quem tem de me falar!”

“O que você quer que eu diga? Eu tenho tentado...”

“Você tem mentido pra mim, está me escondendo coisas!”

“Deus do céu, o quê?” Ficou bravo. “Não sei o que está acontecendo. Qual é? Me poupe. O que eu tenho de contar pra você?”

“Você devia...” Merda!, ela queria gritar. “Você devia me contar o que aconteceu no dia em que eu fugi, é isso. Só me conte, porra!”

Grady caiu de encontro ao encosto, como se alguém o tivesse empurrado, respirando com dificuldade. No escuro, ela podia recriar seu perfil, o queixo caído, os olhos encarando a noite. Ele estava com medo, dava para ela perceber. Lucie, no entanto, tinha mais medo

do que aconteceria se ele nunca contasse.

Usou a manga para enxugar o rosto, o nariz. "Eu sei que foi grave. Por que eu teria feito aquilo, se não fosse?"

Grady fechou os olhos.

"Você tem de contar", ela disse. "Por favor."

13. Em tradução livre: Ah, esta noite estou pensando nos meus olhos azuis, que estão navegando ao longe no mar. Canção do gênero country que ficou famosa pela versão de Carter Family. (N.E.)



Grady sentiu o olhar de Lucie observando-o, a respiração dela ainda difícil por causa da briga. Ele quase tinha pensado... mas não. Ela havia ficado. E se tivesse fugido, ele teria corrido atrás dela.

Contudo, ela não tinha fugido. Sua Lucie ainda estava no carro, esperando que ele falasse, e talvez Grady nunca tivesse outra chance.

Por onde começava? Quanto deveria voltar atrás? Eles sempre tinham dependido muito um do outro; Grady agradecido a ela por ajudá-lo a se tornar alguém que realmente gostava de ser, e Lucie, bom, era difícil saber exatamente para o quê precisava dele, mas suspeitava que fosse por certa sensação de segurança. Se Grady fosse descrito em uma única palavra, ela seria estável. E Lucie não era tão segura quanto parecia exteriormente. Podia ser frágil, podia ter medo de coisas que ninguém suspeitaria se só a conhecessem à distância, como colega de trabalho ou em uma relação social. Lucie não tinha irmãs, nem mãe, nem amigas, não o tipo de amigas que ele imaginava que a maioria das mulheres tinha, que saíam e tomavam café, trocavam segredos. Lucie não trocava segredos, nem mesmo com ele, mas dependia dele. E agora precisava dele. Precisava que fosse honesto, mesmo que isso pudesse separá-los.

O rosto de Grady ficou fervendo, subitamente todo o seu corpo estava quente demais. Abriu um pouquinho a janela, deixando entrar o rugido e o diesel de um caminhão que passava, e a úmida sugestão de uma tempestade que se aproximava. Solto o fôlego e depois disse:

"Eu simplesmente falhei com você. Em todos os sentidos."

"Como?" Depois de chorar e gritar, parecia muito pequena.

Grady fez uma expressão de dor. "Perdi a fé na gente. Desisti."

"Ah!" Foi uma surpresa. Claro. "Você me deu o fora?" Ela se contorceu no assento para enxergá-lo melhor.

"Não, claro que não."

"Então, o quê? Foi culpa minha? Eu fiz alguma coisa?"

Ele balançou a cabeça. "Não, fui eu. A última briga que tivemos? Eu fui um babaca total. Tinha ficado fora quase a noite toda, bebendo, porque fui covarde demais pra vir pra

casa e dizer que estava em dúvida.”

“Ah”, ela tornou a dizer, processando a nova informação. Ela iria detestá-lo? Não importava. Por mais que pensasse que poderia usar uma historinha revisionista com a nova Lucie, a verdade tinha tempo cronometrado para aparecer, e ele estava se esgotando. Era melhor deixá-la vir à tona, deixar que ela a visse por completo e tomasse suas decisões a partir daí.

“Eu deveria ter voltado pra casa depois do trabalho naquele dia, conversado com você sobre isso, mas naquela época você estava tão...”

Ele podia ouvi-la engolindo em seco, no escuro. Estava com tanto medo de ser exposta quanto ele.

“Você estava numa missão, cara. Ia fazer com que a gente se casasse. Já tinha tudo programado, planejado, encomendado, e tudo era um exagero, caro pra danar e... Sei lá. Eu só pensava que havia me perdido em algum lugar durante o caminho.”

Ficaram quietos. Então, Lucie disse:

“Você quer dizer que a gente se perdeu? O ‘você e eu’ daquilo tudo?”

Grady fechou os olhos e concordou. Ah, a maneira como ela disse aquilo: O “você e eu” daquilo tudo.

“Sinto muito”, ela disse. “Eu queria ter sido diferente.”

“Não.” Ele se virou para olhar para ela, o joelho limitado pela bota e o console do carro, ou estariam se tocando. “Não, aí é que está o ponto. Eu te amava. Amava como você era, e então eu perdi a coragem pra tudo aquilo, voltei pra trás, virei um desses caras que entram em pânico quando a coisa fica séria. Virei esse estúpido babaca e... sei lá. Acho que estava tentando afastar você, fazer com que não me amasse mais, fazer você me deixar.”

Nossa, era isso. Ele quis ir embora, mas era tão covarde que havia deixado a tarefa para ela.

Lucie cruzou os braços ao redor do peito. “Preciso saber a parte ruim. Porque tem uma parte ruim, certo? Quero dizer, Grady, vamos lá. Amnésia?”

“É”, ele sussurrou.

Uma carreira de caminhões levando madeira passou num estrondo. Um chuvisco salpicou o para-brisa.

Grady pigarreou. “Você tem razão, foi bem ruim”, ele disse. “A gente pode, pelo menos, ir pra casa e conversar lá?”

“Não”, ela disse. “Estou quase perdendo a cabeça de novo, aqui. Preciso saber agora.”

Ela estava de brincadeira? Olhou de esguelha, no escuro. Já não estava chorando. Estava só sentada ali, parecendo triste, mas bonita. Procurou a luz interna sobre a cabeça e a acendeu, expondo os dois, de repente, numa luz amarela desfavorável e longas sombras.

“Ei”, ele chamou. “Eu só precisava ver seus olhos.”

“Deus do céu”, ela disse. Estava brava ou o quê? Seu queixo tremeu. Os olhos marejaram. “Então, e aí, você vai me deixar? Só está esperando a hora certa pra... hum... pra...?”

“Lucie, não! Eu te amo. É o que eu queria que você se lembrasse acima de tudo, quanto eu te amo.”

Ela se encolheu com as palavras, mas lágrimas rolaram pelo seu rosto.

Como é que até uma emoção traumática fazia com que ele quisesse arrancar as roupas dela? Queria que seus corpos se fundissem, escorregassem um para dentro do outro e virassem, se contorcessem, até que não fossem mais dois corpos, mas um. Queria entrar nela, ir para dentro dela e plantar um bebê, tomar conta dela pelo resto da vida.

Olhou para ela por um tempo, embebendo-se dela, tão real, tão aberta para qualquer coisa, naquele momento. Seu coração estava aos pulos.

“Naquela manhã, eu estava deitado no sofá, com tanta ressaca que provavelmente ainda estava bêbado. Estava sendo um completo babaca. Você estava toda arrumada para seu compromisso, devia estar muito feliz, mas como era possível? Eu estava estragando tudo. Era uma das coisas pelas quais você estava mais ansiosa: a coisa do vestido.”

Ele fez uma pausa, empurrando o cabelo molhado da testa. Aí vinha a parte que ele detestava, mas tinha de contar. “Justo quando ia sair, você veio e se sentou ao meu lado no sofá e me perguntou na lata se eu queria terminar, e eu disse... Merda.”

“Por favor, não pare.”

“Eu disse que estava pouco me lixando. Pra tudo.” Ele engoliu em seco. “Pra você.”

Para ele, era a pior parte, mas Lucie só disse:

“E depois?”

A chuva começou a bater no para-brisa sem descanso. “Você me atacou.”

Os olhos dela se arregalaram. “Eu...”

“Sei lá, de repente você partiu pra cima de mim no sofá, me esmurrando, me chutando, e eu fiquei muito chocadô. Você estava com uma expressão muito estranha, sei lá. Como se não me conhecesse, ou me odiasse.”

Era tão vivo, tudo aquilo de novo. Grady esfregou a cicatriz do pescoço. “O diamante do seu anel me cortou. Você não queria fazer isso, acho que não, mas quando você viu todo aquele sangue, fez um barulho horroroso, um uivo, como se fosse um animal selvagem sendo torturado. Nossa, Lucie, foi...”

“Mas eu não era assim normalmente, certo? Quero dizer, eu não era violenta.”

“Não, por Deus, não. Foi uma coisa completamente bizarra, como se você tivesse surtado. As pessoas sempre dizem isso, mas foi exatamente assim, você surtou.”

Lucie apagou a luz interna. Estava tremendo, mesmo a noite estando quente, e se virou para olhar pela janela.

“E aí eu fugi?”

“Foi.”

“Eu disse alguma coisa antes de sair? Eu estava chorando, ou...”

Grady balançou a cabeça. “Não, só o som, e aí você saiu. Buum. Bateu a porta. Caiu fora. Eu devia ter corrido atrás de você.”

“Não teria feito diferença.” Ela olhou de volta para ele no escuro, olhos redondos, sem piscar.

“Eu podia pelo menos ter pegado você e...”

Ela balançou a cabeça. “Eu já tinha ido. Já tinha acontecido.”

Como é que ela podia ter tanta certeza? Ele vinha tentando entender aquilo havia semanas. Em que momento as ações dela tinham deixado de ser decisões? Exatamente em que momento a Lucie real, consciente, o deixou? No sofá? Enquanto corria? Na estação de trem? Em São Francisco? Não havia perguntado, porque não teria como ela saber, e já estava muito torturada com tudo aquilo. Ele sabia; sabia que a dor dela era pior do que a dele, mesmo que desse para se pensar que não se lembrar fosse uma bênção. No entanto, isso a assombrava. Se ela nunca mais se lembrasse de nada, poderia nunca voltar a se sentir uma pessoa de verdade.

“Grady”, ela disse, “acho que estou descobrindo o que houve. Preciso contar o resto da história. Sobre Helen. Sobre mim e minha mãe. Sobre o motivo de eu ser como sou.”

Ele pegou as mãos dela e as segurou dentro das dele. “Quero saber.” Esses eram os detalhes pelos quais ele havia ansiado desde que se conheceram, que tinha pressionado tanto para conseguir, e que ela finalmente ia lhe contar – agora que ela podia lhe contar –, mas sentiu algo dentro dele se esfacelando. Segurou as mãos dela para mantê-la o mais próximo possível, enquanto contava o que tinha sabido com Helen – o feio, o comovente, o mundano. As coisas que tinham feito de Lucie a mulher que era agora e a que tinha sido quando ele a conheceu. Percebeu que podia lidar com essas verdades porque a soma delas era Lucie.

MAIS TARDE, NA entrada de casa, ficaram constrangidos: Lucie prestes a subir a escada, Grady pronto para ir para o quarto de hóspedes. Não sabia exatamente como é que a fuga dissociativa funcionava, mas ficou pensando se ela simplesmente não sabia o que tinha acontecido com seus pais quando ele a conheceu, cinco anos antes. Talvez ela também tivesse bloqueado aquela coisa horrível. Agora, porém, sabendo pelo que havia passado tantos anos antes de conhecê-la, antes de poder protegê-la, parecia devastador, como se ele tivesse pessoalmente falhado com ela. Queria segui-la até o quarto deles, deitar-se ao seu lado, envolvê-la com os lençóis e as cobertas, segurá-la e vê-la cair no sono.

Ficaram se entreolhando. Queria beijá-la novamente. Ela parecia exausta, mas não tinha saído dali.

Grady estava muito cansado de sempre imaginar o que deveria fazer. Engoliu em seco, depois se aproximou até sentir o calor dela. Ela levantou os olhos e ele se inclinou, beijando-a levemente nos lábios, o hálito dos dois cansado pelo longo dia, a pele cheirando a suor e fumaça de churrasco. Ela parecia tão jovem, tão criança, sardenta e despenteada, com aquela engraçada camiseta laranja. Pensou que provavelmente a amava mais do que nunca. Por favor, desejou, me peça para subir pro seu quarto.

“Eu tinha um anel de noivado?“, ela perguntou em vez disso. “Devia ser caro. Eu perdi, não perdi?”

Ele deu de ombros. De algum modo ela ia descobrir mesmo.

“Ai, minha nossa, Grady. Detesto ter magoado você.”

“Eu sei, mas... você sabe. A gente se magoou.”

Ela concordou, mas não havia mais nada a dizer. Lucie virou-se para subir a escada. Quando tinha chegado no alto e acendido a luz do quarto, Grady experimentou pôr pressão sobre o pé direito. Uma sensação de dor atenuada, não exatamente dor. Tá bom, pensou e encostou as muletas na parede. Amanhã iria colocá-las no porão com todo o resto de que não mais precisava.

MAIS TARDE, MUITO mais tarde, ao acordar no quarto de hóspedes, no escuro, Grady sentiu por um momento como se tudo estivesse normal, como se nenhuma das coisas ruins tivesse jamais acontecido. Percebeu, então, o que o tinha acordado: a falta da música do piano subindo do porão. E o peso escorrendo de volta.

Lucie confiou nele o bastante naquela noite para lhe contar tudo o que sabia sobre si mesma, mais do que já havia revelado no passado. Coisas piores do que ele pudera imaginar, mas percebeu que não importa o que tivesse acontecido, nada daquilo era sua culpa. Os acontecimentos de infância – a maneira como os adultos tinham agido e reagido – estavam fora do seu controle, e ela tinha sido forçada a simplesmente reagir da maneira que podia, para sobreviver.

Para sobreviver. O propósito de toda vida, certo? Desde o momento em que emergiu da água.

O peso da água sobre ele. Grady sentiu a atração por ela tão forte quanto sempre. Figuras desaparecendo em formas difusas, a ausência de som, a escuridão no fundo. O fôlego pressionando dos pulmões, bolhas subindo, uma expiração depois da outra, até...

Até que acabava, percebeu. Nunca tinha se permitido pensar nisso antes, sempre havia parado um pouco antes da finalidade daquilo. Mas havia querido ficar debaixo d'água, havia sido puxado para isso no dia em que seu pai se afogou. Pish, pish, Grady pensou. Eu não queria, na verdade, ser um peixe; só queria deixar de ser um menino. Em certo sentido, nadar era estar morto, um ato de desaparecimento.

Grady já não queria mais desaparecer.

Virou de bruços, sentindo o velho desejo de ver seu pai como chumbo nos ossos. Harry Goodall teria gostado de quem seu filho havia se tornado? Grady tinha uma boa profissão, o que seria importante, mas seria o tipo de homem de quem seu pai teria orgulho? Será que Grady ao menos saberia como sê-lo? Como é que poderia saber?

O pai era um fantasma.

Lucie estava igualmente assombrada pela mãe. Há apenas um mês, também não sabia como ser ela mesma, e olhe só, voltando a se tornar Lucie Walker. Porque era exatamente isso o que estava acontecendo. Não havia duas Lucies, só uma.

A Lucie que ele conhecera antes havia se protegido do mundo da única maneira que sabia, criando uma casca dura e grande. Agora, não queria mais aquilo. Ele a tinha observado com a sua família durante o dia e a noite, e ela tinha estado tão aberta a ela mesma, que se apaixonaram por ela, como deveria ter acontecido desde a primeira vez.

Grady virou-se na cama de frente para a parede. Queria que ela estivesse ali, deitada com ele. Na falta disso, queria que ela se levantasse e fosse tocar piano. Não sabia mais como pegar no sono sem isso.



Na manhã seguinte, Lucie acordou com o som de alguém batendo no andar de baixo. Seria na porta da frente? Por que tão cedo? Virou-se na cama, puxando o lençol sobre a cabeça.

"Luce? Está acordada?" Era Grady, na beira da escada, batendo na parede. Lucie olhou para o relógio. Tinha perdido a hora: já eram nove. O dia anterior tinha acabado com ela: a visita para a família, as emoções, a conversa no carro, as revelações se sobrepondo.

"Huumm, hummm", ela tentou resmungar alto o bastante para que ele ouvisse.

Ele subiu pesadamente até a metade da escada e parou.

Lucie passou as mãos pelo cabelo e pelo rosto. "Tudo bem, estou acordada." Sentou-se e puxou o lençol à sua volta para cobrir o peito.

Ele chegou no alto da escada sem muletas, uma caneca de café na mão.

"Oi", disse, estendendo-a para ela. "Feliz segunda-feira."

"Uau, serviço de quarto!" Lucie pegou a caneca, quente e lisa em suas mãos, e abaixou o rosto para sentir o aroma antes de dar um gole. Grady fazia um café excelente. "Obrigada."

"Eu estava saindo, então..." Suas mãos remexeram-se à toa nos bolsos. "Então, tudo bem, tenha um bom dia."

Lucie levantou o rosto, olhando-o nos olhos. O que ele queria? Sabia que era alguma coisa, mas a especificidade daquilo lhe escapava. "Pra você também."

Ele acenou com a cabeça e começou a se dirigir para a escada.

"Ei", ela chamou, para fazer com que ele se voltasse. "Já se passaram quatro semanas?"

Ele olhou para ela sem expressão.

"As muletas? Você está livre delas?"

O rosto dele se iluminou. "Ah, é. Até oficialmente."

"Então, o que vai acontecer no trabalho hoje?" Ela ainda não entendia o que ele fazia exatamente. Sabia que tinha a ver com aviões e coisas ligadas a alta tecnologia.

"Bom, principalmente reuniões. Estamos pressionados com a revisão de um projeto, atrasados, como sempre. Sabe como é."

Ela não sabia, mas costumava saber.

“Então”, Grady disse, aparentemente encorajado pelo interesse. “O que você vai fazer hoje?”

“Pesquisa. Acho que vou telefonar pra Helen de novo.” Poderia muito bem contar, pensou, mesmo que, provavelmente, ele fosse contra.

Contudo, ele disse:

“Boa ideia.” E depois fez um pequeno aceno e partiu para a árdua descida da escada: batida de bota, degrau, batida de bota, degrau. Ela o ouviu juntar suas coisas e descer.

Lucie suspirou e se levantou, vestiu-se e levou a caneca para baixo. Toda vez que pensava saber como Grady se sentia, ou o que queria, estava enganada. Ele avançava e se retraiu repetidamente. Quando foi para São Francisco, tinha ido em busca da velha Lucie. Agora estava óbvio que, independentemente das lembranças que voltassem, nunca mais seria aquela pessoa. Será que sempre havia sido tão insegura em relação a ele, aos sentimentos dele? Teria sempre ficado em dúvida quanto ao tamanho do amor? Talvez não fosse uma novidade. Talvez apenas a maneira de eles serem.

Isso basta? Lucie balançou a cabeça. Não tinha pensado assim antes, que talvez não valesse a pena lutar por aquela relação. Havia contado com Grady para tudo no começo, comida e abrigo, e pelo simples conforto de estar com alguém que a conhecia, mas agora poderia sobreviver sozinha, tinha plena certeza disso. Susan tinha um cunhado que precisava de ajuda em seu consultório quiroprático, caso ela decidisse trabalhar. Já havia se virado no mundo antes, sabendo muito pouco e dando conta de tudo, sabia que poderia fazer isso de novo, caso precisasse.

Não, pensou. Caso quisesse.

Durante a noite, durante o sono e sonhos estagnados, muitos pensamentos, medos e desejos tinham se fundido numa espécie de plano. Pegou o notebook no escritório e foi com ele até a cozinha. Estava muito próxima de entender – pelo menos academicamente – por que seu cérebro havia entrado em curto e apagado todas as suas lembranças, tanto as boas quanto as insuportáveis. E não apenas há um mês; se sua hipótese estivesse correta, havia acontecido a mesma coisa vinte e cinco anos antes. Os dois incidentes detonadores não eram tão excludentes.

Sua mãe atirou no marido no sofá.

Lucie atacou Grady. No sofá.

Para o cérebro primitivo – o emocional em oposição ao intelectual –, esses dois acontecimentos poderiam parecer muito semelhantes. Em sua própria violência, Lucie poderia ter assustado a si mesma a ponto de, literalmente, perder a cabeça, exatamente como aconteceu anos antes.

Havia sido um alívio escutar o relato de Grady sobre o que acontecera no dia da fuga – saber que tinha sido da maior importância, não apenas uma briguinha de namoradinhos. Saber que havia se tornado fisicamente violenta, a ponto de arrancar sangue, era quase a melhor notícia que ouvira. Fez com que peças aparentemente disparatadas se juntassem,

mesmo pintando um retrato horrível de quem havia sido. Contudo, de qualquer modo, Lucie pensava no seu antigo eu como outra pessoa, e, para ser honesta, alguém que não lhe interessava muito. O fato de ficar a par do seu destino, entender seu problema, poderia ajudá-la a dar vida a seu novo eu.

E era muito mais fácil pensar nisso daquele ponto convencional. Vinha trabalhando o lado emocional desde que chegara em casa, o que tinha sido doloroso e insatisfatório. O que precisava era de evidências, fatos duros e frios, nomes e datas, registros e narrativas. A história de Grady havia aguçado seu apetite, tinha fome de mais.

Se conseguisse encontrar evidências que corroborassem que aquilo que Helen dissera era verdade, tudo faria sentido. Distraidamente, seus dedos tocaram a cicatriz em sua coxa, queimada pelo homem, o que provocou sua mãe a matá-lo. Qual era o nome dele? Ela nem mesmo tinha pensado em perguntar a Helen durante a visita. E havia usado o primeiro nome de casada da mãe nas pesquisas no Google. Era lógico que não apareceria nada.

As queimaduras devem ter sido excruciantes, pensou, deslumbrada com quanta dor uma menina pode suportar. E então, no mesmo dia, o tiro – o último e mais terrível ato de uma sequência de atos violentos em uma família abusiva. Quando foi que a Lucie de quinze anos se ausentou? Será que ela ao menos sabia que foi sua mãe quem a polícia levou embora? Ou foi o estopim que mandou sua mente espiralando para o nada?

Haveria anotações sobre o comportamento de Lucie nos registros da polícia? Teria havido uma avaliação psiquiátrica dessa menina traumatizada? Ela teria ficado com pais provisórios ou em uma instituição provisória até que a custódia fosse para os tios? Não haveria um arquivo em algum lugar com uma papelada sobre todas essas coisas?

Helen Dez Mãos ficaria feliz em ter notícias dela, Lucie sabia disso. Apertou o número da velha mulher no telefone. Tocou três vezes, quatro, e Lucie pensou na mensagem que deixaria. No sétimo toque, Helen atendeu. Lucie não tinha impressão de que sua tia fosse alguém que dormisse até tarde num dia de semana, mas ela parecia grogue.

“Você está bem?”, Lucie perguntou. “Acordei você?”

Helen estava ofegante. “Estou bem, estou bem. Você só me pegou no banheiro. Não ando mais tão depressa como antigamente.”

“Quero visitar você hoje”, Lucie disse. “Tenho um montão de perguntas.”

“Bom, sinto muito, mas hoje não é um dia bom pra mim. Tenho trabalho voluntário no Clube de Meninos e Meninas.” Ela tossiu no telefone, e depois, Lucie percebeu, segurou o fone à distância até a tosse diminuir.

“Você tem certeza de que está bem? Talvez devesse avisar que está doente, se não estiver se sentindo bem.”

“Não, não. É só asma, estou acostumada. E as crianças são o ponto alto da minha semana, se você quer saber. Elas precisam de mim.”

Lucie podia imaginar, se não ouvir, o leve pigarro no final.

“Eu também preciso de você, tia Helen.”

“É?” Helen pareceu satisfeita. “Bom, então talvez você possa vir me visitar amanhã. Posso preparar um almoço gostoso, antes do meu turno no cassino.”

Não outro sanduíche de mortadela. “Por favor, se não posso ir hoje, pelo menos você pode conversar uns minutos comigo? Eu estou... Bom, preciso de alguém pra conversar. Alguém que me conheça.”

“Seu noivo, talvez?” Sua tia não estava tão feliz em ter notícias dela dessa vez.

“Estou me referindo a antes. Você me conheceu a vida toda.” Era verdade, e dizer isso trouxe à tona uma emoção densa e salgada. “Por favor”, Lucie pediu, “desculpa, eu só...”

“Ora, tudo bem, a gente conversa por alguns minutos, mas depois eu tenho de me arrumar. Gosto de ser pontual.”

Havia tantas perguntas, mas Lucie precisava ter calma. Helen só queria ser apreciada, como qualquer pessoa; ser amada. Não importa quem você tenha sido, ou se continuava ou não a ser alguém, era isso o que de fato importava.

“Conte de novo sobre quando eu era mais nova, quando nós todos vivemos juntos em Marysville, antes que a gente fosse pra Califórnia.” Não era para isso que tinha telefonado, mas, de repente, era o que mais queria ouvir. Histórias felizes.

“Ah...” Helen falseou, tossindo. “Ah, nossa. Foi a melhor época.”

Lucie ouviu com os olhos fechados, enquanto Helen repassava os piqueniques, as remadas no lago Silver, a colheita de morangos nas fazendas onde se colhia as próprias frutas.

“Todos os anos nós íamos para o Festival do Morango, só você, eu e o Edward”, disse a tia. “Sua mãe, bom... ela trabalhava muito.” Fez uma pausa. “Seu tio e eu colhíamos a maior parte, mas você ficava cantando suas musiquinhas pra gente, e segurava o balde até ficar pesado demais.”

É, Lucie pensou. A doçura de uma fruta aquecida pelo sol pesou em sua língua. “Meu passarinhozinho”, seu tio diria, alimentando-a. Ela tinha se sentido especial – mas, espere, Helen não tocou nesse assunto. Lucie conhecia esse gosto, essa sensação de ser adorada. Uma lembrança havia se esgueirado.

“Vocês tinham um carro laranja”, Lucie disse. “Com um rasgo no banco de trás.”

A cor laranja, ela pensou. A doçura dos morangos. O som da risada de mulheres no outro quarto. Sua mãe e sua tia, talvez outras.

“O Dodge”, Helen confirmou. “Ei, como é que você se lembra disso? Você só tinha cinco ou seis anos quando a gente se livrou daquele carro.”

“Não sei”, Lucie respondeu, “mas me lembro de estar dentro dele”. Brincava com as bordas do tecido rasgado, a trama desfiada. Parecia normal saber isso. Sem sinos, sirenes, fogos de artifício ou náusea. Nada a ver com a lembrança das explosões. Isso era uma ondulação em águas calmas, uma agitação delicada. Queria mais. “Então, nós vivemos com vocês todo aquele tempo?”

“No começo, sim. Você se lembra da casa grande em que a gente morava, lá em cima, ao lado da reserva?”

“Mais ou menos”, Lucie disse. “Quase.”

“Você tinha seu próprio quarto, azul com cortinas floridas, lembra? E gostava de brincar de casinha no armário grande de casacos, no andar de baixo. Minha nossa, você conseguia brincar de casinha durante horas, se alguém tivesse paciência pra isso. Sua mãe e eu, bom, a gente se cansava depois de alguns minutos, mas seu tio não. Ele adorava você.”

Lucie estremeceu com isso, desejando poder se lembrar de tudo, de cada segundo.

“Depois de um tempo, Gloria arrumou um trabalho no novo supermercado Thriftway, e vocês se mudaram para um lugar a poucos quarteirões de distância de nós, mas você ainda gostava de dormir na nossa casa, porque seu tio fazia biscoitos de manhã. Você se lembra?”

“Eu ainda gosto de biscoitos”, Lucie disse. “Vai ver que é por causa disso.”

Helen ficou um pouco quieta, depois disse:

“Tudo ia bem até que sua mãe se engraçou com aquele filho da puta que trabalhava na revendedora Chevy.”

Lucie arrepiou-se. “Foi esse... ele foi aquele?” Era por essa razão que havia telefonado. Era isso que precisava saber.

“Ah, foi, foi esse aí mesmo. Se não fosse o Ron Douglas, minha irmãzinha ainda estaria aqui, não tenho dúvida, bem aqui em Marysville, em sua casinha amarela, e vocês nunca teriam ido embora, e...” Lucie ouviu-a chorando.

“Você está bem? Helen?”

Ela ouviu algo remexendo e depois o telefone desligando. Era demais para a velha mulher. Lucie tinha forçado que se lembrasse de muitas coisas, mas ela tinha de fazer isso, não tinha? Para se lembrar de qualquer coisa, precisava de informações que só Helen tinha.

Ron Douglas.

Com os dedos tremendo, abriu o browser em seu computador e digitou na caixa de busca:

“Ronald Gloria Douglas assassinato São Francisco 1986.”

E lá estava, no SFGate, hospedeiro dos arquivos do jornal San Francisco Chronicle:

“Assassinato seguido de suicídio em Richmond. Menina muda é a única sobrevivente.”

O CONCRETO VIBRAVA sob os pneus; as mãos de Lucie agarravam o volante ao abandonar a cidade. O trânsito estava moderado, o sol brilhante como se fosse um dia normal. Sua cabeça intacta, não estava exatamente fugindo. Estava indo em direção a

alguma coisa. Não era louca. Aquilo era real.

A direção norte tinha se tornado mais familiar, mas Lucie não enxergou as placas que passavam, ou a paisagem, só as palavras gravadas na sua mente.

Assassinato seguido de suicídio.

Assassinato, suicídio...

Ronald Douglas e o filho de três anos.

As mãozinhas ao lado das mãos dela, no piano.

Aparentemente perturbada, Gloria Douglas apontou a arma contra si mesma.

Helen havia mentido sobre aquilo, quem sabe sobre o que mais.

Menina muda colocada sob custódia, entregue a parentes no estado de Washington.

Muda. Ausente. Lucie enxugou o rosto, mas ele continuava a se molhar. Seu nariz escorria, as lágrimas eram um alívio silencioso depois dos sons que tinha ouvido sair da própria boca, do peito, das entranhas, enquanto lia a história que agora ficava repetindo sem parar em fragmentos horríveis, um mantra de incredulidade, de saber sem saber, porque de algum modo tudo parecia muito familiar.

Ronald Douglas foi baleado enquanto dormia no sofá, e seu filho de três anos, David, morto por uma das balas, porque dormia sob o cobertor com o pai.

Balas.

Explosões. Sempre tinham sido explosões, Lucie se deu conta, no plural. Senti-as no fundo do peito: bum, bum e bum. E cada uma uma vida: seu padrasto, depois, ai meu Deus, seu irmãozinho! Morto na sua frente! Viu os olhos aterrorizados de uma mulher olhando nos olhos dela, a mulher das fotos de Helen, e o corpo de Lucie entrou em espasmos. Aquilo era real? Ou estava imaginando tudo, impulsionada pelo artigo?

Alcançou a bolsa no banco de passageiro, mantendo uma mão na direção e os olhos na estrada. Tirando punhados de notas de dinheiro, variadas balas soltas, remexeu nos pedaços de papel e nas fotos que andara juntando. No fundo, encontrou o papel onde tinha escrito as letras do banco do piano.

D A Y Y.

V, pensou, não Y, com o papel tremendo na mão. Davy, o nome com que ela tinha chamado o neto de três anos de Eunie. Davy e Lulu. Seu irmãozinho devia chamá-la assim: Lulu. As pequenas mãos eram dele, nas teclas do piano, e, sim, ela as conhecia, pequenas e com covinhas, unhas minúsculas cortadas de forma desigual. Podia sentir o calor robusto dele ao seu lado, no banco, sentir o cheiro do seu cabelo com xampu de bebê e ouvir os sons batucados que fazia para acompanhá-la. E outra vez, de repente, as sensações que a tinham rasgado por dentro quando recobrou a consciência na baía de São Francisco: o horror de não ter podido salvá-lo, de continuar vivendo quando todos os outros tinham morrido. Poderia se submergir na sensação. Por que Gloria havia deixado Lucie completamente sozinha para resistir por si mesma? Por que não havia simplesmente levado-a também?

É demais, Lucie pensou. Muitos sentimentos. Alguma coisa vai acontecer.

Não conseguia respirar. Sufocando-se e soluçando, dirigiu rapidamente para fora da estrada, no acostamento irregular, brecando com força até o carro parar. Por que tinha saído com tanta rapidez, sem ligar para Grady? Se pelo menos tivesse um celular, poderia telefonar para ele e ouvir sua voz. Poderia pedir para ele vir buscá-la, porque estava com medo de ficar sozinha com esses pensamentos, essas coisas que agora sabia serem lembranças.

Como é que Helen podia não ter lhe contado a história verdadeira?

“Droga!”, Lucie gritou. “Odeio tudo isso!”

Agora ela podia respirar. Já não estava sufocando, e sua mente clareou o bastante para notar que havia estacionado em uma zona proibida.

Sabia o que tinha de fazer, gostando ou odiando. Marysville não ficava muito longe.

Lucie enxugou o rosto e enfiou tudo de volta na bolsa. Depois ligou o carro. Olhou sobre o ombro para o tráfego que vinha e acelerou até estar de volta no fluxo, seguindo a estrada por mais três saídas, depois duas, depois a saída 199 para Marysville. Deixou a estrada e, no começo da rampa, virou para a esquerda, dessa vez, em direção à Reserva Tulalip.

Seguiu as placas para oeste, pensando que chegaria no Clube de Meninos e Meninas antes de Helen. Depois de passar por um shopping center e um pequeno cassino, atravessou um riozinho, e o mundo mudou. Os únicos pontos de comércio daquele lado eram uma banca de frutas a céu aberto, uma barraca de café drive-through detonada, e alguém vendendo figuras de ursos escavadas à mão. Bosques densos de árvores criavam um cânion de cada lado da estrada, com casinhas de madeira em vários estados de conservação surgindo ocasionalmente. Um espelho d’água azul-esverdeado refletiu por entre as árvores, à esquerda. “Estreito Possession”, dizia uma placa.

Vibrando de nervosismo ou excitação – não tinha certeza –, Lucie ficou pensando que já tinha estado naquela estrada antes. Parecia mais uma volta do que a descoberta de algum lugar novo. Depois de alguns quilômetros, uma passarela de pedestres surgiu acima da estrada. À esquerda, brinquedos de playground espalhavam-se por um gramado aberto, e um velho totem erguia-se do gramado em frente à Escola Elementar Tulalip.

É aqui, ela pensou, enquanto fazia a volta. Sabia que a extensão de gramado esmeralda com as construções da escola, baixas e compridas, levaria às águas cintilantes e às margens arborizadas do lado oposto. Baía de Tulalip. Um lugar especial. Toda essa beleza significava alguma coisa, e ela tinha consciência disso havia muito tempo.

Logo depois do playground e de uma pequena horta, viu o grande barracão azul que era seu destino. O Clube de Meninos e Meninas de Tulalip. Com desenhos infantis e arte nativa americana nas janelas. O estacionamento estava salpicado de carros, incluindo o velho Celica branco de Helen. Lucie estacionou com a pulsação novamente disparada. Alguém pode ter um ataque cardíaco por excesso de batidas?, ela se perguntou. Suas mãos

estavam descoordenadas na fivela do cinto de segurança.

Era hora. Faria Helen contar tudo ou ameaçaria nunca mais vê-la, pensou, batendo a porta do carro e caminhando até o prédio.

“Posso ajudá-la?” Uma mulher mais velha, com longos cabelos prateados, estava numa mesa da recepção. “Você é a nova professora?”

Lucie começou a falar e parou. Podia ouvir as crianças cantando numa direção, um adulto falando numa língua incomum em outra. De algum lugar, vinha uma risada, e lá de fora o crocitar de um corvo, e então uma cacofonia desses pássaros em uma árvore que se erguia acima dela, enquanto dava impulso com as pernas no balanço, a ponta dos tênis coberta de sujeira.

“Você está bem?”, a mulher perguntou, levantando-se para dar a volta na mesa, o rosto preocupado.

Lucie sacudiu a cabeça, mas não conseguiu falar. Era outra lembrança, um fragmento de tempo de muitas vidas antes, esquecido uma vez, ou duas, ou quem saberia quantas vezes? Havia frequentado a escola elementar ali. Claro que sim.

A mulher envolveu-a com um braço, conduzindo-a até uma cadeira junto à parede. Depois que Lucie se sentou, a mulher ajoelhou-se à sua frente, segurando suas mãos. “O que foi? Precisa de ajuda?”

“Eu... eu conheço este lugar”, Lucie disse.

“Ah, você é mãe ou...?” A mulher estava sendo tão gentil e suas mãos eram tão macias. Lucie lembrou-se dos nadadores em São Francisco, quando estava na água, como tinham as mãos quentes, como suas vozes eram bondosas.

“Não, é só que... Faz muito tempo que não venho aqui.”

“É, este é um lugar especial.” A mulher levantou-se e sorriu. “As pessoas que estiveram longe por um tempo geralmente recebem lembranças importantes.”

Lucie concordou, engolindo com dificuldade.

“Você só queria dar uma olhada, então?”

“Não, me desculpe.” Lucie levantou-se. “Minha tia está aqui, como voluntária. Eu precisava falar com ela.”

“Ah, a senhora Helen. Gostaria que minhas tias tivessem metade do entusiasmo dela.” A mulher voltou para sua mesa e escreveu “Visitante” em um adesivo, depois o entregou a Lucie. “Ela acabou de começar a hora da história, mas se você quiser entrar e assistir, é na sala 106, seguindo aquele corredor à direita. Aqui está uma credencial, então você está autorizada.”

Lucie retirou o fundo e colocou o retângulo na camisa.

“Ela vai ficar feliz em ver você”, a mulher disse, sorrindo. “Ela fala em você o tempo todo.”



Amenininha, Raelene – neta de Albert Coy e o último alvo da afeição de Helen – tinha faltado. Helen olhou em volta da sala para as crianças se amontoando, tentando encontrar uma ajudante especial. Deveria, na verdade, escolher um menino, ela sabia. Um dia alguém ia reparar e acusá-la de – bom, vai saber do quê –, mas ela não se importava. Sua necessidade da doçura de uma menininha era premente, quase tão forte quanto as palpitações que já não iam embora, seu coração golpeando as velhas costelas como se quisesse se libertar.

Helen alisou a bombinha no bolso; precisava dar uma inalada antes de ler, para não perder o fôlego. Virou as costas, sugou uma dose do remédio, depois outra, só para ficar segura. Sua cabeça ficou leve, a visão superaguda, e ela virou de volta para bater palmas.

Um, dois, um-dois-três. Aquilo reverberou alto nos seus ouvidos.

As crianças se aquietaram e se viraram para ela, devolvendo as batidas ritmadas.

“Por favor, sentem-se no tapete”, ela disse, procurando seu banquinho para se firmar. Enquanto as crianças se sentavam, lá estava Lucie, sentada atrás deles numa cadeira de plástico amarela feita para crianças de seis anos, parecendo-se tanto com quando era uma garotinha, que Helen teve medo de estar tendo uma alucinação. Ajustou os óculos. O médico tinha dito que se ela usasse a bombinha com muita frequência...

Mas não, era Lucie, lhe acenando e sorrindo daquele jeito enviesado que Helen tinha pensado nunca mais ver. Acenou de volta, tentando esconder o tremor, mas sabia que agora todo mundo podia perceber, por mais que quisesse disfarçar. Helen desejou estar no seu melhor para Lucie, mas, bom, esse era o seu melhor.

Limpou a garganta e pegou o livro do dia, um que as crianças amavam e viviam pedindo que lesse.

Sua voz soou anormalmente alta e trêmula, quando começou a ler:

“Se você der um bolinho para um rato...”

Um mar de mãozinhas levantou-se no ar, balançando energicamente. Helen levantou os olhos. “O que foi?”

“A senhora precisa escolher alguém pra mostrar as figuras!”, exclamou um menino mais velho, e todas as crianças concordaram e repetiram a frase.

Bom, é claro que precisava. Sabia disso.

Olhou pela sala. Geralmente, fazia um grande espetáculo ao escolher o mais obediente, o menos agitado ou falante. Levantou os olhos e deu com Lucie. "Lucie? Você poderia me ajudar a mostrar as figuras hoje, por favor?"

As crianças viraram-se para olhar Lucie, surpreendendo-se e exclamando.

"Ah, não é justo!", disse o menino mais velho.

"Meninos e meninas, esta é nossa convidada especial de hoje: minha sobrinha Lucie. Por favor, recebam a ela com carinho."

Com o rosto se enrubescendo, Lucie levantou-se e foi até a frente para ficar ao lado do banco de Helen. As crianças se acalmaram, e Helen continuou a ler, estendendo o livro para a sobrinha depois de cada página, para que ela pudesse levantá-lo e exibi-lo. Lucie se manteve à distância – pegando o livro da tia pela extremidade oposta, nunca cruzando com seus olhos – para que Helen soubesse que nem tudo estava acertado entre as duas, ainda. Mas ela não ia parar de tentar, não enquanto ainda estivesse viva.

No final da história, Helen perguntou às crianças se tinham algum comentário ou alguma pergunta sobre o livro. A irmã mais velha de Raelene levantou a mão.

"O que é uma sobrinha? É como um primo?"

"Não, Bertha", Helen respondeu, cansada e impaciente. Uma súbita onda de fadiga ameaçava puxá-la para baixo, mas seu turno ainda tinha trinta e dois minutos. "Seu primo é como seu irmão ou sua irmã, mas os pais dele são o irmão ou a irmã dos seus pais. Entende?"

A menina deu de ombros. "Mas o que é uma sobrinha?"

Helen tossiu no lenço de papel. Precisava de outra inalada; precisava repassar o batom para que ninguém visse como seus lábios certamente deveriam estar.

"Sou a filha da irmã dela", Lucie disse para a menina. "Então sou mais como..." Olhou para Helen, como se quisesse que a tia dissesse as palavras.

"Então você é como filha dela", disse a menina, e Helen sentiu a doce pontada da palavra, da dor e o prazer que aquilo trazia.

Bertha levantou-se de um pulo, com o restante das crianças que tinham considerado a momentânea distração de Helen como um sinal de dispensa. "Você é minha filha", ela disse para outra menina com faces vermelhas e cadarços desamarrados. "Eu vou ser seu primo."

"Mãe", Helen disse baixinho, em meio à barulheira. "Você vai ser a mãe dela." A criança não ouviu. Helen levantou-se e andou rigidamente até a estante, onde enfiou o livro. Depois, sentou-se em uma cadeira no fundo da sala. Lucie veio se sentar ao lado.

"Você está bem?", perguntou, inclinando-se para tocar o braço de Helen.

Quente, Helen pensou. Estou tão gelada, e você parece tão quentinha ao meu lado.

"Daqui a pouco", Helen respondeu, "daqui a pouco vou estar".



Tantos rostinhos concentrados tinham observado sua tia enquanto ela lia a história – com muita habilidade, Lucie pensou. Helen era boa com crianças. Elas tinham respeito pela mulher, na verdade, gostavam dela, foi o que Lucie percebeu. Não era de se estranhar que fosse o ponto alto da sua semana. Não tinha família, marido, seu trabalho era desinteressante, mas havia cerca de vinte crianças que a amavam semana após semana. Era a família que ela tinha criado para si mesma, e Lucie sentiu uma nova admiração pela tia. Que sensação elas olhando assim, Lucie pensou, maravilhada. Havia uma intensidade nos rostinhos que ela nunca teria imaginado ser possível.

No final do turno de Helen, Lucie ofereceu-se para levá-la para casa, esperando uma recusa, mas Helen aceitou e juntou suas coisas. Dentro do carro, fechou os olhos, a respiração como o crepitar de folhas.

“Você tem certeza de que está bem?”, Lucie perguntou. A pele da tia estava cinza-claro, e por mais que usasse a bombinha, a respiração não melhorava.

“Só preciso descansar.”

Lucie encontrou o endereço da tia na memória do GPS. A voz eletrônica disse:

“Prossiga a leste na Marine Drive Northeast.”

Helen aprumou-se e se inclinou para olhar no mostrador. “Minha nossa. Então era sobre isso que você estava falando.” Ajustou os óculos para olhar mais de perto, depois se recostou. “Você sempre gostou das bugigangas elétricas, igualzinho a seu tio Eddy.”

“Eddy? Eu chamava ele de Eddy?”

“Chamava, e vocês dois podiam passar horas juntos desmontando um radiotransístor ou o relógio da cozinha, só para ver como ele funcionava.”

“O que fazia bater tique-taque”, Lucie disse.

“Era exatamente a frase que ele sempre dizia”, Helen murmurou. “Nada voltava a trabalhar do mesmo jeito depois que vocês mexiam.”

Lucie sorriu. Como é que podia não gostar dessa pessoa estranha? Não era só porque ela precisava dela pelas informações, embora cada pedacinho parecesse diamante incrustado. Tio Eddy. Não se lembrava dos rádios e relógios, mas o som de tio Eddy era relaxante, uma camisa de flanela macia, cheiro de pinho e gasolina.

Seguiram em silêncio por um tempo, em meio ao verde, à luz filtrada, aos velhos espíritos das árvores imponentes. Lucie olhou para Helen no banco do passageiro.

"Precisamos conversar sobre o resto, você sabe."

A velha mulher manteve o olhar à frente, mas não reagiu.

"Li um artigo no jornal sobre o assassinato", Lucie continuou. "Por que você não me contou a história toda?"

Helen piscou com força, depois disse:

"É demais."

"Não, não é. É o que eu preciso saber." Lucie tentou não parecer zangada.

"Estou dizendo que é demais pra mim", Helen retorquiu.

"Como é que você pôde não me contar que eu tinha um irmão?"

"Meio-irmão."

"Como é que você pôde não me contar que minha mãe cometeu suicídio?"

"Porque ela não queria isso, você não percebe?" Helen tentou se virar no banco para olhar a sobrinha. "Ela não conseguia acreditar no que tinha feito! Que erro terrível matar o próprio filho!"

Na mesma hora, Lucie estava chorando, o rosto molhado, a respiração sufocada. A dor era antiga, profunda e pesada, como se seus órgãos tivessem sido cimentados juntos lá dentro. A dor crescendo mais aguda e mais repulsiva.

"Por que ela não acabou me matando também?"

Um cômodo, escuro e sombrio, só a luz de uma televisão. Um cheiro de queimado no ar. Alguma coisa ruim aconteceu, alguma coisa muito, muito ruim.

"Nunca!", Helen gritou. "Ela não queria matar o menininho. Foi um acidente. Ele deve ter se enfiado debaixo do cobertor, depois que o pai tinha apagado, aquele bêbado maldito. Gloria jamais mataria o próprio filho."

Sua mãe no sofá, levantando o cobertor, sangue por toda parte, o menino nos braços dela, aberto de um lado como um animal atropelado por um carro. Sangue nos braços e nas mãos da mãe, na blusa. Sangue nas faces, depois que ela enterrou o rosto junto ao corpo do menino.

Lucie não conseguia respirar. Não conseguia ver. Foi para o lado da estrada, posicionou o câmbio para parar.

O menino mutilado, pendendo flácido e pesado do braço esquerdo da mãe, a arma tremendo na mão direita dela.

"Tanto sangue", Lucie gemeu. O cheiro de ferrugem, um tipo de ferrugem doce e enjoativa.

"Ah, por favor, pare." Helen chorava, os óculos embaçados antes que ela os tirasse.

A mãe levantando o braço.

"Ela apontou a arma pra mim."

"Não", Helen insistiu. "Ela amava você."

"Ela apontou a arma pra mim também", Lucie repetiu. "Eu gritei."

Mãe! Não!

Ela ainda podia ouvir; tudo aquilo ecoando ao redor do seu cérebro como se sempre tivesse estado ali, com o volume reduzido. Os três primeiros tiros, os gritos. E ela quis correr o máximo que pôde para fugir. Correr era a única maneira de sobreviver.

No entanto, tinha ficado ali, paralisada, acreditando que estava prestes a morrer.

"E então..." Lucie engoliu com esforço, tremendo. "Então ela apontou a arma para ela mesma." Agora se lembrava. E foi ali que parou.

"Ai, meu Deus, não, não." Helen pegou na mão de Lucie. "Por favor, diga que não é verdade."

"Você sabe disso."

"A gente só sabia que ela tinha atirado nela mesma porque estava atormentada. Só você sabia disso tudo. E não disse uma palavra quando pegamos você de volta." Os dedos de Helen cravaram-se na palma de Lucie, ancorando-a no tempo presente, naquele lugar. "Nem uma palavra! Nem sobre sua mãe, ou seu pobre irmãozinho, sobre o que teve de ver. A gente achava que você era um monstro, mas você estava ausente... Sua mente tinha ido embora."

Cada palavra dobrava Helen mais para baixo, até que ela se curvou sobre si mesma como uma concha, sacudida por soluços. "Ai, eu sinto tanto, sinto tanto... Ai, Deus do céu!"

Lucie sacudiu a cabeça, tentando recobrar o fôlego. Não, não poderiam ter sabido todos os detalhes que ela presenciou, mas como é que não percebiam que havia algo de errado com ela, não procuraram ajuda?

No entanto, tinha se tornado culpada da mesma coisa. Nunca havia ligado para a psiquiatra.

"É, eu estava ausente", Lucie concordou, ainda tremendo, mas sua mente parecia mais clara. Tinha demonstrado alguma piedade em relação a ela mesma e se ausentado no momento da morte da mãe, apagando a memória para os próximos vinte e cinco anos. "Estive ausente por muito tempo, me esquecendo."

Não era de se estranhar que ela tivesse tão pouca semelhança com a Lucie que Grady conhecia. Estava começando a fazer sentido, ainda que um tipo de sentido meio estranho. Tinha sido reprogramada pela amnésia de dois meses antes, quando fugiu, mas não para a vida que tinha acabado de deixar. Lucie pensou se teria recomeçado dos seus quinze anos, antes de presenciar os acontecimentos que a deixaram tão traumatizada e embrutecida para o mundo, até muda no começo, de acordo com o artigo. Quando é que recomeçara a falar? Perguntaria a Helen numa outra hora, uma hora em que não a tivesse feito passar por tanta coisa.

Helen apertou a mão com outro lenço de papel puxado do sutiã. Lucie suspeitava que ela guardasse uma caixa inteira ali. Acalmou a tia, em vez do contrário. Era assim que

era. Helen estava idosa e frágil. Precisava de alguém que cuidasse dela.

"Pronta pra ir pra casa?", Lucie perguntou por fim, mas a velha mulher permaneceu curvada. "Tia Helen?"

Não respondeu, mas começou a ofegar, quase.

"Helen?!", Lucie chamou mais alto. "Você está bem?"

Ainda sem movimento. Lucie encostou a mulher para trás, no assento, as palmas nos ombros frágeis, procurando nos olhos sem expressão algum tipo de luz, mas a tia parecia ter ido para algum outro lugar, como se algum interruptor tivesse sido desligado, ainda que estivesse respirando muito rápido. O rosto estava cinza, os lábios quase azuis.

"Não", Lucie disse, a saliva se espessando. "Merda, merda, merda."

Um hospital. Precisava chegar ao hospital mais perto. O GPS. Digitando os comandos no mostrador, arrumou uma maneira de pesquisar por categoria. Como era de se esperar, um ícone de hospital liderava a lista, sendo o Hospital Geral do Vale, em Monroe, o mais perto, a quase trinta minutos de distância. Helen estaria viva até lá? Lucie ligou o carro e olhou sobre o ombro. Me ajude, pensou, por favor, girando as rodas no cascalho, antes que o calçamento tomasse seu lugar.

NO QUILÔMETRO 26, Lucie baixou os olhos e viu que estava dirigindo a cento e cinquenta por hora. A estrada era extensa, com inclinações suaves, sem curvas perigosas. Se a polícia viesse atrás, não pararia, iria até o hospital.

"Você está bem?", tentou novamente, olhando para Helen o tanto quanto se atrevia. Com o barulho da estrada, não conseguia ouvir a respiração da tia, mas percebia um movimento no peito. Sua cabeça estava para trás e para o lado, a saliva escorrendo pelo queixo. "Ai, Deus, por favor. Aguento só mais uns minutinhos."

Como é que isso podia estar acontecendo? Estaria Lucie fadada a testemunhar a morte de cada membro da família? Seria uma espécie de maldição?

Agarrou o volante com mais força. Bom, estava acontecendo, e não estava fugindo. Mesmo que estivesse morrendo de medo, mantinha-se controlada e faria qualquer coisa para levar Helen com vida ao hospital.

E então surgiram placas que indicavam Monroe, e depois o hospital, e o largo caminho para a entrada de emergência. Lucie não sabia se deveria estacionar e correr para dentro para chamar alguém, ou só buzinar até que um atendente aparecesse. Disparou a buzina. Dois homens em uniforme azul olharam para fora pelas grandes portas duplas para ver o que estava acontecendo. Lucie pulou do carro.

"Ela está inconsciente", ela disse. "Está com dificuldade pra respirar."

Um dos homens veio e abriu a porta de Helen. Ajoelhou-se ao lado dela, checando seus sinais vitais, falando com ela, dizendo o que estava acontecendo, ainda que estivesse

fora do ar. O outro veio correndo com uma maca de rodinhas, e os dois tiraram-na do carro, largada e parecendo morta, enquanto a colocavam na maca.

"Há quanto tempo ela está inconsciente?", um deles perguntou.

"Não sei, no máximo meia hora, talvez?"

"Você é da família?", o outro homem questionou.

"Sou", Lucie disse. "Sou... Sou sobrinha dela. Ela está bem?"

"Estacione ali, depois avise a recepção que está aqui", ele mandou enquanto saíam levando Helen. "Vamos ter de cuidar dela, mas precisamos de algumas informações."

Lucie ficou aliviada por ter tarefas a cumprir. Depois de estacionar o carro, correu com a bolsa de Helen para a sala de emergência e remexeu dentro procurando a carteira de identidade e o número do seguro para a atendente da recepção, antes de ser conduzida para a sala de exames.

Helen vestia uma camisola azul clara. A equipe do hospital cuidava dela, ajustando monitores, tirando sangue, inserindo uma intravenosa. Seu rosto estava inerte sob a máscara de oxigênio.

Lucie estremeceu, lembrando-se de quando tinha sido tirada da água, de como tinham colocado a máscara nela. Como tinha sido assustador. Será que Helen estava com medo? A tia murmurou alguma coisa, e a sobrinha respirou mais aliviada. Não estava morta. As pernas de Lucie quase fraquejaram.

Uma mulher alta, de cabelos prateados, avental branco, estava na frente de um notebook sobre um carrinho com rodas. "Sou a doutora Bryant. Você deve ser a sobrinha da senhora Dez Mãos." Deu um breve sorriso, enquanto digitava.

"Sou Lucie. Ela está bem? Está consciente?"

"Estamos dando um pouco de oxigênio pra ela e fazendo exames. Esperamos conseguir algumas informações de você. Tudo bem?"

Lucie balançou a cabeça. "Desculpe, mas não sei grande coisa. Mal a conheço, mas estou com a bolsa dela, e os remédios estão dentro." Com as mãos trêmulas, tirou uma bombinha e vários vidros de remédio, entregando-os à médica. Desejou ter comido mais naquela manhã.

"Outra bombinha? Também achamos uma nos bolsos dela." A médica leu o rótulo. "Tudo bem, ótimo. Vamos ver o que mais ela tem aqui." Olhou para Lucie. "Você está bem aqui? Tem uma cadeira no canto."

Agradecida, Lucie foi se sentar, ainda segurando a bolsa de Helen junto ao corpo. Seus membros pareciam desconjuntados, elásticos e estranhos. Talvez devesse pôr a cabeça entre os joelhos.

"Então", disse a médica, "me conte o que aconteceu".

"Hum..." Lucie respirou fundo duas vezes. "Ela não estava se sentindo bem depois do trabalho voluntário na reserva, então eu a estava levando pra casa. Dava pra ver que estava com problemas para respirar. Daí, ela simplesmente parou de falar, parou de

responder." Quando foi isso? Lucie procurou um relógio. "A gente estava conversando... bom, sobre um assunto muito estressante. Eu estava fazendo com que ela me contasse coisas que não queria contar." Lucie piscou os olhos. Não queria chorar, não ali, ainda não.

A médica levantou os olhos. Tinha um rosto bonito, olhos azuis brilhantes. "Não é culpa sua, juro", ela disse. "Você precisa respirar fundo mais algumas vezes."

Lucie aquiesceu, respirando fundo antes de continuar:

"Levamos mais ou menos meia hora pra chegar aqui, e em algum momento no meio disso, eu percebi que ela tinha desmaiado."

"Ok", disse a doutora Bryant, registrando as informações. "Parece que sua tia esteve aqui muitas vezes ao longo dos anos, então a gente tem bastante informação sobre o histórico dela."

Uma moça em uniforme rosa entrou na sala. "Pronta?", perguntou à médica, que concordou. A moça rodou para dentro uma grande máquina cinza.

"Raio X do tórax", a médica explicou para Lucie. "Vamos ver o que está acontecendo lá dentro, ok? Você pode ficar na sala de espera. Eu vou procurar você. Pode levar um tempinho."

Lucie agradeceu e saiu com a bolsa de Helen. Sentou-se perto de uma janela, precisando de ar. Muito ar. A sala de espera tinha sido redecorada no ano anterior, deduziu. Tudo era claro e novo, móveis aconchegantes de ácer e tecidos leves verde-oliva. No entanto, as revistas não eram interessantes, nem as pessoas que entravam e saíam em vários estados de nervosismo.

Muitos pensamentos estavam em turbilhão, colidindo dentro dela. A notícia dizia que Gloria Douglas tinha quarenta anos quando morreu. Grady havia dito que Lucie estava apavorada de fazer quarenta. A proximidade do aniversário poderia ter deflagrado a amnésia?

E ela tinha vivido com a família em Richmond, do outro lado da baía em São Francisco. Um pequeno mapa acompanhava o artigo. Seria o que estava procurando quando entrou na água?

Como é que poderia saber um dia o que estava pensando, ou o que tinha feito, como tinha vivido, enquanto esteve fora? Será que alguma hora se lembraria de tudo, ou sua mente a pouparia do melhor, juntamente com o pior?

Ela queria saber algumas coisas: sua mãe tinha tido uma vida feliz? Lucie tinha sido uma boa filha, uma boa irmã? O menininho tinha sentido medo antes de morrer, ou foi só como um interruptor de luz sendo desligado? Lucie estremeceu. Sabia que a mãe ficara com medo. Ainda podia vê-lo nos seus olhos e desejou que pudesse se comunicar através do éter e dizer à mãe que sua filha, pelo menos, tinha sobrevivido. Que estava se preparando para ser feliz, mesmo com todo o esforço para voltar a ser inteira e saudável ainda à espera para ser realizado.

Lucie pegou a bolsa bege de couro falso da cadeira ao lado e a colocou sobre o colo.

Já tinha precisado violar a privacidade da tia, remexendo ali para conseguir os dados. A carteira de Helen estava cheia de fotos em repartições de plástico na parte de trás. Seria horrível demais olhá-las?

Lucie remexeu na bolsa, encontrando a carteira e a segurando por uns minutos. Estava surrada, era antiquada, do tipo que tem um pequeno fecho no alto, como uma bolsinha de mão. Já tinha visto a carteira de motorista de Helen, ao entregá-la para a atendente da recepção, encantada em como a tia parecia diferente na pequena foto granulada de anos antes. Sua data de nascimento era 20 de maio de 1942. Helen só tinha sessenta e nove anos, mas parecia estar na casa dos oitenta.

Lucie abriu o fecho e viu a primeira foto. Um retrato de estúdio de uma Helen de meia-idade e Edward, olhando na mesma direção, sorrindo. Os dois usavam óculos, pareciam satisfeitos. Teria sido antes ou depois de ter morado com eles? A foto seguinte era do jovem Edward, sem camisa, em um instantâneo ao ar livre. Era alto e magro, cabelo rente cortado com máquina. Estava sacudindo um peixe pendurado numa linha. Que incrível amar alguém por tanto tempo, Lucie pensou.

A foto seguinte surpreendeu-a, levando-a às lágrimas: outra foto de estúdio, uma mãe e duas crianças. Uma Gloria com ar cansado, e Lucie numa idade desengonçada, com franja e espinhas. Entre elas, uma criancinha robusta e loira, por volta de um ano, mostrando os novos dentes de cima e de baixo, com um sorriso aberto e babado, segurando um leãozinho de pelúcia.

Lião, ela ouviu uma vozinha dizendo.

Lucie fechou os olhos, escutando. Esperando por mais.

UMA HORA E meia depois, a doutora Bryant saiu e se sentou ao lado de Lucie.

"Sua tia está respirando um pouco melhor, agora", ela disse. "Recebemos os resultados de alguns exames. A senhora Dez Mãos está enfrentando alguns problemas crônicos com os pulmões e tem insuficiência cardíaca congestiva, mas tenho certeza de que esta emergência foi resultado de um mau uso da medicação. Erro de manipulação."

"Ah", disse Lucie, apurando-se na cadeira. Suas costas doíam por estar sentada de mau jeito.

"Não é incomum com os idosos. Ela vai melhorar, depois que a gente a puser de volta nos eixos, mas provavelmente vai precisar de ajuda para se organizar e tomar os remédios direito. E estava muito desidratada. Tem andado mais esquecida, ultimamente?"

Lucie sacudiu a cabeça. "Não sei. Esta só é a segunda vez que eu a vejo."

"Certo." A médica acenou com a cabeça. "Você sabe se tem alguém que more perto dela que possa dar uma olhada? Filhos, parentes, vizinhos?"

Lucie mordeu o lábio inferior. "Não que eu saiba. Moro em Seattle."

“Bom, então, pode ser que ela fique melhor em um lar de idosos.”

“Ai, minha nossa”, Lucie suspirou, “ela provavelmente vai detestar isso”.

“Até certo ponto”, a médica disse. “Não se preocupe por enquanto. Você está bem? Quer vê-la? Ela está com uma aparência muito melhor agora.”

Lucie concordou e seguiu a médica de volta para a sala de exame. Helen parecia tão indefesa quanto um recém-nascido, Lucie pensou, tão pequena debaixo de todo aquele equipamento. Mas a médica tinha razão, sua cor tinha mais vida, e não estava lutando para respirar.

“Ela está muito debilitada”, disse a doutora Bryant. “Os níveis de oxigênio no sangue estavam muito baixos. Damos uma medicação para respiração e vamos continuar dando durante a noite e nos próximos dias. Pode ser que ela precise ficar no oxigênio quando sair daqui.”

“Pra sempre?”

A médica assentiu. “Provavelmente. Estamos com o seu telefone, mas fique à vontade para ligar e perguntar por ela, ok? Vamos levá-la logo para a UTI. Esperamos que amanhã ela esteja bem e possa ir para um quarto normal.”

Lucie suspirou. Como é que ela podia simplesmente deixá-la ali?

“Duvido que ela acorde”, a médica disse, “mas não tem problema você ficar”.

Lucie agradeceu e foi até junto da cama de Helen, segurando na barra lateral, observando as pálpebras com veias azuladas vibrarem ocasionalmente, talvez sonhando, ou apenas o movimento involuntário do sono. Suas narinas estavam rosadas no ponto em que o tubo de oxigênio raspava a pele; manchas roxas espalhavam-se por todos os lugares onde tomara injeção. Ela tinha aguentado coisas demais naquela tarde.

“Desculpe”, Lucie cochichou, estendendo-se para desembaraçar os dedos da tia do tubo de intravenosa, depois segurando sua mão. “Nunca mais vou fazer isso com você.”

Ficaria até que Helen estivesse suficientemente consciente para saber o que havia acontecido com ela, por alguém que ela conhecesse. Era o que qualquer pessoa mereceria.



Sua equipe entendeu quando Grady disse que ia ser um dia difícil para Lucie, e que ele precisava faltar à reunião da tarde para ficar com a noiva. O pessoal técnico e os engenheiros tinham demonstrado consideração em relação a tudo, o tempo todo, e ocorreu a Grady que ele nunca teria encontrado um lugar para trabalhar que lhe caísse tão bem, se não fosse por Lucie. Ela o tinha lido como se fosse um livro naquela feira de negócios.

Os deuses do estacionamento também deviam estar do seu lado, pois encontrou uma vaga bem em frente ao mercado que Lucie adorava.

Sem as muletas, tudo ficava tão fácil, mesmo andando como um pirata da perna de pau. Pegou uma cesta e andou pelos corredores para cima e para baixo, procurando o que fosse agradar Lucie. Não iria cair no erro de antes, escolhendo as comidas saudáveis que ela teria preferido nos outros tempos. Encheu a cesta com coisas doces e apetitosas, depois achou as flores mais perfumadas nos baldes perto da caixa registradora. Em vez de só um ramo, colocou tudo o que tinha no balde em uma embalagem de plástico e enfiou debaixo do braço. Ervilha-de-cheiro, era como se chamavam. Perfeito, ele pensou.

Teve de reconhecer que parecia o melhor piquenique de todos os tempos, não importava onde seria consumido. Imaginou os dois sentados no parque, de frente para as casas flutuantes do lago Union, ou talvez na baía Shilshole, sobre uma coberta na areia, mas até mesmo a mesa da cozinha serviria para a noite que estava imaginando.

QUANDO ESTACIONOU PRÓXIMO à casa, o carro de Lucie estava estacionado num lugar diferente de quando ele havia saído naquela manhã. Então, ela tinha ido para Marysville visitar Helen Dez Mãos. Grady suspirou. Como é que estaria dessa vez?

Saiu do carro e deu uma olhada nas janelas da casa, imaginando onde ela estaria, o que estaria fazendo às quatro e quarenta e sete da tarde. Deveria ter telefonado para avisar que estava voltando mais cedo. Era o que deveria ter feito, mas quis ser espontâneo.

Pendurou a bolsa no ombro, pegou as sacolas com os mantimentos e o enorme maço

de flores, depois fechou a porta do carro com o quadril e subiu mancando os degraus. E se não estivesse no clima para tudo aquilo?

As sacolas estavam mais pesadas do que tinha calculado, e quando ia pisar no penúltimo degrau, a ponta da bota enroscou-se, fazendo-o tropeçar e deixando cair tudo: as flores espalhando-se pelo cimento, a melancia abrindo-se com um ruído surdo, os pêssegos amassando. Conseguiu se segurar com a palma direita, a dor alastrando-se do pulso até o braço.

"Merdal!", ele gritou, rolando de lado, segurando o braço. Nem pensar que agora também tinha quebrado a droga do braço. Sentou-se e segurou o pulso com a outra mão, apertando e soltando. Ainda fazia o movimento normal, o braço também. Só que doía pra danar. Olhou as casas vizinhas. Ainda bem que ninguém estava do lado de fora.

A porta da frente abriu-se, e Grady levantou os olhos. Lá estava Lucie, com sua cueca e uma camiseta regata, descalça, parecendo não entender nada. Seus olhos estavam inchados, o nariz vermelho.

"Oi", ele disse. "Eu ia fazer uma surpresa."

Ela inclinou a cabeça para ele e saiu, pisando no cimento. "Estou vendo." Sentou-se ao lado dele no degrau e pegou seu pulso machucado nas mãos frias, dando uma analisada. "Você é sempre tão atrapalhado?"

"Quase sempre." Ele gostou da proximidade, do cabelo tão perto do seu rosto, do jeito da cueca no seu corpo.

"Acho que desta vez você vai sobreviver sem ter de dar uma passada no hospital", ela disse por fim, soltando o braço. "Graças a Deus!"

"Você está bem?", ele perguntou. "Foi ver a Helen?"

Ela acenou com a cabeça. "Ela quase morreu na minha frente." Seu queixo tremeu.

"O quê?"

"Eu estava levando ela pra casa, e aí desmaiou. Fui com ela até o hospital, e ahh..."

"Ela está bem?"

"Bom, não, mas eles disseram que foi só uma trapalhada com os remédios." Lucie esfregou a testa. "Nós tivemos uma conversa intensa sobre tudo que aconteceu comigo e com a minha mãe, e..." Parou, encarando o vazio.

"Luce? Você está bem?" Grady pousou a mão boa no rosto dela, e Lucie estremeceu.

"Tem muito mais coisas pavorosas do que eu jamais imaginei", ela disse, depois olhou para ele. "É demais pra mim. Preciso ir ver a psiquiatra, eu sei, só que nunca..."

"Está tudo bem..."

"Não, não está. Pensei que pudesse resolver sozinha, mas não posso, e é tão..."

"Você não está sozinha. Estou bem aqui, com você."

Lágrimas correram pelo rosto dela. Lucie envolveu o pescoço dele e sussurrou "obrigada", antes de se afastar. O calor dela ficou impresso nele em todos os pontos em que seus corpos se tocaram.

Lucie virou-se para olhar o conteúdo das sacolas de mantimentos espalhado na entrada e se esticou para pegar um pedaço da melancia arrebitada e colocá-lo na boca.

“Nossa”, ela disse, “tão doce!” Pegou outro pedaço, oferecendo-o a Grady. Não haveria praia, nem vista, nem ao menos uma mesa da cozinha. Era agora ou nunca.

“Eu te amo”, ele disse, depois se inclinou para comer a melancia dos dedos de Lucie. “Quero me casar com você.”

O rosto dela desmoronou, ficando rosa-escuro quando ela começou a chorar. “Deus, eu tinha finalmente parado.”

Ele se pôs a recolher tantas ervilhas-de-cheiro quanto possível, depois as reuniu num maço. “Pra você”, disse, e ela pegou o maço, enfiando o rosto nas cores vivas. “Eu te amo, Lucie”, ele repetiu, para que ela o ouvisse direito. “Tenho um montão de coisas pra contar, mas sou melhor escrevendo.”

Ela levantou o rosto, as faces molhadas, e ele passou a bolsa para o colo, de onde tirou a carta em que tinha trabalhado a maior parte do dia. Ela deixou as flores caírem no seu colo e no cimento, se assemelhando à uma pintura, a mais linda que Grady já tivesse visto. Lucie pegou o papel e olhou para ele por uns minutos, antes de devolvê-lo.

Ele sentiu o peso, o que estava por baixo, o silêncio, o esforço terrível. Havia muitas outras coisas acontecendo em sua vida para se importar com aquilo, com ele e com seus sentimentos. Precisava ser paciente, mas não sabia quanto tempo mais aguentaria. Segundos eram uma vida, conhecida e excruciante, e ele não sabia por que não tinha se tocado que ela não estaria pronta. Então, ela limpou o nariz e deu de ombros.

“Você pode ler pra mim? Gosto da sua voz.”

Nossa, ele pensou, tremendo, mas pegou a carta.

“Querida Lucie”, ele começou, com o suor inundando seu corpo. Limpou a garganta, respirou fundo, leu, determinado.

A esta altura, você deve ter percebido que eu não falo muito sobre certas coisas, mas quero mudar. Sei que você também acha que pode ser que eu não te ame tanto quanto te amava, antes de você ir embora, ou que deixei de te amar, mas a verdade é que te amo, talvez mais agora do que nunca. É o que eu mais quero que você sinta, saiba e tenha certeza. Mesmo que não dê certo, e você ache que deve ir embora de novo.”

Ela o ouviu subitamente tomando fôlego – um soluço –, mas continuou lendo.

É verdade que agora você está diferente, mas eu também estou. Começo a perceber que talvez seja hora de mudar tudo. Só conseguimos ir tão longe por causa de tudo o que aconteceu, porque você e eu, bom, a gente não tinha descoberto como se relacionar da maneira certa, entende? É claro que tudo é difícil e vai precisar de muito esforço para ser superado, mas sei que você é

bastante forte. A verdade é que eu também estou descobrindo coisas.

A principal coisa que descobri é quanto fui triste minha vida toda e não quero mais ser. Não quero continuar me afastando de tudo. Quando perdi você, percebi quanto eu precisava que fizesse parte do mundo. Você, agora, está diferente em alguns aspectos, mas também continua a mesma: você me tira dos lugares sombrios, onde costumo me afundar, traz luz para a minha vida. Sei que parece piegas, mas é verdade. Você sempre fez isso por mim, desde o dia em que nos conhecemos.

Quero contar tudo. Quero contar sobre o meu pai e sobre quanto é difícil ser filho de um homem morto. Quero contar qual é a sensação de nadar. Quero nadar com você e brincar na água com você, como fazia com minhas irmãs quando éramos crianças. Você ao menos sabe nadar? Não sei, isso nunca passou pela minha cabeça antes. Quer ir comigo? Se você não souber, posso ensinar.

Esta é uma carta esquisita, eu sei, mas quero que seja o começo de alguma coisa. Quero conversar com você pelo resto da vida, Lucie. Espero que você também queira.

Com amor, G.

Grady olhou para cima. Lucie estava olhando para ele, os olhos verdes brilhantes, cílios grudados.

“Quero”, ela disse.

“Quer?”

“Quero ir nadar.” Ela se esticou para pegar a carta dele.

“Agora?” Grady olhou as compras em volta, o sorvete derretendo pela embalagem, os pêssegos desprendendo no calor seu aroma doce. Devia estar próximo a 32 °C, e continuaria quente pela noite adentro.

Lucie juntou as flores e se levantou. “A gente guarda isso aqui, vai durar. O lago Green é muito perto. A Susan leva os sobrinhos toda hora.”

Grady hesitou. Nada estava caminhando da maneira que queria, mas ela tinha entendido? Tinha visto o que estava tentando fazer? Ia se casar com ele?

“Acho que este pode ser o melhor dia da minha vida”, ela disse, abrindo a porta. Antes de entrar, virou-se para ele. “Não, eu sei que é”. E então, agarrou-se a Grady, com as flores de perfume doce esmagando-se no meio dos dois, e beijou sua boca com lábios de melancia.

MEIA HORA DEPOIS, estavam nadando na água escura do lago.

Grady sempre tinha desconsiderado o lago Green como um lugar para crianças brincarem, até que Lucie o trouxe até ali. Claro, não era o estreito, com seu sabor de oceano e correntes tranquilas, não era o azul límpido e claro de uma piscina, mas era uma quantidade de água ampla e convidativa, com praias para nadar e plataformas de mergulho no meio.

Grady tinha vontade de correr chapinhando na água, mergulhando à frente quando já estivesse suficientemente profundo, mas seu pé inútil não foi o único motivo de ter se refreado, ficando para trás com Lucie. A água fria os envolvia cada vez mais acima, fazendo com que boiassem, mantendo-os em segurança.

Na altura do peito, eles pararam. “Veja como aqui é bonito!”, Lucie disse, dando uma girada para ter uma visão do círculo de árvores que contornavam o lago, os nenúfares flutuando à distância, o azul intenso do céu de final de tarde, com estrias de condensações brancas dos jatos. Um bando de gansos em formação em V voou acima, gritando ocasionalmente, e a água soltou um cheiro de terra, uma sugestão da lama que puxava seus pés para o fundo, mas que não era desagradável.

Grady teve dúvidas se Lucie saberia nadar. Por que nunca haviam estado na água juntos? Ela tinha três maiôs, todos pretos, e escolheu um simples, que lhe servia como uma segunda pele. Grady, é claro, havia reparado.

Uma grande plataforma de madeira flutuava uns dez metros adiante, com adolescentes magrelos subindo a escada e saltando repetidas vezes, gritando e rindo em cada uma como se fosse a primeira. Grady lembrava-se de como também tinha amado fazer aquilo naquela idade: a sensação de saltar no ar, atingindo a água com a batida mais barulhenta que conseguisse, rapidamente descer no meio das bolhas. Empurrar os pés lá no fundo e flutuar de volta à superfície, irrompendo, jogando a água do cabelo com uma sacudida da cabeça, depois ir novamente para a escada enferrujada.

“Você quer saltar, não quer?”, Lucie perguntou, mas era tanto uma pergunta, quanto uma afirmação. “Vai firme. Vou ficar bem.” Ela apertou o nariz e se afundou na água, voltando, o rosto virado para o sol, o cabelo esticado para trás como uma foca.

“Você não quer vir também?”

Ela sorriu, depois se virou em direção à plataforma, os braços esticados à frente. Depois de breve hesitação, arrancou com um impulso adequado e nado de peito.

Grady observou por um momento, o corpo tão forte e gracioso tanto na água quanto em terra. Pish, pish, pensou sorrindo, depois saiu atrás, dando longas braçadas para alcançá-la.

NAQUELA NOITE, LUCIE ligou para o hospital. Mesmo usando o telefone da cozinha, com Grady sentado na sala de visitas com o notebook, ele pôde ouvi-la falando com alguém

sobre a tia, perguntando como estava, quanto tempo ficaria hospitalizada.

Ela sabia para onde isto estava se encaminhando e suspirou. Justamente mais família para intervir, pensou, então: não. Família não era o problema, nunca tinha sido. Sua reação à família é que tinha criado a tensão.

Depois de desligar, Lucie veio até a sala e se sentou no sofá, por cima da perna.

"Amanhã vou visitá-la", avisou.

Grady colocou o computador no otomano. "Tudo bem."

"Sei que você não gosta muito dela e..."

"Luce, ela é sua tia. Eu entendo."

"Ela não tem mais ninguém", Lucie disse, o olhar sofrido.

"Desde que seja o que você queira fazer..." Ele deu de ombros. "Pra mim, é o que importa."

"Eu também te amo", ela disse. "Eu não disse isso hoje, mais cedo."

"Mas você disse 'quero'." Grady sorriu.

"Quero nadar." Ela pareceu embaraçada. "Quero tudo. No seu tempo."

Grady fechou os olhos para que ela não visse seu desapontamento e concordou com a cabeça. "Claro", disse, depois abriu os olhos. "No seu tempo."



Uma roupa de cama áspera irritava sua pele, e o travesseiro era duro demais na cabeça de Helen. Deveriam saber que pessoas velhas têm necessidades especiais, ela pensou, tornando a apertar o botão de chamada. Não conseguia nem mesmo achar os óculos.

Como é que iria dormir se não se sentia confortável, com as luzes acesas o tempo todo, pelo amor de Deus? Pelo menos tinham sido atentos com ela na UTI. Agora que estava num quarto normal, tinham-na esquecido.

Por que não deixaram simplesmente que morresse? Quase tinha ido; podia ter saído de fininho. Tudo o que queria era ver Edward de novo, seus pais, sua irmã. Preferia a morte, pensou. No entanto, Lucie estava com ela. A menina já tinha presenciado mortes suficientes na família. E agora, provavelmente, Helen nunca mais a veria também, e aquela seria a última lembrança que a sobrinha teria dela.

Se pelo menos Helen tivesse sido forte o bastante para ajudar Lucie a se lembrar, ajudá-la a sarar, mas estava velha e decrépita, não valia grande coisa para ninguém, não mais.

O que poderia esperar agora? Aquela médica tinha dito que talvez precisasse de oxigênio o tempo todo. Como é que poderia ir trabalhar no cassino, no Clube de Meninos e Meninas, até mesmo comprar comida, carregando oxigênio para tudo quanto é canto? Com aquele tubo medonho no rosto? E a médica tinha tido a coragem de sugerir que ela deixasse de dirigir. O que faria se não pudesse dirigir? Ah, sabia o que todos diriam: que havia ônibus até o cassino e a quitanda ficava a apenas cinco quarteirões.

“Sei”, ela diria para aqueles que tentassem pintar a situação mais cor-de-rosa. Ser velha era uma maldição, uma coisa que nenhum jovem suportaria. E também não estava nem um pouco satisfeita com a qualidade das enfermeiras do hospital. Como é que sabiam que ela não estava tendo um enfarte quando apertava a campainha? Tocava mais algumas vezes só para garantir. Elas a estavam ignorando, sabia disso.

E então – quem diria! –, houve uma batida na porta e alguém entrou. Finalmente. “Você não conseguiu nenhum travesseiro que não seja feito de tijolos?”, Helen perguntou.

“Ahn, oi”, disse uma voz.

Helen forçou a vista, seu velho e gasto coração aos pulos, como se um fantasma

tivesse entrado no quarto. Era a sua menina se aproximando.

"Ah, Lucie", Helen disse, tentando sentar-se, depois desistindo e se recostando. "Eu... Eu pensei que fosse a enfermeira. Ah, onde estão os meus óculos?"

"Bem aqui, na mesinha de cabeceira", respondeu Lucie e os entregou para ela.

Helen colocou-os, e sua sobrinha entrou em foco.

A velha mulher ficou com o coração apertado por sua irmã, ao ver Lucie ali de pé, ao lado da cama. Tinha se tornado uma mulher bonita, e, para falar a verdade, nada parecida com Gloria, ainda que tivesse mais ou menos a mesma idade quando ela morreu. Talvez fosse por isso que Helen pensava em Gloria sempre que via a menina. Na verdade, Lucie devia ter puxado à família do pai.

"Bom, você parece melhor do que na última vez que nos vimos", Helen disse, pegando na mão de Lucie. As duas tinham ficado tão nervosas, tão agitadas! Helen tinha uma vaga memória de Lucie ter estado com ela no pronto-socorro, mas não conseguia ter uma visão completa da situação.

Lucie riu. "Eu? Bom, você também. Naquele dia, você me deixou muito assustada por um tempo, mas disseram que você está muito melhor hoje."

"Eles contaram que pode ser que eu precise de oxigênio?"

"Eles dizem que ele vai deixar você mais confortável", Lucie respondeu, "e com mais energia, mais capaz de fazer as coisas que você costuma fazer. Não seria bom?"

Helen começou a pigarrear para protestar, mas parou. Alguma coisa passou por ela, um formigamento, uma corrente fria dos pés à cabeça. Seria Edward, lhe dizendo para prestar atenção no presente à sua frente? Seria Gloria, chorando com a visão da filha, viva e saudável? Lucie tinha vindo lá de Seattle para vê-la e estava tentando animá-la, segurando sua mão e sorrindo. Se tudo que Helen tivesse de fazer para pagar por esse milagre fosse usar um maldito tubo no nariz pelo resto da vida... Bom, que assim seja. Talvez não fosse um preço tão alto.

"Obrigada por ter vindo", Helen agradeceu. "Estes remédios que eles me dão fazem meus olhos lacrimejarem."

"Tia Helen", Lucie disse, e a velha senhora teve de fechar os olhos, as lágrimas ficaram abundantes só com o som dessas palavras.

"Eu me senti péssima ontem", Lucie disse. "Desculpe-me por ter feito você falar sobre, ah, sobre tudo. Foi muito egoísmo da minha parte."

"Não!" Os olhos de Helen abriram-se de imediato, as lágrimas que se danassem. "Eu deveria ter conversado com você sobre isso há muito tempo, sobre tudo isso, mas o Edward achava... Bom, eu não devia ter lhe dado ouvidos, mesmo sendo meu marido. Devia ter pegado você nos braços e obrigado a me ouvir." Os olhos de Lucie começaram a marejar. "Deveria ter contado que sua mãe e seu irmão tinham partido, mas que você sempre teria a gente, não importava o que acontecesse. Você não sabia de nada, estava em choque, tinha dado um jeito de esquecer. Ah, sinto muito por ter sido tão incompetente

com você. Se seu tio estivesse vivo hoje, se sentiria tão mal quanto eu, sei disso. A gente não tinha ideia de quanto uma cabeça pode desandar. Simplesmente não sabia.” Helen tirou os óculos e enxugou o rosto.

Lucie pegou um punhado de lenços em uma caixa no parapeito da janela, entregando alguns para Helen e usando os outros para limpar o próprio nariz. “Ninguém sabe dessas coisas até que aconteça com eles. Ninguém sabe o horror que são algumas coisas, até que são forçados a encarar.”

“Não, não sabem.” Helen sacudiu a cabeça. Nunca havia conversado sobre a irmã com ninguém além de Edward. Depois que ele morreu, nenhuma alma viva tinha sabido como se sentia, o que carregava, o que havia perdido. Até aquele momento. Helen assoou o nariz, depois tornou a colocar os óculos. “Chega de choro por hoje.”

Lucie sorriu e assentiu. “Tudo bem. É. Chega.” Inclinou a cabeça, quase envergonhada – na visão de Helen –, e perguntou: “O que você acharia de outra visita?”

“Ah, eu não...”

“Ele está no corredor! Quer conhecer você.”

Ai, meu Deus, Helen pensou. Ali estava ela, com os olhos esquisitos, usando uma camisola de algodão muito fino...

“Por acaso você tem uma escova?”, perguntou a Lucie, passando a mão no cabelo. Sabe-se lá qual o aspecto dele!

“Não, mas eu meio que posso...”

Acertou o cabelo da tia, penteando-o com os dedos. A velha mulher fechou os olhos com a sensação. Ninguém tocava em sua cabeça havia um bom tempo, desde que tinha parado de ir ao cabeleireiro. Edward costumava fazer carinho em seu cabelo, e ela acabava com o momento, provocando ao dizer que parecia que ele estava fazendo carinho num cachorro.

Lucie terminou e cruzou os braços. “Pronto, está melhor.”

“E você acha que poderia pegar meu, bom”, Helen abaixou a voz, “meu sutiã?”

A menina virou-se para abrir um armário atrás dela. A roupa de Helen estava lá dentro, dobrada com cuidado, e Lucie pegou o sutiã, entregando-o à tia, depois apertou o botão que levantava Helen até uma posição sentada. “Quer ajuda?”

Helen balançou a cabeça. “Não, obrigada. Eu me viro.”

“Vou sair e esperar com Grady, então, até você ficar pronta. Avise a gente.”

Helen concordou e, depois que Lucie saiu, atracou-se com tiras e fechos, e com a amarra da camisola. Ah, pelo amor de Deus, pensou, com as mãos tremendo, alguém poderia até pensar que eu nunca pus um sutiã na vida.

Quando se sentiu em ordem, com a camisola bem presa à sua volta, disse o mais alto que podia:

“Tudo bem, estou pronta.”

Achou que tivesse falado baixo, mas Lucie entrou puxando Grady Goodall pela mão.

Alto como Edward, daqueles que precisavam se abaixar ao passar pela porta, só por segurança. A semelhança não parava aí, embora o cabelo espesso e escuro do marido sempre estivesse curto e penteado para trás.

“Tia Helen, este é Grady.”

“Acho que nós conversamos pelo telefone”, ele disse, indo na direção dela, procurando sua mão. “Prazer em conhecê-la pessoalmente, senhora Dez Mãos.”

Ah, era embaraçoso, sua mão machucada e velha, naquela mão grande, forte e morena, mas ele a segurou por um bom tempo, e olhou para ela com conhecidos olhos negros, sorrindo da costumeira maneira gentil de seu marido.

“Seu povo é skykomish?”, Helen perguntou, estreitando os olhos, porque com certeza deviam ser. “Flathead?”

“O lado do meu pai era principalmente puyallup”, Grady respondeu, “mas minha mãe é totalmente irlandesa”.

E então, uma barulheira na porta, uma enfermeira empurrando um carrinho com aparelhos, afastando Lucie e Grady para o lado, perguntando a Helen o que significavam todas aquelas tocadãs na campainha, como se fosse uma grande piada, mas Helen já não dava a mínima para nada daquilo.

“Minha família veio me visitar”, ela disse, enquanto a enfermeira envolvia o braço dela com o aparelho de pressão. “Esta é minha sobrinha, Lucie. Você deve tê-la visto no noticiário recentemente. Estava desaparecida, mas este rapaz a encontrou.”

A enfermeira virou-se e deu um breve sorriso para Lucie e Grady, depois puxou o estetoscópio para colocar o disco frio na dobra do braço de Helen.

“Ele é noivo da minha sobrinha, o Grady Goodall. Trabalha na Boeing, você sabe. E você ficaria espantada em saber quanto ele se parece com meu falecido marido, Edward Dez Mãos.”

Helen enfiou a mão dentro da camisola para pegar um lenço, mas é claro que não tinha nenhum lá dentro. Sua visão ficou turva, e ela fungou alto. Então sentiu que colocaram um lenço na palma da sua mão.

Lucie era uma menina incrivelmente atenciosa.



Se é que fosse possível, o apartamento de Helen cheirava ainda pior do que na primeira vez, vendo o lugar pelos olhos de Grady: a mobília detonada, o tapete manchado, superfícies ensebadas. Tudo precisava de uma boa esfregada. Provavelmente, Helen não fazia uma limpeza havia algum tempo.

Lucie foi até a janela e olhou as velhas casas gastas, os gramados secos e as calçadas quebradas. “Tudo aqui é tão deprimente”, ela disse, abrindo a janela. Não ia ser tão difícil arejar o lugar, ir até lá, limpar e arrumar tudo, como uma surpresa de boas-vindas para Helen. Na verdade, Lucie podia se imaginar indo até Marysville com bastante frequência para ajudar Helen, talvez a levando ao médico, às compras. Talvez a levando até o lago que tanto amava.

Além disso, Helen era falante, coisa óbvia, e Lucie ia acabar sabendo mais detalhes da sua infância.

“Tudo bem”, ela disse, respirando fundo e se voltando para Grady. “Vou pegar algumas roupas pra ela. Só vou levar um minuto.”

O quarto era escuro e pequeno, cortinas espessas fechadas contra o mundo, a roupa de cama cheirando a mofo e desarrumada. Lucie acendeu a luz. A mesinha de cabeceira estava transbordando de vidros de comprimidos, copos com água até a metade, lenços de papel amassados. Provavelmente, ninguém havia estado naquele quarto a não ser Helen, e Lucie se sentiu como uma invasora. Roupas. Tinha vindo apanhar roupas.

Dentro de uma pequena cômoda, Lucie encontrou calcinhas de náilon, a maioria com buracos na costura e o elástico tão laceado que ficou pensando como é que Helen as mantinha no lugar. Calcinhas novas, então. Verificou o tamanho e a marca, depois procurou pijamas, para substituir a camisola do hospital.

Enquanto vasculhava mais no fundo da gaveta, Lucie ouviu um farfalhar de papel. Hesitou. Já tinha remexido em tantas gavetas nas últimas semanas, encontrando coisas que a tinham deixado decepcionada ou assustada, ou que, ocasionalmente, a tinham alegrado... Deveria deixar de bisbilhotar, só pegar as coisas de Helen e sair?

Mordeu o lábio. Os melhores segredos sempre estavam no fundo ou na parte de trás de uma gaveta.

Empurrou as roupas para o lado, revelando a metade inferior de uma velha caixa de presente, onde havia algo embrulhado em papel de seda amarelo. Fez com que Lucie se lembrasse de todas as roupas novas e sem uso em seu próprio armário, pensou se a tendência de comprar e não usar seria coisa de família.

Sob o papel estava uma roupa num xadrez laranja e marrom conhecido, um vestido de menininha, com mangas curtas e bufantes, uma faixa laranja na cintura. Lucie tirou-o da caixa, o tecido macio lustroso por tempo e uso.

"O que é?", Grady perguntou da porta, assustando-a.

"Meu vestido", ela respondeu, virando-se para mostrá-lo para ele. "Eu amava este vestido. Não acredito que ela o guardou todo este tempo."

"Você se lembra dele?"

Lucie assentiu. Lembrava-se. "Era o meu preferido."

"E..." Ele parecia cauteloso.

"Foi ela quem fez pra mim." Lucie estudou os pontos da bainha, as casas dos botões nas costas, feitas à mão. "Era pra ser usado em ocasiões especiais, mas eu queria usar o tempo todo. Ah! Uma vez eu fiz um rasgo nele." Lucie deslizou o tecido pelas mãos, verificando a saia, até encontrar um remendo cerzido por baixo. "Ela consertou pra mim e não contou pra minha mãe, nem pra ninguém." Lucie virou-se para Grady. "Eu me lembro disso. A gente estava sempre conchavando."

"Uau", ele disse, "que... incrível." Ele segurava três álbuns de fotografias. "Do que mais você se lembra?"

Lucie tentou pensar em mais coisas. "Só essa sensação de..." Fechou os olhos. "De fazer parte de alguma coisa", ela percebeu. "De não estar sozinha." E parou por aí. As lembranças que voltavam eram esses breves fragmentos, mas completas, com emoções e sensações. Elas a nutriam como leite.

"Ah", ele disse, com um engasgo. "Que... uau. Que bom."

"É." Lucie enfiou o vestido de volta na gaveta, deixando-o da maneira que tinha sido encontrado e pegou uma camisola de flanela batida para levar para o hospital.

"Então, o que você tem aí?", ela perguntou, levantando-se.

"Helen disse que queria suas fotos." Grady deu de ombros. "Nunca vi nenhuma foto sua antes de a gente se conhecer. Podemos dar uma olhada?"

Lucie franziu o nariz, mas concordou. Mesmo sabendo que ia parecer estranho, não podia negar uma busca pelo familiar, uma procura por respostas. Por quanto tempo continuaria procurando desse jeito? Será que um dia se sentiria satisfeita com o presente?

Grady estendeu a mão. "Vamos. Se for demais, a gente para."

Foram até o sofazinho na sala de visitas. Sentaram-se ali com o primeiro álbum aberto sobre o colo dos dois. Enquanto percorriam as páginas, Lucie narrava o melhor que podia, vendo os buracos onde Helen tinha tirado as fotos que queria que ela visse no primeiro encontro. Em volta de cada lugar vazio, havia fotos preenchendo os vazios, cenas

com casas e árvores altas, praias e pessoas, uma família, movendo-se pela vida da imagem de um momento fotografado para o próximo, parecendo felizes, contentes.

Ela chegou ao final do segundo álbum. "Aqui está. O momento em que tudo mudou."

"O quê?", Grady perguntou. "Qual?"

Ela apontou a foto de um carro com um homem colocando a bagagem no porta-malas, Gloria, e uma Lucie de onze anos quase rechonchuda, afastada de lado. Ela sabia que momento era aquele; podia se lembrar da fotografia sendo tirada.

"Este é meu padrasto", ela disse. Mas como sabia? Pela maneira como ele comandava a cena, pensou, pela repulsa que sentiu. Não no sentido de ter lembrado, mas de um conhecimento vindo de um lugar mais profundo.

Analisou o homem, o rosto de perfil, a calça de sarja, a camisa de manga curta, a complexão e a postura. As mãos na bagagem, mãos que tinham batido em sua mãe, queimado sua perna. Parecia com qualquer homem. Sua crueldade não era visível a olho nu. "Aí estamos nós, indo para a Califórnia", ela disse, suspirando.

Sua mãe parecia estressada, mas como qualquer outra mãe estaria, mudando-se com sua família para mil e seiscentos quilômetros de distância. Sorria para a irmã atrás da câmera. Gloria achava que estava partindo para uma vida melhor. Califórnia! Um novo marido! Devia parecer um sonho.

A menina tinha andado chorando, Lucie podia perceber, estudando seu rosto de criança. Estava triste por deixar Helen e Edward, e o único lar que conhecia, mas ainda era uma criança, acostumada a ser feliz e a cuidar dela. Não tinha ideia do que estava por vir.

Lucie fechou o álbum.

"Quer dar o fora daqui?", Grady perguntou, pondo a mão na perna dela, onde o álbum tinha ficado. Ela concordou, mas não fez nenhum movimento para se levantar. Não tão já, pensou, esperando até que ele tirasse a mão.



Em Seattle, o pico do verão era no final de agosto. Dias com mais de trinta graus se tornavam comuns, finalmente, nessa breve manifestação de calor seco, e a paisagem, normalmente luxuriante, ficava extremamente seca. A grama estalava debaixo dos pés, descuidada até quase desaparecer, antes que as chuvas voltassem no outono; as flores decaíam e murchavam.

Lucie sabia que agosto era assim, ao descer certa tarde os degraus da frente de sua casa e caminhar até a calçada quente, onde ela também sabia que seu eu criança havia pensado em fritar ovos em tal temperatura. Talvez qualquer criança tivesse, mas Lucie lembrou-se do pensamento que tivera no quintal de uma casinha amarela, os adultos em cadeiras de armar de plástico trançado, cercados por trevos, uma piscina azul inflável no jardim, a promessa de um caminhão de sorvete ou um picolé do freezer.

Agora era assim, breves visões do passado que tinham ficado apenas temporariamente obscurecidas. Assim que Lucie se lembrava de uma coisa, passava a fazer parte dela e sempre tinha feito. Quanto mais se lembrasse, menos obcecada ficaria com as últimas e terríveis lembranças da infância – pelo menos era o que esperava.

Seu vizinho Don estava sentado em uma cadeira de plástico verde, sob a sombra do toldo da frente. Ao passar, Lucie levantou os olhos e o pegou olhando para ela. “Don”, ela disse, acenando com a cabeça como Grady fazia. Ele acenou de volta, e ela sorriu com o sucesso, mas depois ele limpou a garganta e disse: “Bom ver que você voltou pra casa bem”.

“Obrigada”, ela agradeceu. Era tão difícil não dizer mais nada, mas sabia que bastava. Continuou até a casa de Susan.

Naquela noite, comendo torta de morango e ruibarbo na mesa da cozinha, as janelas escancaradas e os ventiladores espantando o calor pelo cômodo, Lucie contou a Grady sobre as pequenas descobertas do dia: as aulas sobre como fazer torta, os flashes sobre sua infância em Marysville.

A vida escancarava-se à sua frente, com possibilidades e um espaço em branco que não sabia como preencher. Estava prestes a fazer quarenta anos, tinha um longo caminho a percorrer para descobrir quem era, mas a doutora Seagreave lhe assegurara que a

maioria das pessoas na faixa dos quarenta sentia algo muito parecido. Em sua segunda sessão, tinha dito: “Nem tudo que parece um mistério na vida vem de uma lembrança perdida. A vida é cheia de coisas que não conseguimos compreender”.

Depois do jantar, enquanto Grady se desincumbia de uma emergência de trabalho no escritório da casa, Lucie sentou-se no chão do closet olhando as dezenas de pacotes que vinha ignorando, todas as coisas que tinha comprado em sua vida pregressa, mas nunca havia usado. E se dentro desses pacotes tivessem coisas que realmente queria? O que não quisesse, devolveria. E se a data para devolução tivesse expirado, bom, sempre havia as instituições de caridade.

Foram necessárias muitas viagens para cima e para baixo dos degraus íngremes, mas por fim Lucie tinha esvaziado o closet, transportando os pacotes até a sala de visitas, onde estavam espalhados à sua frente como presentes de Natal. Enxugou o suor da testa com a ponta da camisa, pensando em como seria bom ter mais espaço no closet. Talvez começasse dando uma olhada nas roupas, também, reduzindo-as para as que realmente usava. Alguém precisava fazer um bom uso delas.

Lucie escolheu abrir primeiro um pacote pequeno, da Saks, que ainda não tinha visto. Retirou um comprido cachecol de cashmere branco, macio e chique. Pensou, sorrindo, que ficaria ótimo em volta dos ombros de Mary Faith naquele inverno, e o colocou de lado; em seguida, abriu uma caixa de sapatos da Zappos, encantada ao ver que tinha chinelos de lã de carneiro do tamanho de Grady. Então as compras não eram só para ela. Formou-se um nó em sua garganta, e ela assentiu, aliviada. Cada pacote era uma pequena surpresa, um item perfeito para alguma pessoa: uma cobertura de bule para Susan, pulseiras de contas para pelo menos uma de suas muitas cunhadas.

O último pacote continha uma bolsa que Lucie não podia se imaginar escolhendo – não com o seu gosto por coisas neutras – ainda que fosse Prada e tivesse custado quase quatrocentos dólares, um preço que a deixou chocada. Mas era bonita. Não era cinza, nem marrom ou preta. Parecia uma pintura de papoulas em seda, vermelha contra fundo branco, alças de couro vermelho, uma tira para o ombro, um interior enorme, em seda vermelha. Lucie teve de admitir que gostava. Vinha enchendo sua bolsinha guatemalteca havia semanas e não cabia mais nada. Com a bolsa maior, poderia carregar todo tipo de coisas: sacos de balas e não balas soltas, um livro para quando ficasse em salas de espera, um telefone para quando precisasse conversar com Grady, fotos das pessoas que amava, um batom cor de cereja para combinar com as papoulas.

Mas por que tinha comprado? Seria um presente para alguém? Teria de ser uma pessoa muito especial, considerando o preço.

E então ela soube. Obrigada, pensou, abraçando a bolsa. Se não conseguia ser seu eu anterior, pelo menos podia gostar dela.

NAQUELA NOITE, JÁ tarde, Lucie estava acordada, deitada no quarto do andar de cima, os dedos tocando acordes de piano em sua barriga: a música de Gershwin que tinha tocado na primeira noite em casa. Estava cansada demais para tocar. A vontade tinha ficado menos premente, à medida que novas lembranças começaram a voltar. Era como se a música tivesse sido um portal, uma passagem para deixar o restante entrar. Grady provavelmente também estava dormindo melhor, no quarto de hóspedes, sem todas suas execuções tarde da noite.

Seus dedos pararam de se movimentar. O buraco dentro dela abriu-se imenso, a velha dor do estômago até a garganta. Sentia falta de dormir com Grady, os dois deitados de lado, como parênteses, seus corpos tão familiares um para o outro como seus próprios corpos, a mão dele agitando-se em seu quadril, enquanto ele relaxava, sonhando. Como é que sabia disso? Seu coração acelerou-se até que começou a respirar fundo, uma inspiração atrás da outra. Era apenas a naturalidade da memória se infiltrando, o conforto tão presente quanto a sensação física.

O que é amor, ela conjecturou, e o que é lembrança? Onde é que os dois se intersectam e quando deixará de importar qual veio primeiro?

Saiu da cama, nua, e desceu a escada escura, virando lá embaixo e seguindo pelo corredor. Foi ali que o encontrou dormindo naquela primeira noite, ouvindo-a tocar piano; ali na cozinha tinha sido onde haviam se beijado pela primeira vez. Voltou em direção ao quarto de hóspedes, onde ele a tinha rejeitado.

Da porta, observou-o dormindo. Estava virado para a parede, de cueca e camiseta, mesmo sendo uma noite quente. Agora se lembrava que antes ele sempre dormia nu, e ela usava as camisetas dele. O fato de Grady se cobrir era, provavelmente, sua maneira de demonstrar respeito, enquanto estava nessa fase de reconhecê-lo. O fato de ela agora dormir nua era apenas mais um mistério.

Em silêncio, Lucie caminhou até a cama e se esgueirou para perto de Grady, tentando não perturbá-lo, mas ele se virou para ela assim que se deitou e passou o braço ao seu redor.

“Grady”, ela sussurrou, mas ele não tinha acordado.

Ela estava excitada demais para dormir, o coração aos pulos diante do que havia acabado de fazer, mas Lucie sabia que ia acabar se acalmando e se deixando levar, e de manhã... bom...

Veria o que estava por vir.



Este livro está em suas mãos graças a Stephanie Kip Rostan, que teve fé em mim e lutou pela impressão desta história. Seu apoio atencioso, sua inteligência, seu humor e sua generosidade permitiram que eu tivesse tempo e energia para escrever o livro que eu queria escrever – serei eternamente agradecida por isso. Agradeço também a Karen Kosztolnyik, da Gallery Books, por seu entusiasmo e sua orientação para que o resultado fosse o melhor possível, e a Heather Hunt, Jen Bergstrom, Jennifer Robinson, Mary McCue, Natalie Ebel, Ellen Chan e todos da Gallery Books.

Pela assistência técnica, meus especiais agradecimentos a Tim Mooney, pelas aulas de natação virtuais e a ajuda na pesquisa, e a Tim, Jay Miazga, Stan Matthews, Garth Stein e Matt Gani, por me ajudarem a escrever o Grady mais verdadeiro que consegui. A Kaila e Scott Raby por me orientarem quanto ao universo da Boeing. A Margaret Meinecke e Lynne Kinghorn por me garantirem que o dilema de Lucie soava verossímil.

Tantas outras pessoas me mantiveram focada enquanto eu escrevia, inclusive minhas companheiras de escrita, Erica Bauermeister e Randy Sue Coburn, cujo estímulo e sentidos atentos foram inestimáveis.

E, como sempre, meu abraço àqueles que me leram durante o percurso e compartilharam suas ideias: Sherry Brown, Cindy Grainger, Alison Galinsky, Tricia Hovey, Drella Stein, Jeri Pushkin e Tegan Tigani. Minha gratidão a Amber James, por seu olhar arguto, e a Natalia Dorro, por sua magia fotográfica. Meus agradecimentos a Howard Wall, porque sim. E a todos vocês que me deixaram pegar emprestado o nome de seus avós favoritos para dá-lo aos personagens deste livro, sou grata por sua confiança.

Agradeço a meus colegas do Seattle7Writers, que me ajudam de maneiras que nunca saberão quanto significam para mim, incluindo Kevin O'Brien, Stevie Kallos, Maria Headley, Laurie Frankel, Mary Guterson, Carol Cassella, Kit Bakke, Dave Boling, Tara Weaver, e Erica, Randy Sue, e Garth – mencionados acima. Obrigada a todos do Hedgebrook, o melhor lugar para uma escritora hibernar por algumas semanas e fazer sua revisão. Minha gratidão à minha família, pelo amor e pelo apoio incessantes. E meu amor e meus agradecimentos eternos a Matt Gani, por transformar meus sonhos em realidade.

E a todos vocês, queridos leitores, que esperaram mais de três anos por esta história,

agradeço por permanecerem comigo.